

---

# **Condições do trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil**

---

## **Resenhas**

*Volume 2*

**Coordenadoras:**

Profa. Titular Marcia de Paula Leite  
Profa. Dra. Aparecida Neri de Souza  
Departamento de Ciências Sociais na Educação  
Faculdade de Educação  
Universidade Estadual de Campinas

Dezembro, 2006

## Autores das resenhas

**Professora Titular Maria Helena Rocha Antuniassi**

**Professora Doutora Dirce Djanira Pacheco e Zan**

**Professora Doutora Ângela Viana Machado Fernandes**

**Professora Doutora Roseana Costa Leite**

**Doutora Selma Borghi Venco**

**Doutora Alice Beatriz da Silva Gordo Lang**

**Doutora Maria Rosa Lombardi**

**Doutoranda Cristiane Batista Andrade**

**Doutoranda Maria Lúcia Büher Machado**

**Doutoranda Dilma Fabri Marão**

**Doutoranda Sônia Regina Martins**

**Mestranda Marina Petrilli Segnini.**

**Mestre Murilo Valença Bezerra**

## Sumário volume 2

MAZZILLI, Luiz Eugênio Nigro. <b>Análise dos afastamentos do trabalhador por motivo odontológico em servidores públicos municipais de São Paulo submetidos à perícia ocupacional no período de 1996 a 2000.</b> Dissertação de Mestrado. Faculdade de Odontologia da USP. São Paulo, 2004.....	1
MEDEIROS, Adriane Mesquita de. <b>Disfonia e condições de trabalho das professoras da rede municipal de ensino de Belo Horizonte.</b> Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.....	6
MONTEIRO, Zeina Hage de Morisson: <b>Desempenho escolar, condições de trabalho e as implicações para a saúde do professor.</b> Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. Rio de Janeiro, 2000, .....	12
MORAES, Janaina Real de. <b>Desgaste emocional em professoras de escola especial.</b> Dissertação de mestrado, Centro de Ciências da Educação da Universidade Regional de Blumenau. Blumenau, Santa Catarina, 2004.....	16
NEVES, MARY YALE R. <b>Trabalho docente e saúde mental – a dor e a delícia de ser (tornar-se) professora.</b> Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1999. ....	22
NOAL, Ingrid Kork. <b>Manifestações do mal-estar docente na vida profissional de professoras do ensino fundamental: um estudo de caso.</b> Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Maria (RGS). Programa de Pós Graduação em Educação. Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2003. ....	31
NORONHA, Maria Márcia Bicalho. <b>Condições do exercício profissional da professora e os seus possíveis efeitos sobre a saúde.</b> Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2001. ....	38
NUNES, Marilene. <b>Trabalho docente e sofrimento psíquico: proletarização e gênero.</b> Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, USP. São Paulo, 1999. ....	42
OLIVEIRA, Débora Lopes. <b>Processo de trabalho e saúde na escola: um estudo de caso com professores do ensino fundamental da escola municipal General Mourão Filho em Duque de Caxias.</b> Dissertação de mestrado. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 2001.....	46
OLIVEIRA, Iára Bittante de. <b>Desempenho vocal do professor: avaliação multidimensional.</b> Tese de Doutorado em Ciências (Psicologia). Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 1999. ....	52
OLIVEIRA, Teresa Cristina Moura. <b>Relações das condições de trabalho, qualidade de vida e percepção da voz em professores do ensino médio da Rede Municipal de Belo Horizonte.</b> Dissertação de Mestrado. PUC SP. São Paulo, 2005.....	55
PANZERI, Ana Júlia Frazão. <b>Sintomas osteomusculares e qualidade de vida em professores do Ensino Fundamental.</b> Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.....	63
PENTEADO, Regina Zanella. <b>Aspectos de qualidade de vida e de subjetividade na promoção da saúde vocal do professor.</b> Tese de Doutorado. Departamento de Práticas de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública de São Paulo. São Paulo, 2003.....	68

PEREIRA, Alexandre Vinicius da Silva. <b>Comprometimento organizacional e qualidade de vida: um estudo com professores do ensino médio.</b> Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em Psicologia. Ribeirão Preto, 2000. ....	75
PEREIRA, Luciana Picanço. <b>Voz e Stress no Cotidiano de Professoras Disfônicas.</b> Mestrado em Fonoaudiologia. Pontifícia Universidade Católica (SP), PUCSP. São Paulo, 2003. ....	79
PETTER, Virgínia. <b>Relação entre disfonia referida e potenciais fatores de risco no trabalho, em professores do ensino fundamental. Porto Alegre-RS.</b> Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina da UFRGS. Porto Alegre, 2004. ....	88
RESSURREIÇÃO, Sueli Barros da. <b>Coração de professor: o (des)encanto do trabalho sob uma visão sócio-histórica e lúdica.</b> Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Educação. Salvador, 2005. ....	92
RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos. <b>O significado do trabalho de magistério para o professor do ensino médio: implicações no desempenho profissional e na qualidade de vida.</b> Dissertação de mestrado. Programa em Pós Graduação em Psicologia Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002. ....	98
ROSSA, Eloísa Gil de Oliveira. <b>Relação entre o stress e o burnout em professores do Ensino Fundamental e Médio.</b> Campinas: PUCCamp. Campinas, 2003. ....	106
RUIZ, Roberto Carlos. <b>Absenteísmo médico de professores de escolas públicas: estudo de prontuários da perícia médica de Sorocaba/SP.</b> Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp. Campinas, 2001. ....	112
SANTINI, Joarez. <b>A síndrome do esgotamento profissional: o “abandono” da carreira docente pelos professores de educação física da rede municipal de ensino de Porto Alegre.</b> Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. ....	122
SANTOS, Gideon Borges dos. <b>A fênix renasce das cinzas: o que os professores e professoras fazem para enfrentar as adversidades do cotidiano escolar.</b> Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós Graduação em Educação. Salvador, 2004. ....	130
SANTOS, Neide Sant-Anna Moura dos. <b>Quando os dados oficiais revelam condições de trabalho: análise dos agravos à saúde de professores das escolas públicas do Município de São Paulo.</b> Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da USP. São Paulo, 2004. ....	134
SANTOS, Silmar Leila dos. <b>As faltas de professores e a organização de escolas na Rede Municipal de São Paulo.</b> Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo. São Paulo, 2006. ....	138
SOARES, Cybelle Doederlein. <b>Estilo de vida de professores de educação física das escolas da rede pública e particular de ensino do município de Rio do Sul.</b> Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2003. ....	146
SUZIN, Rosemeire. <b>A saúde geral dos professores municipais de Caxias do Sul e suas relações com as atividades laborais.</b> Dissertação de	

Mestrado. Mestrado Profissionalizante em Engenharia de Produção (PPGEP). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005. ....	150
TOLOSA, Dora Elisa Rodrigues. <b>Estudo da organização do trabalho, sentimentos, valorização e expectativa profissional de professores de 1 e 2 graus da cidade de Jundiaí.</b> Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. ....	158
VIEIRA, Juçara Dutra. <b>Identidade expropriada: retrato do educador brasileiro.</b> Brasília: CNTE – 2ª edição, 2004. ....	163
WAGNER, Dione Pereira. <b>Síndrome de <i>burnout</i>: um estudo junto aos educadores (professores e educadores assistentes) em escolas de educação infantil.</b> Trabalho de Conclusão de Curso de Mestrado Profissionalizante em Engenharia. Porto Alegre: Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. ....	171
ZACCHI, Marlucy Silveira de Souza. <b>Professores (as): trabalho, vida e saúde.</b> Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004. ....	178
ZAGURY, Tânia. <b>O Professor refém: para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil.</b> 4ª. ed. RJ: Record, 2006. ISBN 85-01-07465-9. ....	183
ZENARI, Márcia Simões. <b>Voz de educadoras de creche: análise dos efeitos de um programa de intervenção fonoaudiológica.</b> Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. ....	190

MAZZILLI, Luiz Eugênio Nigro. **Análise dos afastamentos do trabalhador por motivo odontológico em servidores públicos municipais de São Paulo submetidos à perícia ocupacional no período de 1996 a 2000.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Odontologia da USP. São Paulo, 2004.

ORIENTADOR: PROF. DR. EDGARD CROSATO

ÁREA DE FORMAÇÃO: GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA

LINHA DE PESQUISA: ODONTOLOGIA SOCIAL

PALAVRAS-CHAVE: ABSENTEÍSMO, SAÚDE BUCAL, LICENÇA MÉDICA; EPIDEMIOLOGIA, IMPACTO NO ESTADO DA SAÚDE

AUTOR DA RESENHA: MURILO VALENÇA BEZERRA

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

Em *Análise dos afastamentos do trabalhador por motivo odontológico em servidores públicos municipais de São Paulo submetidos à perícia ocupacional no período de 1996 a 2000*, dissertação de mestrado de Luiz Eugênio Nigro Mazzilli (2004), são apresentados os resultados de sua pesquisa quantitativa analisando a etiologia dos afastamentos de servidores públicos da cidade de São Paulo, em razão de problemas odontológicos.

Segundo Mazzilli, apoiando-se em Allen (2003), ainda que o conhecimento da extensão das doenças – sua prevalência e sua incidência – em uma dada população constitua imprescindível instrumento contributivo para sua prevenção, isso não necessariamente reflete os problemas que as pessoas têm como resultado de sua condição de saúde. A autora compreende que a significativa prevalência da morbidade bucal afeta a vida dos profissionais, em sua qualidade de vida, seja limitando o desempenho funcional, seja pela ocorrência de dor, desconforto físico e emocional.

Embora Mazzilli não apresente neste trabalho um estudo focado em professores do ensino básico da rede pública, esta pesquisa pode contribuir para as discussões sobre a saúde e as condições de trabalho de professores e de outras ocupações na área da educação, seja pela significativa representação destas no quadro dos servidores municipais, a exemplo da cidade de São Paulo, ou porque a própria temática do absenteísmo ocupacional seja bastante controversa, mesmo havendo regulamentação específica no âmbito municipal.

Segundo Mazzilli, os estudos sobre afastamentos de servidores públicos auxiliam na construção daquilo que ele chama de “medidas de função social”, como dias de restrição de atividades ou dias de trabalho ou de escola perdidos. Citando estudos da National Education Association (USA, 2000), Mazzilli assinala que o absenteísmo escolar motivado por problemas odontológicos nos Estados Unidos, em 1999, representou quase 52 milhões de horas-aula perdidos. Com base nos estudos de Shirota e Araújo (2002), Mazzilli também destaca que os agravos odontológicos no Brasil respondem pelo terceiro motivo de procura por serviços de saúde.

### **Objeto de análise**

Segundo Mazzilli, a pesquisa se propôs a investigar indicadores de prevalência, da incidência de absenteísmo e do tempo médio de afastamento do trabalho por motivos odontológicos, segundo a etiologia,

com base nos relatórios de afastamento de servidores públicos da cidade de São Paulo. Na pesquisa, são reproduzidos alguns dados do Censo do Funcionalismo Municipal, cujo relatório final foi disponibilizado pela Secretaria da Gestão Pública da Prefeitura de São Paulo, em 2002. Segundo este relatório, há cerca de 115.564 servidores municipais e, entre eles, cerca de 39,26% (45.365) ocupam cargos na Secretaria da Educação. Os servidores municipais são em sua maioria mulheres (70,47%) e homens (29,53%). Em termos de faixa etária, a predominância está entre 30 a 49 anos (67,7%). Quanto à escolaridade, 44% dos servidores têm ensino superior, 28%, o ensino médio, 12% concluíram o ensino fundamental e 15% não completaram o fundamental.

O perfil do servidor municipal, no nível básico, concentra os cargos de agente administrativo em serviços gerais, vigilância e armazenagem (36%), agente escolar (25%), auxiliar de apoio administrativo – incluindo auxiliares de cozinha, costura, administração geral, lavanderia, de telefonistas e de zelador (8%), oficial de obras na construção, jardinagem e vias públicas (8%) e motoristas (8%). No nível médio, predominam professores titulares, adjuntos e substitutos de educação infantil, de ensino fundamental (41%), auxiliar técnico administrativo (17%), auxiliar de desenvolvimento infantil (13%), auxiliar de enfermagem (12%) e guarda municipal (10%). No nível superior, os maiores percentuais são de professores titulares, adjuntos e substitutos de ensino fundamental, de ensino médio e de deficientes (42%), além de médicos (13%).

### **Metodologia utilizada**

Segundo Mazzilli, foram analisados 1.628 registros de afastamento, obtidos junto ao Departamento Médico da Secretaria Municipal da Administração de São Paulo - DEMED, no período de 1996 a 2000, e registros realizados pelo Setor de Odontologia do DEMED, entre 1999 e 2000.

Mazzilli informa que foi necessário obter uma base de dados compatível com o estudo da incidência e do tempo médio de afastamento do trabalho, sendo a coleta de dados realizada a partir das seguintes fontes: Fonte 1 – Base Geral de Dados Estatísticos do Departamento Médico: afastamentos médicos por motivo de saúde no período de 1996 a 1998 – causas gerais. Nesta fonte foram selecionados os registros de interesse odontológico; Fonte 2 – Base Geral de Dados do Setor de Odontologia do Departamento Médico: motivos odontológicos específicos no período de 1999 a 2000. Nesta base, foram selecionados os registros com base nas perícias ocupacionais – afastamento do trabalho, realizadas no período de janeiro de 1999 a dezembro de 2000.

Uma vez com todos os registros selecionados, a base de dados foi organizada e os registros validados individualmente quanto à consistência, congruência e pertença, como fator determinante do afastamento, as causas odontológicas. Alguns registros, segundo a autora, foram eliminados da base de dados por não atenderem aos quesitos de especificação da codificação odontológica e omissão do número de dias do afastamento.

Para análise estatística, foi utilizada metodologia de pesquisa quantitativa em dados secundários com o suporte de programas Microsoft Excel (2000) e Epi-Info versão 6.04d (2001 Jan) CDC-USA. Para determinar a significância estatística foram aplicados o teste qui-quadrado – Yates corrected – e as séries de Taylor – com nível de confiança ajustado em 95%.

## Referencial teórico

Para Mazzilli, a discussão sobre afastamentos e absenteísmo laboral diz respeito, inicialmente, a certa *intencionalidade* do servidor ou do assalariado de não estar presente no local de trabalho, excluindo as ausências por férias, por luto, por gravidez, ou por sanções disciplinares (Costa, 1971; Sekiou et al., 1993).

Porém, além da ausência física, citando os estudos de Miguez e Bonami (1988), o autor também vê a possibilidade de identificar o absenteísmo como um conjunto de comportamentos de ausência, visto que o trabalhador, mesmo que presente, desenvolve o trabalho de forma improdutiva. Não fica claro na leitura da dissertação, se o autor concorda ou não com esta posição.

Utilizando-se dos estudos de Midorikawa (MIDORIKAWA, E. T. A odontologia em saúde do trabalhador como uma nova especialidade profissional: definição do campo de atuação e funções do cirurgião dentista na equipe de saúde do trabalhador. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de odontologia da USP; 2000), cujo objeto de investigação foi a odontologia na saúde do trabalhador, Mazzilli retoma a possibilidade de existência de dois tipos de absenteísmo: o absenteísmo pela falta ao trabalho e o absenteísmo de corpo presente. O absenteísmo, segundo Mazzilli, é um fenômeno que se encontra na esfera administrativa das corporações, que vêem o comparecimento ao trabalho como condição *sine qua non* para a eficácia da organização, afetando, do ponto de vista empresarial, tanto a qualidade como a produtividade (Souza, 2002). O caminho que as empresas e trabalhadores adotam para tratar do absenteísmo tem sido através das normas pactuadas nos contratos de trabalho e nos acordos coletivos, citando estudos de Booth (1993), Kelly (1996) e Soares (1997).

Para Mazzilli, as justificativas iniciais para o absenteísmo podem ser encontradas na condição de doença dos trabalhadores, seja ela comprovada ou não, e em razões familiares e mesmo pessoais (Chiavenatto, 1986).

É importante observar que a argumentação de Mazzilli pode induzir a que todas as razões de afastamento estariam baseadas na subjetividade do trabalhador, culpando-o. Entretanto, ao concordar com Souza (SOUZA, S. R. O. S., Fatores que contribuem para o absenteísmo da enfermagem na unidade de doenças infecto-parasitárias. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Alfredo Pinto UNI-RIO; 2002), o autor, oportunamente, avança na discussão, ao considerar a relação do absenteísmo em grande escala com as condições de trabalho, e que longas jornadas de trabalho, insalubridade, baixa remuneração, duplas jornadas (tão comuns para professores das redes de ensino básico) e a tensão emocional.

Administrativamente, segundo Mazzilli, citando Marin (1984) e Sekiou et al. (1993), as empresas procuram estabelecer índices para medir o impacto do absenteísmo na organização, mas o assunto é bastante controverso pois envolve a discussão de práticas corporativas com respeito ao tratamento da sua força de trabalho, não existindo um padrão para a construção de medidas. Com base em Soares (SOARES, R. M. A. Absenteísmo no trabalho e os encargos familiares – o caso da Atlantis S. A. Marinha Grande, 1997. Disponível on line: <http://www.terravista.pt/nazare/4263/Semin.htm>. acessado em 15 de outubro de 2003), o autor destaca que a construção de índices para o absenteísmo pode ocultar dimensões importantes do fenômeno da ausência, uma vez que os mesmos não oferecem informações

adequadas sobre a forma como os comportamentos de ausência se produziram, a sua etiologia específica e a sua prevalência.

De fato, as empresas podem adotar diferentes estratégias de controle sobre o absenteísmo, que podem incluir a punição simplesmente do trabalhador ou procurando agir de forma preventiva, através dos exames periódicos regulares, educação para a saúde, promovendo o uso de equipamentos de proteção individual e também ações voltadas para neutralizar, reduzir ou minimizar a discrepância entre as exigências impostas pelo trabalho e a capacidade de resposta do indivíduo, tornando o ambiente de trabalho mais saudável.

Mazzilli apresenta que há muitas controvérsias sobre o entendimento e as justificativas para o absenteísmo-doença, indicando que os encaminhamentos dos debates nesta área têm impacto sobre a legislação do trabalho. Segundo a autora, se por um lado Paulino et al (PAULINO, O. et al. Temas de saúde ocupacional: Eletrobrás [on line]; 1981. Disponível em [http://www.findaarticles.com/p/articles/mi\\_m4456/is\\_2001\\_Dec/ai\\_83566042](http://www.findaarticles.com/p/articles/mi_m4456/is_2001_Dec/ai_83566042), acessando em 25 fevereiro de 2005) argumenta que a condição de doença ou lesão corporal podem justificar o absenteísmo-doença, por outro, publicações oficiais das secretarias estaduais de saúde alegam que a confirmação de doença ou lesão não pode ser utilizada per si para justificar a falta dos trabalhadores. Para muitos órgãos oficiais, a proposição de licença para tratamento de saúde somente se justificaria *quando houver doença incapacitante* para o trabalho. O próprio termo "doença incapacitante" possui diversas conotações e abrangências distintas mesmo entre órgãos como a Organização Mundial de Saúde (OMS) e para o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

Segundo Mazzilli, o processo de justificativa por absenteísmo por motivo de saúde depende, portanto, do regime empregatício ao qual o trabalhador está vinculado, cabendo salientar que trabalhadores em regime estatutário obedecem a uma legislação própria de grande variabilidade no âmbito dos estatutos quanto à sua previsão, controle e processo de justificativa. Já os trabalhadores contratados pelo regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) estão submetidos a normas gerais, além daquelas pactuadas em dissídios ou acordos coletivos.

## **Resultados da pesquisa**

Com base na amostra de 1.628 registros de servidores que solicitaram o benefício de afastamento, o perfil constituiu-se predominantemente por mulheres (86,24%), e média etária de 42,2 anos. A frequência segundo o gênero aponta uma relação feminino sobre o masculino de 2,63:1, quanto à prevalência no período. Quanto à faixa etária, a maior frequência observada foi de 40 a 49 anos (40,29%), seguida pela faixa de 30 a 39 anos (27,46%). A análise comparativa entre a frequência das faixas etárias dos sujeitos que solicitaram afastamento laborativo por problemas odontológicos e as faixas etárias do quadro geral de servidores indicou, para as faixas de 30 a 39 anos e de 40 a 49, razões de frequência estatisticamente não significativas. Entretanto, ocorre reincidência de registros para a faixa etária de 20 a 29 anos.

Os principais motivos de afastamento no período estudado, por ordem de prevalência foram: 1) exodontias por via alveolar (24,94%); 2) doenças da polpa e tecidos periapicais (17,81%); 3) doenças periodontais (10,75%); 4) transtornos das articulações temporomandibulares (7,80%); 5) exodontias

de inclusos ou impactados (6,88%); 6) cirurgia para instalação de pilares implantodônticos (6,27%); 7) provas e ajustamentos de próteses (3,13%); 8) transtornos da gengiva e do rebordo alveolar sem dentes (2,46%); 9) enxerto de osso (2,21%).

O tempo médio de afastamento foi de 2 a 7 dias para 72,42% dos servidores da amostra, seguido de 8 a 15 dias (16,71%). Quanto à procedência por Secretaria Municipal, observou-se que 72% dos servidores que constituíram a amostra pertenciam à Secretaria Municipal da Educação, 10,7% à Secretaria Municipal de Assistência Social, 4,3% à Secretaria Municipal da Saúde, e os demais (13%) estavam distribuídos pelas outras secretarias.

Para a análise dos afastamentos segundo a ocupação, foram estudados, em razão da freqüência, os seguintes grupos ocupacionais: a) professoras (60,1%); b) auxiliares de desenvolvimento infantil – ADIs (6,8%); c) agentes escolares (5,6%); d) agentes administrativos (4,9%); e) auxiliares de enfermagem (3,2%).

A análise das freqüências em proporções permitiu observar diferenças de demanda entre as secretarias de origem. Entretanto, não se pode considerar maior ou menor morbidade bucal entre as secretarias, uma vez que importantes fatores intervenientes acabam por determinar condutas diversas frente a condições ou estados similares.

Alguns desses fatores são: a) orientação administrativa; b) acesso a serviços assistenciais; c) grau de conhecimento quanto ao direito do benefício; d) impacto ou interferência da morbidade bucomaxilofacial apresentada no desempenho de diferentes funções; e) facilidades administrativas para uso das folgas, abonos, faltas justificadas; f) receio ou insubmissão à perícia; g) conveniências pessoais; h) motivação pessoal.

MEDEIROS, Adriane Mesquita de. **Disfonia e condições de trabalho das professoras da rede municipal de ensino de Belo Horizonte**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

ORIENTADORA: PROFA. DRA ADA ÁVILA ASSUNÇÃO / UFMG

FORMAÇÃO DA AUTORA: FONOAUDIOLOGIA

PALAVRAS-CHAVE: SAÚDE OCUPACIONAL; DISTÚRBIOS DA VOZ; EPIDEMIOLOGIA; EDUCAÇÃO BÁSICA

LINHA DA PESQUISA: SAÚDE PÚBLICA

AUTOR DA RESENHA: MURILO VALENÇA BEZERRA

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

Em *Disfonia e condições de trabalho das professoras da rede municipal de ensino de Belo Horizonte*, Adriane Mesquita de Medeiros apresenta os resultados de duas pesquisas que compõem sua dissertação de mestrado, defendida em 2006, no Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

Medeiros examina a disfonia entre os professores da rede municipal de ensino de Belo Horizonte e as condições que podem explicar o adoecimento dessa parcela da população trabalhadora. Segundo a autora, a pesquisa está articulada inicialmente a uma demanda social, uma vez que procura responder a uma solicitação apresentada pelo Sindicato Único de Trabalhadores em Educação de Minas Gerais (Sind-UTE<sup>1</sup>) à Faculdade de Medicina da UFMG, a partir de discussões e solicitações relacionadas à saúde dos servidores e seus agravos. Além disso, trata-se de uma investigação que é parte do subprojeto "Trabalho docente e condições de saúde", inserido no projeto "Gestão escolar e trabalho docente: as reformas educacionais em curso nas redes públicas de ensino de Minas Gerais, integrado à Rede Estrado<sup>2</sup> Brasil (FaE/UFMG-CNPq).

Medeiros situa inicialmente a condição do trabalho docente que se amplia na atualidade, para além da transmissão do conhecimento ao aluno, entendendo a sua atuação para fora dos limites da sala de aula, articulando escola e comunidade.

Segundo a autora, o professor, neste sentido, além de ensinar, também participa de todo processo educativo, desde a gestão até o planejamento escolar. Apesar do acúmulo de atribuições, Medeiros ressalta que se trata de uma profissão que é pouco prestigiada, considerada por muitos "uma profissão feminina, com baixa remuneração e condições de trabalho inadequadas".

Ao olhar para as condições de trabalho, Medeiros vê que a análise dos fatores que atuam sobre a ação dos docentes na sala de aula e aquelas referentes às condições ambientais e organizacionais em que a docência é exercida, podem fornecer elementos para entender os efeitos sobre a saúde dos trabalhadores em educação, em especial, dos professores. De fato,

---

<sup>1</sup> O Sind-UTE é filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação.

<sup>2</sup> Rede de Estudos Sobre Trabalho Docente foi fundada em 1999 no Rio de Janeiro. O tema "trabalho docente", como categoria de análise, exige ser pesquisado e problematizado a partir de diversos ângulos.

segundo a autora, há uma elevada prevalência de afastamentos por motivos de doença na categoria, acompanhando os estudos de Medeiros et al. (2004) e Gasparini et al. (2005).

Medeiros comenta que são recentes, no Brasil, os estudos que relacionam as condições de trabalho com a saúde de professores. Na área da fonoaudiologia, o problema de disfonia é recorrente entre esses profissionais. Entretanto, o pequeno número de estudos encontrados sobre o tema permite identificar os fatores de risco associados ao trabalho são necessários para subsidiar programas de promoção, prevenção e reabilitação.

A dissertação de Medeiros se compõe de dois artigos: o primeiro, intitulado *Perfil dos professores municipais em readaptação funcional definitiva por disfonia* e o segundo, *Disfonia em professores da rede municipal de ensino de Belo Horizonte: prevalência e fatores associados*.

### **Objeto de análise:**

Medeiros busca identificar os fatores de risco presentes no cotidiano de professores que possam induzir ao aparecimento e agravamento dos problemas de disfonia nestes profissionais. Sua pesquisa foi realizada na cidade de Belo Horizonte-MG, envolvendo inicialmente professores afastados do trabalho por problemas de voz, e procurou conhecer o perfil dos professores em readaptação funcional definitiva por disfonia, determinar a prevalência e fatores associados à disfonia em professores do ensino público fundamental diurno e a associação com fatores relacionados ao trabalho docente. Em seguida, Medeiros também pesquisou as condições de trabalho de 2.103 professoras do ensino fundamental diurno de 83 escolas, de um total de 181 escolas da rede municipal.

### **Metodologia utilizada**

#### *– Fase exploratória e descritiva:*

Numa primeira fase, chamada de fase exploratória, segundo Medeiros, foi realizado um estudo descritivo de dados secundários, cobrindo o período de janeiro de 1996 a maio de 2004, referentes ao perfil sócio-demográfico e ocupacional de professores em readaptação por disfonia, registrados na Gerência de Saúde do Servidor e Perícia Médica (GSPM), na Gerência de Planejamento Escolar (GPE) e na Gerência de Pessoal (GP) da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Medeiros explica que, em Belo Horizonte, os professores da rede municipal de ensino com disfonia crônica são desviados da função docente e exercem outra atividade com menor exigência vocal. Este processo, segundo a autora, é chamado de readaptação funcional, definida pelo Estatuto dos Servidores Públicos daquele município, como uma "atribuição de atividades especiais ao servidor, observando a exigência de atribuições compatíveis com a limitação que tenha sofrido em sua capacidade física ou mental, verificada em inspeção médica pelo órgão municipal competente, que deverá, para tanto, emitir laudo circunstanciado".

Nesta primeira fase, foram analisados 164 professores, conforme lista cedida pela GSPM, afastados por disfonia, conforme os registros oficiais no período de janeiro de 1996 a maio de 2004. Foram coletados os seguintes dados para cada professor: escola e regional, nível de ensino praticado pelo

professor, data do afastamento e diagnóstico de acordo com a Classificação Internacional das Doenças (CID-9).

No banco de dados da GPE, foi obtida a função assumida, em 2004, pelos professores da amostra – alguns professores já não se encontravam no quadro da instituição em decorrência de aposentadoria ou morte.

- Estudo epidemiológico:

Paralelamente, foi realizado estudo transversal em amostra aleatória das escolas de nove regionais do município entre maio de 2004 a julho de 2005, com aplicação de questionário auto-aplicado compreendendo questões sócio-demográficas, saúde geral e mental, ambiente e organização do trabalho e aspectos relacionados ao uso da voz.

Segundo Medeiros, o estudo abrangeu uma amostra aleatória simples das escolas municipais de Belo Horizonte que estavam em funcionamento em 2004. Não foi possível obter a lista completa com o número de professores de cada escola, uma vez que da listagem consta apenas o cargo. Para representatividade da amostra, objetivou-se a inclusão de, no mínimo, 80% dos professores na ativa em cada escola sorteada, nos turnos de interesse. Nas escolas onde a taxa de resposta foi inferior a 80%, realizou-se outras visitas para recuperação das perdas. As regionais que, após, sucessivos retornos às escolas, não alcançaram a taxa de resposta requerida, não foram incluídas nesse estudo.

Participaram do inquérito epidemiológico 2.103 professoras do ensino fundamental diurno de 83 escolas de seis regiões administrativas da cidade. Os instrumentos para coleta de dados nesta fase foram: 1) questionário auto-aplicado, com questões sócio-demográficas, de saúde vocal, geral, mental e de ambiente e organização do trabalho; 2) a presença de transtorno mental foi avaliada *pelo General Health Questionnaire-12 (GHQ-12)*, questionário validado no Brasil por Mari e Williams (1985), composto por doze perguntas.

A coleta de dados ocorreu entre maio de 2004 e julho de 2005, em meses não consecutivos por meio de visitas realizadas nas escolas selecionadas. Em cada escola, antes da aplicação do questionário, as professoras foram informadas sobre os objetivos da pesquisa, sobre a instituição responsável e sobre o caráter voluntário e sigiloso da participação de cada um.

- Análise dos Dados:

A análise dos dados, segundo Medeiros, utilizou o programa Epi Info 3.3 (CDC/WHO/2004) e a análise estatística foi realizada no programa STATA, vers. 8.0 Intercooled (Stata Corporation – Texas, Estados Unidos). A análise dos fatores associados à disfonia foi realizada em três etapas. Na primeira etapa, realizou-se a análise univariada considerando as características sócio-demográficas e comportamento relacionado à saúde, comportamento relacionado à voz, ambiente físico da escola, percepção sobre o trabalho e carga de trabalho, e experiência com violência na escola.

## **Referencial teórico**

- Disfonia como causa para afastamento do trabalho:

Na primeira pesquisa, Medeiros discute a disfonia como causa de afastamento do trabalho, embasando suas observações nos estudos de Penteado e Pereira (PENTEADO, R. Z.; PEREIRA, I. M. B. A voz do

professor: relações entre trabalho, saúde e qualidade de vida. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional. Vol. 25, n.95/96, 1999, p.109-128), e Yu (YIU, E. M. L. Impact and prevention of voice problems in teaching profession: embracing the consumer's view. Journal of Voice. Hong Kong, v.16, n.2, p. 215-228, aug. 2002). O processo de readaptação funcional por disfonia é um indicativo de que o problema de voz nos professores pode se tornar uma doença com incapacidade específica no trabalho, parcial ou total, transitória ou permanente.

A autora diz que o exercício da docência solicita uma voz de qualidade moderada e de alta intensidade, sendo a disfonia resultado de grande demanda vocal, que se desenvolve de forma gradativa até atingir o estágio crônico, tornando-se intratável e incapacitante.

Segundo Medeiros, a sobrecarga vocal é uma combinação do uso prolongado da voz com os fatores ambientais. Porém outros aspectos contribuem também para a ocorrência de disfonia como gênero, estado de saúde, hábitos de vida e experiência ou habilidade vocal.

Para Medeiros, os aspectos da atividade profissional se traduzem em diferentes estratégias de aula, domínio da sala, concepção de educação e na maneira particular de cada professor usar a voz.

Medeiros critica os estudos que enfatizam os aspectos biológicos como ocorre em Calas et al. (CALAS, M. et al. La pathologie vocale chez 1<sup>o</sup> enseignant. Revue de Laryngologie. V. 110, n4, p. 397-406, 1989) ao relacionar gênero à disfonia. Não deixe de ser relevante a preocupação de Medeiros ao procurar discutir o enfoque de gênero que é dado nas abordagens de disfonia. Para a autora, não há uma preocupação, por exemplo, em analisar a oportunidade que as mulheres teriam em realizar as necessidades básicas, como descansar e recuperar.

- Condições de trabalho e disfonia:

Segundo Medeiros, o aumento de risco do sistema vocal entre professores, quando comparado com outros grupos ocupacionais, é mencionado por Smith et al. (SMITH, E. et al. Frequency of voice problems among teachers and other occupations. Journal of Voice, v. 12, n4. P. 480-488, 1998) e Fabron e Omote (FABRON, e. m. g.; OMOTE, s. Queixas vocais entre professores e outros profissionais. In FERREIRA, L. P; COSTA, H. O. *Voz ativa: falando sobre o profissional da voz*. São Paulo: Roca, 2000. Cap. 7, p.91-102). Medeiros define a disfonia como qualquer distúrbio da comunicação oral, na qual a voz não consegue cumprir seu papel básico de transmissão verbal e emocional.

Segundo Medeiros, o sintoma de fadiga vocal é o mais freqüente entre as queixas de professores e pode ser indicativo de mau uso e/ou abuso vocal. As principais queixas relacionadas à piora da qualidade vocal seriam a rouquidão, voz baixa ou fraca ou dificuldade em ser ouvido, além da falha na voz.

Com base em Fabron e Omote (2000), Medeiros ressalta que a etiologia da disfonia é multidimensional, envolvendo diversos fatores de risco ocupacionais: uso intensivo da voz, ruído excessivo, número elevado de alunos, excesso de horas de trabalho, presença de pó de giz, ambiente estressante, entre outros.

## **Resultados da pesquisa:**

Quanto aos resultados da primeira pesquisa, Medeiros informa que a população feminina é maioria absoluta (98%) no total de 164 professores em situação de readaptação funcional. Os principais diagnósticos clínicos que levaram aos afastamentos foram: nódulos das pregas vocais (33%), laringite crônica (32%) e fenda glótica (14%), além da presença de pólipos e de cisto nas pregas vocais. No que se refere ao número de diagnósticos firmados para cada professor afastado, a maioria (63%) apresentava um único problema diagnosticado relacionado a distúrbios vocais.

Do total de casos, 79 readaptações por disfonia foram verificadas no ano de 1996. Entre 2000 e 2003, ocorreram 29 casos. O ano de 1996, segundo Medeiros, marca a implantação do setor de fonoaudiologia na Prefeitura de Belo Horizonte, o que sugere que já havia um conjunto significativo de profissionais trabalhando com disfonia crônica. A autora sugere, que ações programadas do setor de fonoaudiologia foram responsáveis pela queda no número de casos de readaptação por disfonia nos anos seguintes a 1996.

Com relação aos fatores de risco, Medeiros informa que, de uma população de 2.103 professoras do ensino fundamental, a taxa de resposta aos questionários foi de 86%.

Estas professoras eram casadas (57%) e com filhos (71%). A idade média foi de 42 anos, quase todas com curso superior (94%), e renda mensal abaixo de R\$ 1.600,00. O transtorno mental, o sedentarismo e o hábito de fumar foram referidos em 50%, 46% e 27% dos casos respectivamente.

Com relação à carga de trabalho, o tempo médio de serviço foi de 18 anos, sendo a maioria com mais de 15 anos como docente (66%). As professoras se concentram nas séries iniciais do ensino fundamental (49%) e 40% trabalham em mais de um ciclo. A maioria leciona em dois turnos (63%), com carga horária de 33 horas semanais, e 40% das professoras trabalham em escolas diferentes.

O relato de problemas como sinusite, amigdalite ou faringite, nos últimos 15 dias, foi freqüente (42%). A maioria das professoras respondeu que ingere água durante as aulas (71%), sendo que 53% ingerem de 1 a 2 litros de água durante o dia. A queixa sobre ruído na sala esteve presente em 50% dos questionários. A iluminação e a ventilação da sala foram consideradas precárias, respectivamente, para 24% e 13% das professoras.

Segundo Medeiros, os resultados nas duas pesquisas sugerem que as condições de trabalho precárias, aspectos relacionados à saúde e comprometimento no desempenho profissional encontram-se associados com a disfonia. O delineamento transversal do estudo não permite, contudo, estabelecer causalidade, uma vez que, segundo a autora, os possíveis fatores associados e a aferição de sintomas vocais são apreciados simultaneamente, não sendo possível estabelecer temporalidade entre causa e efeito.

Nas pesquisas, houve uma forte associação da disfonia com a presença de transtorno mental entre as professoras. As situações de estresse parecem interferir na evolução da disfonia, resultado que está de acordo com estudos anteriores (Melynk et al., 2003; Thome de Souza, 1997; Fawcus, 2001; Pereira, 2003). As situações estressantes aparecem nas relações tensas e difíceis, cargas de trabalho excessivas e situações de violência.

Os resultados apresentados mostram a magnitude dos problemas vocais em professoras do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, tanto pelo número de afastamentos notificados, que, segundo

Medeiros, parece estar subnotificado, quanto pela frequência de sintomas vocais entre os professores que estão lecionando.

Os resultados, segundo a autora, reforçam a necessidade de melhorias nas condições ambientais e organizacionais das escolas, fato este defendido pelo Sindicato de Professores na cidade. A realidade identificada suscita a necessidade de incrementar as pesquisas com vistas a embasar propostas para enfrentar a crença de inevitabilidade tanto dos distúrbios vocais quanto das más condições de trabalho.

Fazendo referência a Assunção (2003), Medeiros destaca a hipótese sobre a ausência de garantias ao professor no que concerne às condições necessárias para atingir os objetivos que orientam as reformas educacionais recentes. Nesse quadro, segundo a autora, cabe ao trabalhador, como único elemento de ajuste, realizar um sobre-esforço vocal.

MONTEIRO, Zeina Hage de Morisson: **Desempenho escolar, condições de trabalho e as implicações para a saúde do professor.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. Rio de Janeiro, 2000,

ORIENTADOR: PROF. DR. WILSON MOURA

LINHAS DE PESQUISA: PSICOLOGIA, *BURNOUT*, PSICODINÂMICA DO TRABALHO, ESTRESSE; SAÚDE OCUPACIONAL E MEDICINA DO TRABALHO

PALAVRAS-CHAVE: DESEMPENHO ESCOLAR; CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAÚDE; ESTRESSE, SÍNDROME DE *BURNOUT*

AUTORA DA RESENHA: ÂNGELA VIANA MACHADO FERNANDES

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

A proposta de análise nesta pesquisa é a de estudar o desempenho escolar, no 1º ciclo (ex 1ª série) da rede Municipal do Rio de Janeiro, sob a ótica das percepções que os professores têm sobre as suas condições de trabalho e as implicações para a saúde. A autora aponta que o fracasso escolar é um dos maiores problemas enfrentados pela educação brasileira e o professor é apontado, hoje, como um facilitador desse fracasso. Entretanto olhar as condições de trabalho do professor é fundamental para detectar se estas podem influenciar o desempenho escolar.

A importância do professor como agente da dinâmica institucional, enquanto trabalhador e como ser humano, pode significar uma tendência de tomar a dimensão psíquica como algo que antecede o social e a ele se sobrepõe. A questão é se efetivamente as condições de trabalho do professor afetam o seu desempenho e conseqüentemente a saúde deste trabalhador.

A autora justifica que o estudo do fracasso escolar vem sendo alvo de estudos desde 1942, entretanto é recorrente a culpabilização ora do aluno, ora do professor, ora dos pais ora da qualidade do ensino. A visão de uma escola cujo enfoque social e institucional deve intervir na realidade social, faz parte de uma discussão que dá uma outra dimensão ao universo escolar.

Sendo assim a autora levanta algumas questões, ou seja: O que influencia e interfere na produção do professor além de métodos e técnicas pedagógicas? O que o faz diminuir seu ritmo de produção? Como está a saúde deste trabalhador, que demonstra como resposta de produção registro de falência em conseqüência de seu desempenho? Como está reagindo o corpo deste profissional que precisa tolerar as instabilidades do meio de trabalho e da vida? Quais são os custos de sua adaptabilidade?

Para compreender o fenômeno fracasso escolar, através da ótica do professor e dos fatores e condições que interferem na sua produção, foi preciso analisar os dados objetivos e subjetivos deste cenário. E aí as perguntas são: Qual é o verdadeiro sentido que o professor dá a seu mundo de trabalho? O que o faz produzir?

O trabalhador-professor participa do início ao fim do processo educativo sabendo exatamente sobre cada uma das etapas que realiza e com a possibilidade de reconhecer através do sucesso, ou não, do seu produto como se processou o seu trabalho e em que resultou seu esforço.

Enfim, até que ponto as condições de saúde deste professor afetam seu desempenho?

### **Objeto de análise**

O objetivo deste trabalho foi estudar o desempenho escolar, no 1º ciclo, (ex 1ª série) da rede municipal de Ensino do Rio de Janeiro, sob a ótica das percepções que os professores têm sobre as suas condições de trabalho e as implicações para a saúde. A questão da relação de estresse associado às condições de trabalho, foi analisada, através do levantamento de dados das escolas que tiveram bom desempenho e as que tiveram mau desempenho, nos anos de 1997, 1998 e 1999. Foram escolhidas escolas de uma coordenadoria da Secretaria Municipal de Educação.

A autora entende que estes resultados podem contribuir de uma maneira mais efetiva, para uma reformulação das políticas de pessoal que permitam melhorias para enfrentar de forma mais consistente a complexidade do fenômeno que envolve o fracasso escolar.

### **Metodologia utilizada**

A autora utilizou uma análise comparativa de um grupo de 79 professores regentes de escolas bem sucedidas e 91 professores regentes de escolas mal sucedidas, de uma Coordenadoria da Secretaria Municipal de Educação da rede municipal de ensino da cidade do Rio de Janeiro. Foram utilizados relatórios de avaliação do desempenho, do Projeto de Avaliação do Desempenho Escolar da Secretaria Municipal de Educação nos anos de 1997, 1998, 1999; levantamento dos dados das licenças médicas do Departamento de Perícias Médicas do Município do Rio de Janeiro; questionários objetivos e abertos como técnicas de interrogação; uma escala de avaliação de qualidade de vida no trabalho e entrevistas de profundidade.

Para iniciar a investigação dos dados, várias visitas foram feitas ao Projeto de Avaliação do Desempenho da Secretaria Municipal de Educação, para obter os relatórios com os dados e os cálculos mais fiéis sobre a evolução dos alunos da rede municipal. O objetivo inicial foi trabalhar com as escolas bem e mal sucedidas da mesma Coordenadoria, garantindo a distribuição aleatória em termos dos resultados destas turmas.

Na análise comparativa das escolas bem e mal sucedidas foram levantados dados capazes de informar as condições de trabalho a que estão submetidos esses professores, de forma a avaliar até que ponto estas condições interferem na saúde e conseqüentemente no seu desempenho. Para fazer um quadro dos registros médicos a serem comparados e identificados, foi preciso fazer um levantamento dos quadros de afastamentos anuais para verificar quantos afastamentos foram dados nas escolas selecionadas. Com isso tentou-se estabelecer a análise envolvendo: condições de trabalho-percepção do trabalhador- saúde- produção.

Para estudar fracasso escolar/professor/condições de trabalho/saúde desempenho a mestrandia fez o levantamento das escolas de uma Coordenadoria e selecionou as que tiveram notas mais altas e as mais baixas nos anos de 1997, 1998, e 1999. Paralelamente verificaram-se quantas licenças médicas foram tiradas pelas unidades selecionadas. Doze escolas participaram da pesquisa, sendo seis com bom desempenho e seis com mau desempenho. A autora utilizou, também, a Escala de Percepção dos Indicadores de Qualidade de Vida no Trabalho-Escala Walton para

avaliar o grau de satisfação de qualidade de vida no trabalho; dois tipos de questionários estruturados para colher informações sobre as condições de trabalho e de saúde do professor, designados como: questionário inicial e questionário aberto; foram feitas, em seguida, entrevistas consideradas de profundidade.

### Referencial Teórico

Ao apresentar sua fundamentação teórica a autora inicia uma discussão sobre a categoria *trabalho* utilizando a F. Engels, *Dialética da Natureza*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976; Karl Marx. *O Capital-Crítica da Economia Política*. Editora Civilização, Rio de Janeiro, 1982; para apresentar a categoria trabalho com sua multiplicidade e associando-a a outras áreas utiliza Wagner Moura. *Trabalho e Doença Existencial. Uma visão Psicossociológica das Doenças Ocupacionais*. Ed. UERJ, Rio de Janeiro, 1999. Sobre a complexidade e relações de trabalho Edgar Morin. *Ciência com Consciência*, Publicações Europa-América, 1982. Ao entrar na análise sobre o *trabalho do professor* a obra de Miguel L. Carvalho. *Clima de Escola e Estabilidade dos Professores Educa*, Lisboa, 1992; a autora continua sua elaboração do corpo teórico acrescentando um item sobre gênero e trabalho do professor e embasa sua discussão em uma pesquisa feita em Bauru, na UNESP em parceria com a PUC de Campinas, sem qualquer fonte bibliográfica; utiliza uma fonte do Jornal do Brasil somente com o ano 2000 e faz um pequeno retrocesso histórico sobre a entrada da mulher na escola como docente utilizando C. S. Yannoulas. *Educar: uma profesión de mujeres?* Tese de Doutorado, FLACSO/UnB, 1994 e Wanderley Codo (org) *Educação: carinho e trabalho. Burnout, a síndrome de desistência do educador que pode levar a falência da educação*. Vozes, Rio de Janeiro, 1999; Maria Helena Novaes *Psicologia pedagógica. O real. O possível. O necessário na Educação*. Achiamé, Rio de Janeiro, 1982 e Maria Helena Silva Patto, *A produção do fracasso escolar*. T.A. Queiroz, São Paulo, 1991; No item seguinte 2.4 em que discute o **papel do professor** utiliza J. Habermas. *Conhecimento e interesse*, Zahar, Rio de Janeiro, 1982 e *Conhecimento Moral e Agir Comunicativo*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1983; Mats Alvesson. *Cultural Perspectives on Organizations*, Cambridge University Press, 1993. No item 2.5 sobre as *condições de trabalho do professor* refere-se as seguintes obras Wagner Moura. ***Trabalho e Doença Existencial. Uma visão Psicossociológica das Doenças Ocupacionais***. Ed. UERJ, Rio de Janeiro, 1999. Ao analisar o desgaste do trabalho apóia-se na obra de Seligmann-Silva. *Desgaste mental no Trabalho Dominado*. Cortez São Paulo, 1994 enfatizando *a fadiga, fadiga crônica* e aborda as funções das organizações como propiciadoras deste desgaste conforme Eugene Enriquez. *Da horda ao Estado. Psicanálise do Vínculo Social*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1991 e a *Organização em Análise*, Vozes, Rio de Janeiro, 1997, em seguida trata das *relações de trabalho* com o poder organizacional utilizando Max Weber. *Ensaio de sociologia*, Zahar, Rio de Janeiro, 1947; Didier Anzieu & Jacques-Yves Martin. *La dinámica de los Grupos Pequeños*. Kapelusz, Buenos Aires, 1971, Richard Sennet, *La autoridad Alianza*, São Paulo s/d. Sobre o significado de *saúde e doença* utiliza C. Dejours *A loucura do trabalho. Estudo de Psicopatologia do trabalho*, Cortez, São Paulo, 1992, Wanderley Codo (org) *Educação: carinho e trabalho. Burnout, a síndrome de desistência do educador que pode levar a falência da educação*. Vozes, Rio de Janeiro, 1999; Sobre o *strees* sofrido

pelo professor utiliza H. Selye. *Stress: A tensão da vida* Trad. Frederico Branco. IBRASA, São Paulo, 1965, *síndrome de burnout* C. Malasch & S. Jackson. *The Measurement of Experience Burnout*, Journal of Occupation Behavior, 1981; B. A. Farber. *Crisis in Education- Stress and Burnout in American Teacher*. Oxford, San Francisco, 1991.

### **Resultados da pesquisa**

Ao verificar que a 1ª série foi a que mais apresentou reprovações nos anos de 1997, 1998, e em 1999 a autora justifica sua pesquisa. Ao apresentar as tabelas não faz a análise qualitativa das mesmas e cabe ao leitor interpretá-las. Entretanto algumas conclusões são apontadas.

Os dois grupos de professores, ou seja, da escola bem sucedida (A) e da mal sucedida (B) a média da qualidade de vida dos primeiros é melhor do que do segundo. O grupo da escola B tem uma carga de trabalho maior que o A e apresenta maior insatisfação com o trabalho. O grupo B está mais insatisfeito com as relações estabelecidas no grupo do que o A. A ausência de integração entre os professores é demonstrada no grupo B, dentro e fora da escola. Sobre a participação da família ambos justificam que existe uma falta de responsabilidade dos pais de alunos em participar da vida escolar dos filhos.

No grupo A existe uma constante preocupação com a interação do grupo e com a qualidade das relações no trabalho. As licenças dadas aos professores são em sua maior parte psiquiátricas. As condições de trabalho como materiais básicos e materiais de apoio deixam a desejar nos dois grupos. A insalubridade (falta de higiene) aparece nos questionários como um item significativo. Os professores respondem que não tem tempo para melhorar seus conhecimentos. Sobre o tema dificuldades de relacionamento, as queixas direcionam-se as lideranças formais ou a própria secretaria de educação do município, ou seja, as decisões centralizadas e autoritárias.

A estrutura organizacional hierárquica e autoritária não permite muita criatividade no trabalho. A ideologia do esforço e da capacidade pessoal como condição para o sucesso faz parte do discurso escolar. Finalmente a autora conclui que boas relações sociais no trabalho, são fundamentais para a saúde física e mental do professor.

MORAES, Janaina Real de. **Desgaste emocional em professoras de escola especial.** Dissertação de mestrado, Centro de Ciências da Educação da Universidade Regional de Blumenau. Blumenau, Santa Catarina, 2004.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA SALETT BIEMBENGUT – FURB

PALAVRAS-CHAVE: DESGASTE EMOCIONAL, PROFESSORAS, ESCOLA ESPECIAL

LINHAS DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, PSICOLOGIA, ADMINISTRAÇÃO, RECURSOS HUMANOS: QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO (QVT)

AUTORA DA RESENHA: MARIA HELENA ROCHA ANTUNIASI

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

O tema principal é o desenvolvimento da Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) tendo em vista as condições de vida, e bem estar das professoras de Escola Especial. Identificar os fatores de desgaste emocional (fatores estressantes) que dificultam o trabalho de docência, como: dificuldades, interferências e convivência nas escolas. Capacidade de percepção dos professores em relação à convivência com a diretora e colegas de trabalho. Identificar a existência de um possível ciclo perverso que dificultaria o trabalho de docência

A autora levantou algumas questões que guiaram a realização da pesquisa:

1. Quais as dificuldades que as professoras encontram em planejar e colocar em prática atividades que estimulem o potencial dos educandos portadores de deficiência mental?
2. A prática pedagógica pode ser afetada pela percepção que as professoras têm desta prática e do seu papel como educadoras especiais?
3. De que maneira, a vida pessoal pode influenciar a vida profissional das professoras e vice-versa?
4. De que maneira, a convivência entre professoras, direção e professoras, equipe técnica e professoras, educandos e professoras, influencia a prática pedagógica?

A autora parte de alguns pressupostos decorrentes das questões colocadas acima:

1. As professoras têm certa dificuldade em planejar e colocar em prática atividades que estimulem o potencial dos educandos portadores de deficiência mental.
2. A prática pedagógica sofre interferência da percepção que as professoras têm desta prática e do seu papel de educadores especiais.
3. A vida pessoal interfere na vida profissional, bem como a vida profissional interfere na vida pessoal das professoras.
4. A forma de convivência entre professoras, diretora e professoras, equipe técnica e professoras, educandos e professoras é um fator que afeta a prática pedagógica.

### **Objeto da análise**

O objeto da análise é a percepção da QVT das professoras através de pesquisas e observações realizadas junto às professoras da Escola Especial

Professora Estella Maria Caropreso, buscando identificar os fatores de desgaste emocional e estresse ocupacional (síndrome de *burnout*).

A pesquisa teve como objetivo geral, identificar os fatores que desencadeiam desgaste emocional em professoras de Escola Especial. A idéia é que através da pesquisa realizada, outros profissionais da Educação Especial sejam incentivados a contribuírem para melhoria do atendimento que se presta nas escolas especiais, e inclusive que a pesquisa se torne a semente inspiradora de novos trabalhos científicos.

Os objetivos específicos foram colocados nos seguintes termos:

1. Compreender a percepção das professoras sobre o papel das educadoras do ensino especial e sobre a sua prática pedagógica.
2. Identificar fatores pessoais que influenciam a vida profissional das professoras e vice-versa.
3. Identificar fatores que dificultam a prática pedagógica.
4. Analisar a convivência entre: as professoras, equipe técnica e professoras, direção e professoras, educandos e professoras da Escola Especial

### **Metodologia utilizada**

Foram realizadas entrevistas e observações do comportamento de 10 professoras do Setor Educacional da Escola Especial Professora Estella Maria Caropreso.

As entrevistas foram semi-estruturadas com questões abertas sobre percepção, dificuldades e convivência. Observações diretas cujo foco era o relacionamento das professoras com os educandos.

Não foram considerados o tipo de contratação do professor e o programa em que eram responsáveis e carga horária trabalhada com educação especial

Para efeito de análise foram fixados quatro categorias, quinze critérios e quatro indicadores em conformidade com método proposto por Bardin (Bardin, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.225p.)

### **Referencial teórico**

O referencial teórico foi construído através de um levantamento bibliográfico em dois tipos de fontes digital e impressa, que a autora cita no capítulo relativo ao referencial teórico e depois como "referências bibliográficas"

Fontes digitais:

1. Site de busca Google
2. Scielo (Scientific Electronic Library on Line)
  - 2.1 - Portal CAPES
  - 2.2 - Banco Teses do CNPq

Fontes impressas

1. Publicações da Biblioteca Central da Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina.

Em cada fonte a autora encontrou determinadas palavras chaves.

Após mapeamento os textos foram listados e organizados de maneira a destacar seus autores, o local, e a data de publicação. Sobre cada uma dessas obras a autora apresenta um pequeno resumo.

#### *Google*

1. Inclusão

2. Deficientes Mentais
3. Papel da Escola
4. Formação de Professores
5. *Burnout*
6. Educação Especial

ARAÚJO, C. S.; MEDEIROS, L.M.B. Múltiplos referenciais para compreensão da formação e profissionalização docente. **Psicopedagogia on Line**. 2003. Disponível em: [www.psicopedagogiaonline.com.br/artigos/index.asp](http://www.psicopedagogiaonline.com.br/artigos/index.asp). Acesso em: Maio de 2003.

GOTTI, M.O. **A Educação Especial no Sistema de Ensino**. Palestra. Brasília – Centro de Informação e Biblioteca de Educação. 2000.

MARTINS, V. Quem necessita de Educação especial? **Revista Intervir on line**. Disponível em: <http://www.intervr.org/n4/martins/m1.htm>. Acesso em: 2002.

NUTTI, J.Z. Dando voz aos professores: breve panorama das tendências atuais na pesquisa sobre a formação e atuação docente. **Psicopedagogia on line**. Disponível em: [www.psicopedagogiaonline.com.br/artigos/index.asp](http://www.psicopedagogiaonline.com.br/artigos/index.asp). Acesso em: Outubro 2003.

ROSA, L.C.N. Epistemologia E Ação Docente: alguns elementos para compreensão do processo de formação de professores. *Revista do Centro de Educação*. Santa Maria, UFSM, n. 15, 2000.

SCHNEIDER, M.F. O Papel da Motivação para o Aprendizado da Leitura e Escrita em Crianças Deficientes Mentais, no Contexto da Sala de Aula. *Revista do Centro de Educação*. Santa Maria, UFSM, n. 17, 2001.

TONINI, A. Profissionais da Educação Especial e o Processo de Inclusão. *Revista do Centro de Educação*. Santa Maria, UFSM, n. 18. 2001.

TRAPP, W. O.; ALBRING, D. Posso Ser Eu Mesmo na Escola? *Revista do Centro de Educação*. Santa Maria, UFSM, n. 17. 2001.

ZULIAN, M. S.; FREITAS, S. N. Formação de Professores na Educação Inclusiva: aprendendo a viver, criar, pensar e ensinar de outro modo. *Revista do Centro de Educação*. Santa Maria, UFSM, n. 18, 2001.

MASLACH, C.; JACKSON, S. *The Maslach Burnout Inventory*. Palo Alto, California: Consulting Psychologists Press, 1981.

FERENHOF, I. A.; FERENHOF, E. I. *Burnout* em professores. **ECCOS - Revista Científica**. São Paulo, v. 4, n. 1, 2002.

GARCIA, L. P.; BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T. Investigando o *Burnout* em professores universitários. *Revista Eletrônica InterAção Psy*. Ano 1, n. 1, Disponível em: [www.dpi.uem.br/interação](http://www.dpi.uem.br/interação). Acesso em: Agosto 2003.

MOSQUEIRA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. O mal-estar na docência. **Revista Textual**. Disponível em: [www.sinpro-rs.org.br/textual/index.asp](http://www.sinpro-rs.org.br/textual/index.asp). Acesso em: Agosto 2003.

NAUJORKS, M. I. *Stress* e inclusão: indicadores de stress em professores frente à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. *Revista do Centro de Educação*. Santa Maria, UFSM, n. 20, 2002.

NAUJORKS, M. I.; KEMPFER, G. L.; PLETSCHE, M. D. et al. *Stress* ou *burnout*, a realidade frente à inclusão. *Revista do Centro de Educação*. Santa Maria, UFSM, n. 15, 2000.

### *Portal Capes*

- Abandono do Magistério
- Papel do Professor
- Deficientes Múltiplos
- Educação Especial
- Abandono do Magistério

CARMO, Chaves, 2001. Análise das concepções de aprendizagem de uma alfabetizadora bem-sucedida. *Cadernos de Pesquisa*

CARTOLANO, 1998. Formação do educador no curso de pedagogia e a educação especial. *Cadernos CEDES*

GARCIA, 1998. A educação de indivíduos que apresentam seqüelas motoras: uma questão histórica. *Cadernos CEDES*

KASSAR, 2000. Maracás da história social do discurso de um sujeito: uma contribuição para a discussão a respeito da constituição social de uma pessoa com deficiência. *Cadernos CEDES*

LAPO, Bueno, 2003. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. *Caderno de Pesquisa*

MANTOAN, 1998. Educação escolar e deficientes mentais: problemas para a pesquisa e o desenvolvimento. *Cadernos CEDES*

### *Banco de teses do CNPq*

- Educação Especial
- Inclusão

CAMELO, 1999. Educação inclusiva: uma visão sobre as necessidades dos docentes. Dissertação de mestrado. UFRGN. Natal

CARNEIRO, 1999. Formação de professores na perspectiva da educação inclusiva. Dissertação de mestrado. UERJ. Juiz de Fora

MARIN, 1998. A constituição do saber docente em educação especial e a formação em serviço. Dissertação de mestrado. UERJ. Rio de Janeiro

PARIZZI, 2000. A prática pedagógica do professor de educação especial: aprendendo a ensinar com a diversidade. Tese de doutorado. UF São Carlos

REBELLO, 1997. Efeitos do treinamento de atenção positiva para professores de educação especial. Dissertação de mestrado. UERJ. Rio de Janeiro

RIBEIRO, 1997. O educador de creche como provedor de condições para integração de crianças com necessidades educativas especiais em ambiente de creche. Dissertação de mestrado. UERJ Rio de Janeiro

SILVA, 1999. A formação do professor da educação especial na rede estadual de ensino. Dissertação de mestrado. UA Manaus

SOUZA, 1997. A educação especial do Pará: relato de seus autores. Dissertação de mestrado. UERJ Belém

VALLADÃO, 2001. Formação continuada para professores que atuam na educação especial. Dissertação de mestrado. UERJ Rio de Janeiro

### *Impressa - Banco de Teses da Biblioteca Central da Universidade Regional de Blumenau-Santa Catarina*

- Educação Especial
- Formação de Professores

- *Burnout*

CASTANHO, Costa, 1999. Vygotsky e a formação dos professores. *Revista de educação da PUC*

FRUCTUOSO, 2000. Professor (a) ou Educador (a)? Facilitador (a) ou Mediador (a)? *Revista de educação da PUC*

ROSS, 1997. A crise na educação especial: uma reflexão política e antropológica. *Educar em revista*

SALUN, Stegun. 201. Aprender e ensinar são processos permanentes, tanto para o professor quanto para o aluno.

SANTOS, Paranhos, 2002. A síndrome de *burnout*: porque os professores desistem? *Revista educação do CEAP*

SCHMITZ, 1999. O professor como profissional. *Estudos Leopoldinenses*

SOUZA, 2002. Educação especial em Sergipe: uma trajetória de descaso, lutas, dores, e conquistas

Em seguida tece algumas considerações constantes da bibliografia acima levantada e analisada. Destaca a necessidade de inserir os alunos especiais no contexto social e o direito deles de exercer plenamente a sua cidadania. Analisa o espaço escolar a partir das redes de relações, em dupla perspectiva: as dimensões ontológicas e epistemológicas. Analisa a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, mostrando que garantem acesso e permanência de todos na escola. mas destaca alguns autores que apontam as dificuldades de ingresso das pessoas especiais no sistema de ensino.

Mostra que segundo os autores acima citado, respeitar a diversidade humana são objetivos de uma educação abrangente, sejam elas especiais ou não e que a educação especial não pode ser considerada menor ou irrelevante. Com base em Carmo e Chaves (2001) explicam que os professores são profissionais imprescindíveis, principalmente como atores em todas as mudanças. A autora conclui, a revisão bibliográfica mostrando que ser professor parece tarefa fácil, no entanto, ele precisa ser qualificado e preparado para lidar com todos os tipos de educandos. Assim sendo, é fundamental prover o meio escolar, sem imposições, tensões afetivas e intelectuais, pois a experiência pessoal e profissional são fontes básicas de aprendizagem para o professor. Destaca as dificuldades e os problemas que o professor de escola especial enfrenta no seu dia-a-dia. Constata que em verdade o professor se encontra numa paradoxal situação: pede-se que ele planeje e lide com o imprevisto e ao mesmo tempo, seja criativo e se conforme com as más condições de trabalho, inclusive ainda pense no coletivo Isso leva ao desgaste emocional de muitos professores. Com base em Naujorks,(2002) salienta os fatores de stress com professores da rede pública de Santa Maria.

### **Resultados da pesquisa**

Segundo a autora, o mapeamento da pesquisa teórica em conjunto com os dados da pesquisa de campo, permitiu considerar como verdadeiros os seguintes pressupostos:

As professoras têm dificuldade em planejar e colocar em prática atividades que estimulem o potencial dos educandos portadores de deficiência mental

A prática pedagógica sofre interferência da percepção que as professoras tem da própria prática.

A vida profissional interfere na vida pessoal das professoras

A forma de convivência: entre as professoras; delas com a equipe técnica e com os educandos são fatores que afetam a prática pedagógica.

## **Conclusão**

Nos ambientes de escolas especiais percebe-se que existem muitas limitações para que os professores possam atuar e isso acaba levando ao desgaste emocional que se manifesta com sentimentos de preocupação, frustração, angústia, ansiedade e desmotivação percebidos por meio dos relatos das entrevistas e das observações. A autora entende que a caminhada para a resolução desses problemas é longa e vai além da formação acadêmica, com os processos de formação continuada. Destaca a importância do incentivo do poder público para que se faça cumprir as leis; que se obtenha maior participação da família na vida escolar dos filhos e que ocorra mais abertura para debates e reflexões. Aponta que muitos problemas poderiam ser resolvidos apenas com as trocas de experiências pessoais. Só denunciar os problemas não resolve.

Os resultados do levantamento bibliográfico e dos dados levantados foram integrados para identificar os fatores que levaram ao desgaste emocional: as entrevistas serviram para verificar a percepção dos professores sobre diversos assuntos; já as observações serviram para verificar o que se podia notar além daquilo que os professores já haviam apontado nas entrevistas. Dessa integração, surgiu a noção de que a prática pedagógica é complexa, incerta e instável e, além disso, possui conflitos morais e éticos.

O êxito do professor dependerá da sua capacidade de gerenciar as situações complexas que se depara no exercício da sua profissão. Como consideração final é dito que nas condições atuais de trabalho os professores são levados a situações de frustração, angústia e conflitos. A docência é considerada uma atividade muito penosa. a autora identificou fortes indícios dos sintomas da síndrome de *burnout* e propõe caminhos a serem seguidos para minimizar o problema:

- divulgar por meio de palestras os sintomas da síndrome de *burnout*
- abrir espaço para reflexões e discussões sobre o assunto
- preparar cursos
- discutir os resultados da pesquisa realizada por ela para sensibilizar as pessoas envolvidas no processo de ensino/aprendizagem
- realizar novas pesquisas
- organizar reuniões periódicas para discussão dos problemas levantados pela pesquisa

NEVES, MARY YALE R. **Trabalho docente e saúde mental – a dor e a delícia de ser (tornar-se) professora.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1999.

FORMAÇÃO DA AUTORA: INTEGRA O GRUPO DE PESQUISA SUBJETIVIDADE E TRABALHO (GPST), O SETOR DE ESTUDOS E ASSESSORIA A MOVIMENTOS POPULARES (SEAMPO) E O CENTRO DE REFERÊNCIA EM SAÚDE DO TRABALHADOR (CERESAT), TODOS VINCULADOS À UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)

PALAVRAS-CHAVE: TRABALHO E SAÚDE MENTAL; TRABALHO E SUBJETIVIDADE

LINHA DA PESQUISA: SAÚDE MENTAL E TRABALHO

AUTORA DA RESENHA: ROSEANA COSTA LEITE

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

Mundo do trabalho e saúde mental. Relações de trabalho docente e vivências de prazer e sofrimento psíquico das professoras. Processo de resistência e luta dos trabalhadores em prol da saúde.

Trabalho, subjetividade e saúde.

Compreende a escola como um local de trabalho que vem sendo afetado pelas transformações históricas do sistema de ensino público brasileiro, principalmente a partir da década de 70. Localiza como especificidade desta categoria, o mal-estar que aflige a professora primária, no Brasil, pela progressiva desqualificação e desvalorização social de sua atividade profissional.

A autora questiona a opção e permanência das professoras no magistério diante de um quadro de condições de trabalho precárias, baixos salários e desprestígio e desvalorização social. *Qual o sentido do trabalho para estas professoras?*

Tenta estabelecer, portanto, a reflexão sobre o cenário do trabalho e sua relação com a saúde das professoras, da qual emergem as questões relativas à inserção no magistério, as queixas expressando suas vivências de sofrimento, a visualização de defesas e ações reguladoras, bem como as vivências de prazer no trabalho.

Acredita que, para suportar o sofrimento ou para enfrentar o cotidiano de situações de trabalho nocivas a sua saúde, as professoras desenvolvem (consciente ou inconsciente) defesas individuais e coletivas. E indaga sobre as condições objetivas e subjetivas que possibilitem o trabalho docente. Procura identificar aquilo que no trabalho faz sofrer e adoecer as professoras e as ações adaptativas, de resistência e reguladoras são desenvolvidas nas situações de trabalho

Os sistemas coletivos de defesa, segundo Dejours (1994), funcionam como regras, cuja existência demanda o consenso ou um acordo (normativo) partilhado e contribui para a própria estruturação dos coletivos de trabalho. (p.23) A autora adverte, entretanto, baseada ainda em Dejours, que os sistemas defensivos podem desembocar em uma adaptação defensiva às pressões psíquicas exercidas pela organização do trabalho ou exploradas pela organização em proveito da produtividade. O mundo do trabalho se configura pela luta incessante para lidar com o sofrimento que o próprio trabalho provoca, afastar as doenças e procurar um mínimo de equilíbrio psicossomático.

Dejours e Abdoucheli (1994) sustentam a dimensão dinâmica do sofrimento, que possibilita a transformação do sofrimento em criatividade, que beneficia a identidade, pois aumenta a resistência do sujeito ao risco de desestabilização psíquica e social. E referem-se aos processos de sublimação e de ressonância simbólica

Relaciona trabalho docente e saúde mental ao cenário contemporâneo, em que a organização do trabalho e as técnicas de gestão estão determinadas pela racionalidade econômica e a lógica produtivista torna o sistema escolar mais sujeito aos regulamentos rígidos e rotinas inflexíveis.

E menciona os estudos recentes que apontam a existência de um *mal-estar docente*, revelado por sinais de sofrimento, sufocamento, estresse, esgotamento, ansiedade, depressão e de fadiga no trabalho. (Carpentier-Roy, 1994; Codo et al., 1999; Esteve, 1999; Cordié, 1998; Diniz, 1997; Ruiz et al., 1998)

Define saúde, a partir de Neves e Athayde (1998), com um campo de negociação cotidiana e permanente para tornar a vida viável..

O objeto do estudo é a relação entre a situação de trabalho e saúde mental das professoras primárias municipais de João Pessoa, que busca identificar as vivências de prazer e de sofrimento e as relações intersubjetivas. mobilizadas na confrontação das professoras com a sua realidade de trabalho.

Ao discutir o processo de profissionalização e feminização docente, destaca a página 101 o seguinte parágrafo:

“Entre as alternativas possíveis no século XIX para o confinamento doméstico de determinados segmentos de classe do sexo feminino, encontram-se, comumente, as profissões de magistério, de enfermagem e outros empregos ligados ao domicílio. Ora, a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho se dá em profissões que têm (ou que passam a ter) características similares às da esfera doméstica; no caso, atividades de cuidados e responsabilidade relativos à casa, aos filhos e ao esposo. De fato, as profissões que reconhecidamente envolvem *cuidados* estarão marcadas pela relação entre as atividades dentro e fora de casa, o que favorecerá a concentração de mulheres nesses tipos específicos de trabalho, reforçando a segregação sexual.”

### **Objeto de análise**

O estudo busca analisar a saúde mental das professoras do ensino fundamental, séries iniciais, das escolas do município de João Pessoa, especificamente suas vivências de sofrimento psíquico e de prazer e a forma como constroem/reconstroem o sentido do seu trabalho, realizado em condições adversas. Tenta compreender as inter-relações entre a situação de trabalho e a saúde mental das professoras primárias da rede pública municipal de João Pessoa, Pb.

No estudo das relações entre saúde mental e trabalho, a opção por focalizar as professoras primárias ou polivalentes, denominação às professoras de 1ª a 4ª séries, em razão de representarem uma das maiores categorias profissionais do país e pelo quadro de extrema precarização das condições de formação e prática profissional docente no Brasil. A investigação desta realidade em João Pessoa liga-se ao fato de que no município o funcionalismo público representa parcela significativa dos trabalhadores.

Lembra ainda da participação e mobilização dos professores nas lutas políticas travadas pelos movimentos populares, ocorridos no período compreendido entre o final da década de 70 e início dos anos 80.

### **Metodologia utilizada**

A autora parte do pressuposto de que a construção do conhecimento sobre a situação do trabalho docente e, especificamente, a relação dessa situação com a saúde das professoras deve ser resultante do trabalho conjunto de pesquisador/professoras. Pressuposto determinado pela necessidade de observar a forma como as professoras organizam o universo de suas relações, com a perspectiva de apreender o que elas tinham a dizer sobre seu trabalho, sua vida, sua saúde. Afinal, são elas que vivem a experiência de ser (estar) professora.

A compreensão do trabalho docente leva a autora a considerar o processo de feminização desse trabalho e de como ele passa representar um certo *fazer feminino*. O que leva a autora a questionar sobre os valores presentes na escolha representada na tríade mulher/mãe/professora e indagar sobre as condições objetivas e subjetivas da inserção das mulheres em estudo no magistério.

Ressalta, portanto, que discute o trabalho docente enquanto prática social complexa, tendo como pano de fundo as relações sociais de classe e gênero. Pressupõe, ainda, “uma sociedade marcada pela presença hegemônica do capital, cujo processo de valorização controla (e determina) o processo de trabalho” (p.4).

Para investigar as vivências de prazer e sofrimento no trabalho e das defesas contra a doença e o sofrimento e de ações reguladoras, enquanto mecanismo de busca de equilíbrio psíquico, toma como referência teórica a psicodinâmica do trabalho (PDT), “que aponta para a necessidade de ir além da descrição da atividade efetiva a fim de viabilizar a apreensão do sentido e dos afetos mobilizados pelo trabalho” (p.5).

Utiliza Dejours (1994), para quem as articulações do singular e do coletivo são privilegiadas na análise das vivências subjetivas no trabalho. Assim, “o que é problematizado na nesta investigação diz respeito não ao que é vivido pelo indivíduo, mas ao que ganha sentido coletivamente em um determinado lugar submetido a uma organização de trabalho específica, isto é, interessou-nos identificar o que é potencialmente patógeno ou estruturante para todos na organização do trabalho” (p.6).

Menciona a dinâmica entre trabalho e identidade, para demarcar a importância de se analisar o contexto sócio-afetivo que perpassa a atividade docente. Parte de Dejours (1992), para quem a saúde está efetivamente ligada ao sentido no trabalho, à mobilização subjetiva, para focalizar o interesse do estudo no movimento feito pelas professoras entre o trabalho prescrito e o efetivo.

Utiliza, ainda, como referencial teórico-analítico para a análise da relação trabalho e saúde das professoras primárias os conceitos de gênero e de relações sociais de sexo.(Scott, 1990; Louro, 1996; Los Rios e Gómez, 1993; Carvalho, 1998; Meyer, 1996).

Considera também os estudos sobre a separação instituída socialmente, no capitalismo, entre casa/trabalho associada à distinção entre o público e o privado (Saffioti, 1976; Chauí, 1985; Bruschini e Rosemberg, 1982). E sobre a desintegração da casa como *locus* de produção e residência (Abreu e Sorj, 1993; Madeira e Singer, 1975) e o fenômeno da *feminização da*

*pobreza* (Anderson, 1994; Los Rios e Gómez, 1993). E defende, apoiada em Kergoat (1996) e Hirata (1994), uma sociologia das relações sociais em que os conceitos classe e sexo sejam transversalmente percebidos.

Outras análises que pretende incorporar em seu estudo sobre as professoras primárias referem-se à questão da reestruturação produtiva e de gênero, especificamente, a feminização do trabalho assalariado e a naturalização da desqualificação do trabalho feminino (Benería, 1994; Le Doaré, 1987; Seligmann-Silva, 1997; Anderson, 1994).

A autora afirma que a pesquisa desenvolveu-se como um estudo de caso, "que teve como intenção analisar as inter-relações trabalho e saúde mental, especificamente as vivências de prazer e sofrimento psíquico das professoras primárias do ensino público do Município de João Pessoa" (p.72).

Diz ainda que a questão central do trabalho reside "na apreensão da produção do sentido (complexo) que as professoras primárias de João Pessoa têm acerca de suas vivências – vida e trabalho –, sem desconsiderar as implicações do contexto histórico em que as professoras estão inseridas" (p.73).

Relata que, na pesquisa de campo, a equipe de trabalho elaborou cadernos de campo contendo notas descritivas e reflexivas e relatos detalhados das situações. A fase de coleta de dados, com duração de seis meses, compreendeu a coleta de dados gerais, levantamento do perfil de morbidade, entrevistas individuais e coletivas e observações da atividade de trabalho.

Para a realização da entrevistas elaborou-se um roteiro de questões – temas, estruturado em cinco pontos relacionados à prática profissional das professoras: inserção no magistério, processo de trabalho docente, problemas/dificuldades no trabalho, as interfaces família-trabalho/lazer/trabalho, relação trabalho/saúde e formas de regulação de trabalho/sistemas defensivos.

As entrevistas coletivas, grupos de discussão, tiveram em vista a construção de espaços adequados à apreensão das inter-relações trabalho e saúde mental vividas coletivamente. A autora informa que foram constituídos três grupos de discussão em três diferentes escolas, escolhidas segundo dois critérios, maior índice de afastamento da sala de aula das professoras por motivo de saúde e a localização geosocial.

### **Resultados da pesquisa**

A tese de doutorado da autora em questão, Neves (1999), compõe-se de duas partes; a primeira, *Aspectos teórico-metodológicos*, e a segunda, *A saúde mental das professoras primárias: achados da pesquisa*. Esta segunda parte, apresentação dos resultados da pesquisa, subdivide-se em três capítulos: capítulo IV, *Trabalho docente: precarização e feminização de uma prática profissional*, capítulo V, *O sofrimento psíquico: o mal-estar no trabalho docente*, e o capítulo VI, *As defesas, as ações reguladoras e o prazer no trabalho*. É desta segunda parte que nos ocuparemos agora.

No capítulo IV, *Trabalho docente: precarização e feminização de uma prática profissional*, a autora trata da inserção das mulheres no magistério primário e da funcionalização da docência.

A seguir, a autora tenta uma caracterização sócio-demográfica das professoras e apresenta dados referentes ao sexo, 97% feminino; naturalidade, 52% de João pessoa, 34% do interior do estado da Paraíba e

14% da zona rural; faixa etária, 30% entre 37 a 45 anos e 39% entre 29 a 37 anos; estado civil, 59% casadas, 24% solteiras e 17% divorciadas; nível de escolaridade, 56% possuem formação pedagógica, 34% curso superior e 10% curso superior incompleto; tempo de serviço, 34% entre 12,5 a 17,5 anos e 25% entre 7,5 a 12,5 anos de trabalho; renda, 40% recebem entre 4,1 a 6,0 salários mínimos e 30% 2,6 salários mínimos.

Do levantamento efetuado para traçar o perfil de morbidade das professoras municipais, a partir dos registros de pedidos de licenças médicas (395 pessoas), na Junta Médica da Prefeitura de João Pessoa, a autora apresenta:

1. o índice das pessoas afastadas por sexo, 96% são mulheres (373);
2. as patologias que deram origem ao afastamento, neoplasmas (14,1%), sistema osteomuscular e tecido conjuntivo (11,5%); transtornos mentais (10,2%); aparelho respiratório (9,2%), aparelho geniturinário (9,2%), entre as principais.
3. a distribuição por períodos dos pedidos de afastamento, cuja maior incidência ocorre no início do ano letivo e no meio dos semestres escolares.

Acredita que as expectativas das professoras em relação ao ofício estão ligadas às condições de vida e sobrevivência. Observa que as professoras pesquisadas com condições socioeconômicas mais baixas apresentam maiores expectativas vinculadas à estabilidade, pois são responsáveis pela manutenção e sobrevivência familiar. Enquanto as professoras com condição socioeconômica mais elevada apontam expectativas mais idealizadas associadas ao ensino.

No Capítulo V, *O sofrimento psíquico: o mal-estar no trabalho docente*, relaciona, no primeiro item, as queixas apresentadas pelos depoimentos das professoras acerca da situação de trabalho nas escolas e no universo doméstico. São mencionados: as cargas físicas, químicas, mecânicas, biológicas, fisiológicas e psíquicas de trabalho. Em relação a este último, o custo psíquico, as professoras falam do envolvimento emocional com os problemas dos alunos, a desvalorização social de seu trabalho, a falta de estímulo, a exigência de domínio de temas diferentes e em constante mudança, a existência de relações interpessoais insatisfatórias, as classes numerosas, a inexistência de tempo de lazer e descanso, a jornada extensiva de trabalho, o sentimento de culpa por não conta satisfatoriamente de todas as atividades (domésticas, familiares, de trabalho).

Outra fonte de tensão presente no cotidiano de trabalho, registrado pela autora, diz respeito à falta de material didático e de pessoal.

Em relação à organização do trabalho, que diz respeito ao conteúdo e às relações que se processam, aspecto central na perspectiva da PDT, a autora expõe as seguintes queixas docentes: pouco tempo da jornada para atividades extra-aula, classes numerosas, o trabalho durante o intervalo, o controle da disciplina, a insuficiência do planejamento escolar.

Quanto às relações intersubjetivas no trabalho docente, em relação a seus pares, são citados a dificuldade de se estabelecer espaços de intercâmbio de idéias, principalmente pela falta de tempo; a insuficiência dos laços de cooperação, e a falta de maior comunicação. Quanto às relações entre docentes e especialistas, a integração entre as equipes encontra situação diferenciada nas escolas, podendo ocorrer ou não. As relações estabelecidas

com pais e mães de alunos incomodam as professoras pela intromissão de alguns deles.

A autora conclui que um amplo conjunto de inter-relações envolvendo professoras, especialistas, funcionários, pais e mães de alunos tem de ser encarado e enfrentado diariamente, com todas as implicações que possa trazer.

A autora também aponta as transformações institucionais ocorridas, com implicações na sociabilidade e saúde das professoras, mais especificamente as questões da autonomia e do controle do trabalho docente.. A avaliação continuada é encarada como obrigação de aprovar os alunos e a autora considera que o sofrimento gerado deve-se não ao princípio em si, mas a forma como vem sendo efetivamente implantada a avaliação continuada. Outros relatos de interferência no trabalho docente são mencionados, além da padronização do currículo e métodos de ensino, a falta de acompanhamento técnico.

As professoras queixam-se também da formação inicial recebida e da ausência de atualização pedagógica, registradas pela autora no item *Críticas à formação profissional*. E defende, apoiada nas observações e discussões com os grupos de professoras, a mudança de concepção de formação no modelo dos denominados programas de capacitação. Os espaços convencionais de formação e atualização profissional, cursos de treinamento oferecidos pela secretaria ou cursos de especialização, coloca o *locus* de produção do conhecimento nesses espaços, “enquanto reserva aos/as profissionais do ensino fundamental a sua aplicação e socialização, mantendo-se a tradicional concepção dicotômica entre teoria e prática, em que não se valoriza o saber produzido pela experiência docente”. (p.157).

Na investigação do trabalho docente, a autora considera também a contaminação profissional nas relações intersubjetivas extra-escola, no descanso e lazer, além do trabalho doméstico como forma de intensificação do trabalho. Encontra diferenças entre mulheres-professoras de classes sociais distintas na forma como lidam com o trabalho doméstico e na escola, diferenças que se repetem nos hábitos de lazer. Constata que a precariedade da situação de trabalho do magistério e as repercussões na vida familiar apontam para a contaminação das relações familiares, para o tempo livre e lazer.

O segundo item do capítulo V trata sobre a falta de reconhecimento social, uma das queixas principais das professoras, que determina a maneira pela qual elas se localizam social e profissionalmente, com conseqüências para sua saúde mental. Segundo a autora, foi possível perceber diferenças entre as professoras quanto a seu papel no processo de desvalorização do ensino público. Algumas introjetam uma responsabilidade pessoal, por não se sentirem capacitadas, outras reconhecem a precária formação inicial, os baixos salários e a falta de compromisso político com a educação.

Outras professoras, ainda, mencionam a dificuldade de estabelecer o chamado controle da turma, numa tentativa de atribuir ao aluno a culpa pelo fracasso escolar. Dificuldade reconhecida que se vincula, entre outros fatores, aos níveis elevados de paciência demandados e à necessidade de lidar com o barulho e níveis diferenciados de aprendizagem.

A autora observa que elas, em seu conjunto, não percebem que

“não têm como responder adequadamente às expectativas que existem em relação ao seu trabalho, dada a dinâmica social na qual elas se situam. Assim, as professoras aparentemente não se dão conta de imediato de que

é exatamente a inexistência de sólido suporte social (reconhecimento formal e simbólico), técnico (formação adequada no nível de métodos e conteúdos) e de projeto político que dificulta esse enfrentamento, o que, por sua vez, provoca na maioria, o sentimento de extremo desencanto e a sensação de incapacidade para o exercício de sua atividade diária.” (p.166) Neste mesmo sentido, para a autora o salário constitui em um dos elementos das condições de trabalho com influência decisiva na dinâmica do reconhecimento e da vida mental das professoras pessoenses (p.169).

Outro elemento detectado pela autora, na dinâmica do reconhecimento, diz respeito ao tipo de direção. Um ambiente em que predomina o *laissez-faire* não é o mais favorável ao desenvolvimento do trabalho, mesmo um princípio mais autoritário pode ser menos prejudicial ao jogo do reconhecimento do saber, ao investimento cognitivo e afetivo mobilizado, no sentido de que gera um retorno/reconhecimento da direção em relação ao trabalho docente.

Em relação à desvalorização do trabalho feminino, afirma ainda que:

“Para as mulheres-professoras, contudo, oriundas principalmente dos estratos menos favorecidos da sociedade, os salários, mesmo irrisórios, tornam-se imprescindíveis na composição do orçamento familiar; parece também ser preferível correr os riscos de sofrer um possível *burnout* a ficar em casa, confinadas, uma vez que o mundo do trabalho extraluar é percebido como espaço privilegiado de participação social.” (p.173)

Lembra também que a “avaliação subjetiva das pessoas investidas no trabalho é mediada pelo que realizam, com implicações na formação da auto-imagem”. (p.174)

O último item considerado neste quinto capítulo denomina-se *Sinais/sintomas do sofrimento psíquico das professoras primárias*. O cenário traçado pela autora revela a existência não de um único fator de risco nas escolas pesquisadas, mas sérias dificuldades que incluem a inexistência de espaço para o exercício da criatividade, turmas numerosas, crianças com problemas de aprendizagem, sociais e psicológicos, desconforto térmico nas salas de aula, horário extenso de trabalho, falta de tempo para reflexão e planejamento do trabalho e exaustão.

Esta carga de exigências não é suportada da mesma maneira pelas pessoas, portanto, constatam-se formas distintas de sofrimento e desgaste da saúde. Entre as professoras pesquisadas aparecem problemas relacionados à voz, alérgicos, de visão, de coluna vertebral, músculos e varizes e câncer no seio. Contemplam este quadro as enfermidades psicossomáticas, expressas por cansaço, alterações digestivas e de sono e dores de cabeça.

Em relação aos sinais e sintomas de sofrimento psíquico enumera desânimo, fadiga, estresse, frustração, depressão, impotência, insegurança, irritação, angústia e sensação de enlouquecimento. O cansaço mental tem implicações na esfera cognitiva e na vida emocional, com reflexos na aparência e postura física.

A autora destaca ainda a existência de questões relativas à saúde das mulheres, com problemas relacionados à gravidez, amamentação, menstruação e menopausa não observados pelo modelo masculino de saúde. Observa também a baixa qualidade do atendimento médico recebido pelas professoras no serviço médico público.

Para a autora, o material empírico levantado permite supor a relação saúde/trabalho articulada tanto com a opção feita pelo magistério, quanto ao

tempo de serviço e ao sucesso profissional. Relata que as professoras apresentam manifestações de sofrimento e desgaste mais enfáticas no exercício da profissão nas situações de trabalho por sobrevivência ou pressão familiar, pouco sucesso na profissão e dificuldade para exercer o controle sobre a turma. Manifestações menos intensas ocorrem entre as que mencionam a paixão pela educação.

A variável tempo de serviço, no sofrimento e desgaste docente, "tem relação direta com a direta com a deterioração das condições e, principalmente, da organização do trabalho docente, bem como a degradação social do estatuto da professora no país, com graves implicações em sua identidade e saúde mental" (p.191).

Registra que os sintomas de sofrimento docente relacionam-se ao sentido do trabalho e da auto-imagem. A organização escolar procura diluir as diferenças na padronização da rotina escolar, mas individualiza as professoras diante do sofrimento, que têm de resolver individualmente os sintomas gerados.

Conclui ainda, estendendo a análise de Carpentier-Roy (1992), que as principais insatisfações docentes incidem no conteúdo e na autonomia do trabalho docente.

No Capítulo VI, *As defesas, as ações reguladoras e o prazer no trabalho*, a autora problematiza a existência de coletivos de trabalho nas escolas pesquisadas, partindo do pressuposto da necessidade de sua existência para o desenvolvimento de estratégias coletivas no trabalho. Afirma que a atividade docente não impõe contatos freqüentes e dependentes entre as professoras, justificados inclusive pela falta de tempo e estímulo. Entretanto, observa tentativas pontuais de conjugação de esforços de intercâmbio de experiências e discussões comuns, configurando uma demanda por integração.

Propõe a utilização do conceito de coletivo de tarefa, conforme Guérin (1991), para melhor compreender a questão no trabalho docente.

Afirma que a construção da socialização profissional tem por base tanto a formação inicial como o exercício efetivo da ocupação profissional, compreendida enquanto formação continuada em função de sua dimensão formadora. E que "tornar-se professora implica um processo de absorção de competências de ensino ('segredos do ofício') que são passadas por mestres a discípulos num processo de autopropagação da profissão e de valores e atitudes éticas para seu desempenho em sala de aula, legitimadas pela realidade social" (p.202).

A construção de regras estabelecidas significa formação de coletivos de trabalho

Conclui que, apesar de reduzidas, as práticas defensivas e as estratégias de resistência de ofício se fazem presentes, ainda que de forma oscilante, com avanços e recuos.

Identifica como mecanismos de defesa das professoras no trabalho: um processo de desinvestimento subjetivo e individualismo; a recusa à troca de série, método de ensino e resistência a inovações tecnológicas; atribuição de culpa aos alunos por seu fracasso escolar; saídas constantes da sala de aula; absentéismo, mudança de escola; desvio de função; licença sem vencimento; uso da família como bode expiatório; recusa de se assumir como professora da escola pública; evasão ou abandono da profissão.

As estratégias de resistências à organização do trabalho docente encontradas pelo estudo limitam-se às manifestações verbais de sua

insatisfação, principalmente, em relação à direção. A autora acredita na potencialidade da formação de coletivos de trabalho entre as professoras, que podem estar emergindo nas escolas.

O terceiro ponto examinado neste sexto capítulo refere-se às ações estratégicas reguladoras do trabalho. O interesse da autora reside na descoberta das formas de regulação viabilizadoras do trabalho educativo, as chamadas regras de ofício da docência. A regra de ouro do trabalho docente é o controle de turma; outras regras de ofício encontradas pela autora referem-se à organização temporal e condução metodológica das matérias e à conversas com os alunos e seus pais

No quarto item a autora examina a questão do prazer no trabalho docente. Lembra que "o sentido ou a significação do trabalho apresenta-se como ponto fundamental na relação com o desejo e o prazer, uma vez que não se configura questão de mera satisfação, mas de realização" (p.237).

Observa que as formas de regulação desenvolvidas pelas professoras para dar conta de seu trabalho expressam uma elaboração afirmativa de prazer, como por exemplo, dar uma boa aula, incentivar a vontade de aprender a ler e a escrever. Torna-se visível, segundo ela, que o prazer brota dos resultados do trabalho.

E argumenta

"A possibilidade de as professoras conceberem seu trabalho, parece, portanto, garantir efetivas formas de engajamento e, ao mesmo tempo, assegurar a realização de um trabalho de qualidade, proporcionando-lhes o êxito/sucesso profissional e o aumento da auto-estima. Assim, quando temos uma organização de trabalho não conflituosa, encontramos os sujeitos implicados e engajados com sua atividade, ou seja, a possibilidade da existência do jogo de desejo-prazer no trabalho docente é favorável à vivência das professoras expressa no 'prazer de funcionar'". (p.239)

Informa ainda que, a maioria das professoras considera a relação afetiva com os alunos prazerosa, que identifica como espaço de sublimação.

Defende a necessidade de estudos que aprofundem a temática sobre o processo de abandono/evasão de parte das professoras no magistério e de investir na busca de uma ressignificação do fazer docente, que proporcione a reapropriação dos sentidos gerados no trabalho e a transformação da escola pública num espaço competente e comprometido.

NOAL, Ingrid Kork. **Manifestações do mal-estar docente na vida profissional de professoras do ensino fundamental: um estudo de caso.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Maria (RGS). Programa de Pós Graduação em Educação. Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2003.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA INÊS NAUJORKS

FORMAÇÃO DA AUTORA: HISTÓRIA , ESTUDOS SOCIAIS, ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO, ÁREA DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

PALAVRAS-CHAVE: MAL-ESTAR DOCENTE, CRISE, ESTRESSE, EDUCAÇÃO, BEM-ESTAR

LINHA DA PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES

AUTORA DA RESENHA: MARIA ROSA LOMBARDI

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

O tema da dissertação é a síndrome do mal-estar docente, entre professores do ensino fundamental, séries finais (5ª. A 8ª.), na rede pública. A experiência de professora no ensino fundamental e médio indicou à autora que, naquelas séries, o mal-estar docente se mostra mais crítico em função de uma constante tensão na relação cotidiana entre professor e alunos (indisciplina, fase da pré-adolescência, p.ex.). Considera como outros agravantes dessa situação tensionada, a falta de conhecimento e atualização profissional dos professores dessas séries que os conduzem à alienação, à discriminação entre os pares, ao preconceito e à inflexibilidade e incompreensão dos acontecimentos diários no meio escolar. Outro elemento gerador de tensão no docente seria, segundo a autora, a existência de uma mentalidade estagnada, além do preconceito e da exclusão, um grande apego ao modelo tradicional de educação.

Mesmo desvalorizado, o professor ainda é considerado o mediador do processo ensino-aprendizagem e a referência da qualidade de ensino é atribuída principalmente ao seu desempenho e à sua competência profissional. Conviver com esta constante contradição- de muitas exigências e poucos recursos, tensões cotidianas, mínimas condições de trabalho e baixa qualidade de vida- é uma situação com a qual nem todos os professores conseguem conviver tranquilamente. Muitos professores chegam logo ao seu limite de tolerância, atingindo o estresse e as doenças.(p.6).

Perguntas da autora frente a essa situação:

- Como despertar no professor o desejo de se atualizar, de buscar novos conhecimentos?
- Como não deixá-lo alienar-se pelo sistema?
- Será que a formação continuada do professor é válida quando ela é obrigatória?
- Como o mal-estar docente se manifesta na vida de alguns professores do ensino fundamental?

## **Objeto da análise**

O objeto de análise é o professor em atividade na sala de aula das últimas séries do ensino fundamental, em escolas públicas e as implicações dessa posição profissional nos estados de saúde-doença profissionais .

A pesquisa teve como objetivo principal "contextualizar o mal-estar docente, analisar suas manifestações, considerando suas causas e conseqüências na vida de professoras do ensino fundamental, séries finais ( de 5ª. A 8ª. Séries) de escolas da rede pública de Santa Maria, que atuam em sala de aula" ( p.57-58).

Objetivos específicos:

- contextualizar o mal-estar docente, suas origens e conseqüências através de um enfoque sócio-histórico-educacional;
- identificar e avaliar as variáveis que constituem os indicadores do mal-estar docente;
- investigar as manifestações do mal-estar docente na vida de alguns professores do ensino fundamental, séries finais que atuam em sala de aula e
- analisar as sugestões das cinco professoras pesquisadas e os possíveis caminhos para o bem-estar docente" (p.58).

## **Referencial teórico**

Utiliza três referenciais teóricos na pesquisa. Um primeiro conjunto de autores e idéias que fundamentam a crise do contexto educacional na sociedade capitalista globalizada pós-moderna. Considera a realidade atual, os aspectos positivos e negativos do mundo pós-moderno e suas conseqüências para a educação, para o professor e para a escola, bem como as novas exigências para a educação do futuro. Entre outros autores destaca as contribuições de:

- GÓMEZ, A.I. PEREZ. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*, Porto Alegre, Artmed, 2001
- TEDESCO, J.C. *O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*, São Paulo, Ática, 1995
- DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*, São Paulo, Cortez, UNESCO-MEC, 2000
- GRINSPUN Mirian P.S. ZIPPIN. Os Novos paradigmas em educação: os caminhos viáveis para uma análise. *Revista Brasileira de Pedagogia*, Brasília, v.75, no. 179-180-181,p.211-242, jan-dez 1994
- IMBERNÓN, F. *A educação do século XXI: os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre, Artmed, 2000

Junto com um segundo conjunto de autores, reflete sobre a formação de professores, suas dificuldades, a situação de crise sócio-econômica e educacional brasileira, bem como os novos desafios e exigências da formação docente. Aqui as principais referências teóricas vêm de:

- NÓVOA, A. *Os professores e sua formação*. Lisboa, Dom Quixote 1992.
- GADOTTI, M e ROMÃO, J. (orgs) *Autonomia da escola: princípios e propostas*, São Paulo, Cortez, 1997
- DEMO, P. *Desafios modernos da educação*. Petrópolis, Vozes, 1995
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo, Cortez 2000

- JESUS, S.N. *Bem estar dos professores: estratégias para realização e desenvolvimento profissional*. Porto, 1998
- MENEZES, L.C. (org) *Universidade, escola e formação de professores*. São Paulo, Brasiliense, 1987

Finalmente, um terceiro referencial teórico se assenta na análise do mal-estar docente e de suas implicações na vida do professor. Descreve considerações relevantes para a compreender o mal-estar docente, como as crises do professor, o estresse, a feminização da educação, a imagem idealizada do professor, o ciclo degenerativo do mal-estar, enfim, retrata o cenário de causas e conseqüências do mal-estar docente.

Alguns autores referência:

CODO, W (coord) *Educação, carinho e trabalho*. Petrópolis, Vozes, 1999

ESTEVE, J.M. Mudanças sociais e função docente. In Nóvoa, A.(org): *Profissão Professor*, Portugal, Porto, 1991,p.93-124

\_\_\_\_\_ *O mal-estar docente*. Bauru, EDUSP, 1999

JESUS, S.N. *Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos?*. Lisboa, ASA, 1999

ABRAHAM, A (org) *Enseñante es también una persona*. Barcelona. Gedisa, 1986;p.21-112

LIPP, M *O stress do professor*. São Paulo, Papyrus, 2002

Witkin-Lanoil,G. *Síndrome do stress feminino: como reconhecê-la e viver com ela*. Rio de Janeiro. IMAGO, 1985

MOSQUERA,J.; STÖBAUS, C.D.; DORNELLES Jr., J: O mal estar na docência:causas e conseqüências. In: Congresso Ibero-Americano de Formação de Professores, 2000. Anais... Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, 2000.

SCHMIDT, I. T. Stress ocupacional no ambiente acadêmico universitário: estudo com os professores de um Distrito Universitário. São Paulo, 1990 . Tese ( Doutorado em Psicologia)- Instituto de Psicologia da USP.

Parte do entendimento que estamos vivendo em uma sociedade em que imperam incertezas, desordens e dúvidas de toda espécie, pano de fundo para a gestação do "novo". Na mesma direção da produção da incerteza, no mundo ocidental capitalista vivenciamos a globalização, fenômeno contraditório que afeta o sujeito e seu cotidiano de várias formas: desemprego, aumento da desigualdade entre segmentos populacionais, exclusão social e econômica de cada vez maiores parcelas da população mundial, mudanças tecnológicas aceleradas e contínuas, expansão e globalização das comunicações, acirramento da competição entre empresas, indivíduos, países, ênfase no individual em detrimento do coletivo etc. As conseqüências inevitáveis dessa orientação global são a deterioração do estado de bem-estar social e dos direitos trabalhistas conquistados em período anterior.A sociedade globalizada e informatizada imporia novas exigências aos indivíduos, entre elas, o domínio de novas habilidades e competências, processo que exclui a maioria da população.A educação inserida nesse contexto é entendida segundo critérios próprios ao mercado, o professor entendido como um insumo educacional. Nesse contexto, o modelo de escola tradicional entra em crise porque a família não cumpre mais o seu papel, a sociedade e a economia exigem papéis variáveis, daí decorrendo que a função de integração social da escola deve ser redefinida, suas funções devem ser debatidas e rediscutidas. Outro desafio relevante para o processo educativo consiste na busca do equilíbrio entre o real e o

ideal: se temos uma escola em crise, temos também um ideal de educação solidária, de qualidade, transformadora e inclusiva. Conclui que a "utopia" é essencial para transcender o presente e construir o "novo".

Quanto à formação dos professores, acredita que o desafio está em rever a formação original do docente e reinventar maneiras de capacitar o professor em exercício. Inclui-se nesse pacote a revisão do papel das universidades. Seguindo Nóvoa (1992), a autora é partidária de uma formação docente crítico-reflexiva e a educação continuada seria um dos caminhos para a reflexão dos professores em busca de novos rumos, como um espaço para mudanças nas escolas (Jesus, 1998). Não basta, entretanto, mudar o profissional, os cursos de formação, importa também transformar o contexto em que ele interage (perspectiva ecológica de mudança).

As alterações ocorridas nas últimas décadas contribuíram para a desvalorização do papel tradicional do professor. Se por um lado temos as transformações sociais, políticas, econômicas e educativas que impõem novas exigências ao professor, por outro lado, a realidade de dificuldades e desafios assusta muitos professores levando-os ao mal-estar e eles, simbolicamente, desistem da profissão. Seguindo Esteve (in Nóvoa, 1991), a chave do mal-estar estaria na desvalorização do trabalho docente e nas deficientes condições de trabalho nas salas de aula que o obrigam a uma atuação medíocre, pela qual acabaria sendo considerado responsável. "Segundo Esteve (1999), o mal-estar docente é um fenômeno social internacional (ocidental) que atinge principalmente professores e possui como agentes desencadeadores vários aspectos que vão desde a desvalorização profissional, as constantes exigências, as rápidas transformações sociais e tecnológicas, a violência, a indisciplina, entre outros aspectos, até as questões mais subjetivas referentes aos seus sentimentos perante essas exigências. Promove uma crise de identidade em que o professor passa a se questionar sobre a sua escolha profissional e o próprio sentido da profissão" (p.27).

A expressão mal-estar docente descreve os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor, resultado das condições em que exerce a docência. Passam a manifestar sentimentos negativos intensos como angústia, alienação, ansiedade e desmotivação, além de exaustão emocional, frieza perante as dificuldades dos outros, insensibilidade e postura desumanizada. Esteve (1999) classifica as causas do mal-estar docente em dois tipos: a) fatores primários (aspectos que agem diretamente sobre a ação do professor em sala de aula, gerando tensões e sentimentos negativos) e b) fatores secundários (condições de trabalho, que agem indiretamente sobre a imagem do professor). A situação de mal-estar resulta no "ciclo degenerativo da eficácia docente" (Vide diagrama p. 29). A profissão docente é hoje considerada como uma das mais estressantes, uma profissão de risco, segundo a OIT. Como a grande maioria da categoria é do sexo feminino, devem ser ressaltados, em particular, os efeitos desse estresse na saúde das mulheres, como amenorréia, tensão pré-menstrual, cefaléia, melancolia climatérica, frigidez, anorexia, bulimia, neurose de ansiedade e psicose depressiva. Refere-se também à presença da síndrome de *burnout* entre os professores. Vide Quadro 1 p. 53, importante resumo dos conceitos de *mal-estar docente*,

*estresse e burnout* , indicando autores que deles tratam, público-alvo, indicadores e manifestações.

### **Metodologia empregada**

Trata-se de um estudo de caso "com abordagem quanti-qualitativa", ou seja, aplica um questionário seguido de entrevista semi-estruturada a 5 professoras que lecionavam nas últimas séries do ensino fundamental de duas instituições escolares da rede pública, localizadas na região central de Santa Maria. Essas professoras foram selecionadas a partir do seu desejo de participar da pesquisa, manifestado espontaneamente.

Antes da aplicação do questionário e da realização da entrevista com as 5 professoras, realizou um estudo piloto com 11 professoras , todas de uma mesma escola, aplicando-lhes o questionário.

O questionário é composto pelo instrumento elaborado por Jesus(1998), "cujo objetivo é avaliar as variáveis que constituem os indicadores do mal-estar docente, sendo complementado com alguns itens das primeira e segunda partes do instrumento utilizado por Schmidt (1990) para identificar o estresse ocupacional em professores do ensino superior...." (p.56). O questionário é composto de três partes: Dados demográficos; Variáveis que indicam o bem/mal-estar docente; Composta pela adaptação dos fatores e sintomas de mal-estar, segundo Jesus(1998) e pelos indicativos de possíveis problemas de saúde de Schmidt (1990), utilizados em sua tese de doutorado.

Na 2ª. Parte, o questionário compõe-se, em sua maior parte, de questões escalonadas em 7 pontos (frequência de ocorrência ou concordância com os itens das escalas). As médias das respostas (individuais e grupal) ao conjunto de frases de cada escala são, a seguir agrupadas em fatores e comparadas com os resultados obtidos por seu idealizador, Jesus. Os fatores são os seguintes:

1. Avaliação do projeto profissional
2. Avaliação do empenhamento profissional
3. Avaliação do valor das metas profissionais
4. Avaliação da motivação intrínseca
5. Avaliação da expectativa de eficácia
6. Avaliação da expectativa de controle
7. Avaliação das atribuições causais
  - a. sucessos e fracassos na dimensão "lócus"
  - b. sucessos e fracassos na dimensão estabilidade
8. Avaliação do stress profissional
9. Avaliação da exaustão profissional
10. Avaliação das crenças irracionais
11. Avaliação das estratégias *coping*<sup>3</sup>
12. Avaliação do sucesso profissional
13. Avaliação da motivação inicial

Na 3ª. parte do questionário, pede-se aos respondentes que façam uma auto-avaliação, identificando a presença e a frequência dos fatores do mal-

---

<sup>3</sup> O conceito de *coping* tem sido traduzido pelas formas de expressão, formas de lidar com, estratégias de confronto relativas a situações de dano, ameaça ou desafio. "A palavra *coping* ainda pode ser definida como o sentido dos esforços, os comportamentos constantes, as mudanças cognitivas para lidar com as exigências internas ou externas vivenciadas pelo professor. Por isso é importante analisarmos também as estratégias de *coping* utilizadas pelos docentes, porque a intensidade do mal-estar depende da maneira como eles conduzem suas fontes"(p.115).

estar docente segundo Jesus. O respondente pode assinalar com um X todas as alternativas que desejar, agrupadas em questões e estas em fatores mais amplos, p.ex , o item 1. Sintomas, se compõe de várias questões: 1.1. Plano fisiológico; 1.2. Plano comportamental e emocional etc. Algumas alternativas do item 1.1: dores de cabeça freqüentes, fadiga crônica, perda de peso/aumento de peso etc

### **Resultados da pesquisa**

1. Os sujeitos da pesquisa ou 5 professoras (quadro completo do perfil na página 78)

- a. Caracterização demográfica : Idade entre 31 e 46 anos, 60% casadas, 60% delas não têm filhos, e as demais, têm entre 1 e 2 filhos;
- b. Disciplinas que lecionam: Ciências, Geografia, Matemática, Português e Inglês;
- c. Jornada semanal: 3 trabalham 60hs/semana; 1, 40hs e 1, 20hs; apenas 1 professora trabalha em apenas uma escola, 3 trabalham em três escolas e 1 em duas;
- d. Maior nível de escolaridade: todas fizeram Especialização (pós-graduação);
- e. Tempo de trabalho na função: variado, desde 1 até 24 anos

2. Resultados da aplicação da segunda parte do questionário (variáveis de mal-estar docente)

Após a aplicação do questionário, conclui que em apenas 3 variáveis (18,75% do total), a média coletiva das cinco professoras manifestou indicadores de bem-estar:

- Avaliação da motivação intrínseca
- Avaliação das estratégias de *coping*
- Avaliação do sucesso profissional

Em cerca de 13 variáveis (81,25% do total), a média coletiva manifestou mal-estar:

- Avaliação do projeto profissional
- Avaliação do empenho profissional
- Avaliação do valor das metas profissionais
- Avaliação da expectativa de eficácia
- Avaliação da expectativa de controle
- Avaliação das atribuições causais A e B, de sucessos e fracassos , segundo a dimensão *locus*
- Avaliação das atribuições causais C e D, de sucessos e fracassos segundo a dimensão estabilidade
- Avaliação do estresse profissional
- Avaliação da exaustão profissional
- Avaliação das crenças irracionais
- Avaliação da motivação inicial para a profissão docente

3. Resultados da aplicação da terceira parte do questionário (auto identificação de fatores de mal-estar)

Em relação ao plano fisiológico, o mal-estar das professoras se mostrou mais intenso em três fatores, a saber, baixa resistência a infecções, dor

lombar e tensão muscular. No plano emocional e comportamental, destacaram-se o cansaço, o nervosismo e a sensação de pressão constante ou de ter muito para fazer em pouco tempo. Além disso, as professoras ressaltaram que as exigências do trabalho conflitam com as responsabilidades pessoais e familiares, em função da dupla jornada de trabalho dessas mulheres e, além disso, a baixa remuneração salarial não permite realizar projetos de lazer nos períodos de folga. No tocante às relações com os alunos, a maioria mostrou-se preocupada com a indisciplina, com o desinteresse dos alunos, revelado em classe e nas avaliações; conflituosa também é a relação com os pais dos alunos, que desqualificam o professor, sendo que este também os vê da mesma forma. Para os pais, a busca de soluções deve estar na sala de aula e, para o professor, fora da escola, na família. Já, no relacionamento com os colegas, parecem prevalecer as hostilidades, muitas vezes baseadas em disputas de poder e espaço, nem sempre percebidas pelas professoras. A infra-estrutura deficiente das escolas (prédios, material), a ausência de estímulos no plano de carreira do professor estadual e a dificuldade para atualização profissional são outros fatores causador de mal-estar.

A autora conclui que o fenômeno social denominado mal-estar docente é uma realidade, ocorre de forma intensa e suas causas e conseqüências são conhecidas. Apresenta ainda um último capítulo, em que discute as utopias, os desafios da construção de caminhos para o bem-estar na Educação e apresenta sugestões. Em particular, quadro (7,p.158) com sugestões e medidas de prevenção do mal-estar docente, apresentada por dois autores de referência, utilizados na dissertação.

NORONHA, Maria Márcia Bicalho. **Condições do exercício profissional da professora e os seus possíveis efeitos sobre a saúde.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2001.

ORIENTADOR: PROFA. DRA. ADA ÁVILA ASSUNÇÃO

FORMAÇÃO DA AUTORA: PSICÓLOGA

PALAVRAS-CHAVE (INDICADAS PELA RESENHISTA): CONDIÇÕES DE TRABALHO; ERGONOMIA; SAÚDE DE PROFESSOR.

LINHA DA PESQUISA: ERGONOMIA

AUTORA DA RESENHA: CRISTIANE BATISTA ANDRADE

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

Essa pesquisa de mestrado teve por objetivo analisar as condições do exercício profissional e a saúde de professoras do ensino fundamental da cidade de Montes Claros –MG. A autora parte do pressuposto de que as exigências do trabalho docente influenciam a saúde dos professores gerando cansaço, insatisfação e perda da qualidade do ensino. Assim, a temática central está em discutir as atividades de trabalho das professoras e posteriormente, analisar os depoimentos das professoras sobre o processo de saúde.

### **Objeto de análise**

Nessa dissertação, a autora busca compreender a atividade de trabalho, em sala de aula, de professoras do ensino fundamental de uma escola pública, identificando suas relações com a saúde das professoras, no contexto de reformas educacionais em andamento.

Segundo a autora, a pesquisa foi realizada com professoras do ensino fundamental, tendo verificado as atividades em sala de aula, com ênfase nos aspectos físicos, cognitivos e afetivos do trabalho. Para isso, utiliza as contribuições da análise ergonômica do trabalho, em especial as relações entre o trabalho prescrito e o real. Dessa maneira, ao olhar a atividade docente, é preciso entender o que a professora faz e o modo como faz.

### **Metodologia utilizada**

Para Noronha, de acordo com a análise ergonômica do trabalho, a fase inicial da pesquisa consistiu em buscar os problemas a serem estudados, explorando o funcionamento do local de trabalho e das atividades das professoras; em seguida, foram verificadas as hipóteses e o pré-diagnóstico.

Posteriormente, a autora esclarece que foi importante a observação sistematizada, através de entrevistas e conversas informais, tendo por finalidade buscar um diagnóstico das atividades de trabalho. Finalmente, esses resultados são socializados com os trabalhadores envolvidos e demais interessados.

Para a realização da pesquisa, apresentou seu projeto de estudo à direção da escola, em seguida, o mesmo foi apresentado à coordenadora e aos professores do ensino fundamental. Assim, iniciou-se o trabalho de campo, com visitas, observações e conversas informais.

A fase inicial permitiu estabelecer os objetivos e aprimorar os caminhos metodológicos, ao buscar conhecer as condições reais do exercício profissional, a insatisfação das professoras, seus determinantes e os seus efeitos possíveis, verificando se existiria uma articulação entre os motivos do cansaço e da insatisfação das professoras e as condições reais do trabalho.

Foi realizada a observação do trabalho de uma professora, totalizando nove horas, o que permitiu sistematizar variáveis de observação das atividades, como o tempo, conteúdo, método de trabalho, intervenções com os alunos e interrupções no trabalho, conteúdo ensinado, formas de comunicações e posturas adotadas pela professora. Foram observadas as atividades de nove professoras, totalizando 27 horas e 45 minutos. Após a observação de trabalho, as professoras foram entrevistadas. Uma docente trabalha no primeiro ano do fundamental, as outras no ciclo intermediário (3º, 4º e 5º anos). Também foram feitas entrevistas com a coordenadora e supervisora pedagógica, sendo transcritas posteriormente.

Para organizar e analisar os dados observados, a autora categorizou as informações da seguinte forma: interrupção externa, repreensão verbal, repreensão com deslocamento, conteúdo individual e coletivo. A primeira trata de interrupção da atividade quando alguém chega à sala de aula. A repreensão verbal consiste em chamar a atenção do aluno com "*palavras enérgicas*". Já a repreensão com deslocamento, diz respeito ao movimento da professora de ir ao encontro do aluno, dirigindo-se a ele. O conteúdo designa a atenção desprendida ao aluno, quer seja no plano individual ou coletivo.

### **Referencial teórico**

No início do trabalho, Noronha apresenta uma discussão sobre o trabalho do professor e sua interface com a reestruturação produtiva, considerando as contribuições de Therrien (THERRIEN, J. LOIOLA, F. A. Experiência e competência no ensino: pistas e reflexões sobre a natureza do saber-ensinar na perspectiva da ergonomia do trabalho docente. *Revista Ed. e Sociedade*, ano XXII, n.74, p.143-160, abril, 2001), Oliveira (OLIVEIRA, D.A *Educação básica: gestão do trabalho e da pobreza*. Petrópolis: Vozes, 2000), Fogaça (FOGAÇA, A *Educação e qualificação profissional nos anos 90: o discurso e o fato*. In OLIVEIRA, Dalila (Org) *Política e trabalho na escola: administração dos sistemas públicos de educação básica*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999) e Perrenoud (PERRENOUD, *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000). Além disso, a autora se preocupa em recuperar análises das reformas educacionais e as políticas de formação de professores nas últimas décadas, considerando as contribuições de Santos (2000).

Para a autora, diante desse contexto de reestruturação do capital, há sobrecarga de trabalho, a culpabilização dos docentes sobre os fracassos da educação básica, além de perceber que o processo de avaliação docente está envolvido pela maior eficiência, eficácia e produtividade. Também analisa a inserção do voluntariado e da participação comunitária na escola, já que a descentralização das decisões vem atribuindo à escola, ao professor e à comunidade a responsabilidade da educação básica.

Ao mencionar as reformas educacionais, a autora percebe o discurso da empregabilidade relacionado à formação de trabalhadores para atender a demanda do mercado e, portanto a exigência de um trabalhador flexível e

polivalente. Em seguida, analisa as exigências da formação que contemple o mercado de trabalho, mas também relata que os professores vivenciam a intensificação do trabalho, expressa pela exigência de cursos profissionalizantes na área de educação, previstos pela Lei de Diretrizes e Bases de 1996.

A seguir, mostra as contribuições do estudo do trabalho docente, de maneira bem sucinta, desde a década de 60 até os dias atuais. Dentre os destaques está a interpretação de que ao analisar o trabalho docente, é imprescindível olhar o professor como "*sujeito como construção histórica*".

Noronha também destaca Novaes (NOVAES, M. E. *Professora primária, mestre ou tia*. São Paulo: Cortez, 1984) sobre o processo de feminização do magistério no trabalho docente.

A autora cita Souza (1996) para argumentar sobre a importância das análises sobre a organização do trabalho e a construção das subjetividades, revelando que, a despeito das precárias condições de trabalho, professores ressignificam o trabalho. Uma outra abordagem trazida pela autora é sobre os estudos de história de vida e autobiografia de professores, para investigar as escolhas profissionais (SOUZA, Aparecida Neri. *Sou professor. Sim Senhor!* Campinas, Papirus, 1996)

### **Resultados da pesquisa**

A escola onde foi feita a pesquisa é mantida pelo poder público municipal e atende aproximadamente 2.287 alunos, do ensino fundamental (primeiro ao oitavo ano) de camadas populares. Há dois prédios centrais na escola. O primeiro possui salas amplas, sala de professores, cantina, refeitório amplo. No entanto o prédio mais antigo tem precárias condições físicas, é pouco espaçoso e não há cantina. O quadro de funcionários consta com 156 pessoas, dentre as quais, 21 são da área administrativa, 95 professores, 26 trabalhadores de serviços gerais, quatro vice-diretores, uma coordenadora e uma diretora.

Nos resultados da pesquisa, Noronha apresenta os diários de campo, com a descrição das atividades das nove professoras. É uma parte rica em dados e situações a serem explorados, no entanto, não há seleção das cenas ou temas a serem analisados e discutidos teoricamente.

As observações da autora permitiram verificar que as professoras desprendem grande parte do trabalho no controle da disciplina dos alunos, pois dizem ter que controlar o tumulto gerado pela indisciplina. Com isso, há sentimentos de frustração e cansaço. No entanto algumas professoras dizem "amar" o trabalho de professor.

Outro questionamento das professoras, está no planejamento das atividades com a supervisora pedagógica, que por vezes "*cercear-lhes a liberdade no trabalho*". Também os prazos no trabalho e as exigências nas metas de projetos foram verbalizados pelas docentes.

O envolvimento com os alunos, no sentido de ajudá-los em suas dificuldades, quer sejam cognitivas ou familiares, foram expressas como inerentes ao trabalho, mas também relacionado ao desprendimento de tempo com exigências de funções que vão além do trabalho do professor.

Outra dimensão verbalizada pelas professoras é a exigência, cada vez mais presente, da qualificação profissional. As professoras se responsabilizam pelo exercício de cursos profissionalizantes e de aprimoramento,

vivenciando a contradição dos cuidados com a família e o trabalho educativo.

Sobre o volume de trabalho, Noronha diz que o mesmo se expressa na superposição de tarefas, como educar e disciplinar, ensinar coletivamente e acompanhar individualmente. Tudo isso intensificado pelo número de alunos por turma, e pelo excesso de controles externos, gerando mais trabalho.

Já as queixas sobre as condições de trabalho perpassam pela falta de material didático, número excessivo de crianças por turma, espaço pequeno, calor, ruídos e barulhos, iluminação insuficiente, excesso de horas trabalhadas, carteiras baixas.

Os depoimentos sobre as condições de saúde estão relacionados ao cansaço, desgaste mental, problemas vocais, estresse e cefaléia. O fato das professoras permanecerem durante um longo período em pé acarreta cansaço e dores. A irritação também esteve presente nas falas das professoras. Elas acreditam que a indisciplina dos alunos sobrecarrega o trabalho, já que inúmeras vezes ele é interrompido para amenizar os conflitos das crianças.

Há um item sobre as estratégias elaboradas para lidar no trabalho. Aqui a autora sinaliza que as professoras criam e elaboram estratégias no processo de ensino-aprendizagem, não seguindo o planejamento prescrito e despendendo no final de semana as atividades de lazer. Com relação à indisciplina, há momentos que as professoras a ignoram.

NUNES, Marilene. **Trabalho docente e sofrimento psíquico: proletarianização e gênero.** Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, USP. São Paulo, 1999.

ORIENTADOR DR. PEDRO R. JACOBI

LINHA DE PESQUISA: SOCIOLOGIA/PSICOLOGIA (*BURNOUT*/SÍNDROME DA DESISTÊNCIA DO TRABALHO)

FORMAÇÃO DO AUTOR: PEDAGOGIA

PALAVRAS-CHAVE: TRABALHO (ORGANIZAÇÃO), DOENÇAS PROFISSIONAIS, ESCOLA PÚBLICA, ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR, PSICOPATOLOGIA.

AUTORA DA RESENHA: MARIA HELENA ROCHA ANTUNIASSI

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

O estudo trata das relações econômicas e políticas que envolvem o trabalho docente, mostrando a força de trabalho das professoras do ensino fundamental das escolas públicas inserida nas relações sociais da forma valor/trabalho, isto é, como força de trabalho proletarianizada.

Explica o processo de proletarianização de uma categoria profissional, constituída por mulheres, pertencente ao setor de serviços público, associando a forma valor/trabalho às formas patriarcalistas de poder entre os sexos, inclusive desmistificando o trabalho realizado no setor serviços como trabalho improdutivo. Baseia-se nas teses de J. Bernardo principalmente defendidas na obra *Marx Crítico de Marx* (1977, v.3) para criticar as conclusões teóricas da Economia Política da Educação.

Parte do pressuposto de que a compreensão dos problemas que envolvem os fenômenos educacionais fica inviabilizada sem o entendimento de como se processam as relações sociais na escola pública e a articulação desta com o processo global da produção. Deste modo, critica a Economia Política da Educação por não ter colocado em pauta questões que esta realidade exige como:

- Como é construído o sujeito do trabalhador docente na escola?
- A que mecanismos tecnológicos de controle e poder esta sujeita a sua força de trabalho?
- Que estratégias de resistências decorrem dessas relações de poder e como atingem a organização escolar?
- Que saberes e poderes são produzidos nesse processo?

### **Objeto de análise**

O objeto de análise são as relações econômicas e políticas que envolvem o trabalho docente isto é, as práticas sociais do professor enquanto trabalhador.

Associando as variáveis proletarianização e gênero ao sofrimento psíquico da categoria docente, mostra que o controle no trabalho docente está vinculado a um conjunto de regras prescritas nas formas operativas do trabalho realizado. Como estas formas tem origem na vontade de outros e não de quem realiza o trabalho, as tensões geradas levam ao desgaste físico e psíquico da força de trabalho docente.

O sofrimento psíquico é constatado através da análise empírica do comportamento das professoras tendo em vista as prescrições e as condições de efetivação do trabalho pedagógico.

Ao discutir o papel do Estado como normatizador e da escola como reguladora dos comportamentos no trabalho docente, faz uma crítica a nova LDB que deixa o gênero como uma categoria invisível na legislação do ensino, embora já esteja amplamente constatada que a Educação no sentido mais amplo, formal ou não formal, é atividade marcadamente desempenhada por mulheres, tanto no âmbito privado (família) como no público (trabalho), e enfatiza a relação entre as variáveis proletarização e feminização do magistério.

### **Metodologia utilizada**

A autora faz uma revisão bibliográfica relativa ao desgaste físico e psíquico da força de trabalho, tendo como pano de fundo o conceito de saúde da OMS. Analisa os dados de Reinhold H.H. (1984) (Stress ocupacional do professor. In LIPP, M (org) *Pesquisas sobre o stress no Brasil. Saúde, ocupações e grupo de risco*. Campinas, 1996) e utiliza os dados desta obra para auxiliar na resposta às suas questões e validação de seus questionamentos.

Quais são as prescrições exigidas para a realização do trabalho docente e quais as suas estratégias institucionais de controle e disciplinamento no âmbito da escola?

De que forma o disciplinamento induz o sofrimento e que tipo de sofrimento se evidencia no trabalho docente?

De que forma as trabalhadoras docentes reagem aos mecanismos e estratégias do disciplinamento na realização do seu trabalho?

Que mecanismos são utilizados pelas trabalhadoras para amenizar o sofrimento decorrente do controle disciplinar, e que contra-controles são por elas criados?

Para responder a essas questões realiza uma pesquisa empírica na cidade de Marília Estado de São Paulo em 20 escolas num total de 32 que compõem a rede pública estadual do município. A escolha se baseou no interesse da escola de participar da pesquisa. Nessas escolas foram selecionadas 240 professoras das séries iniciais do ensino fundamental (1ª. a 4ª. ) 12 por escola. Os dados foram levantados utilizando a técnica denominada "observação com registro discursivo", após constatação de que apenas a aplicação de um questionário não respondia as necessidades do estudo. Os dados foram levantados pelos estudantes da disciplina de Didática do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP/campus de Marília.

### **Referencial teórico**

A autora toma por base o modelo epistemológico de Bachelard (Bachelard G. *A formação do espírito científico*. Brasil:Contraponto,1996) para criticar o marxismo ortodoxo e referendar as teses de João Bernardo (1977) e Michel Foucault (Foucault M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro:Editora Graal, 1998) sobre a complexidade das relações sociais de trabalho e poder nas organizações.

Utiliza os argumentos de J.Bernardo (1977) para demonstrar que as contradições epistemológicas subjacentes a obra O Capital repercutem sem solução na Economia Política da Educação, tornando inexequível um modelo teórico de abordagem dos fenômenos educacionais na ótica da prática social docente. Com base nas teses de Foucault procura demonstrar como operam os mecanismos de controle da atividade docente e como a forma

valor/trabalho as recupera para o capital, construindo um novo saber sobre a prática social docente e pedagógica, que sustentam as novas teorias de administração escolar e pedagógica.

A partir desses autores, sugere que a análise do processo de trabalho docente tenha como referencial teórico a crítica ao patriarcalismo associada à forma valor/trabalho, tendo em vista, que é a análise conjunta dessas duas dimensões que poderá dar conta da compreensão do fenômeno sofrimento psíquico relacionado a proletarização e gênero.

### **Resultados da pesquisa**

Tendo por base o referencial teórico e os argumentos levantados a partir do levantamento bibliográfico, a autora, analisando os dados empíricos, chega a uma série de conclusões que podem ser resumidas da seguinte forma:

O controle no trabalho pedagógico é relacional na medida em que o contato entre professora e aluno é mediado pela prescrição e pelas regras disciplinares. Esta prática é controlada pelo staff da escola o que leva o processo ensino-aprendizagem a se constituir em uma complexa composição de controle. Deste modo, o trabalho pedagógico no cotidiano da sala de aula apresenta duas facetas: *o trabalho prescrito e o trabalho real*. Concordando com Dejours (1997) conclui que na prática, esses dois tipos de trabalhos não estão em correspondência direta, o que possibilita a existência de espaços para o desenvolvimento das capacidades inventivas dos trabalhadores ante as prescrições.

Na escola, esses espaços permitem as professoras produzir contra-controles fraudando a prescrição e a disciplina exigidas pelo modo operatório de seu trabalho. Assim sendo, "quanto mais estruturado e eficaz for o controle institucional na escola, sobre o modo operatório da força de trabalho, menos espaços existirão para o exercício da capacidade criativa e inovadora da prática pedagógica", o que deverá gerar maior sofrimento psíquico.

Considerando que o comportamento humano é de difícil controle e por isso raramente se enquadra no padrão prescritivo, constata que as resistências dos alunos às prescrições, no processo de trabalho docente, geram grande parte do desconforto e sofrimento a que são submetidas as professoras.

O sofrimento psíquico da trabalhadora docente, principalmente nos primeiros anos do ensino fundamental é perfeitamente perceptível embora seja de difícil medição. Entretanto, torna-se fácil detectar a sua existência na medida em que as professoras, no cotidiano, reagem de forma hostil aos comportamentos aversivos dos alunos diante do modelo prescritivo do processo ensino-aprendizagem.

No processo ensino aprendizagem o contato intermitente com estímulos aversivos advindos dos comportamentos dos alunos e do controle institucional sobre o trabalho docente, expõe as professoras a um conflito permanente que resulta em sofrimento e desamparo. A autora considera que o modelo disciplinar como tecnologia de controle social da força de trabalho cria o *burnout*, uma depressão adquirida nas relações sociais de controle do trabalho. Baseando-se na tese de Seligman considera que o burnout em professores é uma depressão reativa que lhes causa grande sofrimento..na medida que elas perdem o controle sobre o trabalho, inclusive sobre os reforçadores de gratificação da atividade profissional. Deste modo, conclui que o aparecimento dos sintomas do burnout em professores, a partir do desamparo aprendido, tem origem nas estratégias disciplinares exigidas pela forma valor/trabalho. O modelo disciplinar

gerando pressão institucional para que as professoras cumpram as normas, desencadeiam conflitos e conseqüentemente sofrimento que pode resultar na geração de indivíduos conformados e dóceis pela destruição de suas vontades e controle sobre suas próprias ações. Entretanto, observa em algumas professoras comportamentos estratégicos e específicos com o objetivo de aliviar o sofrimento como por exemplo: a) reduzir o tempo de trabalho docente. b) Começar a aula mais tarde e terminar mais cedo. b) envolver-se com outras atividades durante a aula c) abandonar a sala de aula com freqüência e d) faltar ao trabalho (absenteísmo) e) não cumprir o plano de ensino burlando o controle prescrito f) sobrecarregar os alunos com tarefas, simplesmente para os manter ocupados. Ressalta que todas essas estratégias observadas atingem diretamente os aspectos trabalho e controle

Suas considerações finais vão no sentido de mostrar que os problemas decorrentes das depressões reativas não podem ser resolvidos por meio de terapias individuais, as propostas de soluções devem passar por estudos mais abrangentes e aprofundados sobre as relações sociais de poder que subjazem às organizações escolares. Ressalta que o trabalho docente organizado e vigiado, impede que as propostas progressistas de solução da problemática em questão sejam viabilizadas e dinamizadas de maneira efetiva. Portanto, é imprescindível que as professoras recuperem a autonomia de trabalho pela eliminação do poder disciplinar, tornando a instituição autônoma livre da excessiva normatização estatal para que possa se constituir numa instituição autogerida pelos professores.

OLIVEIRA, Débora Lopes. **Processo de trabalho e saúde na escola: um estudo de caso com professores do ensino fundamental da escola municipal General Mourão Filho em Duque de Caxias**. Dissertação de mestrado. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 2001.

ORIENTADOR: MARIA HELENA BARROS DE OLIVEIRA

FORMAÇÃO DO AUTOR: SERVIÇO SOCIAL

PALAVRAS-CHAVE (INDICADAS PELA RESENHISTA): AMBIENTE DE TRABALHO, CONDIÇÕES DE TRABALHO, SAÚDE OCUPACIONAL, ERGONOMIA

LINHA DA PESQUISA: SAÚDE OCUPACIONAL

AUTORA DA RESENHA: SELMA BORGHI VENCO

### **Tema, subtemas, problemas de investigação, hipóteses de pesquisa**

A pesquisa tem como objetivo identificar os problemas de saúde mais recorrentes entre os professores afastados de uma escola municipal em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, na perspectiva que esses estabelecem estreita relação com o processo de trabalho escolar. A intenção é, ainda, analisar o grau de consciência desses profissionais acerca dos riscos à saúde provenientes da condição de trabalho.

### **Objeto de análise**

O objeto de análise da pesquisa concentra-se nos professores do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de Duque de Caxias

### **Metodologia utilizada**

Foi desenvolvido um estudo de caso focalizado em uma escola da rede municipal de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, junto aos professores do ensino fundamental. O acesso à escola foi facilitado por ter sido a autora da dissertação professora no módulo de Educação de Jovens e Adultos há 6 anos.

A autora indica o emprego da *observação participante*, baseando-se em Maria Cecília Minayo (MINAYO, M.C. (org.) *Pesquisa qualitativa em ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1994), que compreende essa técnica como capaz de apreender variadas situações, impossíveis de serem captadas por meio de perguntas, posto que o pesquisador se insere no cotidiano, no caso, escolar.

Paralelamente foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os professores da escola selecionada, indicando que tal técnica é um precioso instrumento de informações, pois são relatos dos sujeitos-objeto, os quais vivenciam a realidade a ser analisada (2001, p.9).

A despeito de não ter sido citado nos procedimentos metodológicos, há anexo à dissertação um questionário, cujas respostas são quantificadas e apresentadas em capítulo específico para caracterizar o perfil profissional dos professores, as condições de trabalho, entre outros aspectos que serão detalhados em item específico.

A metodologia empregada é pouco mais detalhada no capítulo 4 *Apresentação e discussão dos dados*, esclarecendo que foram realizadas entrevistas pessoais, após o preenchimento do questionário, mediante autorização dos mesmos.

As questões contidas no questionário foram totalizadas e apresentadas por meio de diversas tabelas mas, as entrevistas semi-estruturadas surgem pontualmente ao longo de um dos capítulos do trabalho. O uso mais amplo da abordagem qualitativa nessa pesquisa, teria trazido maior riqueza à articulação entre as condições de trabalho e à saúde dos profissionais.

A estruturação do trabalho compromete o aprofundamento da análise, tendo em vista que trabalha de forma estanque aspectos intrinsecamente relacionados. Ou seja, é tratada a organização do trabalho, em seguida a saúde do trabalhador e por fim a análise dos dados coletados. Tais abordagens indicando a estreita relação que estabelecem entre si, trariam, certamente, uma visão melhor e mais abrangente do problema analisado. O estabelecimento de relações entre as partes que compõem o estudo fica a cargo do leitor.

### **Referencial teórico**

A categoria analítica *trabalho* é abordada a partir do conceito de Karl Marx, enfatizando a transformação da natureza pelo homem e, nesse movimento, sua própria modificação. Para a autora, o homem que executa um trabalho criativo com ele se identifica e dele orgulha-se.

Apóia-se, nesse aspecto, pontualmente, em Wanderley Codo (CODO, W. *Indivíduo, trabalho e sofrimento: Uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1993) que analisa a "magia do trabalho" (Oliveira, 2001, p.12), ressaltando que o trabalho fragmentado e alienado, suprime a perspectiva criativa do trabalho, sendo essa dimensão que, para a autora, importa para a análise do trabalho docente.

A autora deixa de desenvolver, no entanto, como a categoria trabalho é sustentada por Codo (op.cit. 1993) que compartilha a concepção que o trabalho é central na determinação do comportamento dos indivíduos. Na perspectiva desse autor, o trabalho, no atual estágio do capitalismo, produz essencialmente valor de troca, dificultando reconhecer-se a si mesmo no processo produtivo.

Assim, a presente pesquisa indica que as alterações nas relações de trabalho implicam em alterações nas relações sociais, criando uma divisão não apenas sócio-técnica mas, também, a divisão da sociedade em classes (p.14). Essa análise não é, contudo, recuperada de forma articulada ao objeto da pesquisa.

Indica a presença da lógica do lucro por meio da extração da mais-valia, ficando os trabalhadores alienados de sua capacidade criadora e passam a desempenhar uma função automática no trabalho e, conseqüentemente, alheia e sem significado: "é um trabalho forçado, que não tem relação com o prazer, escravizante, por não possibilitar a liberdade de ação e pensamento" (p.15). Nessa concepção o homem se torna uma mercadoria e, portanto, as relações entre as pessoas deixam de ser humanas e sim tratadas como "relação entre coisas" (Martinelli, 1993 apud Oliveira, 2001, p.15).

A escola é, conseqüentemente, abordada como uma organização social e como local de trabalho e, assim, concentra conflitos e contradições e deve ser analisada a partir de sua inserção na estrutura social, a qual é envolvida nas relações sociais típicas do capitalismo.

Não obstante a escola é compreendida, no estudo, como uma "prestadora de serviços" equiparada ao comércio, abordando os alunos como *clientes*, indicando uma relação comercial nesse trabalho, agravada, ainda, pelo fato

da dissertação analisar uma escola pública e, portanto, em princípio, destituída de valores mercantis: "a escola pode ser analisada enquanto uma organização de trabalho prestadora de serviços, assim, como os serviços de saúde e comércio. A escola presta o serviço de educar e seus clientes são os alunos: crianças, adolescentes, jovens e adultos. Existe, portanto, uma relação direta entre a instituição e seus clientes" (p. 20).

Essa relação, que na nossa compreensão sugere uma relação comercial, impõe, segundo a autora, níveis de exigência próximos aos praticados nas empresas que adotam sistemas de "qualidade total" e, segundo a autora, a responsabilidade por essa característica depende exclusivamente do trabalhador, pois é "ele quem responde pela qualidade do serviço prestado" (p. 20).

Reconhece a apropriação da escola pelo capital como instrumento de acumulação mas, pondera que o "saber-fazer" do professor está em suas próprias mãos, lhes possibilitando o controle sobre seu trabalho. Na perspectiva desenvolvida por Oliveira, o professor determina "ritmo e a intensidade das aulas" (Oliveira, 2001, p.21) e distingue-se do trabalho fragmentado, pois esse profissional possui controle do processo de trabalho. Deixa de apontar o ideário neoliberal que imputa a responsabilização do sucesso e do fracasso do trabalho apenas aos indivíduos, eximindo os demais participantes, no caso o poder municipal, sobre a construção de políticas públicas tanto educacionais como de valorização do ensino e dos profissionais que nele atuam.

A autora apoiada em Codo (CODO, W. *Educação, carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999) indica que essa ocupação não foi atingida pelo taylorismo, ressaltando que é inconcebível comparar o trabalho de um professor ao praticado em uma linha de produção. Caso o fosse, segundo a análise tecida, deveríamos supor que um professor prepara as aulas, o outro as transmite, outro avalia os trabalhos e assim sucessivamente. Não dialoga, no entanto, com colocações de outros autores contrários a esse posicionamento teórico, que indicam a taylorização no ensino a exemplo Novaes (1984) que relaciona tal alteração na profissão à desvalorização da profissão, acompanhando o movimento mais geral de feminização das profissões de baixo valor social.

A autora ressalta que o trabalho sendo realizado durante um ciclo longo, de um ano, permite organizar suas atividades de planejamento e execução das diversas tarefas que compõem sua ocupação. Para ela, é manifesto um dinamismo nessa profissão, proporcionado pela diversidade de situações a serem enfrentadas no cotidiano, além da relação individual que é estabelecida entre professor e aluno.

Não se constituem, nessa dissertação, como ferramentas de trabalho o quadro, o giz, o material didático e sim a "a criatividade, a empatia, o empenho, a garra e o amor pelo que faz" (p.24). Da mesma forma, a autora ressalta a importância do vínculo afetivo como um elemento imprescindível no desenvolvimento do trabalho do professor.

Apoiada em Codo (op.cit, 1999) irá defender que tal perspectiva pode ser fonte de prazer no trabalho, pois vislumbra o benefício que causou a outra pessoa e a si mesma.

A recuperação das transformações da educação no Brasil foi considerada um referencial importante na compreensão das condições de trabalho do professor. A autora adota três marcos temporais para caracterizar a educação no Brasil, quais sejam: até 1930, considerada como tradicional,

religiosa e privada; de 30 a 64, sofre influência de idéias liberais, com foco na criança e em métodos alternativos aos praticados no período anterior; e, pós 64, educação autoritária com predomínio do tecnicismo. A expansão do ensino foi marcada pela deterioração do ensino, ampliaram-se os níveis de evasão e retenção. Em 1995 a educação é anunciada como prioridade nacional e é promulgada a nova Lei de Diretrizes e Bases, bem como um Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério, que altera a estrutura do financiamento do ensino fundamental e seus recursos empregados apenas no desenvolvimento, manutenção e valorização dos professores dessa modalidade de ensino.

A saúde do trabalhador é apontada pela autora, apoiada em Lacaz (1997) como um campo novo de pesquisa e, ainda, em construção. Este passa a compreender o trabalho como um elemento importante na causa e no processo de adoecimento. Nessa concepção a saúde é compreendida para além de um processo biopsíquico e sim como um *processo social*. Assim, se propõe a rediscutir as condições de vida e saúde dos trabalhadores, elegendo o grau de autonomia nos processos de trabalho e as relações nele estabelecidas, como um elemento fundamental e determinante na qualidade de vida das pessoas.

Na perspectiva abordada, o processo de trabalho assume um caráter contraditório e conforma um campo de disputa entre capital e trabalho e, portanto, sustentando sua análise em Laurell e Noriega (LAURELL, A. C. e NORIEGA, M.. *Processo de Produção e Saúde: Trabalho e Desgaste Operário*. São Paulo: Hucitec, 1989) irá concluir que o trabalho é elemento indispensável na compreensão da saúde.

O referencial da ergonomia também foi empregado na dissertação, o qual visa compreender o homem e seu trabalho, englobando características físicas, biológicas, psicológicas e sociais (p.61). A presente pesquisa não realiza um estudo ergonômico do espaço escolar mas, destaca, a partir dessa perspectiva, os aspectos desfavoráveis nessa profissão que podem causar danos à saúde.

Sobre as condições físicas tais como a iluminação do ambiente e o ruído, foram, na pesquisa, compreendidas a partir de Iida (1990) destacadamente os aspectos que trazem desconforto físico no momento do trabalho. A análise poderia ter sido ampliada trazendo autores que analisam o ambiente de trabalho para além destes aspectos, a exemplo de Michel Gollac e Serge Volkoff, que abordam as relações de poder, as hierárquicas, a organização do trabalho, como elementos importantes para a saúde ocupacional.

A pesquisa relativiza a presença feminina na profissão, apontando que esse fato ocorre em determinados segmentos da educação, em especial, nas séries iniciais do ensino fundamental. Faltam, no entanto, dados mais gerais sobre a educação para tecer informações dessa natureza. Apoiada, novamente em Codo (op.cit., 1999), diz que é difícil afirmar que haja uma feminização da profissão no Ensino Médio. No próprio estudo de caso, cuja escola possui uma concentração maior de alunos entre a 5ª e 8ª séries, a distribuição entre os sexos é equilibrada mas, pendendo para maior predominância do sexo feminino.

As relações sociais de sexo não foram privilegiadas para análise nessa dissertação.

## **Resultados da pesquisa**

Um dos principais resultados da pesquisa é apontar a autonomia do professor no trabalho, destacando a liberdade que possui para planejar suas atividades, os métodos empregados e determinar o ritmo do seu trabalho.

A profissão é reconhecida entre esses profissionais como sendo de grande valor social para a sociedade, e se auto-atribuem uma função importante, qual seja a construção da cidadania entre os alunos e a transformação social, por meio da educação. Porém, tais aspectos não foram explorados na pesquisa empírica ou teórica, assim como a percepção dos mesmos sobre as condições de sua profissão, o reconhecimento social, traduzido em melhores condições salariais e de trabalho.

Sobre o perfil dos professores da escola analisada, a pesquisa conclui que, concentradamente, os mesmos possuem idade entre 31 e 40 anos, residem em outro município, praticamente a totalidade possui curso superior completo e 8 em cada 10 professores têm uma remuneração equivalente a R\$ 693,00 mensais.

No que se refere à jornada de trabalho, quase a metade dos professores entrevistados declararam trabalhar mais de 10 horas diárias. Contrariando as determinações do FUNDEF que prevê jornada semanal de até 40 horas, 37% dos entrevistados trabalham mais de 41 horas semanais. 80% trabalham em outras escolas para complementarem a renda. E, ainda, 70% dos entrevistados declaram que realizam tarefas da escola em casa, tempo não contabilizado nas 8 ou mais horas diárias.

A pesquisa aponta que o "o correto seria que cada professor se dedicasse a um turno da escola e trabalhasse três vezes por semana, cinco tempos por dia" (p. 92). Porém, não fundamenta a proposição, deixando de explicar teoricamente as razões, aparentemente benéficas, de concentração de trabalho em três dias na semana

A jornada de trabalho impossibilita a participação em cursos de aperfeiçoamento e especialização e indica que "a intensificação e extensão da jornada de trabalho, pode estar ligada ao processo de desvalorização do papel do professor" (p. 117)

A grande maioria (90%) dos entrevistados afirma que a quantidade de alunos por turma é excessiva, entre 40 e 50 alunos. Esse fator aumenta o desgaste da saúde desses profissionais e compromete a qualidade do trabalho, posto que a atenção mais particularizada aos estudantes é prejudicada.

Entre os entrevistados 83% reconheceram que o trabalho docente oferece riscos à saúde, notadamente, à voz, à coluna, induz a problemas vasculares, alergias respiratórias e estresse. Apontam como solução para contornar tais problemas a reorganização da escola; mais tempo para elaborar o trabalho; redução da carga horária; redução de alunos por turma e a substituição do quadro negro pelo branco, eliminando o giz e, conseqüentemente, os níveis de resíduo no ambiente.

Os resíduos na sala de aula são apontados como o principal problema na sala de aula, seguidos da temperatura e da acústica (todos relacionados ao ambiente); se deslocam muito pela sala e permanecem em pé a maior parte do tempo.

A voz é o principal problema indicado pelos professores de trinta entrevistados, 17 a indicaram em primeiro lugar, seguido de problemas respiratórios (10) e em terceiro aos relacionados à tensão (9). No entanto, apenas 23% declararam ter se afastado do trabalho por mais de 3 dias por

algumas dessas razões. Por outro lado, 70% afirmaram ter algum problema de saúde relacionado ao trabalho (21 pessoas).

A falta de uma acústica adequada na sala de aula, obriga os professores a aumentarem o tom da voz, exigindo, conseqüentemente, maior esforço das cordas vocais.

Sobre a política de valorização do magistério, mais da metade dos entrevistados afirmou que houve um impacto positivo nos salários após o FUNDEF, bem como na estrutura física da escola e da qualidade do material didático. Mas, no entanto, a quase totalidade dos entrevistados (93%) considera que deva haver reajustes salariais.

Se, por um lado, a pesquisa aponta para a possibilidade do exercício da criatividade no trabalho docente, indicam que as condições físicas do ambiente afetam diretamente o resultado do trabalho.

OLIVEIRA, Iára Bittante de. **Desempenho vocal do professor: avaliação multidimensional.** Tese de Doutorado em Ciências (Psicologia). Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 1999.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. SOLANGE MUGLIA WECHSLER

INSTITUIÇÃO: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

ÁREA OU CURSO DE FORMAÇÃO DA AUTORA: FONOAUDIOLOGIA (A AUTORA TRABALHA COMO FONOAUDIÓLOGA CLÍNICA)

LINHAS DE PESQUISA: FONOAUDIOLOGIA E EDUCAÇÃO

PALAVRAS-CHAVE: VOZ, VOZ PROFISSIONAL, DISFONIAS EM PROFESSORES

AUTORA DA RESENHA: ALICE BEATRIZ DA SILVA GORDO LANG

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

Avaliação multidimensional de variáveis influentes no desempenho vocal do professor do ensino fundamental, considerando a importância da voz no trabalho docente e observando que o professor é um dos profissionais de maior risco para o desenvolvimento de distúrbios vocais. Sem preparo prévio e orientação quanto aos cuidados com a voz, o professor tende a cometer abusos e mau uso vocal, condições para o desenvolvimento de disfonias funcionais ou orgânicas.

Afirma que a voz é individualizada; destaca seu papel na comunicação, vendo-a como instrumento primordial para expressar emoções.

Há profissionais que tem na voz seu instrumento de trabalho. Professores recorrem necessariamente à voz e são susceptíveis de desenvolver disfunções que podem implicar em pior desempenho, por falta de preparo adequado.

Busca compreender melhor a dinâmica bio-psico-social das disfunções vocais do professor e conhecer a multifatorialidade causal que leva o professor a pertencer ao grupo de risco das disfunções profissionais.

Disfonia é entendida como um distúrbio da comunicação no qual a voz não consegue cumprir seu papel de transmissão da mensagem verbal e emocional de um indivíduo, enquanto eufonia refere-se à voz produzida sem exigências de esforços do aparelho fonador, de boa qualidade, transmitindo ao ouvinte uma sensação de agradabilidade.

Com base na literatura especializada, discorre inicialmente sobre a questão da voz profissional e das disfonias. Procede a uma descrição da anatomia do aparelho fonador, apontando as lesões orgânicas que podem decorrer da disfunção, como formação de nódulos, pólipos e edemas.

### **Objeto de análise**

A amostra foi constituída por 42 professores da rede de ensino fundamental de Campinas, com carga horária de trabalho de 20 horas semanais ou mais, sem relato de diagnóstico de patologia vocal, mas com uma queixa mínima de três sintomas vocais.

### **Metodologia utilizada**

Foram escolhidas escolas da rede particular e da rede pública, estas com localização diversificada, no centro e na periferia. Uma hipótese foi a de que professores da rede pública seriam mais afetados por disfunções.

Descreve os procedimentos e a negociação para chegar aos professores que se dispuseram a participar da pesquisa. A coleta de dados se realizou em três etapas, utilizando quatro instrumentos:

*Primeira etapa:* Preenchimento do Questionário sobre Sintomas Vocais: o questionário, composto por itens de identificação e 8 questões, visava excluir sujeitos com patologias vocais diagnosticadas, identificar sintomas vocais sensoriais e auditivos e, ainda, indagar sobre o interesse do sujeito em participar da pesquisa.

*Segunda etapa:* Preenchimento do Questionário Auto-percepção do Desempenho Vocal (Anexo II), dividido em três partes: Auto-percepção do comportamento vocal; Abusos vocais e hábitos de higiene vocal; Aspectos emocionais e comportamento vocal. Para a avaliação dos resultados foi utilizada a *Escala Likert*, que oferece 5 opções: nunca; raramente; algumas vezes; muitas vezes; sempre.

*Terceira etapa:* Avaliação de Voz e de Imagens Laringoscópicas.

Para a avaliação da voz, recorreu ao método de escuta crítica realizada por um juiz fonoaudiólogo e à coleta e exame de imagens laringoscópicas feitas por um médico otorrinolaringologista em cooperação com a pesquisadora e sua auxiliar. As imagens foram observadas e classificadas segundo o Protocolo de Avaliação de Imagens Laringoscópicas (Anexo III), subdividido em duas partes: Protocolo para Avaliação de Voz e Protocolo para Avaliação de Imagens Laringoscópicas.

Para avaliação dos resultados utilizou testes estatísticos aplicáveis a variáveis qualitativas (Correlação de Pearson, Teste t – independente, Análise de Variância, Teste de Fisher).

### **Referencial teórico**

Recorre a extensa bibliografia referente à área de fonoaudiologia, com especial consideração à voz. A principal referência no tocante às disfonias é constituída pelas obras de BEHLAU E PONTES. *Higiene vocal: informações básicas*. São Paulo, Lovise, 1993; *Avaliação e tratamento de disfonias*. São Paulo, Lovise, 1995.

### **Resultados da pesquisa**

Os resultados foram discutidos segundo cada uma das três etapas da pesquisa, comparando os dois grupos: professores de escola particular (Grupo A) e professores de escola pública (Grupo B).

Quanto à *primeira etapa*, os sintomas mais mencionados foram: fadiga vocal; esforço vocal; garganta seca, raspando ou falta de ar; percepção de alteração do *pitch* (relacionado ao tom). Conclui que os professores apresentam alto índice de sintomas vocais, mas não procuram ajuda especializada de fonoaudiólogos. A fadiga vocal é mais mencionada pelos professores das escolas particulares e o esforço vocal entre os da escola pública, sintomas que sugerem que os professores vêm utilizando a voz de maneira inadequada. A alta incidência da fadiga vocal entre os professores pesquisados está de acordo com a proposta da literatura analisada. Conclui ainda que os professores apresentam tendência a perceberem suas vozes como adequadas.

Quanto à *segunda etapa*, a grande maioria dos professores realizou uma auto avaliação positiva de seus comportamentos quanto a abusos vocais (83,3%), condições ambientais (76,2%), saúde geral (81%), alimentação e hidratação (83,3%). Não foi possível estabelecer uma relação causal entre

os depoimentos dos sujeitos quanto à queixa de sintomas vocais e a própria indicação de mau uso ou abuso por parte deles. Quanto a aspectos emocionais e comportamento vocal, também a auto avaliação é positiva, não apontando alterações na produção vocal, mau uso e abuso vocal e hábitos nocivos à voz de forma freqüente. Apenas 42% dos professores afirmaram alterar a voz em situações de irritação ou nervosismo na sala de aula, o que configuraria um comportamento vocal abusivo. Não foram encontradas diferenças significativas quanto aos dois Grupos considerados, com poucas exceções: professores de escola pública apresentaram piores avaliações quanto a condições físicas de trabalho e melhores avaliações quanto a hábitos de alimentação e hidratação.

Quanto à *terceira etapa*: através das Imagens Laringoscópicas foram analisados os seguintes aspectos: Fendas Glóticas; Constrição do Vestíbulo Laríngeo; Massa em PPVV; Sinais de RGE na laringe; Sinais de alergia em mucosa; Presença de AEM. Encontrou alta ocorrência de fendas glóticas (76,2%); constrição do Vestíbulo Laríngeo (80,9%); Sinais de RGE na laringe (97,6%). Outras ocorrências foram encontradas em porcentagens menores.

O exame mostrou que 83,3% dos professores pesquisados apresentaram alguma alteração de imagem laríngea ao nível de massa, fenda ou alteração estrutural mínima (AEM).

Foi encontrado um alto índice de prevalência de vozes com alterações e desvios, sendo mais freqüentes voz rouca, áspera e soprosa. Não foi comprovada a hipótese de que a saúde vocal do professor de escola pública seria pior do que a do professor de escola particular. Foi encontrada correlação significativa entre a análise perceptiva auditiva das vozes dos sujeitos e as alterações encontradas nas imagens laringoscópicas.

OLIVEIRA, Teresa Cristina Moura. **Relações das condições de trabalho, qualidade de vida e percepção da voz em professores do ensino médio da Rede Municipal de Belo Horizonte.** Dissertação de Mestrado. PUC SP. São Paulo, 2005.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANA CLAUDIA FIORINI

PALAVRAS-CHAVE: EPIDEMIOLOGIA, PROMOÇÃO DA SAÚDE, QUALIDADE DE VIDA, VOZ, PROFESSOR, PROTOCOLO, GÊNERO, SEXO, IDADE, RUÍDO, FATORES AMBIENTAIS E ORGANIZACIONAIS.

LINHA DA PESQUISA: FONOAUDIOLOGIA (ESTUDANDO SAÚDE VOCAL)

AUTORA DA RESENHA: SONIA REGINA MARTINS

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

O tema central desta pesquisa é a análise entre as relações das condições de trabalho, qualidade de vida e a voz dos professores. É a principal hipótese do trabalho é, justamente, a existência dessa relação, na qual não há uma causa determinante, mas uma complexidade, que tem mostrado elementos novos e relevantes para a sua compreensão.

A autora toma como ponto de partida de seu trabalho, a análise do documento denominado *Distúrbio de Voz Relacionado ao Trabalho*, elaborado sob coordenação do CEREST – Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Estado de São Paulo, em conjunto com os Comitês de Voz e de Telemarketing da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Hospital do Servidor Público Municipal, médicos do trabalho da Associação Brasileira de Telemarketing e do CEREST, Departamento de Saúde do Trabalhador Municipal (DESAT), Sindicato dos Professores e Funcionários Municipais (APROFEM), Sindicato dos Artistas e Dubladores (SATED), Sindicato dos Radialistas e representantes de empresas privadas que prestam consultoria em saúde ocupacional. O documento foi discutido durante o XIV Seminário de Voz realizado em novembro de 2004. A autora ressalta que um dos pontos mais importantes do documento é a determinação dos fatores ambientais e organizacionais do trabalho e como eles atuam como fatores de risco para o desenvolvimento do distúrbio da voz relacionado ao trabalho e também, os impactos gerados na vida do trabalhador. A demanda vocal excessiva, associada a condições ambientais, físicas e emocionais inadequadas, pode prejudicar o desempenho ocupacional em diversos segmentos profissionais. Os professores, pela sua elevada ocorrência de disfonia, têm suscitado o interesse científico de pesquisadores, principalmente, fonoaudiólogos que estão se dedicando ao estudo da voz e das condições de trabalho dessa categoria profissional. Esta pesquisa realizou-se com 319 professores do Ensino Médio da rede municipal da cidade de Belo Horizonte, sendo 199 do gênero feminino e 120 do gênero masculino.

Para desenvolver a sua proposta de trabalho, a autora dividiu a dissertação em subtemas e capítulos, dos quais comentaremos brevemente os seus principais conteúdos.

Na introdução, ela tece comentários gerais sobre saúde e doença dos professores, levando em consideração as condições ambientais e a qualidade de vida. Este termo configura uma variedade de aspectos que podem afetar a percepção do indivíduo, seus sentimentos e

comportamentos relacionados com o seu cotidiano pessoal e no trabalho. Ela relaciona qualidade de vida a conhecimentos, experiências e valores individuais e coletivos. Também afirma que saúde e doença são termos complexos e que a primeira está comprometida pela anormalidade quando ela se manifesta através da queixa, do sofrimento ou do desconforto físico ou mental de um sujeito. Por isso, a identificação da queixa vocal foi uma das preocupações do trabalho e também a avaliação da qualidade de vida destes professores. A autora considera que o estudo das relações entre qualidade de vida, condições de trabalho e voz tornam-se apropriados para o "planejamento" e execução das ações fonoaudiológicas e uma contribuição para a ação epidemiológica.

No item 2, ela define como objetivo geral de seu trabalho o estudo das relações das condições de trabalho, qualidade de vida e a voz dos professores do ensino médio da rede municipal da cidade de Belo Horizonte. E como objetivos específicos:

- Identificar a presença de queixa vocal
- Relacionar a queixa vocal com gênero
- Associar queixa vocal com condições de saúde e trabalho
- Avaliar o impacto da voz na qualidade de vida

No capítulo 3, ela faz uma revisão da literatura, destacando inúmeros estudos sobre vários temas relacionados à relação geral entre condições de trabalho, qualidade de vida e voz do professor. Inicialmente, ela faz uma análise histórica do trabalho, das origens do capitalismo, do surgimento do processo produtivo, do surgimento do contrato de trabalho até chegar no conceito atual de empregabilidade, para o qual o trabalhador deve se adequar, constantemente às especificidades do mercado. Para isso, ela recorre à bibliografia, que será indicada adiante. Ela cita Dejours (DEJOURS, Christophe. *A Loucura do Trabalho: estudo de Psicopatologia do Trabalho*.

1997) na sua tese de que prazer/sofrimento é uma vivência subjetiva do próprio trabalhador, compartilhada coletivamente e influenciada pela atividade de trabalho. Refere-se a outros autores (MENDES AM, Abrahão, JI. *A influência da organização do trabalho nas vivências De prazer-sofrimento do trabalhador: uma abordagem psicodinâmica*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 1996) para definir o sofrimento no trabalho, como sendo o desgaste, que é a sensação de cansaço, desânimo e descontentamento com relação ao trabalho. Também defende os estudos epidemiológicos que estabelecem os fatores de risco que podem prejudicar a saúde e investigam os estressores ambientais: agentes físicos, como ruído, calor, vibrações, pressões e radiações e os agentes químicos como fumo, poeira, gases, vapores encontrados nos locais de trabalho. E também os estressores organizacionais relacionados à organização do trabalho: turnos, ritmo, e ergonomia. Mas, segundo a OMS (1986) os maiores desafios para a saúde do trabalhador, atualmente e no futuro, são os problemas de saúde ocupacional ligados às novas tecnologias de informação e automação, novas substâncias químicas e energias físicas, riscos de saúde associados a novas biotecnologias, transferências de tecnologias perigosas, envelhecimento da população trabalhadora, problemas especiais dos grupos vulneráveis, incluindo migrantes e desempregados, problemas relacionados com a mobilidade dos trabalhadores e ocorrência de novas doenças ocupacionais de várias origens. A autora também desenvolve um capítulo sobre a "arte" docente, analisando do ponto de vista histórico, as características da escola

brasileira, o papel da mulher na família, impossibilitando-lhe de freqüentar a escola até o século XIX. A partir daí, a profissionalização da mulher no magistério público ocorreu devido ao entendimento de que a educação escolar era uma extensão da educação de casa. A autora cita vários estudos e diferentes períodos históricos da educação no Brasil e refere-se à última LDB (1996), onde ela define as incumbências do professor: participação na elaboração da proposta pedagógica, elaboração e cumprimento do plano de trabalho, zelar pela aprendizagem dos alunos, estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento, ministrar os dias letivos e horas/aula estabelecidas, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional e colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade. Nesse quadro, os docentes do Ensino Médio exercem um papel decisivo no cenário educacional, pois é nesse nível que a sociedade e governo esperam que sejam desempenhadas as tarefas para a qualificação profissional e a formação da cidadania. As suas finalidades são as seguintes: a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. A esta relação de atividades desempenhadas pelo docente, juntam-se o baixo salário, a participação compulsória em atividades exigidas ou em decorrência da falta de condições das escolas, revelando a complexidade envolvida na atividade docente. Além dessas, algumas outras medidas voltadas para a melhoria da qualidade da educação, como por exemplo, a abertura da escola à comunidade, estão resultando em mais trabalho para o professor. O reconhecimento da importância do professor no processo educativo como alicerce da cidadania não reverte em recompensas ou benefícios para ele. A autora também menciona a "crise de identidade dos professores" trabalhada por alguns pesquisadores da área (SAUAYA D. *Salud Mental y trabajo: história vital del trabajo: Um dispositivo psicossocial*. Buenos Aires, Lugar, 2003) que acontece quando os docentes apresentam aumento do estresse e desânimo. Os fatores estressantes podem ser divididos em individuais e ambientais. Os primeiros foram identificados como a motivação na eleição da profissão, a formação profissional e as satisfações que se alcançam. Os ambientais dizem respeito ao próprio cenário trabalhista, fazendo referência às condições concretas de trabalho (os recursos da escola, a disponibilidade e organização, as relações interpessoais com outros membros da escola, a possibilidade de capacitação contínua e a organização do próprio trabalho). A autora enfatiza muito a análise das condições de trabalho do professor e menciona um problema pouco explorado pela bibliografia que é a "dispersão no trabalho docente" que remete à idéia de divisão, desvio, fragmentação e descaracterização do trabalho pedagógico em uma sociedade capitalista. O professor reparte o seu tempo entre as inúmeras aulas, escolas, outras tarefas que ele tem que realizar e dificilmente se desliga de uma quando está desenvolvendo a outra, gerando tensão, conflitos e o aumento da desconcentração. A fragmentação no tempo de pensar e agir funciona como dispersor que propicia situações de maior desgaste físico e mental e, conseqüentemente,

estresse. Segundo a pesquisadora, diversas pesquisas em Fonoaudiologia caminham no sentido de investigar as relações existentes do impacto do stress nos distúrbios da comunicação. Ela cita inúmeros desses estudos, entre os quais, mais uma vez, encontramos Dejours (2000) ressaltando que a vivência depressiva do trabalhador condensa sentimentos de indignidade, inutilidade e desqualificação. Para esse autor o sofrimento começa quando o trabalhador não consegue mudar a maneira de realização da tarefa, após ter experimentado as formas de que dispunha e/ou podia na organização do trabalho, este sofrimento aumentará quando o trabalhador perceber a impossibilidade de mudanças devido à rigidez do sistema no qual está inserido. Nesse capítulo, a pesquisadora define também o significado de Epidemiologia (epi=sobre; demo=população; logos=tratado), significa o estudo do que afeta a população, num sentido amplo, como o estudo do comportamento coletivo da saúde e da doença. Pode-se conceituá-la como o ramo da ciência da saúde que estuda, na população, a ocorrência, a distribuição e os fatores determinantes dos eventos relacionados, tendo assim, um caráter interdisciplinar. Essas questões discutidas pela autora fazem parte de um quadro mais geral, no qual surgiu o moderno conceito de promoção da saúde, que tem como principal produto a Carta de Ottawa (WHO, 1986). Esta propõe cinco campos centrais de ação voltadas para a promoção da qualidade de vida e saúde do trabalhador: elaboração e implementação de políticas públicas saudáveis, criação de ambientes favoráveis à saúde, poder técnico e político das comunidades, desenvolvimento de habilidades pessoais, reorientação do sistema de saúde. A autora menciona outras iniciativas de âmbito internacional centradas nessa questão da saúde do trabalhador: a Conferência de Adelaide, a Conferência de Jacarta. O importante a ressaltar sobre este ponto específico é a preocupação e a possibilidade de ações preventivas, pois, segundo a pesquisadora, na maioria das vezes a alteração vocal acomete o profissional pelo desconhecimento com relação ao uso e cuidados básicos com a voz. Na abordagem preventiva se devem incluir questões sobre organização do trabalho, concepções do processo saúde/doença, de subjetividade e de qualidade de vida, possibilitando aos profissionais da voz maior apoio e orientação. Ainda na discussão teórica, a autora traz várias concepções e teses sobre qualidade de vida. É importante ressaltar que na discussão sobre este tema, foi possível identificar o desenvolvimento da promoção da saúde como campo conceitual e de prática que busca explicações e respostas para esta questão. Recorrendo à bibliografia, a autora mostra o caráter multidimensional desta noção, pois ela envolve condições econômicas, sociais, de saúde, emocionais, de percepção subjetiva, de organização do trabalho, entre outras. O grupo da Divisão de Saúde Mental da OMS definiu qualidade de vida como "a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações." A OMS elaborou um instrumento de avaliação da qualidade de vida contendo 100 itens e foi difundido no Brasil pelo Grupo de Estudos em Qualidade de Vida do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade federal do Rio Grande do Sul. A autora também discute a questão da voz na vida e no trabalho, reconhecendo que há discrepância entre os fonoaudiólogos acerca da prática da avaliação vocal em situação ocupacional. Assim, ela menciona vários desses estudos, dos quais vamos ressaltar alguns pontos que podem ser mais relevantes nesta

pesquisa. A importância de relacionar as atividades profissionais como o número de horas por dia de uso intensivo da voz e as condições ambientais. E também que a tensão e o estresse provocados pelo excesso de trabalho, levam ao abuso e uso inadequado da voz. Em geral, as práticas abusivas da voz são: grito, falar demais em frequência inadequada e com alta velocidade. E os fatores de risco para a voz são: fumo, álcool, poluição, drogas, alergias, hábitos vocais, posturas corporais e alimentação inadequada, uso de ar condicionado e alterações climáticas, falta de repouso adequado, alterações hormonais entre outros. Também interferem na voz os fatores ambientais, os agentes ligados à qualidade do ar (poeira, pó, giz, fumo, fumaça, poluição), fatores físicos ou orgânicos (envelhecimento, alergias e infecções, fadiga, medo, alterações hormonais, falta de hidratação e alguns medicamentos) e circunstâncias especiais (uso de telefones e microfones, falar em público, umidade do ar, ruído recreativo e ocupacional e a distância falante/ouvinte). As alterações da voz provocadas pelo abuso vocal ocorrem com frequência em profissionais da voz cujos aspectos destacados são: fadiga vocal, redução da extensão dinâmica da voz, odinifonia, padrão respiratório inadequado e síndromes tensionais músculo-esqueléticas. O primeiro e o último dos sintomas mencionados são alterações que acometem os professores. A literatura mostra que os problemas vocais prejudicam os profissionais da voz tanto no aspecto físico, social e emocional quanto no trabalho, comprometendo a qualidade de vida. A preocupação com a voz do professor, produziu um conjunto de pesquisas, estudos e análises, voltadas para a compreensão da especificidade dessa categoria profissional, quanto aos vários fatores seguintes. Com relação às condições específicas de trabalho, pode-se destacar: salas de aulas lotadas e não preparadas acusticamente, excessiva exposição de ruído ambiental, a exposição ao pó de giz, alterações respiratórias, insatisfação salarial, sobrecarga de trabalho, questões emocionais, umidade, ruído ambiental no interior das classes numerosas e barulhentas somadas ao ruído externo decorrente da passagem de alunos e dos veículos que circulam na rua, propiciando a elevação do volume da voz, caracterizando abuso vocal, postura de manter-se em pé, boa parte do tempo e o repetidos movimentos de escrever, apagar o quadro entre outros.

No que se refere aos sintomas mais frequentes e específicos da profissão docente, pode-se mencionar: fadiga vocal, rouquidão, garganta raspando, voz fraca, esforço para falar e dificuldade para falar em tom baixo, pigarro, tensão na nuca, rinite alérgica, garganta seca, dores de cabeça, ansiedade entre outros. As conclusões das pesquisas divergem quanto às influências de alguns elementos, como: gênero, tempo de magistério, idade entre outros, dos diversos grupos de professores pesquisados.

### **Objeto de análise**

Participantes da pesquisa: 319 professores, sendo 199 do gênero feminino e 120 do gênero masculino da rede municipal do ensino médio de Belo Horizonte.

### **Metodologia utilizada**

Os professores preencheram 3 protocolos auto-explicativos e de auto-resposta que respectivamente contemplaram as seguintes etapas: o levantamento profissional e pessoal, levantamento dos indicadores da

qualidade de vida e avaliação da percepção da qualidade de vida e voz. Para a coleta de dados, a pesquisadora contou com a colaboração de 6 fonoaudiólogos e 2 estudantes do quarto ano de graduação em Fonoaudiologia. Os protocolos foram aplicados em único encontro, com duração média de 20 minutos. O protocolo 1 que trata dos aspectos profissionais e pessoais visou contemplar a coleta de dados do histórico pessoal e profissional da pessoa e o levantamento dos riscos ambientais aos quais o profissional está exposto. O protocolo 2 de avaliação da qualidade de vida é uma versão em português e desenvolvido pelo Grupo de Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde (1998), denominado WHOQOL-Bref que foi criado a partir do WHOQOL-100. O WHOQOL-Bref é um instrumento sobre qualidade de vida que contém 26 questões com escalas de respostas que correspondem aos seguintes aspectos:

físico (dor e desconforto, energia e fadiga, sono e repouso)

psicológico: (sentimentos positivos, pensar, aprender, memória e concentração, auto-estima, imagem corporal e aparência, sentimentos negativos)

relações sociais (relações pessoais, suporte social, atividade sexual)

meio-ambiente (segurança física e proteção, ambiente no lar, recursos financeiros cuidados de saúde e sociais)

O protocolo 3 tem como objetivo a avaliação da percepção da qualidade de vida e voz, ou seja, a avaliação do impacto da voz na qualidade de vida. Esta avaliação foi realizada por meio da aplicação do protocolo VR-QOL (*Voice Related Quality of Life* – Hogikyan & Sthuraman 1999) traduzido para o português com o título "*Protocolo de Qualidade de Vida e Voz*". O instrumento consta de apenas 10 itens acerca do impacto da voz, envolvendo domínios físicos e sócio-emocionais.

Foram utilizados procedimentos estatísticos na análise dos dados (pgs. 46, 47, 48), sendo os principais: distribuição de frequência das variáveis, teste de associação, análise de regressão, cujos resultados foram descritos e analisados minuciosamente através de cada protocolo, considerando, em separado, cada variável (sexo, idade, tempo de magistério), em seguida, cruzando e comparando os dados obtidos e analisando-os de acordo com os protocolos.

### **Referencial Teórico**

Vamos indicar os autores mais citados no decorrer do trabalho. É importante lembrar que a pesquisadora trabalha com conceitos e noções que possuem uma abrangência em várias áreas do conhecimento, sendo na sua própria essência, multidisciplinares, como são: Epidemiologia, Promoção de Saúde, Qualidade de Vida entre outros. Ela procura trabalhar numa perspectiva transdisciplinar em todo o seu estudo. Vamos indicar os autores que estão mais próximos dessa perspectiva teórica:

ALMEIDA, Filho N. Epidemiologia sem números: Introdução crítica à Ciência. Rio de Janeiro. Coleção Saúde Coletiva. Ed Campus. 1999.

BARATA, RB, B ML, Almeida Filho N, Veras RP. Equidade e Saúde: Contribuições Da Epidemiologia. Rio de Janeiro: Fiocruz/Abrasco, 1997.

BEHLAU, M. Pontes. Voz: O livro do Especialista. Rio de Janeiro. Revinter, 2001.

BRIDI, Vera Lúcia. Organização do Trabalho e Psicopatologia: Um estudo de caso envolvendo o trabalho em telefonia. (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina

BUSS, PM. Promoção da Saúde e qualidade de vida. Ciência Saúde Coletiva 2000

CARDOSO, CS. Adaptação transcultural para o Brasil de uma escala de qualidade de vida para pacientes com esquizofrenia/escala QLS (Dissertação) UFMG

CATANI D. Estudos da história da profissão docente in Lopes, Faria Filho, Veiga Organizadores. 500 Anos De Educação No Brasil. UFMG. 2000

CODO W. Educação: Carinho e Trabalho

DEJOURS, Christophe. A Loucura do Trabalho: estudo de Psicopatologia do Trabalho.

ENGUITA, MF. A face oculta da escola. Educação e Trabalho no Capitalismo.

GIANINNI SPP. Histórias que fazem sentidos: as sobredeterminações das alterações vocais dos professores. (Dissertação) PUCSP, 2003

LOPES, EMT. Perspectivas históricas em educação. São Paulo, Ed Ática, 1995.

LUCKESI, CC Filosofia da Educação. SP, Cortez, 1990.

LUGONES BM. Algunas consideraciones sobre la calidad de vida. Ver Cubana Méd Gen Integr 2002.

MENDES AM, Abrahão, JI. A influência da organização do trabalho nas vivências De prazer-sofrimento do trabalhador: uma abordagem psicodinâmica. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 1996.

NÓVOA, Antonio. (Org) Profissão professor. Ed Porto, 1991.

PENTEADO RZ, Bicudo-Pereira MI. A voz do Professor: relações entre trabalho, saúde e qualidade de vida. Rev. Brasileira de Saúde Ocupacional, 1999.

ROCHA LE, Rigotto RME, Buschinelli JTP. Isto é trabalho de gente? Vida, doença e trabalho no Brasil, Ed. Vozes, 1993.

SAUAYA D. Salud Mental y trabajo: história vital del trabajo: Um dispositivo psicosocial. Buenos Aires, Lugar, 2003.

SERVILHA EAM. A voz do professor PUCCAMP, 2000

WEBER, Silke. Profissionalização docente e políticas públicas no Brasil. Edd Soc, 2003;24

### **Resultados da pesquisa**

É significativo o número de professores em atividade profissional que apresentam queixa vocal, tendo em vista a referência desta manifestação em 48,9% da amostra pesquisada

Não existiu associação entre queixa vocal e gênero. Entretanto, foi possível identificar fatores que influenciaram significativamente na presença de queixa vocal entre os gêneros. Para o gênero feminino, os fatores selecionados foram faringite , ardor, rouquidão, perda da voz, dor ao falar, voz forte e poeira. Para o gênero masculino, os fatores selecionados foram falhas da voz, rouquidão e pigarro

Os distúrbios emocionais e digestivos, a intolerância aos sons intensos e as alergias representaram os principais problemas de saúde na população pesquisada

As características predominantes do ambiente de trabalho mais destacadas pelos professores foram: presença de ruído, umidade, poeira, fumaça, iluminação, inadequada e mobiliário não-adaptado. Estes fatores são importantes indicadores de riscos físicos, químicos e ergonômicos, desfavoráveis para a atividade laborativa. Entre esses, os fatores associados à presença de queixa vocal foram a poeira e o ruído, sendo a poeira o que mais influenciou nesta queixa.

A qualidade de vida dos professores pesquisados foi considerada regular, observando a média obtida pelos escores dos 4 domínios do WHOQOL- Bref: valor 63

O impacto negativo da voz na qualidade de vida foi considerado baixo entre esses professores.

PANZERI, Ana Júlia Frazão. **Sintomas osteomusculares e qualidade de vida em professores do Ensino Fundamental.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

ORIENTADORA: NEUSA MARIA COSTA ALEXANDRE / FCM-UNICAMP

FORMAÇÃO DA AUTORA: FISIOTERAPIA/TERAPIA OCUPACIONAL

PALAVRAS-CHAVE: SINTOMAS OSTEOMUSCULARES; PROFESSORES; ERGONOMIA

LINHA DA PESQUISA: TRABALHO, SAÚDE E EDUCAÇÃO ESTUDOS RELATIVOS AO CAMPO DE TRABALHO, SAÚDE E EDUCAÇÃO. PRODUÇÃO, PROCESSO DE TRABALHO EM SAÚDE E EM ENFERMAGEM. RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E SAÚDE.

AUTOR DA RESENHA: MURILO VALENÇA BEZERRA

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

Em *Sintomas osteomusculares e qualidade de vida em professores do Ensino Fundamental*, dissertação de mestrado de Ana Júlia Frazão Panzeri (2004), são apresentados os resultados de uma pesquisa realizada com professores de ensino público que descreve a ocorrência de sintomas músculo-esqueléticos nesses profissionais.

A problemática de pesquisa foi investigar como os aspectos da qualidade de vida e das condições de trabalho de professores de uma rede pública contribuem para o aparecimento de sintomas de doenças articulares, como lesões por esforços repetitivos (LER) e outros distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT), a exemplo de problemas de coluna, distúrbios em tecidos moles, condições ósseas e trauma.

Segundo Panzeri, os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho destacam-se entre as demais doenças ocupacionais, constituindo um grave e crescente problema de saúde pública, não apenas no Brasil mas também internacionalmente. Panzeri procura identificar os sintomas músculo-esqueléticos, sua ocorrência (semanal e anual), suas repercussões funcionais e a necessidade de atendimento especializado. O trabalho objetiva, segundo a autora, verificar se existe associação entre fatores pessoais e ocupacionais com a ocorrência de queixas do problema, e destacar aquelas atividades que os professores alegam exigir maior esforço físico, responsáveis pela fadiga corporal.

### **Objeto de análise**

Panzeri estudou a ocorrência dos distúrbios osteomusculares em professores da rede pública (estadual e municipal) em exercício, distribuídos em oito escolas municipais e doze escolas estaduais de Ensino Fundamental, na cidade de São José da Boa Vista, no Estado de São Paulo, distante 239 km da capital. A população da cidade é de 77.387 habitantes, sendo que 71.751 (cerca de 92%) residem na área urbana.

Panzeri esclarece que os professores municipais estão distribuídos em escolas rurais e urbanas, e ministram disciplinas do *Plano de Ensino Básico I* – PEB I (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia). No PEB I, anualmente, um mesmo professor dá aulas nestas disciplinas para uma mesma série da primeira etapa do Ensino Fundamental (1ª. a 4 séries). Segundo a autora, os professores municipais em São José da Boa Vista possuem uma carga horária que compreende 30 horas/aula semanais, e

podem trabalhar segundo dois regimes: seja como Estatutários ou através de contrato regido pela CLT – Consolidação das Leis do Trabalho. As escolas funcionam basicamente em dois turnos, entre as 07:00h e 17:30h, mas há duas escolas que funcionam em um terceiro turno, para oferecer oportunidade aos sujeitos que não concluíram o ensino fundamental, adultos em sua maioria. Já os professores da rede estadual estão distribuídos, em sua maioria, em escolas urbanas, e ministram aulas do PEB II, na segunda etapa do Ensino Fundamental (5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. séries). Nesta caso, existe um professor para cada disciplina. A jornada de trabalho destes professores, todos Estatutários, varia conforme o processo de atribuição de aulas, no início de cada ano letivo. As escolas estaduais funcionam em dois turnos: das 7 horas às 12:00h e das 12:30h às 17:20h.

### **Metodologia utilizada**

Panzeri assinala que a pesquisa é um estudo transversal, com 157 professores efetivos da rede estadual e municipal de ensino. Foram incluídos no estudo todos os professores efetivos ativos no período da coleta de dados e que estavam trabalhando, em salas de aula, diretamente com os alunos. Foram excluídos os professores que não eram efetivos, que possuíam algum tipo de afastamento ou licença no período de coleta de dados, que realizavam atividades administrativas, e aqueles que não concordaram em participar do estudo.

Segundo a autora, os professores de educação física também não participaram da pesquisa porque eles trabalham fora da sala de aula e desenvolvem atividades bem distintas em relação aos professores de PEB I ou PEB II. Também não participaram os professores que trabalham no terceiro turno das escolas municipais.

A coleta de dados foi realizada pela pesquisadora durante os meses de março a abril de 2003, utilizando um questionário auto-aplicável composto por quatro partes: questões sobre dados gerais e ocupacionais, sintomas músculo-esqueléticos, qualidade de vida e atividades que exigem maior esforço físico. Os instrumentos de pesquisa são descritos a seguir.

Os questionários foram respondidos pelos professores no prazo de uma semana. De fato, foram distribuídos 212 questionários, mas apenas 157 retornaram, representando uma taxa de participação de 74,1%.

#### *Explicação dos instrumentos de pesquisa*

- Levantamento dos dados gerais e ocupacionais: foi desenvolvido um questionário cujo suporte teórico encontra-se nos trabalhos de Chambers (1992), Silvano Neto et al. (SILVANO NETO, A. M. et al. Condições de trabalho na saúde de professores da rede particular de ensino na Bahia: estudo piloto. Revista Brasileira Saúde Ocupacional, 24 (91/92): 115-124, 1998) e na experiência prévia da pesquisadora. Panzeri salienta que o questionário foi validado por uma equipe de especialistas na temática investigada, sendo três deles docentes do Departamento de Medicina Preventiva e Social, um do Departamento de Enfermagem e, uma socióloga do Centro de Pesquisas Materno-Infantil (Cemicamp), todos da Universidade Estadual de Campinas. Além da validação dos especialistas, foi realizado um pré-teste com 26 professores de uma cidade vizinha, que não participaram da pesquisa. Segundo a autora, a parte dos dados gerais do questionário ficou constituída pelas seguintes perguntas: iniciais do nome, idade, sexo, estado conjugal, número de filhos, grau de escolaridade, realização de

alguma atividade física, qual é esta atividade, praticada com qual frequência e sua duração. As questões sobre os dados ocupacionais foram: rede de ensino, tipo de escola, número de classes e disciplinas ministradas, número de alunos por sala de aula, material didático disponível e aquele que é utilizado por mais tempo, tempo no magistério, se possui outra atividade remunerada diferente de professor, carga horária de trabalho semanal no total das atividades exercidas, uso de algum meio de transporte para se deslocar de casa para a escola e vice-versa, e rendimento mensal médio.

- Levantamento de sintomas músculo-esqueléticos: Panzeri fez uso de uma adaptação do chamado *Questionário Nórdico*, por se tratar de um instrumento validado e utilizado internacionalmente para padronizar pesquisas neste campo, com enfoque da **ergonomia**. Também, segundo a autora, o questionário foi adaptado culturalmente para a língua portuguesa para tornar rápida sua aplicação e compreensão, citando os estudos de Barros e Alexandre (ALEXANDRE, N. M. C. Aspectos ergonômicos relacionados com o ambiente e equipamentos hospitalares. *Revista Latina Americana de Enfermagem*, 6 (4), p. 103-109, 1998). Este instrumento destina-se a mapear a ocorrência de distúrbios físicos no corpo humano, segundo nove regiões anatômicas: região cervical, ombros, região torácica, cotovelos, punhos/mãos, região lombar, quadril/coxas, joelhos, tornozelos/pés. Para estas regiões, registram-se as dores ocorridas segundo período anual e semanal, e se houve incapacidade funcional e procura por algum profissional da área de saúde nos últimos 12 meses.

- Avaliação da qualidade de vida dos professores: a autora aplicou um questionário genérico de avaliação do estado de saúde (SF 36), utilizados nos Andersen et al. (ANDERSEN, J. H. et al. Physical, psychosocial and individual risk factors for neck/shoulder pain with pressure tenderness in the muscles among workers performing monotonous, repetitive work. *Spine*, 27 (6),: 600-7, 2002). O questionário avalia oito escalas de saúde: capacidade funcional, aspectos físicos, aspectos emocionais, dor, estado geral de saúde, vitalidade, aspectos sociais e saúde mental. As notas em cada escala variam de 0 a 100, sendo que 100 significa a melhor qualidade de vida possível.

- Avaliação das atividades que exigem maior esforço para o sistema músculo-esquelético em sua totalidade: Panzieri utilizou a Escala Borg (também chamada de Escala de RPE – *Rating of Perceived Exercion*). Segundo a autora, trata-se de uma escala já utilizada em vários estudos (Dehlin e Jaderberg, 1982; Owen e Carg, 1991). Com ela, a autora listou as atividades percebidas como fatigantes para o grupo de professores: 1) ficar na posição sentada para corrigir cadernos/provas; 2) permanecer em pé durante toda a aula; 3) escrever na lousa; 4) corrigir caderno na carteira do aluno (com inclinação do tronco) na posição em pé; 5) apagar a lousa; 6) entregar livros, cadernos e outros materiais didáticos aos alunos ou levá-los para casa; 7) retirar grandes quantidades de materiais do armário e levá-los para casa; 8) passar atividades no mimeógrafo; 9) segurar livro ou caderno em uma mão, enquanto escreve na lousa com a outra mão.

#### *Processamento dos dados*

O programa computacional utilizado para a análise estatística foi o *The SAS System for Windows (Statistical Analysis System)*, versão 6.12 (SAS Institute Inc, 1989-1996, Cary, NC, USA), sendo as variáveis categóricas analisadas pelo teste de associação Qui-quadrado ou teste de Fisher, e as

variáveis contínuas pelo teste de Mann-Whitney por abordagem quantitativa.

### **Referencial teórico**

Inicialmente, Panzeri esclarece sobre a importância da pesquisa para a área da saúde ao discutir sobre os impactos sobre as esferas psicossociais e econômicas dos trabalhadores. Para olhar o Brasil, a autora utiliza-se dos estudos de Ribeiro (RIBEIRO, H. P. *LER: Conhecimento, práticas e movimentos sociais*. São Paulo: FSP-USP, 1997) para destacar que a grande incidência de LER/DORT, acima da média em relação a outros países, é facilmente explicada pelas longas jornadas de trabalho a que são submetidos os trabalhadores brasileiros. Do ponto de vista fisiológico, os sintomas osteomusculares, são explicados pela autora, ao descrevê-los como solicitações do aparelho locomotor durante a execução das atividades da vida diárias e ocupacional. Inicialmente, segundo a autora, ocorre um processo inflamatório com agravamento posterior da sensação de dor, com contração muscular contínua, normalmente nos ligamentos, nos tendões e nos músculos. Em uma fase crônica, a autora destaca que ocorre um ciclo retro-alimentador de inflamação-espasmo-dor.

Panzeri identifica fatores de ordem biomecânica das atividades, fatores psicossociais, características individuais e os fatores ocupacionais como responsáveis pelos sintomas osteomusculares.

Panzeri justifica o enfoque da pesquisa na ergonomia ao argumentar que esta ciência busca qualificar os locais de trabalho, citando Federighi FEDERIGHI, W. J. P. *Ergonomia: ferramenta para obter a saúde do trabalhador*. Mundo Saúde, 22 (5): 274-9, 1998), estudando as adaptações possíveis do local de trabalho à demanda da atividade executada pelo trabalhador, com vistas à segurança, conforto e eficiência (Vidal, 2002) (VIDAL, M. C. R. *Ergonomia na empresa: útil, prática e aplicada*. 2 ed., Rio de Janeiro: Ed. Virtual Científica, 2002, p. 15-7).

Panzeri relaciona os sintomas osteomusculares com problemas de *stress* vividos pelos professores, decorrentes de problemas com alunos, burocracia excessiva, atividades extras de preparação e planejamento das aulas e correção de provas e outras formas de avaliação, além de questões associadas ao gênero. A importância do trabalho de Panzeri é tanto maior quanto a autora não se limita a estudar apenas as causas da fadiga física em professores, pois seu estudo é compreensivo e considera a ocorrências de outros problemas de saúde em professores que estão relacionados à condição de stress desses profissionais.

### **Resultados da pesquisa**

Segundo Panzeri, dos participantes da pesquisa, 90,4% apresentaram sintomas músculo-esqueléticos nos últimos 12 meses e 64,3% nos últimos sete dias. As áreas corporais mais atingidas foram as regiões lombar, torácica, cervical, ombros e punhos e mãos.

Quanto aos indicadores de gravidade, 35,7% professores relataram ter deixado de realizar atividades normais e 44,6% procuraram um profissional da área da saúde devido à presença desses sintomas. Segundo Panzeri, os dados sugeriram que professores mais novos, que não possuem uma união estável, sem filhos e com um tempo menor de atuação profissional estão mais sujeitos ao aparecimento de sintomas osteomusculares.

Os professores que relataram sentir dores osteomusculares apresentaram, comprometimento nos seguintes domínios da qualidade de vida: dor, vitalidade, aspecto emocional, saúde mental, aspecto social, estado geral de saúde, aspectos físicos e capacidade funcional.

Entre as atividades do trabalho percebidas como mais fatigantes pelos professores, segundo a escala de Borg (nota 20 para esforço máximo), para o sistema músculo-esquelético estão: "corrigir caderno na carteira do aluno (com inclinação de tronco) na posição em pé" (14,5), "permanecer em pé durante toda a aula" (13,1), "retirar grandes quantidades de materiais do armário e levá-los a mesa do professor" (12,5) e "escrever na lousa" (12,2), foram as atividades que apresentaram escores mais altos. Os resultados deste estudo confirmam a gravidade do problema entre os professores e reforçam a necessidade de novas pesquisas.

Na discussão dos resultados da pesquisa, Panzeri caracteriza bem o trabalho dos professores utilizando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, contrapondo e questionando a todo momento as condições de trabalho reais desses profissionais com os preceitos legais. Entre os questionamentos apresentados pela autora estão a inadequação dos postos de trabalho, a falta de pausas para o descanso, longas jornadas de trabalho, o repouso insuficiente, o mobiliário desconfortável, a dupla e a tripla jornadas que causam limitações ou incapacidades, não apenas para o trabalho, como também para a vida privada dos profissionais. Além disso, como argumenta Panzeri, a exigência de formação contínua e de formação superior, obriga os professores a ocupar o tempo fora do trabalho para se atualizarem, acumulando, desta maneira, horas trabalhadas.

O tempo médio de atuação profissional na pesquisa foi 16,4 anos com uma carga horária média semanal de 36,4 horas, que não computa os trabalhos extras realizados em casa pelos professores, contrariando o artigo 67 da LDB que prevê que estas atividades deveriam estar incluídas no total de horas realizadas semanalmente.

PENTEADO, Regina Zanella. **Aspectos de qualidade de vida e de subjetividade na promoção da saúde vocal do professor.** Tese de Doutorado. Departamento de Práticas de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública de São Paulo. São Paulo, 2003.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ISABEL MARIA TEIXEIRA BICUDO PEREIRA

FORMAÇÃO DA AUTORA: GRADUADA EM FONOAUDIOLOGIA PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS (1990), MESTRADO EM SAÚDE PÚBLICA PELA FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (2000) E DOUTORADO EM SAÚDE PÚBLICA PELA FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (2003). ESPECIALIZAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA, NAS ÁREAS DE VOZ E LINGUAGEM.

LINHA DA PESQUISA: FONOAUDIOLOGIA, PROMOÇÃO DA SAÚDE, LINGUAGEM E PROMOÇÃO DA SAÚDE EM FONOAUDIOLOGIA, EDUCAÇÃO EM SAÚDE, PROCESSOS EDUCATIVOS EM SAÚDE, PROCESSOS GRUPAIS, VOZ, SAÚDE VOCAL, VOZ PROFISSIONAL, SAÚDE DO TRABALHADOR, SAÚDE DO PROFESSOR, ESCOLAS SAUDÁVEIS/ESCOLAS PROMOTORAS DE SAÚDE, RELAÇÕES ENTRE VOZ, TRABALHO, SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA<sup>4</sup>

PALAVRAS-CHAVE: SAÚDE VOCAL, PROMOÇÃO DA SAÚDE, SAÚDE DO TRABALHADOR, TRABALHO DOCENTE, SAÚDE DO PROFESSOR, VOZ DO PROFESSOR, QUALIDADE DE VIDA, SAÚDE PÚBLICA, FONOAUDIOLOGIA.

AUTORA DA RESENHA: MARINA PETRILLI SEGNINI

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

O objetivo deste trabalho é buscar compreender as relações entre qualidade de vida e saúde vocal do professor, insere-se na perspectiva de integrar as questões de saúde, trabalho, subjetividade e qualidade de vida na compreensão das questões de voz e saúde vocal do professor, tendo como referência as dimensões subjetivas e sócio-culturais da voz/saúde vocal e a concepção de professor como sujeito social e trabalhador.

Os objetivos específicos da pesquisa são:

1. Avaliar a qualidade de vida de professores e relacionar com os aspectos que interferem no processo saúde e doença vocal desses sujeitos trabalhadores.
2. Avaliar as implicações da voz sobre a qualidade de vida dos professores.
3. Conhecer e identificar as necessidades, sentimentos, funcionalidades e representações subjacentes que permeiam as relações entre o sujeito e sua saúde vocal nos contextos implicados no seu cotidiano e qualidade de vida.

Com o objetivo de justificar a relevância da pesquisa, a autora, realizou uma revisão bibliográfica de acordo com conceitos de saúde na escola, qualidade de vida, voz/linguagem e qualidade de vida e saúde vocal do professor.

A autora parte do conceito de Escola Promotora de Saúde (E.P.S) proposta a partir dos anos noventa (1990) cujo objetivo é a promoção de saúde<sup>5</sup> e qualidade de vida dos alunos e professores contribuindo com a comunidade

---

<sup>4</sup> Informações encontradas na Plataforma Lattes.

<sup>5</sup> Compreende-se nesta pesquisa que saúde é um atributo da vida construído na história singular e coletiva; saúde seria a capacidade de cada sujeito desenvolver suas próprias potencialidades no sentido de realizarem suas aspirações, satisfazerem suas necessidades, responderem aos desafios e alternativas da vida e obterem bens sociais, num processo dinâmico que inscreve o sujeito, seu corpo, seu trabalho, suas emoções. (p.2). Este processo de promoção de saúde apóia-se na iniciativa da Organização Mundial de Saúde (OMS) e Organização Pan Americana (OPAS).

escolar e seu entorno. Portanto, para a autora, “se qualidade de vida é uma representação, fruto de um constructo social e cultural, pode-se dizer, então, que a qualidade de vida é perpassada pela linguagem, mediador semiótico mais importante dentre os signos, constituída no interior e nos limites de determinadas formações sociais que configuram sistemas de referencia pessoal e social; elemento responsável pelas interações sociais, pela constituição da subjetividade e fonte do conhecimento e da ação humana sobre o mundo.” (Penteado, 2003, p.5) <sup>6</sup>.

A voz deve ser pensada em relação à saúde do sujeito. A autora relaciona alguns estudos que evidenciam que os professores representam a categoria profissional com maior risco vocal comprometendo as suas relações sociais e econômicas (em casos extremos necessidade de deixar a atividade). Os fatores que influenciam as disfonias vocais nos professores são: problemas de adaptação profissional, de condições físicas do ambiente de trabalho, composição da sala de aula, acústica, falta de percepção e de preparo vocal incluindo uso excessivo e continuado da voz, baixa remuneração e falta de reconhecimento social e profissional.

No entanto, a autora, salienta que numa retrospectiva histórica das ações fonoaudiológicas em saúde vocal do professor, na década de 1960, as ações que visavam a saúde vocal do professor não eram vistas no contexto do trabalho, mas, como disfunções individuais. Tradicionalmente, a saúde vocal do professor consiste em uma série de hábitos e condutas relacionados ao estilo de vida e ao uso da voz, individualizando o professor e o responsabilizando por exercícios de “higiene vocal”, “exercícios vocais”, “cuidados com a saúde vocal”.

Atualmente há uma busca de questionamento dessas ações, no entanto, para a autora, essas propostas são limitadas e têm o intuito de informar, mas, não de transformar. Portanto, a autora, propõe realizar uma análise buscando ampliar a percepção dos determinantes do processo saúde-doença desses sujeitos-professores dentro de uma perspectiva de promoção de saúde tendo como referencia dimensões subjetivas e sócio-culturais da voz/saúde vocal e a concepção de professor como sujeito social e trabalhador.

A autora, não explicita a hipótese de pesquisa, uma vez que se trata de uma pesquisa investigação, no entanto é claro para o leitor que, a pesquisa parte do pressuposto que: saúde vocal (voz e linguagem) influencia na qualidade de vida do sujeito professor.

### **Objeto de Análise**

O objeto de estudo é a saúde vocal do professor, como um construto da subjetividade e qualidade de vida desse sujeito/trabalhador. Entendendo a saúde vocal não somente como presença/ausência de uma alteração de voz mas, numa perspectiva ampla relacionada às necessidades do trabalho docente, às expectativas do sujeito sobre a vida, às funcionalidades da voz em sua realidade e contextos cotidianos, às possibilidades de expressão do sujeito e às relações da voz com a sua auto-imagem e auto-estima.

Para tanto foi realizado um estudo com os professores de Ensino Médio das Escolas Estaduais de Rio Claro, cidade localizada no interior do Estado de São Paulo que possui vinte e quatro escolas Estaduais (oito são de Ensino Fundamental de 1º a 4º séries, doze de Ensino Fundamental de 5º a 8º

---

<sup>6</sup> Trecho da tese de doutorado que origina esta resenha.

séries e quatro Ensino Médio). A autora selecionou as escolas de Ensino Médio pois assim seria possível trabalhar com a totalidade das Escolas Estaduais de Ensino Médio de Rio Claro que, conforme descrito acima, são quatro.

Constituem-se os sujeitos desta pesquisa 128 professores dessas escolas em situação de trabalho, sendo 69,5% do sexo feminino.

### **Metodologia utilizada**

Os métodos utilizados pela autora buscaram contemplar a subjetividade do professor como eixo primordial no levantamento dos dados sobre a sua realidade e das relações desta com sua saúde vocal.

Desta maneira utiliza abordagens qualitativas e quantitativas de coleta de dados divididas em três fases:

Fase de Planejamento - definição dos sujeitos.

Primeira Fase - aplicação de questionários de fonoaudiologia e qualidade de vida:

QVV (Qualidade de Vida e Voz) – questionário de auto-avaliação das implicações da voz e saúde vocal sobre a qualidade de vida.

WHOQOL/Breve (World Health Organization Quality of Life/Breff) – questionário de auto-avaliação de qualidade de vida

Itens VIII e IX pertencentes ao protocolo SF-36 (Medical Outcomes Study Short-Forms) – questionário auto-aplicável que reúne trinta e seis questões de múltipla escolha relacionadas a Saúde Geral.

As faces de “Chernoff” método gráfico que permite o sujeito se identificar no espaço k-dimensional<sup>7</sup> por um desenho de uma face cujas características são determinadas pela posição do ponto. E foi a partir dos resultados deste método que a pesquisadora delimitou os sujeitos para a segunda fase desta pesquisa.

Segunda Fase

Grupo focal, é um tipo especial de grupo que representa uma entrevista coletiva. O grupo focal, desta pesquisa, foi constituído por doze sujeitos sorteados dentre de um total de vinte - sete professores selecionados a partir das análises das “Fases de Chernoff”, tendo como critério os baixos escores no QVV. A autora era a moderadora, tinha uma fonoaudióloga no papel de relatora, uma psicóloga no papel de observadora e professores convidados. O Grupo focal tinha como objetivo abordar os seguintes aspectos:

Alteração voz/trabalho

A vida social do professor e a saúde física/emocional e vocal nas relações:

Familiares

Amizade

Trabalho

O grupo focal foi gravado por meio de filmagem com a finalidade de servir como suporte para o trabalho de transcrição da fala do grupo e discussões.

O trabalho de análise do grupo focal é embasado na análise de conteúdo.

---

<sup>7</sup> K-dimensional – não foi explicado pela autora, no entanto, olhando o anexo do teste de Chernoff me pareceu ser um ponto num gráfico constituído por duas retas perpendiculares.

## Referencial teórico

A autora buscou referenciais teóricos interdisciplinares dos campos da Saúde do Trabalhador, da Educação, da Saúde Pública e Saúde Coletiva, da Fonoaudiologia, da Semiologia e da Psicologia. (Penteado, 2003, p.16)<sup>8</sup>.

Nesta pesquisa a autora fundamenta as análises sobre voz e linguagem nos estudos da perspectiva sócio-cultural de Vygostky (VYGOTZKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Editora Martins, 1995). e na dialogia de Bakhtin (BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6º ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1992), utilizando os seguintes autores e documentos:

ABBUD, I.E. SF36 e VHI: Avaliando o impacto da disfonia dia-a-dia de professoras do Ensino Fundamental da Rede Pública e Particular. Relatório Final de Iniciação Científica. São Paulo: PUC/SP, 2001.

ANDRADE, E.C. Pesquisa de alterações vocais em professores de 1º e 4º séries do 1º grau da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. *Revista de Fonoaudiologia*. Ano 1, (1), p.24-29, maio/out, 1994.

ALGODAL, M.J.A.O. As práticas de linguagem em situação de trabalho de operadores de telemarketing ativo de uma editora. (tese de doutorado). São Paulo: PUC/SP – LAEL, 2002.

BARDOU DE CARVALHO, M.M. O professor um profissional, sua saúde e a educação em saúde na escola. (tese de doutorado). São Paulo: Faculdade de Saúde Pública/USP, 1995.

BEHLAU, M. Vozes preferidas: considerações sobre opções vocais nas profissões. *Revista Atual*, 4 (16), São Paulo, 2001.

BOLTANSKI, L. *As classes sociais e o corpo*. 2º ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

BRANT, L.C. e Barros De Melo, M. Promoção da saúde e trabalho: um desafio teórico e metodológico para a saúde do trabalhador. *Saúde em Debate*, v. 25, No 57. Rio de Janeiro: 2001. p. 55-62.

CARELLI, E.G. Educação vocal na formação do docente. Monografia de especialização em Saúde Pública. Campo Grande: Escola de Saúde Pública Dr. Jorge David Nasser/ENSP-FIOCRUZ, 2002.

CHUN, R.Y.S. A voz na interação verbal: como a interação transforma a voz. (tese de doutorado) São Paulo: PUC/SP, 2000. 2000.

COCCO, M.I.M. Trabalho e educação – novas possibilidades para velhos problemas. In: Bagnato, M.H.S.; Cocco, M.I.M. e De Sordi, M.R.L. (Orgs) – *Educação, saúde e trabalho: antigos problemas novos contextos e outros olhares*. Campinas: Editora Alínea, 1999. p.99-110.

---

<sup>8</sup> Trecho da tese de doutorado que origina a resenha.

CODO W (Org). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Editora Vozes, 2º ed., 2000.

DIAS, A.E. e HARA, F. A qualidade de vida relacionada à voz na terceira idade. Anais: IX Congresso Brasileira de Fonoaudiologia. Guarapari (ES), 2001.

DRAGONE, M.L.O.S. Ocorrência em disfonia em professoras: fatores relacionados à voz profissional. (monografia de especialização). São Paulo: CECEV, 1996.

\_\_\_\_\_. Voz do professor: interfaces e valor como instrumento de trabalho. (dissertação de mestrado). Araraquara: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. Novos caminhos para os estudos sobre a voz do professor. *Revista Fonoaudiologia Brasil* vol1, No.1, Brasília, 2001. p.43-50.

DRAGONE, M.L.O.S.; SICHIROLLI, S.; REIS, R.; BEHLAU, M. O desgaste vocal do professor – um estudo longitudinal. *Revista Sociedade Brasileira Fonoaudiologia*, 5, 1999. p. 50-6.

FERREIRA, L.P. Avaliação da voz: o sentido poderia ser outro? In: Ferreira, LP (Org). Um pouco de nós sobre voz. 3º ed. Carapicuíba: Pró-fono, 1994.

\_\_\_\_\_. Voz profissional. In: Anais do IV Congresso Internacional de Fonoaudiologia e III Encontro Ibero-Americano de Fonoaudiologia. São Paulo: SBFa, 1999. p.500.

\_\_\_\_\_. Voz e sistema sensório-motor oral: o problema dos objetos. In: Freire, M.R. (Org). *Fonoaudiologia – seminários de debates*, vol.3. São Paulo: Rocca, 2000.

\_\_\_\_\_. A disfonia como doença do trabalho. Brasília: *Jornal do Conselho Federal de Fonoaudiologia.*, jan/fev/mar, 2002. p.18.

FERREIRA, L.P.; ALGODOAL, M.J. E SILVA, M.A.A. – A avaliação da voz na visão (e no ouvido) do fonoaudiólogo: saber o que se procura para entender o que se acha. In: Marchesan, I.Q. e all. Tópicos em fonoaudiologia. Vol.IV. São Paulo: Ed. Lovise, 1997/1998. p.393-413.

FERREIRA, L.P. E SILVA, M.A.A. *Saúde vocal – práticas fonoaudiológicas*. São Paulo: Rocca, 2002.

FERREIRA L.P.; GIANNINI S.P.P.; Figueira S.; Silva E.E. e Karmann D.F. Saúde geral e vocal de professores da prefeitura do município de São Paulo. Pôster. Mostra realizada na Biblioteca PUC/SP, maio, 2002.

FERREIRA LP, GIANNINI SPP, FIGUEIRA S, SILVA EE, Karmann DF, Souza TMT. Condições de produção vocal de professores da prefeitura do município de São Paulo. *Revista Distúrbios da Comunicação*. 2003; 14 (2): 275-307.

FLECK, M.P.A. O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde. (WHOQOL- 100): características e perspectivas. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, No.5, Vol.1, Abrasco, 2000.

GRILLO MHMM. A voz do professor universitário: impacto de um curso de aperfeiçoamento vocal em contexto de prevenção fonoaudiológica (dissertação de mestrado). São Carlos: UFSCar; 2001.

MARTZ, M.L.W. Os usos sociais da voz. São Paulo: Revista Distúrbios da Comunicação, 2 (3/4), EDUC, 1987. p. 173-6

\_\_\_\_\_ Algumas reflexões sobre terapia da voz. São Paulo: *Revista Distúrbios da Comunicação*, 10 (2), EDUC, 1999. p. 205-11.

PINTO A.M.M. e FURCK M.A.E. Projeto saúde vocal do professor. In: Ferreira LP, organizadora. *Trabalhando a voz: vários enfoques em Fonoaudiologia*. São Paulo: Summus Editorial; 1988. p. 11-27.

SMITH E, LAMKE J, TAYLOR M, KIRCHNER HL, HOFFMAN H. Frequency of voice problems among teachers and other occupations. *J Voice*. 1998; 12 (4): 480-8.

### **Resultados da pesquisa**

Por meio dos métodos investigativos utilizados pela autora, observou-se que no questionário WHOQLO/Breve os professores e professoras demonstraram satisfação com as suas relações sociais, no entanto, no grupo focal evidenciaram descontentamentos e insatisfações importantes, principalmente com os aspectos relacionais, sociais e da organização do trabalho docente.

A autora também salienta que o método investigativo grupo focal, por permitir uma discussão e reflexão sobre o trabalho dos sujeitos envolvidos, não deixa de ter uma função terapêutica, reafirmando o caráter pedagógico e transformador destas propostas.

A qualidade de vida avaliada pelo WHOQLO/Breve apresenta um escore médio de 66. Dentre os aspectos de qualidade de vida mais preservados encontram-se satisfação com a capacidade de locomoção, capacidade de atribuir sentido a vida, o fato de não depender de tratamento médico para viver e as condições de moradia. Os aspectos mais comprometidos são: ambiente do trabalho (aspectos sociais, relacionais e da organização), condições salariais, desgaste físico e emocional, falta de recursos financeiros para o lazer e diversão. Esses aspectos, observa a autora, têm implicações negativas na vida privada, na saúde geral e vocal do professor e no trabalho.

O questionário QVV apresentou um escore no valor de 80, o que segundo a autora, pode ser considerado bom, uma vez que o maior valor é 100. Este instrumento permitiu identificar que 39% dos professores avaliaram suas vozes como razoável ou ruim; 28,2% deles não sabem como a voz vai sair quando começam a falar e 60,9% têm necessidade de exploração e desenvolvimento da intensidade e projeção vocal, resistência vocal e coordenação *pneumofonoarticulatória*, devido à ambiente ruidosos. Este valores, de acordo com a autora, revelaram prejuízos na qualidade vocal dos docentes.

Relacionando os resultados acima, QVV com WHOQLO/Breve, a autora pôde concluir que a "problemática saúde vocal e qualidade de vida se confirmam. A saúde vocal se relaciona com a qualidade de vida, especialmente nos aspectos que se referem à sensação de ter energia e capacidade para

enfrentar o dia-a-dia; ao grau de satisfação com a saúde, consigo mesmo e com sua aparência física, ao grau de satisfação com o local de moradia e com as relações; salubridade e condições no trabalho.” (Penteado, 2003, p.193).

A autora observou também que os professores demonstraram dificuldade em perceber o próprio processo saúde/doença vocal, em relação a: sintomas vocais, impacto social-emocional na voz e dificuldade em considerar a voz pertencente à saúde geral. Neste sentido a autora aponta para a necessidade de reflexão nas áreas de Educação e Fonoaudiologia.

A autora destaca também que as escolas estudadas estão distantes do conceito de Escola Promotora de Saúde. Impactando na saúde geral e vocal do professor.

A autora propõe como solução e perspectivas para novos estudos o aprofundamento da investigação da área de Fonoaudiologia sobre as questões dos contextos sociais cotidianos (trabalho, familiar, comunitários, lazer) em relação a saúde vocal do sujeito. Salientando o papel da Fonoaudiologia no que concerne à promoção de saúde e formação de ambientes saudáveis, especialmente na proposta de Escolas Promotoras de Saúde.

PEREIRA, Alexandre Vinicius da Silva. **Comprometimento organizacional e qualidade de vida: um estudo com professores do ensino médio.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em Psicologia. Ribeirão Preto, 2000.

ORIENTADOR: PROF. MARCO ANTÔNIO DE CASTRO FIGUEIREDO.

FORMAÇÃO DO AUTOR: PSICÓLOGO

PALAVRAS-CHAVE: QUALIDADE DE VIDA, COMPROMETIMENTO ORGANIZACIONAL, PROFESSORES (INSERIDAS PELA AUTORA DA RESENHA)

LINHA DA PESQUISA: GESTÃO ORGANIZACIONAL E QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO.

AUTORA DA RESENHA: CRISTIANE BATISTA ANDRADE

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

A temática central dessa dissertação de mestrado está na discussão do comprometimento organizacional e a qualidade de vida no trabalho. Ambos conceitos são originários da linha de pesquisa de gestão organizacional, em busca de programas e pesquisas que visem o bem-estar dos trabalhadores. Assim, no decorrer do texto, o autor discute seu referencial teórico para embasar esses conceitos. O questionamento do autor está em verificar se os professores comprometidos com o trabalho verbalizam ter uma qualidade de vida relacionada com os aspectos positivos.

### **Objeto de análise**

O objeto desse estudo é professores do ensino médio de escolas privadas e públicas, buscando analisar o comprometimento organizacional e a qualidade de vida dos docentes. Os objetivos dessa dissertação são verificar as relações entre a percepção da qualidade de vida e do comprometimento organizacional; considerar as variáveis de tempo na carreira docente, sexo e tipo de instituição (pública ou privada) e suas relações com a qualidade de vida e comprometimento organizacional, além de buscar medidas de prevenção.

### **Metodologia utilizada**

Para a realização dessa dissertação foram estudados noventa professores de ensino médio de escolas públicas e privadas. A primeira etapa consistiu em verificar as percepções dos professores sobre qualidade de vida. Para tal, foi elaborado um instrumento baseado nos estudos de Figueiredo & Souza (FIGUEIREDO, M.; SOUZA, L.B. Análise de conteúdo de crenças sobre o trabalho socializado para um estudo de atitudes. *Medicina*, Ribeirão Preto, 26 (2) abril/junho, 281/293, 1993), composto por três fases importantes. A primeira consistiu em realizar dez entrevistas com professores, nas quais foram solicitadas permissões para a realização da mesma. Posteriormente, foi solicitado que o docente verbalizasse em dois minutos os aspectos mais importantes sobre qualidade de vida. Em seguida, sugeriu-se que o entrevistado escrevesse num papel as palavras que representam os aspectos relatados na fase anterior. Na fase final, o entrevistador interroga os sujeitos na tentativa de obter alguma informação que não foi bem esclarecida.

De acordo com essas entrevistas realizadas a priori, foi feita uma síntese de categorias comuns por três juizes universitários para que pudessem inseri-

las em diagrama de Venn. Essa etapa possibilitou a elaboração de um instrumento para avaliar e categorizar a qualidade de vida em uma escala de um a sete, variando, respectivamente em discordo plenamente e concordo plenamente.

Para averiguar o comprometimento organizacional foi usado o OCQ (Organizational Commitment Questionare) validado por Bastos (BASTOS, A. V.B. Comprometimento organizacional: um balanço dos resultados e desafios que cercam essa tradição de pesquisa. *Revista de Administração de Empresas*, v.33, n.3, p.52-64, 1993). Assim, utilizou-se o instrumento de qualidade de vida, o OCQ e um pequeno questionário que continham os itens: sexo, local de trabalho, idade, tempo de trabalho na docência, e se possuíam ou não outra renda. Todos os questionários foram aplicados em local de trabalho.

### **Referencial teórico**

Ao iniciar o texto, o autor discute o trabalho na perspectiva histórica, desde o final do feudalismo e até os primórdios do capitalismo. Dentre os destaques, está a revolução industrial e ênfase à venda da força de trabalho. No entanto, não há um aprofundamento teórico dos conceitos marxistas de exploração do capital e da mais valia.

Em seguida, analisa a administração científica de Taylor, como um dos "mecanismos de controle sobre o processo de produção" (p.7), na qual a subjetividade é influenciada pelo controle do trabalhador no processo de alienação. Salieta que para satisfação do ser humano, é necessário o atendimento às necessidades fisiológicas, segurança, de socialização, de estima e de auto-realização, concepções advindas de Maslow (MASLOW, A.H. *Motivation and personality*. New York, Harper e Row publishers, 1954) Dessa maneira, como se dá a auto-realização na relação de exploração pelo capital? Esse é um dos questionamentos do autor, entretanto pouco explora esse aspecto.

Foi na intenção de promover a motivação dos trabalhadores que surgiram as teorias das relações interpessoais, ou seja, a Escola de Relações Humanas, como a de Elton Mayo. Aqui é discutida a gestão como facilitadora e promotora de estratégias para satisfazer as necessidades de realização e de auto-estima dos trabalhadores: "Embora não retratem o conflito capital versus trabalho, estas teorias já caminham no sentido de ver o trabalhador como um ser humano, com necessidades maiores do que a simples sobrevivência" (p.10-11)

Pereira se embasa na concepção de que a qualidade de vida está relacionada ao nível de satisfação, ou seja, se as necessidades são atendidas, a qualidade de vida tende a ser favorável. Outro conceito trabalhado por ele, diz respeito aos valores organizacionais, ou seja, a tentativa de homogeneizar as idéias, os valores, a dinâmica da empresa, o "funcionamento e missão da organização" e o "vestir a camisa". (p.14-15) Nesse sentido, atribui a dificuldade em estudar e pesquisar tais conceitos, pois não há instrumentos para avaliação dessas temáticas.

Logo, dá ênfase ao conceito de comprometimento organizacional, justificando as diferentes abordagens entre autores da área de recursos humanos. O comprometimento organizacional significa o envolvimento com a organização do local de trabalho, disposição para a realização do trabalho e aceitação e desejo de permanecer na instituição. No Brasil, há um instrumento validado por Borges-Andrade; Afanasieff e Silva (BORGES-

ANDRADE, JE; AFANASIEFF, RS; SILVA, MS. *Mensuração de comprometimento organizacional em instituições públicas*. Programa da XIX Reunião anual de psicologia, Ribeirão Preto/SP, 1989.) para a medição das crenças dos valores da organização, o desejo de manter e de permanecer nela. Entretanto, pesquisas de Shore e Martin atribuem a inclusão do item "intenção de abandonar a instituição" (p.17) (SHORE, LM; MARTIN, HJ Job satisfaction and organization commitment in relation to work performance and turnover intentions. *Humans Relations*, v.42, n.7, p.625-638, 1989). Há um subitem em que o autor analisa os estudos de comprometimento organizacional na realidade brasileira, como a certificação de crescimento na carreira, comprometimento ou não com a atual atividade remunerada. No item sobre o trabalho docente e a qualidade de vida, o autor considera os baixos níveis salariais, a expansão dos contratos de trabalho para horistas e as políticas educacionais autoritárias. Entretanto não existe uma discussão teórica consolidada para aprofundamento.

### **Resultados da pesquisa**

Com relação à qualidade de vida, os aspectos levantados pelos professores e categorizados pelos juízes foram: alimentação saudável e recurso financeiro para tê-la; acesso à assistência médica; estabilidade financeira e no emprego; proteção contra a violência; acesso à saúde, moradia e trabalho; recurso financeiro para ter qualidade de vida; equilíbrio psicológico e harmonia; tempo para o lazer e para as férias.

O autor, ao realizar comparações entre o trabalho em escolas públicas e particulares, salienta que na rede privada, os professores estão mais satisfeitos com os salários, o equilíbrio psicológico está mais presente, além de possuírem escores mais elevados quanto ao trabalho assegurar a manutenção da saúde.

Quanto à renda mensal, essa é maior entre os professores da rede particular, esse dado é corroborado pelos índices do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas). Já a saúde mental esteve relacionada às condições de trabalho, pois, os professores que relataram "estar psicologicamente equilibrado" estão mais satisfeitos com o ambiente de trabalho. (p.48)

A categoria assistência médica teve escore mais elevado entre os professores da rede privada. Pereira atribui ao fato de que esses professores podem ter planos de saúde mais eficazes se comparados com os públicos.

Com relação aos achados de comprometimento organizacional, verificou-se que o comprometimento é maior nos professores em início de carreira, mas tende a declinar após os dez anos de trabalho. Assim, foi possível afirmar que os jovens professores relatam ter mais orgulho da escola, estão mais comprometidos e contentes com a instituição. Os itens que permitiram essas conclusões estão relacionados à: "falar melhor da sua escola; sentir orgulho em ser parte da organização; ter feito a escolha certa quando na época de sua contratação; valores similares aos da organização e a organização inspira o melhor para o desenvolvimento profissional." (p.49)

Já a comparação do comprometimento organizacional entre público e privado, o último tende a estar mais envolvido com o trabalho e com a escola, além de sentirem-se com mais perspectiva para o progresso na carreira.

A relação entre qualidade de vida e comprometimento organizacional teve uma correlação positiva, ou seja, se os indivíduos têm suas necessidades atendidas, por conseqüência, haverá maior envolvimento, motivação e comprometimento no trabalho. Nesse sentido, o autor argumenta a importância de discussões para a qualidade de vida seja favorecida aos professores.

PEREIRA, Luciana Picanço. **Voz e Stress no Cotidiano de Professoras Disfônicas**. Mestrado em Fonoaudiologia. Pontifícia Universidade Católica (SP), PUCSP. São Paulo, 2003.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. LESLIE PICOLLOTO FERREIRA

FORMAÇÃO DA AUTORA: FONOAUDIOLOGIA (ESTUDANDO SAÚDE VOCAL)

PALAVRAS-CHAVE: STRESS, DISFONIA, ALTERAÇÕES VOCAIS, VOZ, PROFESSORAS.

AUTORA DA RESENHA: SONIA REGINA MARTINS

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

O tema central da dissertação é a análise da relação entre stress e alterações vocais. O objetivo geral foi a investigação do impacto da voz e os sintomas de stress em dois grupos de professoras: grupo de disfônicas e grupo sem alteração vocal. Os objetivos específicos foram

- Verificar o impacto da voz na vida das professoras disfônicas e não disfônicas;
- Verificar sintomas de stress, tipo de sintoma existente (se físico ou psicológico) e a fase de stress em que a professora disfônica e não disfônica se encontram;
- Comparar alteração vocal e presença de stress

O desenvolvimento do trabalho ocorreu através da sua divisão em subtemas abordados tanto num plano geral quanto no âmbito de sua especificidade com relação ao objeto de estudo.

Na introdução, a autora justifica o seu interesse pelo tema. Com base na literatura especializada, ela considera a importância da voz como expressão da subjetividade, de atributos humanos variáveis e, principalmente, um meio de percepção da reação do outro nas relações interpessoais. Por isso, o impacto de uma alteração vocal é muito forte, segundo a experiência clínica da pesquisadora, principalmente, se a pessoa for uma profissional da voz. Nesta categoria encontra-se o professor que necessita interagir com os alunos através da voz e depende dela para o bom desempenho de sua profissão. O professor, dentre os profissionais da voz, é o que mais procura atendimento fonoaudiológico, revelando outros sintomas físicos e psíquicos, muito mais do que uma alteração na qualidade vocal. Segundo a pesquisadora, esses profissionais se dizem "estressados" e sem ânimo, o que lhe motivou a busca de compreender o processo de stress e como ele afeta a vida das pessoas. Não se pode afirmar que ela parte de uma hipótese geral, pois se propõe a pesquisar a relação entre as duas manifestações sem formular uma idéia norteadora de sua investigação. Ao longo de sua exposição, algumas hipóteses pontuais foram indicadas. Ainda na introdução, ela desenvolve algumas considerações sobre o stress, recorrendo à bibliografia. Ela afirma que existe uma distorção da noção de stress, no nível do senso comum, e aponta a origem desse estado emocional, relacionada a mudanças, vivência de situações diferentes e novas experiências, que exigem da pessoa um esforço de adaptação. O stress pode ser benéfico em doses moderadas, pois proporciona ao indivíduo a sensação de ânimo, vigor, energia e entusiasmo. O impacto negativo deste estado emocional deve-se a uma percepção dos eventos do dia-a-dia como ameaçadores à auto-estima e bem-estar das pessoas. Ainda, citando vários autores, que serão indicados adiante, ela afirma que o

indivíduo constantemente faz esforços de adaptação, buscando ajustar-se às mais diferentes situações causadoras de stress que podem ser provenientes tanto do ambiente externo (frio, calor) como do mundo interno (medos, alegrias, tristezas). Em seguida, ela cita alguns autores que buscaram investigar a relação entre o stress e as alterações vocais, apontando vários aspectos dessa relação, dentre os quais, podemos citar: o fato de que a laringe concentra reações de stress; a alteração vocal pode causar maior stress, a importância de se pensar sobre o sujeito portador das alterações, como ele vivencia as suas experiências e, sobretudo, a idéia que pode ser considerada uma hipótese, de que o stress é um fator predisponente à manifestação dos quadros de disfonias. Assim, não há uma relação determinista na hipótese da pesquisadora. O trabalho está dividido em sete capítulos, sendo a Introdução o primeiro, em seguida, o Capítulo 2 discute a voz, como ela é afetada pelas emoções e aborda também as questões do stress em geral, seus sintomas e implicações. O capítulo 3 apresenta uma revisão da literatura pertinente ao tema, descrevendo algumas pesquisas, o Capítulo 4 expõe a metodologia, o Capítulo 5 mostra os resultados da pesquisa, no Capítulo 6, ela faz a discussão dos resultados e no 7 expõe as conclusões. Vamos indicar brevemente o conteúdo de cada um deles, pois as idéias e argumentos se repetem muito ao longo do trabalho. No capítulo 2, a autora define a voz, do ponto de vista do processo biológico que produz o som, conhecido como fonação, também define disfonia, como uma falha na produção natural da voz, causando uma alteração na transmissão da mensagem verbal e emocional do sujeito e classifica-a em dois distúrbios de fonação: funcional e orgânico. Neste capítulo, ela sublinha a relação entre voz e emoções, afirma que ela revela características físicas, sociais e psicológicas do indivíduo e denota a alteração no equilíbrio psicológico emocional da pessoa. O que é importante destacar nessa discussão dos textos, feita pela autora deste estudo, é que a voz não só reflete as características de seu portador, mas também é afetada pela vivência desta pessoa, em relação aos vários fatores já mencionados. No que se refere ao professor, tais questões adquirem uma especificidade pelo fato de ele estar incluído numa categoria profissional que tem maior demanda da voz, que desenvolve um alto índice de stress, que é uma das mais acometidas pelas disfonias e que incorre no abuso e mau uso vocal, gerando, assim, os fatores predisponentes das alterações vocais. Estas se manifestam através dos seguintes sintomas apresentados pelos professores: variações de voz durante o dia, perda de voz e fadiga vocal. Ainda com base no seu referencial teórico, a pesquisadora aponta os fatores que influenciam na voz do professor: individuais, que se referem aos aspectos orgânicos (sistema fonatório) e emocionais (stress); fatores relacionados às características do meio físico, onde a docência se desenvolve (luminosidade, ruídos, número de alunos e dimensões da sala de aula); fatores vinculados aos aspectos inerentes a relação entre o professor e o ambiente de trabalho. A autora estabelece a relação entre a atividade docente, a utilização da voz e o stress do professor, através da literatura especializada na qual ela se apóia, indicando alguns pontos importantes para a compreensão dessa questão. Segundo um dos estudos citados, ser professor é uma das profissões mais estressantes da atualidade. Mas também o desenvolvimento do stress depende do estado de saúde geral do indivíduo, pois nem todos desenvolvem o mesmo tipo de resposta quando submetidos a um mesmo estressor. No sentido fisiológico,

o stress denomina o processo de desadaptação e readaptação que caracteriza o desenvolvimento das pessoas, indicando a ação-reação de todo ser vivo às variações de estímulo do meio ambiente. A autora também menciona uma bibliografia da área de humanas, como: CODO (2002) que afirma ser o trabalho uma característica humana que permeia todos os níveis da sua atividade, seus afetos e sua consciência. Ela cita também Dejours, (1992) para destacar o aspecto de sofrimento que qualquer trabalho contém, mas possui uma carga maior quando ocorre em condições de risco. Essas condições podem afetar a voz, pois o seu mau uso é uma prática que pode ser agravada ou mesmo iniciada pelo stress. Assim, voz e stress aproximam-se muito em diversas características. A autora analisa vários outros textos que desenvolvem essa questão, ressaltando aspectos específicos dessa relação. Referindo-se ainda a Dejours, ela menciona as condições de trabalho do professor, como: salas com muitos alunos, baixa remuneração, ausência de solidariedade entre colegas, quantidade de aulas ministradas ao dia. Outra questão citada é o desempenho da atividade sendo realizada majoritariamente por mulheres, que segundo CODO(1999) acabam atuando como "doadoras de cuidado". A sua entrada no mercado de trabalho, as mudanças que ocorreram na família e o aumento das jornadas de trabalho da mulher, assim como os diferentes papéis por ela assumidos podem funcionar como facilitadores ou geradores de maior sofrimento. Referindo-se a uma pesquisa realizada nos E.U.A., os dados revelam que 50% dos professores desistem da profissão após cinco anos de trabalho. Entre os motivos estariam o stress e o *burnout*.

Em seguida, a autora faz uma análise do conceito de stress, considerando suas fases, fontes sintomas e o stress ocupacional. Entre algumas teses e idéias comentadas na dissertação, vamos destacar o caráter interativo entre o indivíduo e o meio ambiente, sendo que esta troca ocorre em três dimensões: biológica, psicológica e social. Com base na bibliografia a autora considera também o aspecto positivo do stress, pois segundo uma pesquisadora da área (Lipp, 2002) existe o stress negativo, que ocorre em excesso, quando o indivíduo ultrapassa seus limites e esgota a sua capacidade de adaptação, a produtividade e a capacidade de trabalho ficam prejudicadas. O stress positivo é o stress em sua fase inicial (alerta), em que o organismo produz adrenalina propiciando mais ânimo e vigor, ocorrendo um aumento da produção e da criatividade. O stress pode ser considerado uma síndrome denominada de Síndrome de Adaptação Geral (SAG), que engloba todas as alterações que ocorrem no organismo durante uma exposição contínua a um agente de stress. Segundo a classificação adotada pela autora, o stress divide-se em três fases: a fase de alerta, a fase de resistência e a fase de exaustão. Esta última é considerada a mais negativa, pois ocorre um desequilíbrio interior muito grande, podendo ocorrer doenças graves, além de afetar significativamente a capacidade de trabalho da pessoa. Mas, esta também possui recursos internos para lidar com o stress e tais habilidades desenvolvidas para o domínio e adaptação às situações de stress são denominadas *coping* que pode ser traduzido como enfrentamento. É uma resposta (comportamental ou cognitiva) ao stress com o objetivo de aumentar, criar ou manter a percepção de controle pessoal. Segundo um pesquisador (Rosch, 1996) citado, a maior fonte de stress para os adultos é o stress profissional, descrito como uma epidemia global. Atualmente, a grande maioria das doenças do trabalho tem correlação com o stress. Assim, o stress causado pelas condições de

trabalho gera uma resposta em alguns profissionais, observada principalmente naqueles que têm como objetivo de trabalho o contato com outras pessoas. Essa resposta origina nesses profissionais uma síndrome específica chamada Síndrome de *Burnout*. Valendo-se da literatura especializada, a autora define o significado de *burnout*. Assim: *pode ser considerada como uma síndrome, cujos principais sintomas são os sentimentos de esgotamento emocional relacionados ao trabalho. É o produto de uma relação negativa entre o indivíduo e seu trabalho. Em uma visão clínica, a síndrome de burnout é vista como um estado de exaustão resultante das situações de trabalho, em que as necessidades do indivíduo são deixadas de lado. O stress no trabalho é mais freqüente quando há a percepção de se ter muitas responsabilidades significativas, mas poucas possibilidades de tomada de decisões e controle. O esgotamento é percebido quando o profissional sente que não agüenta mais e que não pode mais dar nada de si no trabalho, levando-o nesse momento à exaustão emocional. O profissional desiste simbolicamente da sua profissão, sentindo-se emocionalmente abalado e exaurido, segundo a referência (Codo, Vasques-Menezes, 2002), feita pela autora. No estado de burnout, os profissionais expostos a situações de stress, percebem que oferecem muito mais em comparação ao que recebem e o retorno financeiro é sentido como insuficiente diante das expectativas em relação à profissão. A falta de realização pessoal afeta a habilidade para a realização do trabalho, assim como interfere também na relação do profissional com outras pessoas. Esses se sentem descontentes e insatisfeitos com os resultados no trabalho. As características principais dessa síndrome são: exaustão emocional, despersonalização e redução da realização profissional, conforme desenvolvidas no livro de Codo (2002) e citado nesta dissertação. A suscetibilidade a uma reação de burnout está relacionada à freqüência e intensidade dos estressores e a forma como o indivíduo os avalia, além de estar também relacionada às suas condições físicas, sociais e psicológicas naquele momento. Um profissional que entra em burnout sofre, comprometendo com isso suas relações afetivas e sociais. Citando outro pesquisador (Proença, 1998) o stress no ambiente de trabalho afeta desfavoravelmente a produtividade, provocando modificações no trabalhador, fato que afeta sua saúde e bem-estar. O stress pode ser ocasionado por situações particulares tais como avaliações, mau relacionamento com os companheiros, não reconhecimento, falha em receber uma promoção ou aumento de salário. A autora ressalta que o trabalho, além de possibilitar crescimento, reconhecimento, independência pessoal e profissional também causa insatisfação, desinteresse, apatia e irritação.*

### **Objeto da análise**

O objeto de análise é o professor e, neste caso, são professoras do ensino fundamental ao superior das redes pública e particular do município de Fernandópolis, S.P. A amostra de 35 professoras foi dividida nos dois grupos mencionados, entre os quais foi explorada, em vários aspectos, a relação que constitui objeto de investigação deste trabalho. A pesquisadora estudou o stress em professoras disfônicas.

## **Metodologia Utilizada**

Formou-se, inicialmente, um grupo, para o qual foram selecionadas as professoras que corresponderam aos seguintes critérios:

- Ser do gênero feminino, pelo fato de mulheres estarem mais expostas à condição de stress.
- Ter idade entre 18 e 40 anos
- Não ter realizado terapia fonoaudiológica

As professoras que voluntariamente concordaram em fazer parte desta pesquisa foram submetidas aos seguintes exames:

- Exame laringoscópico
- Avaliação perceptivo-auditiva

A seguir, houve a divisão das professoras em dois grupos:

- Grupo de professoras com alteração vocal (GPA), constituído por 21 professoras com diagnóstico de disfonia.
- Grupo de professoras sem alteração vocal (GPS), composto por 14 professoras que não apresentavam disfonia.

Para a coleta de dados foram utilizados protocolos para a obtenção dos dados necessários, que foram apresentados da seguinte maneira:

1. Questionário de Identificação Pessoal (Anexo)
2. Voice HandcapIndex (VHI) Anexo- Impacto da Voz , dividido em três escalas: Funcional – informações que descrevem o impacto dos distúrbios das pessoas.
3. Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL) – avaliar sintomas de stress

## **Resultados da pesquisa**

Foram realizadas análises estatísticas com base em testes e cálculos para a comparação entre os dois grupos e também técnicas descritivas do comportamento de cada um deles.

Na caracterização da amostra, a pesquisadora descreve cada um dos grupos, em função da idade, estado civil e filhos. Os resultados da pesquisa encontram-se nas seguintes tabelas e gráficos.

Tabela 1: Demonstrativo da Média, Índice Mínimo e Máximo para a Variável Idade entre as Professoras do Grupo de Professoras com Alteração Vocal (GPA) e grupo de Professoras Sem Alteração Vocal (GPS)

Tabela 2: Distribuição Numérica e Percentual das Professoras: Grupo de Professoras Com Alteração Vocal (GPA) e Grupo de Professoras Sem Alteração Vocal (GPS) para a Variável Estado Civil

Tabela 3: Distribuição Numérica e Percentual das Professoras do Grupo de Professoras Com Alteração Vocal (GPA) e Grupo de Professoras Sem Alteração Vocal (GPS) para a Variável Filhos.

Tabela 4: Distribuição Numérica e Percentual para os Domínios do Questionário VHI para o GPA e GPS.

Tabela 5: Resumo das Médias e Desvios Padrão para cada Domínio investigado no Questionário VHI para p GPA E GPS.

Tabela 6: Valores dos Postos Médios obtidos para cada Impacto investigado pelo Questionário VHI para o GPA.

Tabela 7: Valores do Cálculo do Intervalo de Confiança Conjunto para Comparação Pareada usando a estatística de Bonferroni para o GPA

Tabela 8: Valores dos Postos Médios obtidos para cada Impacto Investigado pelo Questionário VHI para o GPS.

Tabela 9: Valores do Cálculo do Intervalo de Confiança Conjunto para Comparação Pareada usando a Estatística de Bonferroni para o GPS.

Tabela10: Dados Descritivos dos Postos do do GPA e GPS para o domínio funcional, físico e emocional do Questionário VHI

Tabela 11: Resultados do Teste de Mann-Whitney para a Diferença de Médias entre os dois grupos para o Domínio Funcional, Físico e Emocional do questionário VHI.

Tabela 12: Distribuição numérica e percentual para o Questionário ISSL, segundo a Presença de Sintomas do Stress, nos grupos GPA e GPS.

Tabela 13: Distribuição numérica e percentual para o Questionário ISSL, segundo a fase do Stress Nos grupos GPA e GPS.

Tabela 14: Distribuição numérica e percentual para o Questionário ISSL, segundo o Tipo de Sintoma de Stress, nos grupos GPA e GPS

Tabela 15: Valores do Teste do Qui-Quadrado de Pearson

Gráficos:

1: Intervalo de confiança Conjunto a 95% para a média dos Postos nos Domínios do VHI para o GPA

2: Intervalo de Confiança Conjunto a 95% para a média dos Postos nos Domínios do VHI para o GPS

3: Moda das Respostas para o impacto Físico do VHI nos dois Grupos

4: Percentual dos Professoras com Stress de ambos os Grupos

5: Comparação de Ocorrência de Stress entre as professoras dos dois grupos segundo a fase do Stress

Quadros:

1: Os cinco Sintomas Físicos mais freqüentemente mencionados pelas professoras dos dois grupos

2: Sintomas de Stress mais frequentes nas professoras do GPA

3: Sintomas de Stress mais freqüentes nas Professoras do GPS

Na discussão dos resultados, a autora recorre novamente à literatura da área e os compara aos resultados de outras pesquisas e estudos, sendo que alguns são diferentes e outros aproximam-se mais daqueles encontrados

por ela. Ela analisa os resultados, cruzando dados pessoais com níveis de stress e alterações vocais, dos quais ela extrai as seguintes conclusões:

- 1 As professoras do grupo (GPA) sentem o impacto da alteração vocal no nível das sensações físicas
- 2 .As professoras do GPS sentem impacto da voz nos níveis físico e funcional
3. As professoras do GPA sentem-se mais impactadas pela sua voz do que as do GPS.
4. 49% das professoras não têm sintomas mais acentuados de stress e a predominância das professoras com stress se dá na fase de resistência com 40% delas.
5. Do GPA, 47,6% não referiram apresentar sintomas de stress e 42,9% possuem sinais de stress da fase de resistência, segunda fase do stress
6. Para o GPS, 50% não apresentaram sintomas do stress e 37,7% possuem sinais do stress da fase de resistência, segunda fase do stress
7. Do grupo de professoras (GPA) com diagnóstico de stress, 42,9% sentem sintomas físicos do stress. Da mesma forma, 35,7% das professoras do GPS referiram sentir esse tipo de sintoma.
8. Embora tenha sido detectado um nível alto de stress entre as professoras, não foi encontrada correlação significativa entre disфонia e presença do stress.

Anexos:

- Formulário de Informação e Consentimento
- Dados de Identificação
- Voice Handicap Index (VHI) Índice de Incapacidade Vocal

### **Referencial Teórico**

O referencial teórico da dissertação está presente em todos os seus capítulos, obviamente. No capítulo dedicado à revisão da literatura, no entanto, a autora cita inúmeros estudos, pesquisas e análises, retomando as mesmas idéias e teses já expostas nas suas considerações sobre os temas discutidos: voz, stress, voz e stress, voz e stress em professores, ou seja ela menciona diversos trabalhos que tratam dessas mesmas questões para mostrar a fundamentação teórica das suas afirmações. Vamos mencionar algumas delas. A conclusão de uma das pesquisas é de que a saúde geral das professoras com queixa vocal é pior do que a de professoras sem queixa vocal. No mesmo estudo, o pesquisador conclui que a disфонia afeta a vida social do sujeito, causando impacto significativo em sua qualidade de vida. Numa outra pesquisa, chega-se à conclusão que dentre as professoras com problemas de voz, há uma grande insatisfação com a atividade desenvolvida. Em outra, que os sintomas de stress não se alteravam entre os disfônicos e os não disfônicos, mas que existiu uma tendência por parte dos disfônicos a responderem mais somatizadamente ao stress apresentando maior impacto ao mesmo. Num outro estudo (Carneiro, 2003) são analisadas as condições de trabalho do professor, como fator de stress: os professores estão muito expostos a muitos riscos como elevado nível de pressão sonora, posturas viciosas, temperatura da sala de aula, exposição ao giz e stress decorrente da relação com os alunos, direção e organização da escola. O risco mais destacado refere-se ao uso continuado da voz, instrumento de trabalho do professor. Nessa pesquisa são apresentados alguns dados relacionados ao comportamento das

licenças médicas e das readaptações funcionais dos servidores municipais da cidade de São Paulo, por motivos relacionados com distúrbios de voz. Outra pesquisa (Reinhold, 1984), demonstra que o estressor ocupacional mais freqüentemente mencionado foi ter classes com muitos alunos e os sintomas mais freqüentes e intensos se referem à tensão, nervosismo e exaustão, os quais são fatores relacionados ao *burnout*. Outra pesquisa aponta que para os professores entrevistados, as fontes de stress estão relacionadas à pouca participação na tomada de decisões da escola, muitos alunos nas classes, questão salarial e a desvalorização da carreira de docente, poucos recursos materiais e didáticos para o exercício de sua profissão. Os estudos mencionados analisam também as fases de stress dos professores, as questões de gênero, a saúde geral desses trabalhadores, as séries lecionadas por eles, entre outros fatores. Vamos indicar os autores mais citados na dissertação a fim de se ter uma noção do referencial teórico no qual ela fundamenta-se, ressaltando o seu caráter interdisciplinar: Fonoaudiologia, Psicologia da Educação, Biologia, Sociologia, ou seja, vários ramos do conhecimento que trabalham a questão das doenças profissionais e a saúde do trabalhador.

ABBUD IE. SF-36 e VHI: Avaliando o impacto da Disfonia no dia-a-dia de Professoras do Ensino Fundamental da Rede Pública e Particular. Pesquisa de Iniciação Científica. PUC. São Paulo

ALMEIDA APC. Trabalhando a Voz do Professor: Prevenir, Orientar e Conscientizar. (Monografia de Especialização), CEFAC (Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica- Voz), Rio de Janeiro, 2000

BEHLAU M. AZEVEDO R. MADAZIO G. Anatomia da Laringe e Fisiologia da Produção Vocal. In: Behlau, M. (org.) *Voz: O livro do Especialista* – Vol.1 Rio de Janeiro: Revinter, 2001

BOTELHO AC. MONTEIRO C. JUCÁ F. Relação Voz X Emoção na Docência. Anais 33º Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia e 4º Congresso Norte/Nordeste de Otorrinolaringologia. Recife/ PE: 1996.

CODO W. GAZZOTTI AA. *Educação: Carinho e Trabalho*. Petrópolis, RJ:Vozes, 1999

COELHO MABC. Da Relação entre Stress e Distúrbios da Voz. (Dissertação de Mestrado), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, SP, 1994

DEJOURS C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1992.

DRAGONE MLS. NAGANO L. BEHLAU M. Visão Atual sobre o Problema Vocal do Professor. Revista Intercâmbio, VolVIII, 1999, 39-48.

FRANÇA AC. RODRIGUES AL. Stress e Trabalho: uma abordagem psicossomática. SP:Atlas, 1999.

LIPP M. (org). *O Stress do Professor*. Campinas/SP: Papyrus, 2002.

MARQUES KS. LIMA SMF. FRANÇA CA. LEAL EQ. Implicação do Stress na Voz do Professor. Anais- Congresso Brasileiro de Stress. São Paulo, 2003.

MEIRA SR. Implicações do Stress de professores e Alunos no Processo de Alfabetização. In: Lipp M. (org). *O Stress do Professor*, Campinas, SP: Papyrus, 2002.

PEREIRA LP. A relação entre Stress e Disfonia em Professoras da Rede Estadual de Ensino da Cidade de São Paulo. (Monografia de Especialização em Fonoaudiologia-VOZ). Universidade de São Paulo,2002.

PEREIRA LP. TELLES MQ. FERREIRA LP. O Estresse Ocupacional da Professora. Anais-Congresso Brasileiro de Stress. São Paulo, 2003.

REINHOLD HH. O Burnout. In: Lipp (org) *O Stress do Professor*. Campinas/SP: Papyrus,2002.

SAMPAIO JJC. MESSIAS, ELM. A Epidemiologia em Saúde Mental e Trabalho. In: Codo, W. *Saúde Mental e Trabalho: leituras*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SAVOIA MG. A Relação entre Stress e Transtorno do Pânico. In Lipp MEN (org) *Mecanismos Neuropsicofisiológicos do Stress: teoria e aplicações práticas*. SP: Casa do Psicólogo, 2003.

SOUZA TMT. Ferreira LP. Um século de Cuidados com a Voz Profissional Falada: a contribuição da Fonoaudiologia. In: Ferreira LP. Costa H. *Voz Ativa \_ Falando Sobre p Profissional da Voz*. São Paulo: Roca, 2000,2000

TENELOTTO JMF. ALMEIDA CP. BERTOLLO FZ. LUNARDI LL. LOMBARDI T. Sintomas Físicos e Psicológicos de Stress em Professores de uma creche. Anais - Congresso Brasileiro de Stress. São Paulo,2003.

PETTER, Virgínia. **Relação entre disfonia referida e potenciais fatores de risco no trabalho, em professores do ensino fundamental. Porto Alegre-RS.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina da UFRGS. Porto Alegre, 2004.

ORIENTADOR: DR. PAULO ANTÔNIO BARROS OLIVEIRA / UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS

FORMAÇÃO DA AUTORA: FONOAUDIOLOGIA (1996)

PALAVRAS-CHAVE: DISFONIA, FATORES DE RISCO.

LINHA DA PESQUISA: NOVAS TECNOLOGIAS E NOVAS ORGANIZAÇÕES DO TRABALHO E SUAS REPERCUSSÕES SOBRE A SAÚDE.

AUTOR DA RESENHA: MURILO VALENÇA BEZERRA

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

O trabalho "Relação entre disfonia referida e potenciais fatores de risco no trabalho, em professores do ensino fundamental, Porto Alegre-RS", é a publicação da dissertação de mestrado defendida pela fonoaudióloga Virgínia Petter, em 2004, no Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, segundo a linha de pesquisa Novas Tecnologias e Novas Organizações do Trabalho e suas repercussões sobre a saúde, e orientado pelo Dr. Paulo Antônio Barros Oliveira.

Petter tem como problemática investigar quantitativamente os potenciais fatores de risco que estejam relacionados à ocorrência de disfonia em professores do ensino fundamental em exercício, ou ainda, como as condições de trabalho docente favorecem a perda da capacidade vocal dos professores.

### **Objeto de análise**

O objeto de análise da pesquisa desenvolvida por Petter é a ocorrência de disfonia no exercício da profissão docente. A autora tem interesse em relacionar e quantificar as razões ou os fatores de risco presentes nas condições de trabalho dos professores, mediante depoimento dos mesmos.

Embora a autora mantenha o foco sobre o trabalho do professor em sala de aula, ela não deixa de apontar para a possibilidade de adoção de políticas de saúde voltadas para esta classe de trabalhadores. Neste sentido, ao realizar um estudo quantitativo sobre o tema, a autora espera que os dados obtidos na pesquisa possam ajudar a basear políticas em relação à saúde do trabalhador, em especial de professores.

Petter também argumenta sobre a necessidade de preparação deste e de outros profissionais com base em um processo de educação vocal a ser considerada, inclusive, como disciplina nos cursos de formação de professores, com vistas à prevenção dos problemas de disfonia.

Em sua introdução, Petter desenvolve o argumento que a comunicação é pré-requisito funcional para o processo de humanização e integração dos indivíduos em sociedade. A autora atribui à comunicação, portanto, uma função de natureza integradora numa sociedade pressupostamente

harmoniosa. A autora não faz menção quanto à função da comunicação como mediadora também dos conflitos no interior desta mesma sociedade.

### **Metodologia utilizada**

A pesquisa de Petter realizou um *estudo transversal* considerando uma população de professores de 2.042 professores em 47 escolas municipais do Ensino Fundamental de Porto Alegre-RS, no período de abril a maio de 2003. Foram sorteadas duas escolas por região, segundo o zoneamento da Secretaria de Educação do município, totalizando oito escolas. O tamanho da amostra seguiu critérios de inclusão e de exclusão, e seu tamanho foi definido conforme o referencial de Triola (TRIOLA, M. F. *Introdução à estatística*. 7. Ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos – AS. 1999). Com pequenas ponderações, o *tamanho da amostra final foi de 385 professores* que lecionavam em turmas cujo número de alunos não ultrapassa 35 por sala de aula.

O instrumento para coleta de dados da pesquisa utilizado foi um questionário auto-aplicado, previamente testado e utilizado pela mesma autora em pesquisa anterior realizada em 2001. Durante dois meses, o preenchimento dos questionários foi antecedido por visitas e esclarecimentos da pesquisadora nas escolas selecionadas. Além dos questionários, foram coletadas 12 amostras de pó-de-giz dispersos no ar, seguindo a metodologia do Instituto NIOSH – *National Institute for Occupational Safety and Health*, órgão ligado ao Departamento de Saúde do Governo Americano (ver o sítio <http://www.cdc.gov/niosh/homepage.html>). Como a pesquisa pretende relacionar potenciais fatores de risco e disfonia, Petter considerou a literatura especializada e os dados empíricos revelados nas queixas mais comuns de professores que buscam tratamento da disfonia nas clínicas fonoaudiológicas. É por esta razão que a disfonia é chamada na pesquisa de *disfonia referida*.

A autora buscou investigar a influência dos seguintes fatores de riscos mencionados pelos professores: tempo de trabalho (anos), jornada de trabalho (carga horária semanal), existência de intervalos durante a jornada, turnos de aula, ruído ambiental, por meio da percepção auditiva, presença de agentes químicos, especialmente o pó-de-giz, percepção do tamanho da sala em relação ao número de alunos, percepção da temperatura e de poeira.

A análise dos dados foi feita por meio da estatística descritiva realizada pelo programa Statical Package for the Social Sciences (SPSS) Versão 10.0. Para as escalas contidas no questionário, usou-se uma escala de classificação baseada em Cooper & Schindler (COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. *Métodos de Pesquisa em Administração*. 7ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2003).

No plano de análise, foram definidos os critérios para avaliar o efeito de cada potencial fator de risco na frequência de disfonia referida, e verificada como e quanto estas variáveis modificam ou influenciam o relacionamento entre cada potencial fator de risco e a frequência de disfonia referida.

As questões éticas foram administradas através da autorização prévia da Direção da Secretaria Municipal de Educação – SMED, do consentimento pós-informado aos participantes da pesquisa, da garantia de seu anonimato e da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## Referencial teórico

Segundo Petter, a voz é instrumento para *socializar* o saber adquirido e gerar conhecimento. O bom desempenho ocupacional é visto em sua relação com o bom uso da capacidade vocal do profissional conforme vários autores (JOTZ, G. P. et al. Aplicação do "Voice Handicap Index" em coralistas. Arquivos de Otorrinolaringologia. Vol. 6, n4., 2002, p.26-0264; BEHLAU, M; PONTES. P. *Avaliação e tratamento das disfonias*. São Paulo: Lovise, 1995, p.312; Gonsalves. G. B. B. Algumas reflexões éticas sobre disфония enquanto doença ocupacional e a atuação de fonoaudiólogos e docentes. Art/2002. Disponível em: <http://www.fonoaudiologia.com>, acessado em 21 março de 2003).

É importante ressaltar que a autora, ao longo da dissertação, faz uso freqüente das expressões "eficácia" e "desempenho" quando se refere à capacidade vocal dos professores. Para Petter, entretanto, a voz não é apenas fundamental para a comunicação humana uma vez que é através dela igualmente que os indivíduos transmitem tanto suas intenções comunicativas como emocionais. A autora procura definir a disфония que se caracteriza por qualquer dificuldade na emissão vocal que iniba a produção natural da voz. Para Petter as difonias se desenvolvem geralmente naqueles indivíduos que fazem abuso ou mau uso vocal e, principalmente, nos que usam a voz profissionalmente – a voz como instrumento de trabalho, a exemplo de cantores, professores, atores, etc., sem qualquer técnica e consciência de seu uso correto.

Deve-se ficar atento pois esta linha de reflexão pode sugerir o registro de um certo movimento de culpabilização do profissional que adquire disфония, não observando as condições precárias de seu trabalho, mas não é isso que Petter quer dizer.

Baseando-se nos estudos de Dragone (DRAGONE, M. L. Voz do professor: interface e valor como instrumento de trabalho. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, defesa em 2000. Cantinho das teses: São Paulo: Pró-Fono, 2002, p.191), Ferreira (FERREIRA, L. P. Trabalhando a voz. Vários enfoques em fonoaudiologia. São Paulo: Editorial, 1987, p. 158), Penteadado & Pereira (PENTEADO, R. Z.; PEREIRA, I. M. B. A voz do professor: relações entre trabalho, saúde e qualidade de vida. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional. Vol. 25, n.95/96, 1999, p.109-128), a autora define o professor como profissional que utiliza a voz como recurso e instrumento de trabalho e, que o sucesso de sua profissão depende da sua voz e da sua fala. Entretanto, ela reconhece que os problemas de voz nos professores guardam relações estreitas com as condições de trabalho desses profissionais, envolvendo jornada de trabalho extensas, produção e aspiração de pó de giz, postura ao falar, competição sonora com ruídos internos e externos na sala de aula, todos considerados como fatores de risco no trabalho.

Uma das hipóteses adotadas pela autora é considerar que a disфония é responsável por limitações físicas e emocionais, comprometendo a saúde global do trabalhador. Segundo a autora, acompanhando Dragone (2000), a voz do indivíduo não pode estar dissociada de seu mundo, pois está relacionada a todas as influências do contexto, e, neste sentido a voz deve ser considerada não apenas como processo fisiológico, mas também emocional e cultural, considerando a intenção do discurso norteando a forma e as atribuições da voz em consonância com o grupo social.

A escolha de avaliar a relação entre disfonia referida e potenciais fatores de risco no trabalho, em professores do ensino fundamental, ocorreu, segundo Petter, pelo fato de os profissionais realizarem várias estratégias didáticas pedagógicas, quando acabam utilizando suas vozes de forma excessiva e inadequada, muitas vezes concomitante a um ambiente não adequado à prática docente. Baseando-se em Souza e Ferreira (SOUZA, T. M. T.; FERREIRA, L. P. Caracterização vocal dos professores do município de São Paulo – DREM 5. IN FERREIRA, L. P.; COSTA, H. O. *Voz ativa. Falando sobre o profissional da voz*. São Paulo: Roca, 2000, p. 145-161), a autora diz que a disfonia ou distúrbios vocais aparecem nos primeiros anos de profissão, e verifica-se que piora com o tempo expressos em anos de trabalho. Petter também assinala a contribuição dos estudos de Dragone e Sichirolli (1997) que afirmam que a voz do professor é vulnerável ao tempo e ao uso inadequado.

### **Resultados da Pesquisa**

Os resultados da pesquisa demonstram, segundo Petter, um panorama de uma categoria de trabalhadores sobrecarregada, condições ambientais não favoráveis e sem treinamento vocal adequado para o exercício da profissão. Do total dos participantes, 207 professores foram classificados por apresentarem disfonia referida. A idade da amostra teve uma média de 42,1 com desvio padrão de 8,5 anos, sendo o sexo feminino predominante (339). A maioria dos professores apresentam uma jornada de trabalho acima de 40 horas semanais (236) e tempo de serviço entre 11 a 20 anos na rede pública de ensino. Os professores trabalham em dois turnos diariamente, com intervalos de descanso.

Na percepção dos professores, o tamanho da aula seria adequado, embora a sala seja quente e com pouca ventilação. Uma parte expressiva dos professores (287) trabalham com a presença de forte ruído externo e com a presença de poeira na sala. Os professores costumam falar alto em sala e não tiveram orientação vocal (323). Com relação ao resultado do laudo analítico da concentração da poeira total direcionada para o pó-de-giz em salas de aula, obtidas por gravimetria (NIOSH 5000), encontra-se dentro dos limites de exposição segundo ACGIH (2003), para a jornada normal de 8 horas diárias e 40 horas semanais. Entretanto, Petter, com base em Negrão (2002), assinala que o constante pó-de-giz nas salas de aula, o uso de ventiladores, a umidade, ruídos externos e internos, a limpeza inadequada das salas favorecem ao acúmulo de poeira configurando uma situação nociva ao aparelho fonador.

RESSURREIÇÃO, Sueli Barros da. **Coração de professor: o (des)encanto do trabalho sob uma visão sócio-histórica e lúdica.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Educação. Salvador, 2005.

ORIENTADOR: PROFA. DRA. BERNARDETE DE SOUZA PORTO

FORMAÇÃO DO AUTOR: PSICOTERAPEUTA CORPORAL, LECIONA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO E PSICOMOTRICIDADE NOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA

PALAVRAS-CHAVE: FORMAÇÃO DE PROFESSORES; AFETIVIDADE; TRABALHO DOCENTE, LUDICIDADE, ATIVIDADES LÚDICO-CORPORAIS; MAL-ESTAR DOCENTE

LINHA DA PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES; GEPEL- GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO E LUDICIDADE.

AUTORA DA RESENHA: MARIA ROSA LOMBARDI

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

Hipótese: as atividades lúdicas e as vivências psico-corporais, inseridas num espaço que possibilite aos professores compartilharem seus impasses e questionamentos enfrentados no cotidiano de sua práxis, podem ser um meio de ampliação de contato com os processos psíquicos, servindo como estratégias para atuar no equilíbrio afetivo-racional.

Questão central que a autora se coloca: Como a ludicidade, uma vez inserida no processo de formação do professor, pode contribuir para crescimento pessoal e profissional e para a expansão do investimento afetivo no seu trabalho?

Outras questões colocadas pela autora:

1. Até que ponto o professor expressa sua afetividade e tem retorno no seu investimento emocional?
2. Como elabora seus vínculos afetivos diante da crise atual em que se encontra?
3. Como a progressiva fragmentação do seu trabalho afeta o rendimento e suas relações, a ponto de causar-lhe um "endurecimento afetivo", ou seja, um corte na relação, expressando distanciamento emocional, indiferença ou desprezo diante do educando?
4. Como a formação docente pode desenvolver atividades que colaborem para ampliação da consciência do professor sobre seus conflitos e para sua competência afetiva-cognitiva, levando-o a enfrentar seus impasses resistindo, conduzindo positivamente sua afetividade, transformando sua realidade e não desistindo do seu papel?

### **Objeto da análise**

O objeto de análise é o professor, a afetividade no trabalho docente do professor do ensino médio, em escolas públicas estaduais da região metropolitana de Salvador, Bahia.

Coloca como objetivo geral da pesquisa, "analisar a importância da ludicidade e da vivência psico-corporal na formação do professor, refletindo sobre a relação afetividade e trabalho" (p.19)

## Metodologia utilizada

O método utilizado foi o qualitativo. Utilizou um conjunto de técnicas, como as entrevistas individuais semi-estruturadas, a observação participante, oficinas de sensibilização da afetividade, mas a autora destaca, em particular, a realização de grupo focal, porém não nos moldes tradicionais de uma reunião de algumas horas, mas um grupo focal constituído de alunos de um curso de extensão que ela ofereceu e ministrou na UNEB. Ou seja, os alunos do curso foram os participantes do grupo focal. Este se constituiu de 22 professores em exercício, do nível médio de ensino, da rede pública estadual da região metropolitana de Salvador, num processo de coleta de dados que durou nove meses (contados desde o período de oferta do curso na instituição, inscrições, seu desenvolvimento, até o final). Destaca as seguintes etapas de coleta de dados, que incluem seleção do grupo, entrevistas e o próprio curso de extensão.

1. Seleção e caracterização do grupo focal: para a fase de recrutamento dos interessados a participantes do grupo focal, usou como estratégia a oferta de um curso de Extensão Universitária na Faculdade de Educação da UNEB (onde leciona), com o título *Coração de professor, o (des)encanto do trabalho docente*, apresentando-o para apreciação e aprovação do departamento. Essa estratégia serviu também como principal dispositivo de coleta e análise de dados. O curso teve como foco o objetivo da pesquisa, a saber, a discussão sobre a afetividade do professor no seu trabalho e a importância da ludicidade e das práticas psico-corporais na sua formação. A seqüência do processo de seleção, a seguir:

a. aplicação de questionário-ficha de inscrição no recrutamento dos professores ao curso, contendo questões sobre o perfil, os motivos do interesse pelo curso etc;

b. critérios de seleção dos alunos / participantes do grupo focal:

i. ao menos um professor de cada colégio localizado desde a periferia até o centro de Salvador;

ii. sexo dos inscritos: aceitaram os 7 homens que se inscreveram para contrabalançar a maioria de mulheres;

iii. incluíram professores de todas as disciplinas do ensino médio;

c. características dos 27 professores selecionados (incluindo monitores e/ou observadores participantes). Obs: Com a desistência no decorrer do curso, ficaram 22:

- 20 mulheres e 7 homens

- 17 casados, 2 divorciados e 8 solteiros

- faixa etária entre 26 e 52 anos

- faixa salarial entre 3 e 5 mínimos

- 1 professora temporária e 26 efetivos concursados

- maioria com carga horária semanal em torno de 40 horas

- média de tempo de serviço: 12 anos

- apenas 3 não tinham pós-graduação

2. Caracterização das percepções, atitudes, valores, sentimento e opiniões dos professores participantes do grupo: foram aplicadas 9 entrevistas individuais semi-dirigidas, com roteiro composto por questões abertas e fechadas, em duas fases, as 4 primeiras nos meses de maio/junho 2004 e as demais 5, entre agosto e setembro do mesmo ano.

Abordaram condições de trabalho docente, processo pedagógico, formação profissional, nível de satisfação atual, envolvimento emocional, ludicidade e

energia investida na atividade pedagógica. Esse instrumento incorporou diversos componentes, oriundos de :

- a. itens-chave da Escala de Maslach- MBI- Maslach Burnout Inventory
- b. inventário psicológico para investigação da síndrome (Codo, 1999)
- c. matrizes educacionais sugeridas para este século para os órgãos oficiais (Delours, 2001)
- d. estudos sobre educação e ludicidade do GEPEL

3. Oficinas pedagógicas com os alunos do curso de Extensão: terceira etapa da coleta de dados, correspondeu ao curso em si. Objetivou discutir sobre a afetividade do professor no seu trabalho , com o recurso de atividades lúdico-corporais. A metodologia das oficinas baseou-se no Grupo de Movimento (GM), que tem referencial teórico-metodológico reichiano (Reich,W. *A função do orgasmo*. São Paulo, Brasiliense, 1961), teoria de Bioenergética de Lowen (Lowen 1985); as atividades lúdicas foram analisadas a partir do quadro teórico desenvolvido em torno do conceito de ludicidade no GEPEL (Luckesi, 2000 e Porto, 2002). Instrumentos de coleta utilizados nesta etapa: notas de campo, técnicas projetivas, cartas e memoriais escritos após as vivências, registro de imagens em fotografias e filmes

O tratamento e a análise dos dados teve como eixos interpretativos as questões formuladas no projeto de pesquisa, quais sejam:

- a. quais as características presentes no sistema educacional que se apresentam como desencadeantes do mal-estar docente?
- b. quais as implicações das condições atuais de trabalho sobre o investimento afetivo do professor?
- c. no seu processo de formação e constituição da identidade profissional, como o professor reage à fragmentação do seu trabalho e à negação simbólica de sua afetividade e de seu saber?
- d. como a ludicidade e a corporeidade, como estudo e vivência psico-corporal inserida na formação do professor, podem contribuir para seu auto-conhecimento e fortalecer seu investimento afetivo?

### **Referencial teórico**

As três categorias teóricas que orientaram a análise dos dados foram trabalho, afetividade e ludicidade:

1. Trabalho: Compreende que o trabalho, como atividade criativa e produtiva, tem um papel formativo no desenvolvimento humano, na constituição da consciência humana. "Para tanto dialogamos com teóricos que, apoiados no humanismo histórico de Marx e Engels ( Marx, 1987;1999 e Engels (1952), interpretam a concepção do ser humano como totalidade e as contradições presentes no seu processo de formação. Assim, autores como Leontiev (1964), Lúria (1996) e Vygotsky (1988;1999) destacam as condições em que a consciência humana é formada no processo sócio-histórico. Outro autor destacado é Bakhtin (1995), que chama atenção para a importância da "filosofia da linguagem" para compreensão do comportamento humano" (p.35) . A autora compreende o trabalho como uma atividade social, fundante do ser humano biológico, psicossocial e histórico, que assume centralidade ontológica na formação humana em duas dimensões: subjetiva, que envolve sonhos, afetos e expectativas e objetiva, ou as condições físicas e materiais e os modos de produção.O trabalho, como atividade produtiva e criativa é

necessário à vida humana, mas foi perdendo o sentido e o prazer da realização no modo de produção capitalista, que ignorou a dimensão subjetiva constituinte de sua ação, exigindo uma reestruturação do modo de agir do trabalhador.

2. Afetividade: "Ora ela será discutida como função organizadora do processo de desenvolvimento mediante o "parto dialético", segundo a abordagem de Wallon (1964) e ora como reguladora das funções psíquicas, conforme a teoria de Vygotsky (1988)"(p. 36). A autora compreende, seguindo os autores citados, que movimento, afetividade, cognição e sociabilidade desenvolvem-se integradamente, dialeticamente. "Cada momento evolutivo é marcado por uma busca de diferenciação do ser no mundo, um parto constante e dialético, seja no campo afetivo, seja no terreno cognitivo e que tem como fundamento à formação da consciência corporal, condição psicomotora necessária à constituição do sujeito: geneticamente social e essencialmente afetivo" (p.54)
3. Ludicidade: discute "a ludicidade e seus elementos presentes na atividade humana, especialmente sua relação com o trabalho no desenvolvimento da consciência social, por intermédio da perspectiva sociocultural sobre o papel do jogo no processo formativo. Assim, teóricos como Huizinga (2004), Manson (2002), Brougère (1998), Elkonin (1998) e pesquisadores como Dantas (2002), Porto (2001), Oliveira (2002), Luckesi (2002), Negrine (2001) e outros que dissertam sobre as características da atividade lúdica e sua importância para o desenvolvimento humano." (p.36). A autora compreende que ludicidade e trabalho são complementares e têm papel semelhantes na formação humana: ambos provocam transformações anatômicas, emocionais e cognitivas no sujeito, ambos suscitam tensão e prazer frente às regras que envolvem suas circunstâncias. Afirma ser necessário cair no "feitiço" de trazer à tona o valor sociocultural do trabalho e da ludicidade.

Adotou no estudo a abordagem sócio-histórica (entendida como sinônimo de sociocultural), conforme definição de Wertsch et al (1998), que objetiva explicar as relações entre funcionamento da mente humana, de um lado e as situações culturais institucionais e históricas, nas quais este funcionamento ocorre, de outro. Essa perspectiva teórica está baseada no pensamento dialético marxista, segundo o qual, o homem nasce com determinada bagagem inata, mas o seu desenvolvimento se dá em um determinado meio, no qual adquire habilidades de comunicação, regras sociais, hábitos etc. É uma abordagem que ao lado das mediações socioculturais, considera o homem também como um indivíduo, um sujeito, com intenções e emoções, age e produz história, ao mesmo tempo em que é produzido por ela.. Vem de Marx a compreensão de que o homem é um ser social, em que há unidade entre *objetividade e subjetividade*.

Destaco que a autora faz uma revisão bibliográfica extensa, partindo das categorias teóricas que eleger para analisar os dados de pesquisa, dialogando com vários autores, articulando as idéias próprias e dos autores entre si, num texto de boa compreensão. A seguir, as referências:

CODO, W (org). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes. 1999

REICH, W. *A função do orgasmo*. São Paulo, Brasiliense, 1961

- LOWEN ,A. *Bioenergética*. São Paulo, Summus,1985
- LUCKESI,Cipriano (org). *Ludopedagogia- Ensaios 1: Educação e Ludicidade*, Salvador, UFBA/FACED/GEPEL, 2000
- PORTO, B. DE S E CRUZ, S.H. Uma pirueta, duas piruetas, bravo, bravo! A importância do brinquedo na educação das crianças e de seus professores. In: Porto, B de S. (org) *Ludopedagogia- Ensaios 2: Ludicidade, o que é isso mesmo?* Salvador, UFBA/FACED/GEPEL, 2002
- HUIZINGA, J. *Homo ludens. O jogo como elemento de cultura*. São Paulo, Perspectiva, 2004
- LUCKESI, C.C. Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. In: Porto, Bernardete S. de S (org) *Ludicidade: o que é isso mesmo?* Salvador, UFBA/FACED/GEPEL, 2002
- MARX, K E ENGELS,F. *A ideologia alemã* ( Feuerbach). São Paulo, Hucitec, 1999
- PORTO, B. de S. *Bola de meia, bola de gude... a criatividade lúdica, a formação e a prática pedagógica do professor alfabetizador*. Tese de doutorado- Univ.Federal do Ceará, 2001
- NEGRINE, A. Ludicidade como ciência. In Santos, S.M. *A ludicidade como ciência*. Petrópolis, RJ. Vozes 2001
- WERTSCH , J. V. (org) *Estudos socioculturais da mente*. Porto Alegre, Artmed, 1998

## **Resultados da pesquisa**

Conclusões mais importantes:

1. o professor contemporâneo é um profissional em crise de identidade, comprometido com sua afetividade e auto-expressão e perplexos com as novas atribuições e habilidades exigidas;
2. percepções sobre o próprio trabalho:
  - a. reconhecem o valor social de seu trabalho, o compromisso ético, político e socio-afetivo nele envolvidos
  - b. trabalho desafiador, pois tem o papel de ampliar a visão de mundo dos educandos
  - c. a atividade do professor exige, continuamente, reflexão sobre a ação, compreensão do processo de ensino como atividade eminentemente intelectual
  - d. exige conciliação constante entre técnicas e saberes e a contextualização destes, face á realidade dos alunos
  - e. admitem que os afetos ( bem querer, ser paciente, escutar, acolher, conciliar etc) são essenciais na atividade docente
  - f. a atividade do professor é entendida como multidimensional ( possui dimensão formadora, política, técnica, afetiva e ética)
  - g. os entraves encontrados na realização do trabalho trazem frustração, tristeza, insegurança, impotência, revolta, desânimo, decepção, angústia e exaustão. Essa "dor" é focada na sua identidade e na sua imagem social.
  - h. Os fatores contextuais que provocam o mal-estar, estão concentrados na desvalorização social do trabalho e na negação do professor como sujeito e figura principal no planejamento e desenvolvimento das ações pedagógicas (política públicas de formação docente, organização sindical e

- precárias condições de trabalho, como lotação de salas, sobrecarga de trabalho, mecanismos de controle exercidos pela gestão escolar)
- i. Sentem-se sujeitos de um "apartheid profissional" pois são discriminados e rotulados de desinteressados e incompetentes; como "baderneiros" pelas autoridades, quando reivindicam seus direitos
3. o "corpo emocional" do professor, seu principal instrumento de trabalho e veículo de expressão afetiva apresenta-se exausto, frente às adversidades encontradas. A exaustão pode contribuir para um desânimo ou endurecimento afetivo perante a atividade docente, levando em última instância à situação de *burnout*;
  4. os professores precisam ser fortalecidos no seu *self* e na sua imagem social, entendidos como "gente" que cria, trabalha, canta, brinca, adoce, entra em conflito, se encanta e se desencanta;
  5. os depoimentos dos professores mostraram que o grupo tem capacidade para se re-encantar ou re-equilibrar diante das adversidades, buscando e encontrando saídas criativas diariamente
  6. o prazer está presente na atividade docente e é o principal motivo de permanência na profissão, apesar das condições de trabalho. Refere-se ao aspecto interativo com os alunos, ao retorno afetivo e cognitivo recebido dos estudantes, ao aprendizado contínuo que a atividade pedagógica permite, ao fato de se sentirem importantes para os alunos. É a vertente subjetiva do trabalho educativo que, necessitaria ser potencializada nos cursos de formação e educação continuada.
  7. Identifica fundamentos da ação lúdica no trabalho docente, a saber:
    - a. Mediação da continuidade: ou seja, ao fazer um vínculo entre os conhecimentos espontâneos e científicos, acolhendo a experiência dos alunos e fazendo a ponte entre essas e os corpos de conhecimento sistematizados, de forma espontânea, lúdica;
    - b. Problematização e instrumentalização: abrange a mediação do confronto com a realidade e a ruptura dos conhecimentos consolidados, para incorporação dos novos conhecimentos. Os professores, conscientemente ou não, utilizam em sala de aula várias formas de expressão lúdica, como imagens, poesias, música para auxiliar a elaboração mental dos educandos;
    - c. Momentos de Catarse: expressão de novas formas de entender a realidade, declarando e permitindo a declaração de sentimentos, afetos, conflitos etc, ampliando a consciência, a criatividade, o conhecimento e o auto-conhecimento dos professores
  8. Conclui que "... a tônica das atividades lúdico-corporais vivenciadas na formação docente possibilita contato integral com o self (sentir, pensar, agir). Ao atuarem nos movimentos e sentimentos, tais atividades proporcionam maior consciência corporal que, por sua vez, leva o sujeito a escutar a si mesmo e ter maior disponibilidade para as interações" (p.302)

RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos. **O significado do trabalho de magistério para o professor do ensino médio: implicações no desempenho profissional e na qualidade de vida.** Dissertação de mestrado. Programa em Pós Graduação em Psicologia Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.

ORIENTADOR: PROF. DR. WILSON MOURA

PALAVRAS-CHAVE: TRABALHO DOCENTE; REPRESENTAÇÕES SOCIAIS; CONDIÇÕES DE TRABALHO; QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO; ESTRESSE E BURNOUT

LINHA DA PESQUISA: TRABALHO DOCENTE E SAÚDE MENTAL

AUTORA DA RESENHA: MARIA ROSA LOMBARDI

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

Estuda as relações da saúde e das condições de trabalho do professor com o problema social do fracasso escolar,- representado pela evasão e reprovação-, no ensino médio da escola pública.

Hipótese: os professores que vêem o magistério como algo que se insere no seu projeto de vida, têm maior probabilidade de enfrentar as adversidades, os reveses, enfim condições de trabalho mais difíceis do que os que reconhecem o magistério somente como fonte de renda.

A perspectiva de análise da autora encara a escola como uma organização e o professor como trabalhador e enfatiza a necessidade de se trabalhar simultaneamente os múltiplos aspectos que envolvem o fracasso escolar, para poder entendê-lo. E dentro desse pressuposto vai procurar responder algumas questões:

- qual o significado do trabalho de magistério para o professor?
- qual a representação que o professor faz das suas condições de trabalho?
- quais as implicações do significado do magistério e das representações sociais das condições de trabalho para o desempenho do professor?
- o que significa qualidade de vida no trabalho para o professor?
- qual a relação da qualidade de vida no trabalho com a produção escolar?

### **Objeto da análise**

O objeto de estudo é o professor de ensino médio, sua qualidade de vida no trabalho e suas representações acerca das condições em que exerce o magistério.

Procura "levantar e analisar o significado do trabalho de magistério para o professor do ensino médio e as implicações para o seu desempenho profissional e qualidade de vida". Os objetivos específicos:

- Identificar e analisar o significado das atividades de magistério para o professor de ensino médio
- Identificar as representações sociais que os professores do ensino médio fazem das suas condições de trabalho
- Levantar e analisar os principais indicadores de qualidade de vida no trabalho para os professores de ensino médio
- Levantar os padrões de desempenho adequados do professor de ensino médio" (p.72).

## Metodologia utilizada

Combina metodologia quantitativa e qualitativa. A pesquisa de campo teve como universo de referência, os 814 professores nomeados e os 506 orientadores de aprendizagem existentes em 2001, nas 30 escolas de ensino médio do município de São Luís do Maranhão. A partir dele, foram escolhidas duas escolas para os trabalhos de campo da pesquisa, selecionadas em função dos resultados de rendimento escolar (evasão/reprovação/aprovação) de seus alunos das primeiras séries do ensino médio dos turnos matutino e vespertino, referentes aos anos de 1998, 1999 e 2000. A escolha das primeiras séries repousa no fato de ser nelas em que as maiores taxas de reprovação ocorrem.

Escola A: 27 salas, 53 professores ministrando disciplinas no 1º. ano e índice de reprovação/evasão de 59,7%

Escola B: 28 salas, 44 professores ministrando disciplinas no 1º. Ano e índice de reprovação/evasão de 19,6%

Fase quantitativa: amostra: 97 professores (total da duas escolas) de ambos os sexos quem tinha a intenção de aplicar três instrumentos- teste de associação de palavras; questionário; escala de qualidade de vida. Colaboraram 72 professores (74%)

1. teste de associação de palavras; "parece cobrir os elementos fundamentais da representação social (cognitivo, afetivo, comportamental e expressivo), ajuda a localizar as zonas de bloqueio e recalque do sujeito enquanto teste projetivo, além de representar uma amostragem mais representativa em função da facilidade e rapidez de aplicação" (p.79)
2. questionário: levantou informações demográficas, tempo de profissão e tempo na escola atual, renda familiar, número de matrículas , o grau de importância atribuído às principais esferas da vida e o significado existencial do magistério
3. escala de avaliação da qualidade de vida; objetivou identificar os níveis dos indicadores de qualidade de vida no trabalho (QVT) dos professores pesquisados.
  - a. realizou-se a seguir uma análise comparativa dos níveis de QVT com os dados de rendimento escolar dos alunos, para verificar a hipótese de que as escolas com professores com níveis mais elevados de QVT apresentam alunos com maior rendimento escolar.

Fase qualitativa:

1. entrevista pessoal em profundidade com 14 professores. Foram também entrevistados outros profissionais da educação, como diretores, vice-diretores, orientadores da Gerência de Desenvolvimento Regional de São Luís. Abordou: histórias de vida no trabalho, experiências positivas e negativas no exercício do magistério, vivências relacionadas ao fracasso escolar, projetos , expectativas e frustrações etc.
2. entrevista coletiva com 6 orientadores pedagógicos das duas escolas, em dois grupos de 3: visava identificar o que caracteriza um professor com bom desempenho profissional e as prováveis implicações desse desempenho.

3. "votação" dos 4 melhores e 4 piores professores: os orientadores votaram a partir de listagem de nomes dos 72 professores que participaram da pesquisa quantitativa.

### **Referencial teórico**

A autora discorre sobre vasto levantamento bibliográfico para estabelecimento de sua fundamentação teórica, procurando abordar múltiplas determinações do problema de pesquisa: projeto existencial, significado do trabalho de magistério, saúde, qualidade de vida no trabalho, condições de trabalho, estresse, representação social.

Apesar da louvável iniciativa, escreve um longo texto que vai das páginas 15 à 71, arrolando (e discutindo pouco) os vários conceitos teóricos que orientaram sua análise, mas sem um esforço sistemático de articulação entre eles. Essa é uma tarefa difícil e talvez seja exigir demais para uma dissertação de mestrado.

A seguir apresento alguns eixos teóricos que orientaram a investigação

1) O entendimento do sentido existencial e do projeto de vida vem da Psicologia existencial, que concebe o comportamento humano como resultante da motivação e não de determinantes físicas e ambientais. Segue Maslow (196- e 1975) que hierarquiza as necessidades em básicas (fisiológicas, de segurança, de amor e pertença, de estima) e meta-necessidades ou necessidades de auto-atualização ( desenvolvimento de potencial e capacidades, exploração de talentos.) " Os seres humanos mais auto-realizados tendem a ter maior eficiência biológica, maior longevidade, menos enfermidades, melhor sono e apetite, desfrutam da vida sexual sem inibição etc. A busca e a satisfação de necessidades superiores representam, em si, um índice de saúde psicológica e, conseqüentemente, um afastamento das patologias"(p.17). Autores referidos:

MASLOW, A.H. *Introdução à Psicologia do ser*. RJaneiro, Eldorado (196-)

MASLOW, A.H. *Motivacion y personalidad*. Barcelona, Sagitário (1975)

HALL- LINDESEY *Teorias da personalidade*. São Paulo, EPU, (1984)

FADIMAN, J E FRAGER, R. *Teorias da personalidade*. São Paulo, Harbra(1986)

KERN, F.A. A natureza do projeto de vida. *Psico*, Porto Alegre, v.29,n.1 p.43. 61, jan/jun 1998 (1998)

2) Entende que o trabalho é central para o indivíduo quando faz parte do seu projeto existencial e quando permite que a pessoa desenvolva suas potencialidades e quando dá um sentido `a vida. Com as recentes transformações na organização do trabalho, com a instauração da precariedade no mundo do trabalho, a tendência é a não realização e não identificação do trabalhador com o seu trabalho, pelo menos para a grande maioria. Autores referidos:

MOURA, A.L.F. e Moura,W. As representações sociais nas condições de trabalho. In Moura, W (org). *Trabalho e doença existencial*, RJaneiro, UERJ/FCS/LED (1998).

LARANJEIRA, S. Fordismo e Pós-Fordismo in Cattani, A (org). *Trabalho e tecnologia. Dicionário crítico*, Porto Alegre, Vozes (1997)

ANTUNES, R *Os sentidos do trabalho*. SPaulo, Boitempo (1999).

SENNET, R. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro, Record (1999).

CARDOZO, M. As transformações no mundo do trabalho e nas formas de qualificação dos trabalhadores. Dissertação de Mestrado- UFMA, São Luís (1998)>

3) Conceito de condições de trabalho adotado, envolve variáveis micro (fatores vinculados diretamente à organização. Na escola, por exemplo, a infra-estrutura escolar, a integração dos funcionários, a forma de gestão, a relação com os alunos e a comunidade, a representatividade dos grupos organizados na região, as características do indivíduo, tais como sexo, raça, idade, motivações, história pessoal, saúde, resistência à frustração etc) e macro (força atuantes no âmbito da sociedade, p.ex., a globalização, costumes e crenças, padrões de comportamento, níveis de emprego e desemprego, políticas etc) do ambiente de trabalho. Autores:

MOURA, A.L.F. Condições de trabalho, representação social e saúde do trabalhador em sistemas políticos distintos: um estudo comparativo entre Cuba e Brasil. Tese de doutorado. FLACSO/UNB, Brasília (1992)

SELLIGMANN, E. Saúde mental e automação: a propósito de um estudo de caso no setor ferroviário. Cadernos de Saúde Pública, RJ, v.13, supl2, p 4-9 (1997)

4) O entendimento da relação saúde-doença no trabalho considera, além da esfera biológica, os aspectos psicológicos e sociais e incorpora, na base, a definição de saúde utilizada pela OMS, qual seja, "é um estado de completo bem-estar físico, mental e não meramente a ausência de doenças ou enfermidade" (p.29). Entende ainda que a saúde não é um estado calmo e completo, mas pressupõe movimento contínuo, ação e reação do sujeito para se proteger dos fatores agressivos ou limitadores, um incessante jogo de forças. Nessa concepção, a doença é um resultado de um conjunto de causas que levaram à desarmonia e ao desequilíbrio. Autores referidos:

LAURELL, A E NORIEGA, M. *Processo de produção e saúde do trabalhador*, São Paulo, Hucitec, (1989)

HECKERT, A. et al. A dimensão coletiva da saúde: uma análise das articulações entre gestão administrativa-saúde dos docentes, a experiência de Vitória. In Brito, J et al (org) *Trabalhar na escola? "Só inventando o prazer"*, RJ, IPUB, 2001, p.123-162 (2001)

CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo, Cultrix, (1997)

5. Conceito de qualidade de vida no trabalho (QVT) vem, inicialmente, de Walton (1975), que cobre desde as necessidades básicas do ser humano até as secundárias, com realce para a auto-realização. Abrange tanto questões concretas como ambiente físico e salubridade no trabalho, quanto fatores mais abstratos como autonomia e relevância social no trabalho. Utiliza 8 indicadores de qualidade de vida para avaliar o nível de satisfação dos funcionários:

- a) Compensação justa e adequada: remuneração justa e adequada, proporcionalidade entre salários
- b) Condições de trabalho: jornada e carga de trabalho razoáveis, ambiente físico seguro e saudável

- c) Uso e desenvolvimento das capacidades pessoais: autonomia, aplicação de habilidades múltiplas, informações sobre o processo total de trabalho e retroinformação sobre o desempenho
- d) Oportunidade de crescimento e segurança: possibilidade de carreira, crescimento e desenvolvimento pessoal, perspectiva de avanço pessoal, salarial, estabilidade no emprego
- e) Integração social na organização: ausência de diferenças hierárquicas marcantes, abertura interpessoal, senso comunitário etc
- f) Constitucionalismo: dispor de privacidade pessoal, observância dos direitos trabalhistas, liberdade de expressão, tratamento imparcial e senso de justiça
- g) Trabalho e espaço total de vida: equilíbrio entre vida pessoal e profissional
- h) Relevância social do trabalho: imagem da instituição : produtos, junto á comunidade, meio ambiente etc

O conceito QVT : "o grau no qual os membros organizacionais são capazes de satisfazer as necessidades pessoais importantes, através de sua experiência na empresa" (apud Quirino e Xavier, 1987, p.36). Ressalta ainda que este é um conceito adotado atualmente pelas organizações, que entendem que há uma relação da QVT com a eficácia organizacional.

Autores:

QUIRINO,T E XAVIER, O. Qualidade de vida no trabalho de organização de pesquisa. *Revista de Administração*. São Paulo,v22,n1,p.71-82, jan/mar 1987 ( 1987)

VALLE,A E VIEIRA, I. qualidade de vida no trabalho dos servidores técnico-administrativos da UFMG. InSampaio,J (org) *Qualidade de vida, saúde mental e Psicologia Social: estudos contemporâneos II*, São Paulo, Casa do Psicólogo ( 1999)

WALTON,R. Criteria for Quality of Working Life. In Davis,L (org). *The quality of working life*. New York, Free Press, 1975,p.91-104 (1975)

GOULART,I E SAMPAIO,J. qualidade de vida no trabalho: uma análise de experiências de empresas brasileiras. In . Sampaio, J ( org) *Qualidade de vida, saúde mental e Psicologia Social: estudos contemporâneos II*, São Paulo, Casa do Psicólogo ( 1999)

6.Entende a escola como uma organização prestadora de serviços cuja meta é educar, com problemas e questões de gerenciamento não muito diversos dos encontrados nas empresas. Nesse sentido, questões indispensáveis a qualquer ambiente de trabalho como comprometimento, satisfação, relacionamento com a hierarquia, clima e comunicação devem ser considerados. O ambiente de trabalho parece se constituir em elemento fundamental na definição de estímulos e coações à atividade dos professores, embora pessoas diferentes reajam diferentemente aos mesmos estímulos. *Burnout* : síndrome que faz o trabalhador perder o sentido da sua relação com o trabalho e percebe como inútil qualquer esforço para reverter essa situação

Autores:

CODO,W E MENEZES,I. O que é *Burnout*? In Codo, W (org). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, Vozes, 1999,p.235-254...

BRUNET, L. Clima de trabalho e eficácia da escola. In Nóvoa, A (org) *As organizações escolares em análise*. Lisboa, Dom Quixote, 1999, p.125-140.

7) Entende que o trabalho docente está em mudança e as principais seriam: a) aumento das exigências em relação ao professor; b) inibição educativa de outros agentes de socialização; c) desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola; d) mudanças de expectativas em relação ao sistema educativo; e) menor valorização social do professor; f) escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho; g) mudanças nas relações professor-aluno; h) mudança no modelo burocrático de gestão em direção a outro mais aberto. Os professores apresentam diferentes reações a essas mudanças (1. atitude positiva, aceita a mudança como inevitável; 2. negam a realidade e mantêm o objetivo oculto de continuar fazendo o que sempre fizeram; 3. sentimentos contraditórios face às mudanças, estas vistas às vezes como progresso e outras como retrocesso; 4. temem as mudanças e agem para detê-las) e em alguns casos passam a apresentar os sintomas de mal-estar, estresse e *burnout*

ESTEVES, J.M. Mudanças sociais e função docente. In Nóvoa, A. (org) *Profissão professor*. Lisboa-porto (1995), p. 93-124

Hutmacher (1999)

ENGUITA, M.A. A ambigüidade da docência, entre o profissionalismo e a proletarianização. *Teoria e Educação*. Porto Alegre, v4, p.41-61 (1991)

FRANÇA, A E RODRIGUES, A *Stress e trabalho: uma abordagem psicossomática*. São Paulo, Atlas, (1999)

SEYLE, H. *Stress, a tensão da vida*. São Paulo, Ibrasa (1965)

8) Representações sociais: "uma forma de conhecimento específico, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos degenerativos e funcionais socialmente caracterizados. Em um sentido mais amplo, designa uma forma de pensamento social" ( p.68).

Sato, L. Representação do trabalho penoso. In Spink, M.J. (org) **O conhecimento do cotidiano**. São Paulo, Brasiliense (1996), p. 188-211

### **Resultados da pesquisa**

Nas duas escolas pesquisadas, a autora identificou tanto professores motivados, como insatisfeitos, mas a distribuição encontrada talvez tenha frustrado sua expectativa de encontrar um mundo maniqueísta, em branco e preto. Quer dizer, entre 72 professores pesquisados, encontrou 26% (19) satisfeitos e motivados, 21% (15) insatisfeitos e descomprometidos e, a maioria, ou 53% (38 professores), distribuídos de forma mais equilibrada entre aqueles dois extremos. Mas, o que me parece mais grave é que sua análise vai recair, basicamente, sobre os dois extremos (satisfeito e insatisfeito), deixando no esquecimento a grande maioria que, certamente colore com muitas nuances sua relação com o trabalho docente.

Abaixo, um pequeno quadro com alguns resultados que diferenciaram o grupo satisfeito (AR, para quem o magistério traz sentido na vida) e o insatisfeito (MS, enxerga o magistério como meio de sobrevivência), após a aplicação de todos os instrumentos quantitativos. Ver explicação completa a partir da página 84 a 106:

Indicadores	GRUPO AR - motivado e satisfeito	GRUPO MS - insatisfeito, desmotivado
Sexo	Homens: 32% Mulheres: 68%	Homens: 13% Mulheres: 87%
Tempo de profissão	entre 11 e 22 anos: 37% mais de 22 anos; 21%	wntre 11 e 22 anos: 47% mais de 22 anos: 7%
Significado atribuído ao magistério	- fonte de auto-realização: 40% - modo útil de servir a sociedade: 23% - meio de sobrevivência: 16%	-meio de sobrevivência: 49% - modo útil de servir a sociedade: 23% -Fonte de auto-realização: 11%

Das entrevistas, a autora pode depreender que:

- os pertencentes ao grupo MS são mais distanciados da direção e mantêm uma relação mais superficial com os colegas do que os entrevistados do grupo AR
- entrevistados deste último grupo (e não do primeiro) ressaltam aspectos positivos do magistério, ao lado dos problemas
- ambos os grupos identificam como fatores do fracasso escolar o distanciamento familiar, falta de base dos alunos, desqualificação e descompromisso dos professores, política de aprovação em massa e falta de recursos
- o grupo AR reconhece o magistério como um projeto de vida, um desejo antigo, uma meta e mantêm essa perspectiva até hoje. O grupo MS tinha as mesmas metas no início, mas foi se decepcionando com a profissão ou eram pessoas que sempre encararam o magistério, principalmente como uma fonte de renda segura; gostariam de mudar de profissão, sentem-se muito frustrados
- os AR são mais satisfeitos, embora sejam conscientes e críticos da realidade em que se inserem; diferentemente do outro grupo, apresentam sugestões, alternativas para mudança da situação

O resultado da avaliação externa (supervisores votando quais os melhores e piores professores de uma lista de 72), por sua vez, vem mostrar que 67% dos professores considerados com fraco desempenho profissional, não estão nos grupos extremos, mas na maioria "equilibrada".

**Conclusões:** O significado atribuído ao magistério sofre influência do projeto existencial do docente, pois os professores que ingressaram na carreira por identificação e afinidade, geralmente constroem representações sociais mais favoráveis das condições de trabalho, conseguem identificar aspectos positivos no magistério, enfrentam melhor os obstáculos e estão mais propensos à auto-realização. O nível de satisfação com a carreira, porém, se altera no tempo, muitos docentes que optaram pela docência por afinidade, passam a encará-la como mero meio de ganhar dinheiro, de forma segura, face às dificuldades encontradas, que se confrontam com suas expectativas pessoais, seus próprios valores, sua história de vida etc. A interação de todos esses fatores pode resultar em diferentes sentidos de trabalho, o que antes era prazeroso, passa a ser fonte de desilusão e frustração. Aqueles docentes que diante das dificuldades reagem com

desânimo e insatisfação, não raro têm a saúde comprometida e podem apresentar a síndrome de *burnout* ou de desistência. As pessoas que têm seus projetos existenciais mais voltados para o profissional, que se doam muito no exercício da profissão estão mais propensas a essa síndrome. Uma grande dedicação, seguida de não reconhecimento, pode levar o professor a perder a confiança em si mesmo, a duvidar da importância do seu trabalho.

ROSSA<sup>9</sup>, Eloísa Gil de Oliveira. **Relação entre o stress e o *burnout* em professores do Ensino Fundamental e Médio.** Campinas: PUCCamp. Campinas, 2003<sup>10</sup>.

ORIENTADORA: MARILDA EMMANOEL NOVAES LIPP

FORMAÇÃO DA AUTORA: PSICOLOGIA

PALAVRAS-CHAVE: STRESS, *BURNOUT*, PROFESSOR

LINHA DA PESQUISA: PSICOLOGIA (SÍNDROME DE *BOURNOUT*), SAÚDE OCUPACIONAL E MEDICINA DO TRABALHO

AUTORA DA RESENHA: DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

Segundo Rossa, existem evidências que indicam que a profissão docente está associada a elevados níveis de estresse e *burnout*. Neste trabalho portanto, se propõe a problematizar a relação entre estresse e *burnout* e outras variáveis constitutivas do sujeito-professor. Para tanto, inicia seu texto conceituando estresse e *burnout*.

Classicamente, estresse se caracteriza enquanto um "*processo de reação e adaptação do organismo às demandas, e que pode, (...) levar a um desgaste orgânico e desenvolvimento e/ou agravamento de diversas doenças físicas.*" (p. 2) Para a autora, qualquer pessoa é susceptível ao estresse. Destaca ainda que ele pode, dependendo da fase em que se encontra, atuar benéficamente sobre o indivíduo.

As fases de evolução do estresse dependem, segundo a teoria clássica, da interação entre os eventos estressores e o indivíduo. São consideradas três fases: 1) alerta: diante do confronto do indivíduo com um agente estressor o organismo se prepara, "*...como reação instintiva, para 'luta ou fuga'...*" (p. 8) É uma fase em que a criatividade e produtividade aumentam em função da energia que este estágio pode produzir, sendo assim pode ser considerada como a fase do "estresse bom". 2) resistência: acontece quando há a persistência do estímulo estressor por um período de tempo mais prolongado. Nesta fase é possível ter a manifestação de uma sensação de desgaste generalizado sem causa aparente, dificuldades com a memória e se tornar mais vulnerável às infecções e doenças (citando Proença,1998). 3) exaustão psicológica: esta última fase se manifesta por meio de transtornos como depressão, crises de ansiedade, desejo de fugir de tudo. É capaz ainda de produzir conseqüências físicas, tais como hipertensão, alterações gástricas e aterosclerose. Nesta fase de evolução do stress, todas as atividades do indivíduo podem ser comprometidas, exigindo assim uma intervenção terapêutica.

Segundo Rossa, Lipp propõe ainda uma quarta fase intermediária entre a 2ª e 3ª: seria a fase da quase exaustão. Nesta fase a pessoa consegue realizar algumas atividades, porém com bastante dificuldade. É caracterizada pelo enfraquecimento do indivíduo.

Os estímulos estressores podem ser externos ou internos ao indivíduo. No primeiro caso, encontram-se principalmente as mudanças sócio-econômicas, alterações na relação com o trabalho ou seu superior na

---

<sup>9</sup> Mestre em Psicologia, na área de Psicologia Clínica pelo Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCamp).

<sup>10</sup> O trabalho contou com apoio financeiro da Capes.

atividade profissional, modificações no ambiente, etc. Já os estímulos estressores internos, são determinados pelo próprio indivíduo, são auto-produzidos.

Segundo a autora, o estresse desencadeia sintomas observáveis tanto na área emocional (apatia, irritabilidade, raiva, depressão, podendo até desencadear surtos psicóticos e crises neuróticas) como na área física, sendo considerado por alguns estudos como um fator contribuinte ou desencadeador de doenças crônicas tais como: câncer, hipertensão arterial, úlcera gastroduodenal, psoríase, vitiligo, lúpus e líquen plano, entre outras. Rossa afirma que algumas evidências sugerem uma vulnerabilidade genética ao estresse, característica de cada indivíduo.

No âmbito educacional especificamente, o estresse era visto, pelos psicólogos, como um problema pedagógico. Estes estudos iniciais foram utilizados como base para a pesquisa e orientação de trabalhos quanto à resistência dos alunos às aulas prolongadas, a organização mais eficiente do dia escolar, etc. (Hepburn e Brown) O foco principal destas pesquisas era o aluno. Atualmente, cerca de 15 ou 20 anos, é que o professor passa a ser concebido como o principal "veículo do estresse".

Segundo Rossa, as alterações sócio-culturais e econômicas atuais têm contribuído para a intensificação do estresse do professor. Ao mesmo tempo, a autora destaca a necessidade de se considerar que a ação dos estímulos estressantes é também modulada por características de personalidade de cada indivíduo. Segundo ela, muitas vezes as empresas optam por ressaltar o aspecto individual relativo ao estresse o que se dá pelo "...desconhecimento do papel dos fatores organizacionais como causas do estresse, pelas dificuldades e custos representados pelas mudanças na estrutura do trabalho do professor e de funcionamento da escola, pelos reduzidos custos das abordagens individualistas do estresse..." (p. 14).

A autora defende como a "melhor estratégia" para a abordagem do estresse no professor, aquela que considera tanto os fatores internos quanto externos, sendo estes últimos, "...comuns a uma população de professores, ao menos aqueles que atuam numa mesma instituição..." (p. 15). Para Woods, segundo Rossa, deve-se considerar o estresse na interação entre três dimensões: micro - características e fatores sociais relacionados diretamente à biografia e personalidade do professor; meso - relacionado a fatores institucionais e macro - que inclui "influências e conseqüências derivadas das tendências globais de evolução social, cultural e econômica". (p. 15)

Já a Síndrome de *Burnout*, é "...caracterizada por sentimentos de insatisfação, desilusão, distanciamento emocional e apatia de indivíduos que atuavam no setor de prestação de serviços em relação à sua atividade profissional..." (p. 2) Esta síndrome pode ter conseqüências não só para o desempenho na atividade profissional, como também na vida pessoal e nas relações familiares do indivíduo. O *burnout* é reconhecidamente um problema que está relacionado ao estresse em indivíduos que atuam em profissões que demandam uma intensa relação interpessoal.

Sua descrição inicial foi feita por Freudenberger em 1974, a partir de pesquisa realizada com jovens que trabalhavam voluntariamente com drogaditos em uma clínica médica comunitária de Nova Iorque. Segundo esta descrição, *burnout* poderia ser interpretado como uma desilusão do trabalhador com sua atividade, gerando conseqüências físicas e psicológicas para o indivíduo. Faber, citado por Rossa, com base neste estudo descritivo

inicial, define *burnout* como sendo "...essencialmente um sentimento de insignificância, é a percepção por parte de profissionais da área de serviços humanos que seus esforços para ajudar outros indivíduos são ineficientes, que sua missão é 'interminável' e que as recompensas pelo seu trabalho (seja em termos de reconhecimento, realização pessoal, ou progresso) não são suficientes."(p. 20)

A partir da perspectiva desta descrição inicial do *burnout* apontava-se como possível solução, um tratamento clínico dos indivíduos afetados. Já em outra perspectiva, como a psico-social originária da descrição produzida por Maslach e Jackson, sugere-se a identificação e intervenção em condições ambientais que originem o *burnout*.

Segundo a autora, o *burnout* é o motivo da procura por tratamento em clínicas psicológicas, de muitos pacientes, principalmente aqueles que atuam na prestação de serviços. As principais queixas destes pacientes são: sobrecarga de trabalho, falta de tempo, ressentimento frente às demandas intermináveis e implacáveis em suas vidas, problemas de relacionamento interpessoal, dificuldades no relacionamento familiar, irritabilidade, exaustão física e/ou emocional, cinismo e a crença de que não há saída para a sua situação. (p. 5)

O *burnout* é descrito por Maslach e Leiter, em três dimensões: exaustão (reduzida energia), despersonalização ou cinismo (atitude fria em relação ao trabalho) e ineficácia (situação derivada de sentimento crescente de inadequação). A Síndrome pode manifestar-se com conseqüências físicas (dores de cabeça, alterações gastro-intestinais, fadiga crônica, tensão muscular), psicológicas (ansiedade, depressão, distúrbios do sono), além de afetar as relações interpessoais com a família e amigos.

Após uma revisão bibliográfica acerca do estresse e do *burnout*, a autora se centra na manifestação destes no trabalho do professor. Segundo Rossa, o *burnout* do professor tem sido amplamente pesquisado, sugerindo inclusive que estes representam o grupo ocupacional mais estudado na literatura. A autora afirma que estresse e *burnout* se manifestam de formas diferentes nos professores segundo por exemplo, o nível de atuação (ed. infantil, ensino fundamental, ensino médio e superior) e também segundo o tipo de instituição em que o professor trabalha, ou seja, rede privada ou pública. A autora parte então da hipótese de que tanto estresse quanto *burnout* são multidimensionais, e por isso passíveis de influência significativa por características individuais tais como gênero, idade, tempo de profissão e expectativas em relação à profissão.

Segundo ela, é da natureza da atividade do professor o estresse em função principalmente da multiplicidade de atividades e funções: da cobrança para a satisfação de diferentes expectativas, dos sentimentos de ambigüidade, da sobrecarga de trabalho, do trabalho em isolamento, sem reforço positivo de sua atuação tanto por parte de colegas quanto da instituição, salário reduzido, baixo reconhecimento de sua importância, falta de participação em decisões de caráter administrativo relacionadas diretamente ao exercício de sua função, além de estressores presentes no "ambiente de trabalho primário do professor", ou seja, a sala de aula. Em relação ao estresse, os professores apontam os problemas de comportamento dos alunos como a principal causa de estresse no trabalho.

Rossa afirma que diferentes estudos têm sugerido a ambigüidade de funções como um determinante importante no *burnout* de professores, principalmente por sua relação com a baixa realização pessoal. A maior

ênfase nas causas do *burnout* são geralmente colocadas sobre os fatores organizacionais da atividade, no entanto, existem evidências, afirma a autora, de que fatores individuais ou pessoais são importantes no desenvolvimento da síndrome.

Segundo a autora, por exemplo, alguns estudos sobre *burnout* em professores apontam que a dimensão da "despersonalização" atinge mais aos homens enquanto as mulheres são mais afetadas pela "exaustão emocional". Professores com mais tempo de profissão manifestam de forma mais intensa as conseqüências da exposição crônica aos estressores da profissão, atingindo níveis mais elevados de "despersonalização e cinismo". Por outro lado, professores jovens tendem a apresentar níveis de "exaustão emocional" significativamente mais elevados que os professores mais velhos. A partir da categoria de condição familiar, alguns estudos apontam que os professores que são pais apresentam menores níveis de "despersonalização" do que seus colegas sem filhos. Crenças e sentimento de religiosidade podem também atuar como moduladores do *burnout*. Segundo o estudo de Pines, os professores com maior sentimento de religiosidade apresentaram menores níveis de *burnout*.

Outro fator a ser destacado nos trabalhos sobre *burnout* de professores, é o nível escolar em que atua. Segundo Rossa, alguns trabalhos encontraram maior prevalência do *burnout* entre professores do ensino médio, com níveis mais elevados de "despersonalização" e menores níveis de realização profissional, em comparação com professores do ensino fundamental. Para a autora, no Brasil é também importante se considerar as possíveis diferenças em relação ao tipo de instituição em que o professor atua: rede privada ou pública.

### **Objeto de análise**

A preocupação da autora está em avaliar a relação entre estresse e *burnout* em professores do ensino fundamental e médio de Araraquara (SP). A autora pretende também avaliar a possível associação entre os níveis de *burnout* e estresse e questões pessoais tais como: gênero, idade, tempo de profissão, condição familiar e religiosidade, bem como sua relação com o nível de ensino em que o professor atua e o tipo de rede em que trabalha.

### **Metodologia utilizada**

A autora convidou para participar da pesquisa todos os professores atuantes no ensino fundamental e médio de duas instituições privadas e duas instituições públicas da cidade de Araraquara (SP). O que resultou num total de 80 professores.

Como instrumento para avaliação do estresse foi utilizado o ISSL (Inventário de Sintomas de Stress) e para avaliação do *burnout* foi empregado o *Maslach Burnout Inventory* (MBI). Foi também elaborada uma folha de rosto para o registro dos dados pessoais de cada um dos sujeitos da pesquisa. Nela foram também incluídas questões abertas com amplo espaço para respostas, relativas a temas como religiosidade, nível de realização pessoal, nível de satisfação profissional e percepção dos agentes estressores.

O ISSL é um instrumento desenvolvido e validado por Lipp (orientadora do projeto) que, segundo Rossa, permitiu não apenas evidenciar a presença ou não do estresse, como também a fase de estresse em que o indivíduo se encontrava.

O MBI é um instrumento validado e publicado na literatura internacional e o mais utilizado para medir as três dimensões da Síndrome de *burnout*. É composto por 22 questões nas quais o indivíduo pesquisado avalia com que frequência experimenta sentimentos relativos ao trabalho, suas relações no trabalho e relações interpessoais.

Foi garantido o sigilo de identidade a todos os participantes da pesquisa. A aplicação dos instrumentos foi feita simultaneamente a todos os "voluntários" que atuavam no mesmo nível de ensino e na própria instituição em que os professores trabalhavam.

### **Referencial teórico**

O trabalho está pautado por bibliografia nas áreas de psicologia e saúde mental.

### **Resultados da pesquisa**

Participaram efetivamente da pesquisa 62 professores. Destes, 36% atuava em instituição privada e 79% eram mulheres. Houve o predomínio de sujeitos entre 30 e 40 anos, sendo que os homens, na sua maioria, eram mais jovens. 61% eram casados e 59% tinham filhos. O tempo médio de profissão destes sujeitos foi de 14 anos.

Do total de professores entrevistados, 62% se mostraram bem satisfeitos/completamente satisfeitos com a profissão. Dentre as principais causas apresentadas por aqueles que se mostraram insatisfeitos com a profissão estão: indisciplina/problemas de comportamento dos alunos, salário, dificuldades com a administração, falta de tempo/excesso de trabalho e falta de apoio dos pais dos alunos.

Vinte e um professores (33% da amostra) atuavam em escolas mantidas e administradas por entidade religiosa. Estão entre eles os menores níveis de estresse e de *burnout*. São eles também os que maior relevância atribuíram à religião e os que demonstraram melhores níveis de satisfação profissional. A autora não conseguiu demonstrar, de forma significativa, a relação entre níveis de estresse e *burnout*. No entanto, afirma que é possível observar uma forte associação entre a presença de estresse com níveis mais baixos de satisfação profissional e também com atuação em escola mantida por entidade religiosa. Este último fato, para ela, pode ser indicador de melhores condições de trabalho nestas escolas ou a uma auto-censura destes professores, movida pelo medo de represálias ou de demissão.

Para Rossa, é também possível afirmar que existe uma relação altamente significativa entre a presença de estresse e níveis mais elevados de *burnout*. É possível também verificar a relação inversamente proporcional entre o nível de *burnout* e a realização pessoal do professor entrevistado.

Ainda que não significativa, é possível observar, segundo a autora, uma tendência de associação entre o componente "exaustão emocional" e o gênero, isto é, as mulheres apresentam uma tendência maior à níveis mais severos de exaustão emocional que os homens.

Quanto ao estresse, é possível verificar, embora não de forma significativa, uma forte tendência de associação entre a satisfação profissional e a fase de estresse quanto os sintomas de estresse apresentados.

É possível ainda concluir, um forte relacionamento entre a atuação em escola estatal, níveis mais baixos de satisfação profissional e elevado nível de *burnout*. A atuação em escolas privadas está fortemente associada à baixos níveis de *burnout* e elevados níveis de satisfação profissional, o que

também pode ser decorrência da maior proporção de professores atuando em escolas privadas que compunha a amostra. A atuação simultânea em escolas privadas e estatais, está relacionada, embora não fortemente, com níveis moderados de *burnout*.

Como afirma a própria autora, "...a hipótese da relação entre stress e *burnout* ocorrer num panorama geral ou integral, e não como eventos isolados e independentes, parece não ser sustentada pelos resultados do presente trabalho, uma vez que não foram observadas associações significativas entre as variáveis demográficas dos voluntários e a presença de stress e o nível de *burnout*.."(p. 71)

RUIZ, Roberto Carlos. **Absenteísmo médico de professores de escolas públicas: estudo de prontuários da perícia médica de Sorocaba/SP**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp. Campinas, 2001.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. APARECIDA MARI IGUTI

FORMAÇÃO DO AUTOR: GRADUADO EM MEDICINA PELA UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO EM 1990, COM ESPECIALIZAÇÃO EM MEDICINA DO TRABALHO PELA MESMA INSTITUIÇÃO

PALAVRAS-CHAVE: SAÚDE E TRABALHO – PROFESSORES – ABSENTEÍSMO – CONDIÇÕES DE TRABALHO

LINHA DA PESQUISA: ADMINISTRAÇÃO: QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO

AUTORA DA RESENHA: MARIA LÚCIA BÜHER MACHADO

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

O autor estabelece como principal objetivo do seu estudo analisar as causas de absenteísmo médico dos professores da rede estadual de ensino público, que passaram pela perícia médica estadual na cidade de Sorocaba.

Para fazer essa análise ele utiliza como principais documentos os prontuários da perícia médica da Secretaria de Estado da Saúde daquela cidade, de 1972 a 1997. É importante destacarmos que apesar de trabalhar com documentos dessas três décadas, o levantamento específico dos motivos do absenteísmo só é feito para os anos de 1995 e 1996. Os dados referentes aos outros anos são explorados em termos de número de licenças médicas concedidas, faixa etária dos licenciados, sexo, porcentagem de readaptados, etc, pontos os quais indicaremos ao longo da resenha.

Um aspecto fundamental a ser considerado no trabalho de RUIZ, desde o início da leitura é “quem fala, de onde fala e para que fala”. Médico de formação, o autor faz referência a um trabalho conjunto desenvolvido em 1994, entre o Núcleo Sindical de Saúde e Segurança dos Trabalhadores, entidade em que ele participava, e a APEOESP (Associação de Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo). A partir de atendimentos ambulatoriais feitos aos professores no referido Núcleo, foram diagnosticados um significativo número de laringite entre esses profissionais, cujas características poderiam ser de origem ocupacional. O autor indica onde essa análise está publicada: RUIZ, R. C.; SEIXAS, A. A.; PRIOR, E. L.; RUIZ, V. Análise da demanda ambulatorial entre professores de 1º e 2º Graus. *Revista Universidade e Sociedade*, Ano VII, nº 12, São Paulo, fevereiro 1997.

Segundo o autor, a idéia de sua pesquisa surgiu nesse contexto, aliada ao interesse da APEOESP/sub-sede regional de Sorocaba em estudar os motivos pelos quais os professores vinham adoecendo. Dessa forma, no resumo o autor evidencia seus propósitos, a partir da indicação de um dos objetivos do trabalho: “produzir material teórico que possa ser utilizado pelos movimentos sociais organizados dos professores, visando a busca por melhores condições de trabalho e vida” ( p. xxiii).

### **Objeto de Análise**

Nesse aspecto, embora estabeleça como objeto de análise o professor, especificamente a relação saúde e condições de trabalho, sua investigação é

permeada, indiretamente, pelo interesse em políticas públicas, tendo em vista entender que sua pesquisa possa fornecer elementos para a fomentação de novas propostas voltadas para a saúde da categoria profissional analisada.

### **Referencial teórico**

Embora entendamos que a estrutura da redação de uma dissertação é pautada pelas opções feitas entre pesquisador e orientador, em nossa análise, o fato da separação do referencial teórico (apresentado na introdução, totalizando 40 páginas) ,do resultado da pesquisa apresentado na segunda parte do trabalho, empobreceu a análise, tendo em vista que nesta 2ª parte (Resultados e Comentários), há uma indicação de dados significativos, mas raríssimas relações são estabelecidas com a bibliografia apresentada, prescindindo assim de uma análise mais aprofundada do universo pesquisado.

Os primeiros apontamentos feitos pelo autor, ao apresentar seu referencial teórico, se inserem nas discussões acerca das finalidades da educação, desde as perspectivas emancipatórias até as críticas aos processos de disciplinarização para as classes mais pobres através dessa esfera (SEGNINI, L.R.P. Controle e resistência nas formas de uso da força de trabalho em diferentes bases técnicas e sua relação com a educação. In: MACHADO, L. et al (orgs). Papyrus/CEDES. Campinas, 1992).

O que supomos é que o autor buscou justificar, a partir do papel da educação, a importância da atuação do professor nesse contexto, mesmo em meio às críticas ao sistema educacional. Nossa observação pauta-se a partir do grifo feito pelo autor em uma frase de GORBUTT, sobre as pesquisas realizadas na década de 70: "se concentrou a atenção sobre os professores, percebendo-os como agentes de mudanças de programas escolares e portanto de mudanças mais amplas na sociedade" (p.33).

Faz amplo uso dos documentos da OIT (1991), que abordam as variáveis a ser consideradas no trabalho docente, como horas de trabalho dentro e fora da escola, número de alunos em classe, localização dos estabelecimentos, infra-estrutura, problemas de disciplina e o grande número de alunos desfavorecidos. Com base nos mesmos documentos, destaca as modificações ocorridas no trabalho docente e as novas exigências de qualificação e rendimento crescente do grupo, aumento do volume de trabalho, avaliações externas de estudantes, fatores que sobrecarregam o profissional.

Em relação à categoria Gênero, o autor destaca a atuação de um maior número de mulheres na área de ensino, em especial no ensino fundamental, a relação desse perfil com o conciliamento das tarefas domésticas, os contratos de tempo parcial cujo fundamento está na divisão sexual do trabalho doméstico e profissional. Seus aportes para a perspectiva de gênero são de Hipolito (HIPOLITO, L. M. *Trabalho Docente, Classe social e as Relações de Gênero*. Campinas: Ed. Papyrus, 1997), Helena Hirata (HIRATA, H. Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero. *Revista Latino Americana de Estudos Del Trabajo*, 1998), Weber (1996) e as documentações da OIT (1991). O grande problema é que as reflexões sobre as questões de gênero se resumem nessas indicações, e nenhuma discussão é feita posteriormente, na apresentação dos dados da pesquisa.

Ao discutir condições de trabalho, Ruiz passa a apresentar dados de uma série de pesquisas. A primeira, relacionada ao fracasso escolar, onde constata o reduzido número de justificativas apresentadas por pais e professores para o baixo desempenho de alunos, que façam alusão às condições de trabalho do professor, como salas inadequadas ou turmas numerosas.

Outra referência utilizada é em relação às principais reivindicações de 70 greves realizadas por professores do Estado de São Paulo entre 90 e 96; segundo o autor, Leite (LEITE, Márcia P (org.). *O Trabalho em Movimento: reestruturação produtiva e sindicatos no Brasil*. Campinas: Papyrus, 1997) aponta que as condições de trabalho representam 4,67% da pauta estabelecida pelos profissionais.

Ao final desse item, o autor traz um importante indicativo para o levantamento que estamos desenvolvendo. O autor indica um estudo feito por Lacaz (LACAZ, F. A. Mapeamento das dissertações de teses produzidas dentro do campo de estudos das relações entre trabalho e processo saúde/doença, em São Paulo, no âmbito da saúde coletiva – 2ª versão. Parte do projeto de pesquisa “Saúde dos Trabalhadores. Discurso e prática na política de saúde do estado de São Paulo”. CNPq, 1994. [mimeo]), onde, após analisar as teses e dissertações produzidas sobre relações de trabalho e processo saúde/doença nas Faculdades de Medicina de Ribeirão Preto, USP, UNICAMP e Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública da USP, entre 1967 e 1994, não foi encontrada nenhuma pesquisa relacionada à saúde do professor.

#### *Referencial específico sobre a saúde do trabalhador/ professor*

Um dos autores mais referenciados é Wisner (WISNER, A. *A inteligência no trabalho: textos selecionados de ergonomia*. Fundacentro/UNESP, São Paulo, 1994), especialmente a abordagem que considera a inter-relação entre os aspectos físicos, cognitivos e psíquicos nas atividades desenvolvidas pelo professor, sendo que estes podem determinar uma sobrecarga para o profissional. Ao abordar a saúde mental, Wisner indica como os sofrimentos psíquicos, em particular a angústia, podem provocar ou favorecer o aparecimento de enfermidades psicossomáticas; faz ainda referência ao *sentimento de burnout*, encontrada em especial nas profissões ditas sociais.

O conceito *burnout* apresentado por Ruiz, é o descrito por Freudenberg em 1974, que a partir de observações psicanalíticas, verificou que algumas pessoas *que não eram neuróticas nem psicóticas, apresentavam um sentimento de vazio em suas existências e se esgotavam, devido as exigências do trabalho e do estresse cotidiano*(p.54). A expressão populariza-se e passa a descrever uma síndrome que pessoas em profissões com muito contato com público apresentavam.

Alguns aspectos a serem observados em relação ao trabalho e a saúde mental são embasados em Seligman (SELIGMAN, S.E. Uma história de “crise de nervos”: saúde mental e trabalho. In: BUSCHINELLI, J. T, et al. *Isto é trabalho de gente? Vida, Doença e Trabalho no Brasil*. Petrópolis: Ed Vozes, 1993), que aponta a coletividade como uma estratégia de defesa contra o sofrimento, as exigências de autocontrole do trabalhador, a estrutura da jornada de trabalho, a autonomia X o controle exercido sobre o trabalhador, gerando ansiedade e fadiga, a estrutura do local de trabalho, a

importância de ser reconhecido socialmente em seu trabalho. DEJOURS (1992) é outra referência utilizada, em especial no que se refere às condições e a organização do trabalho.

Um dos conceitos utilizados para o absenteísmo, termo utilizado no título da dissertação é o de Pupo Nogueira (PUPO NOGUEIRA, D. Causas do Absenteísmo- Doenças- Anais do XX CONPAT, São Paulo, 26-30 set., 1982): "(...) absenteísmo doença como a ausência ao trabalho atribuída a doenças ou lesões acidentais, e , como tal, aceita pela entidade empregadora ou pela Previdência Social" (p.60). Em relação especificamente ao absenteísmo docente, RUIZ indica a publicação da OIT (1981), que menciona ser esse um dos problemas para o sistema escolar. Há ainda a menção a North (1993), que considera o absenteísmo médico como medida de morbidade, sendo influenciado por fatores sociais e psicológicos, assim como doenças (p.58).

O ponto mais importante indicado por Ruiz em relação ao uso da voz, ou as *disfonias ocupacionais*, estas entendidas como as que atingem os que usam a voz profissionalmente (HUNGRIA, 1988) é a constatação de que, apesar do número de professores readaptados em função dessas doenças, a legislação vigente no período, tanto na esfera da Previdência Social, quanto da Saúde (Portaria 1339/99), não fazia referência a problemas vocais vinculados ao trabalho docente, o que, por consequência, servia como justificativa para médicos peritos não considerarem a laringite como doença ocupacional do professor.

Um viés de destaque é o "olhar epidemiológico" que Ruiz propõe em sua análise, baseado em Correa-Filho (CORREA, F, H. Outra contribuição de epidemiologia. In: BUSCHINELLI, J. T, et al *Isto é trabalho de gente? Vida, Doença e Trabalho no Brasil*. Petrópolis: Ed Vozes, 1993), que entende a epidemiologia com uma finalidade descritiva, que pode evidenciar diagnósticos do que ocorre com um determinado grupo a partir do levantamento de dados que permitam a "mensuração de fenômenos do processo saúde e doença numa determinada população trabalhadora" ( p.69).

### **Metodologia utilizada**

O autor situa a sua pesquisa como um estudo quantitativo, descritivo, utilizando-se de dados (secundários) de prontuários médicos da perícia médica de funcionários públicos do município de Sorocaba, no período de 1972 à 1997 (p.70). É importante ressaltarmos que, apesar da construção da frase um pouco dúbia, o pesquisador se refere especificamente aos funcionários da rede Estadual de Sorocaba.

Além do objetivo indicado inicialmente, de produzir material teórico como respaldo para os movimentos organizados dos professores, o autor se propõe a analisar as causas de absenteísmo médico dos professores da rede estadual de ensino público, a partir da documentação de Sorocaba, e descrever o perfil de morbidade dos professores.

### *Documentação utilizada*

A principal base de dados utilizada pelo autor foi os prontuários do arquivo de serviço de perícia médica da Secretaria Estadual de Saúde, do Centro de Saúde I (CS I ) de Sorocaba. Nesses prontuários são anexadas as Guias de Perícia Médica (GPM), fichas padronizadas para a autorização de

afastamento médico de servidores estaduais. Após a realização da perícia pelo médico, essa ficha, é encaminhada para os trâmites administrativos; uma das vias do documento é arquivada no prontuário pertinente ao servidor, material esse utilizado pelo pesquisador.

Esclarecimento sobre os prontuários – Cada servidor que solicitou em algum momento afastamento médico possui um prontuário individual, nominal. Nesse prontuário serão arquivadas todas as Guias de Perícia Médica relacionadas com as solicitações de afastamentos médicos, ao longo do histórico do servidor. Logo, o número de prontuários não equivale ao número de afastamentos, mas ao número de servidores que fizeram uso desse serviço.

Dessa forma, foram levantados inicialmente 5735 prontuários, arquivados desde 1972, ano em que, segundo o autor, teve início o trabalho pericial naquele setor. A partir desse primeiro levantamento, constatou-se que a documentação abrangia servidores atuantes nas mais diversas funções. Finalmente, optou-se por levantar todos os prontuários relacionados especificamente aos professores, chegando-se então ao número de 2040 prontuários analisados para a pesquisa.

O levantamento foi realizado por 19 alunos, de 3º e 4º ano da Faculdade de Medicina da PUC/Sorocaba, entre 1996 e início de 1997. Foi elaborada uma ficha como instrumento de pesquisa (p.145), que deveria ser preenchida pelo aluno/pesquisador a partir das informações contidas nos prontuários.

### **Resultados da Pesquisa**

O autor fragmenta a análise em três períodos, de acordo com o foco do que pretende analisar.

#### *1ª análise: 1972 a 1997*

Nesse primeiro momento o autor apresenta dados gerais sobre todo o período investigado. Ao considerarmos que cada prontuário poderia trazer mais de um afastamento, o autor indica que foram analisados 2040 prontuários, totalizando 9209 afastamentos registrados no período. Esse total abrangia licenças médicas relacionadas a outros motivos além do específico voltado para tratamento de saúde do servidor, como a licença gestante (garantida por lei) e afastamento para cuidar de pessoas da família.

Dados apresentados nesse primeiro recorte:

Número de licenças médicas por ano <sup>11</sup>

- Entre 1972 e 1975 oscilam entre 1 e 2 afastamentos.
- Entre 1976 e 1987 – o menor número é de 19 afastamentos (1976) e o maior é de 83 em 1987.
- A partir de 1988 há um crescente aumento dos afastamentos, em especial a partir da década de 90. O menor número registrado é de 177 em 1988, chegando a 1399 em 1996.

O autor argumenta que o aumento verificado na década de 90 deve-se provavelmente a algum viés de registro nos prontuários (p.81), porém, não apresenta mais informações sobre que alterações de registro seriam essas. Tal afirmativa não leva em consideração a possibilidade do aumento de

---

<sup>11</sup> Os números são apresentados em forma de tabela (tabela 3) individualmente em cada ano, procuramos sistematizar os dados com o esquema apresentado.

professores na Rede Estadual, ou as alterações na legislação em todo o período, seja na esfera nacional ou regional, e o próprio contexto da promulgação da constituição de 1988, que começa a apontar modificações na legislação trabalhista, o que pode, de algum modo, ter repercussão nos dados levantados.

Ao nosso ver, a inexistência de dados referentes ao número total de professores atuantes na rede estadual de Sorocaba é bastante problemática, pois impossibilita uma análise comparativa em termos de porcentagens em relação a professores afastados. O autor explica no início do relato da pesquisa que, apesar de inúmeras tentativas, não teve acesso aos *dados oficiais* (p.79) que poderiam ser utilizados para comparação, porém, ele não aponta que dados foram esses; tal afirmativa desloca a própria documentação analisada, tendo em vista que são originários de um órgão oficial do Estado.

#### Distribuição das licenças médicas por mês e ano

Os dados apontam uma questão extremamente pertinente ao pensarmos em doenças ocupacionais; verifica-se o aumento dos afastamentos ao longo do ano, em especial no final do 1º semestre e nos três primeiros meses do 2º semestre. Nesse aspecto, tomando por base os números totais, o maior número de afastamentos foi encontrado no mês de agosto(1137), seguido de junho (1014), maio (985) , setembro (959) e outubro (956). O autor chama a atenção para esses dados, mas somente os descreve, sem fazer nenhuma análise mais aprofundada; somente posteriormente, nas conclusões, sugere o desgaste do professor ao longo do ano letivo.

#### Afastamentos de acordo com o sexo

Ao apresentar esses dados, a ausência da análise também está presente: "Na distribuição dos afastamentos segundo o sexo observa-se a predominância das mulheres (87,2%) sobre os homens (12,0%)" (p.82). Nenhuma ponderação é apresentada sobre o fato da "possibilidade" (já que o autor não trabalha com outros dados) do número de mulheres nessa área ser superior ao número de homens, ponto que pode explicar a grande diferença. A mera apresentação desses dados, sem problematização, pode induzir um leitor menos informado a entender que a concentração de afastamentos para o público feminino tem relação com a sua "natureza fragilizada".

#### Tipo de vínculo

Os dados referentes à categoria funcional também revelam um aspecto interessante. Os professores admitidos a partir da Lei Estadual 500/74, que atuam por contrato temporário (ACT), são os que totalizam o maior percentual de afastamentos (57,5%), seguidos dos efetivos (estáveis) que atingem 39,5%. Esses dados, ainda que não analisados pelo autor, revelam alguns pontos interessantes, mesmo que sejam suposições; por exemplo, a oposição à idéia de que a estabilidade do funcionário pode gerar uma maior acomodação, sem preocupação sobre o reflexo que os afastamentos podem ter em sua carreira profissional, e ainda o aspecto da precarização dos contratos temporários, marcados pela instabilidade, o que pode colaborar para o agravamento dos problemas de saúde.

### Enquadramento funcional

Com base na legislação vigente no período da pesquisa e o enquadramento utilizado, os dados apontam para o maior número de afastamentos entre os professores dos níveis mais altos, Dessa forma o professor III, com licenciatura plena, autorizado a atuar no ensino de 1º e 2º grau ou na educação especial, atinge 52,9% dos afastamentos., seguidos dos professores das séries iniciais (Professor I) com um índice de 39,4%. Novamente não dispomos dos números totais para sabermos qual dos níveis teria um maior número de professores atuantes no Estado. Ou seja, é impossível fazer qualquer análise de proporcionalidade frente à ausência de dados.

### Outros dados

Faixa etária preponderante dos afastamentos: entre 30 e 49 anos (65,6% do total)

Estado civil: a maioria está concentrada em servidores casados (65,5%).

Ano de ingresso – 50 % dos afastados foram admitidos entre 1980 e 1989.

Readaptados – 4,6%

### *2ª análise: 1988 a 1997*

Nesta fase a análise concentra-se somente nos últimos afastamentos registrados em cada prontuário, o que significa dizer que foram analisados 2040 afastamentos, número que equivale ao de prontuários analisados. O recorte aqui estabelecido é bastante confuso, principalmente se considerarmos as afirmativas anteriores do pesquisador, que indicava 2040 prontuários registrados desde 1972. Partindo desse pressuposto, o número de prontuários registrados a partir de 1988 deveria ser inferior ao número total.

De qualquer modo, os dados mais importantes aqui indicados se refere ao município de atuação dos professores afastados, tendo em vista que o serviço de perícia tem caráter local e regional, atendendo Sorocaba e outras sete cidades, além da possibilidade de atender servidores de outras regiões do Estado de São Paulo. Os dados indicam que 80,8 % dos profissionais atendidos atuavam em Sorocaba, seguido de 6,8% atuantes em municípios da região.

Outra questão importante tem relação com a classificação que o afastamento recebe, foram encontrados 1889 afastamentos caracterizados como tratamento de saúde, frente a 1 caso de doença ocupacional (faringolaringite aguda).

### *3ª análise: 1995 e 1996*

Uma análise mais sistemática é feita para os anos de 1995 e 1996. O autor explica que seu foco ao analisar especificamente esse período, foi o de verificar a quantidade dos dias de afastamento e os motivos pelos quais os professores se afastaram. Dessa forma foram estudadas as fichas relacionadas exclusivamente a afastamentos para tratamento de saúde do professor, desconsiderando os voltados para licença gestação ou atendimento de familiar, investigando, em cada prontuário, todos os afastamentos usufruídos pelo professor. Não há informação sobre quantos prontuários foram analisados nessa fase (sabemos que ao longo da pesquisa totalizaram 2040, mas especificamente para 95 e 96, quantos foram?), dado que indicaria o número de professores licenciados no biênio

indicado. Em 1995 foram registrados 1454 afastamentos, seguidos de 1301 em 1996.

Do que adoecem os professores

Tendo por base a Código Internacional de Doenças (CID), versão IX, onde as doenças são classificadas a partir de uma nomenclatura denominada capítulos, o autor buscou identificar a partir dos registros médicos, os motivos mais freqüentes para os afastamentos ocorridos entre 1995 e 1996.

Quadro 1 – Principais motivos de afastamento em 1995

<b>Doenças classificadas por aparelhos e sistemas</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Sistema Osteo muscular e conjuntivo	264	18,2
Transtornos Mentais	246	16,9
Doenças respiratórias	233	16,0

\* Gerado a partir dos dados indicados pelo autor na tabela 23

Quadro 2 – Principais motivos de afastamento em 1996

<b>Doenças classificadas por aparelhos e sistemas</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Sistema Osteo muscular e conjuntivo	231	17,8
Transtornos Mentais	208	16,0
Doenças circulatórias	201	15,4

\* Gerado a partir dos dados indicados pelo autor na tabela 24

Em um segundo momento, o autor faz a análise de que doenças especificamente foram motivos do afastamento em cada um dos capítulos.

Em relação às doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo, as principais doenças detectadas foram osteo-artrose e transtornos afins (21,6 / 15,2), Outros transtornos do dorso e os não especificados (18,6 e 16,0) e transtornos de discos vertebrais (15,5/ 15,6), porcentagens de 1995 e 1996, respectivamente.

Em relação aos transtornos mentais, as principais doenças foram psicoses não orgânicas (37 e 38,9), transtornos neuróticos (31,3 / 23,6) e psicoses afetivas (11 e 9,1), seguida de reação aguda ao stress (5,7 e 8,7), porcentagens de 1995 e 1996, respectivamente

Sobre as doenças do aparelho respiratório, na 3ª posição em 1995, foram indicadas laringite e laringotraqueites crônicas (15,5), seguida de laringite e traqueites agudas (12,9).

Sobre o aparelho circulatório, 3ª posição em 1996, as doenças detectadas foram hipertensão essencial (22,4%), doença cardíaca hipertensiva (14,4%) e arritmias cardíacas (6,5%).

Ao analisar os meses em que há maior incidência das doenças, o autor observa que, exceto as doenças do aparelho respiratório que são registradas um maior número entre junho e julho, as demais doenças apresentam as mesmas características já citadas anteriormente, com uma acentuamento maior nos primeiros meses do 2º semestre, em especial para o caso dos transtornos mentais.

### *Dias perdidos*

Esses dados se referem ao total de dias em que os professores ficaram afastados entre 1995 e 1996. A maioria dos afastamentos, aproximadamente 50% , concentram-se em 1 a 15 dias, que somaram 9370 dias de *trabalho perdido*. Na somatória dos dias afastados ao longo do período, compreendendo afastamentos de 1 até 60 dias ou mais, o número registrado é de 77.807 dias de ausência ao trabalho.

Um ponto significativo é indicado pelo autor, embora o índice de transtornos mentais esteja em segundo lugar nos motivos dos afastamentos, são esses os casos em que há um maior número de dias afastados: "to pode significar que os quadros relativos as alterações de saúde mental são de caráter crônico, o que justifica o elevado tempo de afastamento" (p.110).

Em relação ao número de afastamentos, há uma indicação de que 33 professores se afastaram mais de 10 vezes ao longo de 1995 e 1996. No entanto, como nessa parte o autor não indica o número total de prontuários analisados, não temos como comparar em termos proporcionais se há um número significativo de professores que se afastaram mais de uma vez ao longo do biênio apresentado.

### *Sobre a licença-gestante garantida por lei (120 dias)*

O índice dessas licenças durante o biênio 95/96 atinge 2,3% e 3,6%, respectivamente, frente a 92,1 e 93 % de afastamentos por doenças. Esse dado, embora não analisado pelo autor, reforça os apontamentos feitos em estudos que questionam a atribuição de uma maior taxa de absenteísmo relacionada às questões de proteção à maternidade e cuidado infantil, ou aos argumentos de que as mulheres acabam sendo "profissionais mais caras para o mercado" (Ver referência ABRAMO/OIT).

Faixa etária das licenciadas -30 a 39 anos (54,5%)

### *Afastamentos além dos 120 dias*

Entre 88 gestantes, 29 (33%) solicitaram peri-licença, antes ou depois de usufruir a licença gestante. O maior número de afastamentos ocorreu por trabalho de parto prematuro ou falso (pré-licença gestante), outras psicoses não orgânicas e assistência e exame após o parto( pós-licença gestante).

Média de dias de afastamento ao considerar os 29 casos - 21,2 dias.

Nas considerações podemos encontrar parte da análise que buscávamos durante a leitura da apresentação dos dados. Expondo argumentos em forma de questionamentos, Ruiz chama atenção para questões como o contínuo afastamento de professores readaptados, o que pode sugerir uma inadequação na forma como esse processo ocorre. Evidencia ainda o auto índice de desgaste psíquico entre os professores, como um importante dado para discutir a necessidade do pagamento do adicional de penosidade a esse grupo de trabalhadores, previsto na constituição.

Em relação às gestantes sugere uma maior qualidade no pré-natal oferecido pelo serviço público estadual, tendo em vista a faixa etária das professoras gestantes; ao partir da média de dias de afastamento do grupo, além dos garantidos por lei, aponta a pertinência da extensão de licença maternidade para mais 15 dias, de acordo com o que sugere a convenção 183 da OIT (2000).

Enfatiza a questão do enquadramento inadequado de doenças ocupacionais, subtraindo assim direitos da classe de professores. Argumenta ainda sobre a

necessidade de estudos desenvolvidos pelo governo, em relação às condições ambientais de trabalho dos professores.

SANTINI, Joarez. **A síndrome do esgotamento profissional: o "abandono" da carreira docente pelos professores de educação física da rede municipal de ensino de Porto Alegre.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

ORIENTADOR: PROF. DR. VICENTE MOLINA NETO

FORMAÇÃO DO AUTOR: GRADUADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (1978), ESPECIALIZAÇÃO PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA (PUC) EM 1999 E MESTRADO EM MESTRADO EM CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO PELA UNIVERSIDADE FERDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (2004). ATUALMENTE É PROFESSOR DA UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL. TEM EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ATUANDO PRINCIPALMENTE NOS SEGUINTE TEMAS: VOLEIBOL DE ALTO RENDIMENTO, VOLEIBOL ESCOLAR, MOTIVAÇÃO NO ESPORTE, ESTÁGIO CURRICULAR, PSICOLOGIA DO ESPORTE, MOTIVAÇÃO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CARREIRA DOCENTE (TEXTO INFORMADO PELO AUTOR NO CURRÍCULUM VITAE DISPONÍVEL NA PLATAFORMA LATTES)

PALAVRAS-CHAVE: CARREIRA DOCENTE, SÍNDROME DO ESGOTAMENTO PROFISSIONAL, PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

AUTORA DA RESENHA: MARINA PETRILLI SEGNINI

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

O objetivo desta pesquisa foi compreender a manifestação de ausência do compromisso ético, político e pedagógico profissional dos professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Processo denominado pelo autor de "abandono do trabalho docente" (Santini, 2004, p.14). O autor possui como hipótese que este "abandono" é um dos resultados da Síndrome do Esgotamento Profissional (Síndrome de *Burnout*).

Após vinte e um anos na função pública e privada como professor de Educação Física, o autor pode observar em muitos colegas de trabalho que "quanto maior a dedicação pessoal ao trabalho, maior o desgaste físico, a desmotivação, o estresse, a desilusão e a exaustão emocional que experimentavam".

Observou o fato de a Biometria Municipal de Porto Alegre ter detectado os constantes pedidos de licenças-saúde por estresse, ansiedade e depressão junto ao grupo de professores de ensino médio da rede pública de Porto Alegre.

Constatou que a ausência de condições de trabalho do professor de Educação Física, em relação a: salários baixos, ausência de condições materiais objetivas de atuação profissional e a falta de oportunidades para a formação continuada, influenciam para diminuir a motivação e satisfação do professor e contribuem para a desvalorização social da função.

Encontrou recursos para a sua delimitação do tema nos seguintes autores: Carlotto, Vasquez-Menezes e Mosquera e Stobaus que compartilham da idéia que um dos sinais de síndrome de esgotamento profissional por parte dos professores é "abandonar" o trabalho embora continuem no posto. Devido ao excesso de tensões vivenciadas pelo trabalho. Conforme salienta Santini, no Brasil, ainda temos o fator da degradação do trabalho do professor nas últimas décadas.

A problemática descrita acima levou o autor a se questionar sobre o processo de "abandono" do trabalho docente e quais os fatores que

contribuiriam para este processo. Desta maneira levantou a hipótese que o desgaste físico e emocional dos professores de educação física seria decorrentes dos seguintes fatores: falta de estímulos da instituição junto aos professores na construção de um ensino de qualidade, currículos inadequados para a formação dos jovens, a decepção com o ensino público e as deficientes condições de trabalho dos professores. Esses fatores que levariam os professores “abandonarem” o trabalho os levando a um esgotamento profissional.

A pergunta central do autor é: “Como os professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre “abandonam” o trabalho docente e que elementos são os mais significativos neste processo?” (Santini, 2004, p. 83).

### **Objeto de Análise**

Ao realizar a revisão bibliográfica sobre as relações entre a Síndrome do Esgotamento Profissional entre os professores, o autor observa que muito pouco é realizado sobre os professores de Educação Física do ensino público e privado.

A Rede municipal de ensino de Porto Alegre possui, em comparação com o sistema público de ensino brasileiro, uma especificidade que se faz relevante para as análises aqui propostas. De 1989 até 2004 (data da dissertação), a Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre esta sob a gestão da Frente Popular (composto pelo Partido dos Trabalhadores, Partido Socialista Brasileiro, Partido Comunista Brasileiro, Partido Popular Socialista e Partido Verde) que desenvolveu uma série de medidas de democratização do ensino denominado Projeto Escola Cidadã. O objetivo era a formação de uma escola pública de qualidade que garantisse acesso, permanência e aprendizagem a todos. Organizaram o ensino Fundamental em três ciclos (1º Ciclo – crianças de 6 anos a 8 anos e 11 meses, 2º Ciclo – pré-adolescentes de 9 anos a 11 anos e 11 meses, 3º Ciclo – adolescentes de 12 anos a 14 anos e 11 meses). Foi uma gestão, salienta o autor baseando-se em Azevedo (AZEVEDO, J.C. *Escola Cidadã: diálogos e travessias*. Petrópolis: Vozes, 2000) que consolidou um projeto contrário ao das propostas neoliberais, nas quais, a competição, a concorrência e o individualismo são considerados valores e causa fundamental do progresso humano.

Em 2002 a Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre possuía 4300 professores sendo que 260 eram de Educação Física.

A pesquisa proposta foi realizada junto a 15 professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre que entre o período de janeiro de 2000 a julho de 2002 entraram em licença médica por motivos de estresse, ansiedade e depressão.

### **Metodologia utilizada**

A pesquisa se caracteriza conforme informa ao autor: “estudo descritivo, de corte qualitativo, no qual busco compreender os fenômenos nas suas origens e na perspectiva do observado” (Santini, 2004, p.87).

O autor considerou relevante a utilização dos seguintes métodos de pesquisa: entrevistas semi-estruturadas, registros em um diário de campo, análise de documentos (1. O perfil dos professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino, 2. A relação das escolas Regulares, Infantis da Rede Municipal de Ensino, 3. A relação de professores de Educação Física, a

partir do ingresso na Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 4. As fichas e dados da Biometria Municipal específicos dos professores de Educação Física no período de janeiro de 2000 à junho de 2002, 4. CID-10 – Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionada à saúde. 1988).

O autor aborda as características específicas dos ciclos do desenvolvimento profissional dos professores com o objetivo de verificar se haveria algum período em que ocorresse maior desgaste profissional, estando ou não o professor mais suscetível a experimentar a Síndrome do Esgotamento Profissional. O autor apóia-se na divisão realizada por Hubermann, M. (1995), "(...) que constata que o desenvolvimento da carreira é caracterizado por um processo e por não uma série de acontecimentos". (Santini, 2004, p. 28). Essa teoria define o ciclo de desenvolvimento em quatro partes: entrada (2 a 3 anos de profissão), estabilização (4 a 6 anos), diversificação (7 a 25 anos), serenidade (25 a 35 anos) e conservadorismo (35 anos em diante).

Foram realizadas quinze (15) entrevistas com professores de Educação Física que entre o período de janeiro de 2000 a julho de 2002 entraram em licença médica por motivos de estresse, ansiedade e depressão, conforme descrito anteriormente. O grupo entrevistado era constituído por 12 mulheres e 3 homens. Dois (2) estavam na fase de estabilização, Doze (12) na fase de diversificação e um (1) fase da serenidade. Dos quais treze (13) haviam especialização. Os professores trabalhavam nas escolas dos seguintes bairros de Porto Alegre: Lomba do Pinheiro, Restinga, Rubem Berta, Medianeira, Vila Mapa, Parque dos Maias, Sarandi, Alto Petrópolis e Centro.

As entrevistas foram de longa duração (de 2 horas a 5 horas) e transcritas pelo próprio autor.

Ao analisar os relatos dos professores entrevistados, o autor selecionou os trechos mais significativos construindo cinco categorias analíticas que o auxiliaram na articulação de suas análises e conclusões.

1. A opção profissional
2. As limitações da formação acadêmica
3. As condições do trabalho do docente na vida do professor de Educação Física
4. Conseqüência do trabalho do docente na vida do professor de Educação Física
5. Estratégias defensivas do professor de Educação Física.

### **Referencial teórico**

O autor para contextualizar o objeto de estudo em relação a condições de trabalho, condições salariais, perspectiva histórica e social ele utiliza-se dos seguintes autores:

CANDAU, V.M.F. *A formação de educadores: uma perspectiva multidimensional*. Brasília, 1 (8), ago/ 1982. p.19-21.

CARREIRO DA COSTA, F. Formação de professores: objetivos, conteúdos e estratégias. *Revista da Educação Física/UEM*, 5 (1), 1994. p.26-39.

CONTRERAS Domingo, J. *La autonomia del profesorado*. Madrid: Morato, 1997.

- DEJOURS, C. *A loucura do trabalho*. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.
- DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. 4º ed. Campinas: Autores Associados, Col. Educação Contemporânea, 2000.
- ENGUITA, M.F. A ambigüidade da docência: entre a profissionalização e a proletarianização. In: *Teoria e Educação*, Porto Alegre, No. 4, 1991. p. 27-61.
- ESTEVE, J.M. *El maestro docente*. 3º ed. Revisada y ampliada. Ediciones Paidós Ibérica, S.A. Barcelona: 1994.
- FERNANDES, A,V.F.; Sá, E.A. & Ribeiro, M.A.T. Trabalho docente: um campo polêmico de discussões. Disponível em: (<http://www.ufop.br/ichs/conifex/anais/EDU/edu1424.htm>) acesso em 21/03/2004.
- FRANCHI, E.P. A insatisfação dos professores: conseqüências para a profissionalização. In: Franchi, E.P. (org). *A causa dos professores*. Campinas: Papyrus, 1995. p.17-90.
- GATTI, B.A. *Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação*. 2º ed. Campinas: Autores Associados, Col. Formação de professores, 2000.
- HARGREAVES, A. *Profesorado, cultura y postmodernidad: cambian los tiempos, cambia el profesorado*. Madrid: Morata, 1996.
- MOLINA NETO, V. A cultura do professorado de educação físicas das escolas públicas de Porto Alegre. In: *Movimento*. Porto Alegre, No 7, Ano 4, 1997. p. 34-42
- MOLL, J. *Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender*. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- MOURA, E.P.G. Saúde mental e trabalho: esgotamento profissional em professores da rede de ensino particular de Pelotas-RS. (dissertação de mestrado). PUC/RS, 1997.
- NASCIMENTO, J.V. E GRAÇA, A. A evolução da percepção de competência profissional de professores de educação física ao longo de sua carreira docente. Anais do VII Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa. 1998.
- ODELIUS, C.C E RAMOS, F. Remuneração, renda, poder de compra e sofrimento psíquico do educador. In: Codo, W. (org). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. p. 338-354
- ODELIUS, C.C. E CODO, W. Salário e poder de compra. In: Codo, W. (org). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. p. 193-204.

PEREIRA, J.E.D. *Formação de professores- pesquisa, representações e poder*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PEREZ-GOMES, A. *La cultura escolar en la sociedad neoliberal*. Madrid: Morata, 1994.

SANTOS, L.L.C.P. Formação de professores e qualidade de ensino. In: *Escola Básica*. Campinas: Papyrus, Coletânea CBE, 1992. p.136-146.

SILVA, E.T. *O professor e o combate à alienação imposta*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

TITTON, M.B.P. Identidade coletiva de professores na escola pública: uma construção possível, difícil e necessária. Um estudo de caso na rede municipal de ensino de Porto Alegre (dissertação de mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 2003.

WITTIZORECKI, E.S. Trabalho docente dos professores de Educação Física na rede municipal de ensino de Porto Alegre: um estudo nas escolas do Morro da Cruz. (dissertação de mestrado). Porto Alegre, UFRGS, 2001.

XAVIER, M.L.M. As turmas de progressão das escolas por ciclos. In: Moll, J. (org). *Ciclos na Escola, tempos na vida: criando possibilidades*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 168-190.

Ao definir a Síndrome de Esgotamento Profissional o autor primeiramente oferece ao leitor uma visão panorâmica das principais teorias já desenvolvidas sobre o tema e utiliza os seguintes autores;

ALVAREZ, C.D. et al. Revisión teórica del burnout o desgaste profesional en trabajadores de la docência. Canoas: Ceasura, No.2, jan/jul, 1993. p.47-65.

CARLOTTO, M.S. Síndrome de "burnout": um tipo de estresse ocupacional. Caderno Universitário; No.18. Canoas: Universidade Luterana do Brasil, 2001. p.52.

CODO,W E VASQUEZ MENEZES,I. O que é burnout? In: Codo, W. (org). Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. p.237-254.

EROSA, M. El stress. Disponível em: (<http://www.lucas.simprenet.com/trabajos/stress.htm>) acesso em 24/07/2000

FARBER,B.A. Stress and burnout in suburban teachers. Journal of Education Research, Washington, Vol.77, No 6, 1984. p. 325-331.

FREUDENBERG, H.J. Journal of Social Issues. New York,No.30, 1974. p.159-165.

GALLEGO, A. E RIOS, L.F. El síndrome del "burnout" o el desgaste profesional: revisión de estudios. Revista da Asociación Española de Neuropsiquiatria, Madrid, v.11, n.39, 1991. p.257-265.

GIL-MONTE, P.R. E PEIRÓ, J.M. Desgaste psíquico em el trabajo: el síndrome de quemarse. Madrid: Sínteses, 1997.

FRANÇA, H.H. A síndrome de burnout. Revista Brasileira de Medicina, v. 44, n.8, 1987. p.197-199.

MASLACH, C. E JACKSON, S.E. The measurement of experience burnout. Journal of Occupational Behaviour, n.2, 1981. p.99-113.

ODORIZZI, C.M.A. Síndrome de burnout: uma resposta a um estresse crônico. Revista do Professor, Porto Alegre, v.11, n.43, 1995. p.44-45.

OLIVEIRA, J.R. A síndrome de burnout nos cirurgiões dentistas de Porto Alegre, RS. (dissertação de mestrado). PUC/RS, Porto Alegre, 2001.

OLIVER, C. et al. La escala MBI como medida del estrés laboral asistencial. Revista Cubana de Psicología, Habana, v.12, n.3, 1996. p.201-208.

SELIGMANN-SILVA, E. Psicopatologia e psicodinâmica no trabalho. In: Mendes, R. (org). Patologia do trabalho. Rio de Janeiro: Atheneu, 1995. cap.12. p.287-310.

O autor baseia-se na perspectiva social-psicológica. O autor analisa a Síndrome como um processo. Para esta análise o autor baseia-se nos seguintes autores:

BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T. (org). Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CARLOTTO, M.S. Síndrome de "burnout": um tipo de estresse ocupacional. Caderno Universitário; No.18. Canoas: Universidade Luterana do Brasil, 2001. p.52.

CODO, W E VASQUEZ MENEZES, I. O que é burnout? In: Codo, W. (org). Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. p.237-254.

MASLACH, C. E JACKSON, S.E. The measurement of experience burnout. Journal of Occupational Behaviour, n.2, 1981. p.99-113.

MOURA, E.P.G. Saúde mental e trabalho: esgotamento profissional em professores da rede de ensino particular de Pelotas-RS. (dissertação de mestrado). PUC/RS, 1997.

### **Resultados da Pesquisa**

Baseando-se nas categorias analíticas escolhidas pelo autor, suas conclusões foram que a maioria dos entrevistados não aspirava, ao escolher o curso de graduação, ser professor de Educação Física. Porém, para o autor não foi possível demonstrar que este seria um fator relevante que influenciasse diretamente no processo de "abandono" do trabalho docente pelo professor.

A formação acadêmica, segundo o autor, é insuficiente para fornecer recursos a prática profissional destes professores "a falta de integração

entre a formação inicial recebida e a realidade em que os licenciados irão atuar, se constitui em um elemento significativo no processo que pode levar os professores de Educação Física ao “abandono” da carreira docente” (Santini, 2004, p.128).

Durante a pesquisa, o autor observou também que a organização do currículo escolar em ciclos, conforme descrito acima na Resenha, teve aspectos positivos e negativos.

Os aspectos positivos são:

1. A estratégia de dividir os alunos em faixa etária facilitando a execução das atividades, a distribuição da carga horária,
2. As reuniões pedagógicas como espaços de discussões entre os professores e, surpreendendo o autor,
3. Os salários são compatíveis. A maioria dos entrevistados pela pesquisa afirmou que, após a reforma da prefeitura de Porto Alegre, os salários são bons. (o autor não informou o valor do salário).

Os aspectos negativos são:

1. Esta nova política não incluiu a Educação Física como disciplina obrigatória, ou seja, cada professor de educação física deve apresentar o conteúdo pedagógico do curso proposto. O autor observou que este fato gerou insatisfação junto aos professores entrevistados, principalmente pela desvalorização da função e da não preocupação da administração pública em procurar discutir com a comunidade a nova proposta de ensino.
2. O processo de avaliação não é claro para os professores e nem para os pais e alunos. Sendo difícil colocar limites para os alunos.

A sobrecarga de trabalho decorrente da: quantidade de turmas, número de horas dedicado à docência, falta de tempo para a qualificação desejada, a falta de recursos materiais da escola e infra-estrutura são fatores que podem causar estresse e contribuem para a Síndrome do Esgotamento Profissional.

Os professores entrevistados relataram, segundo o autor, que não há espaço adequado e reservado para as atividades, deixando o professor de Educação Física submetido aos olhares de toda a escola.

Os professores entrevistados informaram, também, a ausência de instrumentos de trabalho; bola, rede, cordas e etc. assim como, é significativo, o desgaste emocional deste grupo de professores causado pelo aumento da violência e indisciplina dos alunos.

Todos esses fatores, acima descritos, são fontes de esgotamento e fadiga emocional/física que gera, segundo o autor, o esvaziamento do vínculo emocional entre professor e aluno.

O autor observou que recursos como o absenteísmo, os pedidos de transferência de escola, pedidos de desvio de função e até mesmo o esvaziamento de conteúdo pedagógico das aulas, denominado pelo autor, como “professor-bola”, ou seja, o professor oferece as bolas e os alunos fazem o que quiserem, são maneiras encontradas pelo professor que permite um escape momentâneo das situações estressoras acumuladas em seu trabalho. “O professor se afasta emocionalmente, caracterizando uma forma de abandonar o trabalho, apesar de continuar na função”. (Santini, 2004,p.174).

Observou também que os professores entrevistados estavam inseridos no período de diversificação, ou seja, entre 7 anos a 25 anos de carreira, concluindo que é a fase mais propensa a causar a Síndrome.

O autor sugere também, nas considerações finais, soluções ao sistema educacional a fim de prevenir a Síndrome de Esgotamento Profissional junto aos professores de Educação Física:

1. Reestruturação da gestão pública
2. Os professores recebam adequada formação
3. Melhoria em relação aos espaços internos das instituições de ensino para a prática da educação física
4. Melhoria a relação entre a disciplina de Educação Física e as demais disciplinas
5. Resgatar a imagem do professor de Educação Física junto aos alunos, demais professores e pais e 6. a escola seja promotora do desvinculamento entre a formação e a prática.

O autor sugere como estudos futuros o aprofundamento de estudos que analisassem "as possíveis variáveis responsáveis pelo desencadeamento da síndrome – inibidores ou facilitadores". (Santini, 2004, p.177)

SANTOS, Gideon Borges dos. **A fênix renasce das cinzas: o que os professores e professoras fazem para enfrentar as adversidades do cotidiano escolar.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós Graduação em Educação. Salvador, 2004.

ORIENTADOR: PROF. DR. MIGUEL ANGEL GARCIA BORDAS

LINHAS DE PESQUISA: ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO, PSICODINÂMICA DO TRABALHO, ERGONOMIA; PSICOLOGIA (*BURNOUT*)

PALAVRAS CHAVE: PROFESSORES E SAÚDE; SAÚDE E TRABALHO; ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE; PRÁTICA DOCENTE

AUTORA DA RESENHA: ÂNGELA VIANA MACHADO FERNANDES

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

Esta pesquisa discute a especificidade da ação docente na construção de estratégias no enfrentamento das adversidades do cotidiano escolar. Para tal, entende que a organização do trabalho pedagógico é um elemento de promoção ou agravamento da saúde dos professores. São os movimentos de saúde em busca de equilíbrio que torna o exercício profissional viável, em um ambiente tão adverso quanto à escola.

Na busca de um conceito que pudesse explicar qual a representação de saúde, o autor identificou que saúde não se opõe necessariamente à doença, mas pode se dar nas estratégias de enfrentamento e afastamento que professores/as constroem para se manter saudáveis em um ambiente (escola) que se apresenta com características adoecedoras. A saúde é, portanto, a capacidade de enfrentar a doença. O movimento de saúde é um campo político, de negociações, que o organismo cria visando a manutenção do equilíbrio considerado, dentro da normatividade, um estado socialmente saudável.

Segundo o autor duas tendências transitam no campo da saúde, uma busca pela ampliação do conceito, ou seja, a relação entre saúde e normalidade, e a outra se refere ao trabalho como fonte de promoção da saúde. Dessa forma a organização do trabalho pedagógico seria um espaço que possibilita ao professor um maior ou menor esforço na construção de dispositivos necessários à manutenção do equilíbrio físico e psicossocial.

Para o autor a relação entre saúde e normalidade focaliza preocupações que buscam compreender como os indivíduos mobilizam suas inteligências em busca de estratégias para lutar contra as adversidades do cotidiano, as doenças, a loucura e a morte. A organização do trabalho, por sua rigidez ou flexibilidade, possibilita aos trabalhadores construir estratégias defensivas e de enfrentamento às adversidades do trabalho como forma de assegurar um estado saudável. Segundo Dejours (1996: 153), autor citado na obra e que estuda a relação entre trabalho nas organizações e saúde, "a divisão do trabalho na organização comporta um conteúdo ergonômico da tarefa e o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as responsabilidades atribuídas atingem diretamente as relações que os trabalhadores estabelecem entre si".

Na organização do trabalho pedagógico podem ser viabilizadas trocas afetivas e gerar satisfação, como promover angústia e medo. A insatisfação e a ansiedade com o trabalho não corresponde ao seu conteúdo real, mas

simbólico, subjetivo. O modelo taylorista apropriado pela organização escolar reflete na saúde deste professor. As relações na escola são hierarquizadas e autoritárias, os currículos são truncados as propostas pedagógicas estão defasadas. O exercício da docência, entretanto, permite a vida coletiva, a expressão da singularidade e do diálogo enquanto o trabalho na sociedade capitalista promove a alienação do trabalhador. Na escola a atividade docente não se encerra ali. São várias as atividades desenvolvidas em casa.

O professor enfrenta, hoje, diferentes desafios como violência, indisciplina, baixos salários, precárias condições de trabalho, desvalorização pela sociedade, entretanto a tese do autor é de que na organização do trabalho pedagógico que se configura um importante fator de saúde do professor, pois podem construir estratégias para enfrentar as adversidades ou defender-se delas.

### **Objeto de análise**

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as estratégias que os professores/as constroem para enfrentar as adversidades do cotidiano escolar. O estudo ocorreu em uma escola da rede pública da cidade de Salvador, com professores de 1ª a 8ª série do Ensino Fundamental, e considerou que a organização do trabalho pedagógico como um elemento de promoção ou agravamento da saúde do professor.

O autor propõe que sejam repensadas as políticas públicas de formação do professor, no intuito compreender melhor a realidade em que está atuando.

### **Metodologia utilizada**

Para o autor as abordagens fenomenológica e hermenêutica foram a base metodológica da pesquisa. A idéia era fazer uma reflexão sobre a organização do trabalho pedagógico, sobre o cotidiano da escola, sobre a ação educativa e as conseqüências advindas destas relações na subjetividade do professorado. Ao decidir que estudaria a saúde do/a professor/a buscou novos interlocutores no intuito de responder aos seus questionamentos.

Ao decidir que utilizaria a Psicodinâmica do trabalho, uma teoria oriunda da medicina do trabalho e da psicanálise foi a campo.

A escola que foi o alvo da pesquisa é uma escola do ensino fundamental, e municipal da cidade de Salvador, Bahia, localizado em um bairro de classe popular. Para o autor a escolha da escola se deu pelo fato de contemplar ensino de 1ª a 8ª série e pelo entendimento de que a base da formação do aluno está neste grau de ensino. Ao mesmo tempo os problemas como analfabetismo, evasão, repetência, dificuldades de aprendizagem se dão nestas séries. A escola funciona em três períodos, sendo no matutino as turmas de 4ª a 8ª série, vespertino, 1ª a 5ª série e no noturno adultos e adolescentes de 5ª a 8ª na Educação de Jovens e Adultos (EJA), porém o foco de estudo limitou-se aos professores dos turnos matutino e vespertino que atendem 727 alunos.

A maior parte do material de pesquisa foi construído a partir de observações e entrevistas com os/as professores/as. O autor procurou descrever o modo com interagem. Dos professores, 27 no total, 8 participaram das entrevistas. Destes 2 do sexo masculino e 6 do sexo feminino. Destes 4 tem formação em Matemática, História, Letras Vernáculas e Pedagogia e 2 estão em processo de formação em Pedagogia e Filosofia, 1 tem magistério com

estudos em História e Geografia, e 1 com formação em Magistério. As técnicas utilizadas na pesquisa buscavam identificar cenas e falas que caracterizassem a interação que os sujeitos estabeleciam no espaço escolar. Dos sujeitos escolhidos 3 tem até dez anos de magistério e 5 vinte ou mais anos de profissão. A jornada é de 20 horas para uma professora, 40 horas para 6 e 60 para 2. a pesquisa, estudo de caso, foi exploratória com ênfase em aspectos descritivos tendo a Fenomenologia como inspiração para analisar as entrevistas. No intuito de fazer uma pesquisa de campo de cunho qualitativo e ser o mais fidedigno possível o autor trabalhou em três etapas: na primeira (novembro de 2002 a outubro de 2003) realizou observação participante junto aos/as professores/as em situações cotidianas de seu trabalho como intervalos, reuniões pedagógicas, horários de almoço e eventos comemorativos; no segundo momento fez uma análise documental do regimento escolar, decretos e portarias expedidas pela Secretaria Municipal de Educação, Plano de Desenvolvimento da Escola do período de 2001 a 2003, planos de Capacitação pedagógica de 2001 a 2003, quadro de horário do ano de 2003, quadro de distribuição de disciplinas do ano de 2003, mapas de aprendizagem do ano de 2003, e atestados médicos do período de 1997 a 2003; no terceiro momento buscou aprofundar as questões que surgiram durante a pesquisa na entrevista. As entrevistas foram realizadas na escola e gravadas mediante roteiro, sendo semi-estruturadas. O roteiro foi entregue antes ao professor para que pudesse refletir sobre o objeto de estudo.

O autor, para analisar os dados, utilizou a técnica de agrupamento dos dados por categoria e em seguida foram feitas as análises a partir do referencial teórico, sempre inspirado pela hermenêutica.

### **Referencial teórico**

Para discutir o conceito de *saúde-atividade profissional*, o autor utiliza Cristophe Dejours em quatro textos, *A loucura do trabalho: estudos de psicopatologia do trabalho*, São Paulo, Cortez, 1992; *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola Dejouriana a análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*, São Paulo, atlas, 1994; Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações in Torres Ofélia de L. S. *O indivíduo nas organizações: dimensões esquecidas*, São Paulo, Atlas, 1996 e *A banalização d injustiça social*, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2001. Sobre a atividade docente utiliza o sentido político de Hannah Arendt em sua obra *A Condição Humana*, Rio de Janeiro, Forense, 2000. Utiliza também Gimeno Sacristan em *O currículo: uma reflexão sobre a prática*, Porto Alegre, Artes Medicas, 1998 e o artigo Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores in Nóvoa, Antonio, *Profissão Professor*, Lisboa Porto Editora 1995, p 63-92; Wanderley Codo em *Educação: carinho e trabalho*, Petrópolis, RJ, Vozes e Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação: Universidade de Brasília, 1999.

Sobre profissão docente utiliza Miguel Arroyo, *Ofício de Mestre: imagens e auto imagens*, Petrópolis, RJ, Vozes-2000; Antonio Nóvoa em *Profissão Professor*, Porto Editora Ltda, 1995 e *Vida de Professores*, Porto Editora Ltda, 1995. Ao discutir os desafios que o docente enfrenta atualmente usa como referência os livros de José Manuel Esteves, *O mal estar docente: a sala e a saúde dos professores*, Bauru, São Paulo, EDUSC, 1999; Fernando Gil Villa, *Crise do Professorado: uma análise crítica*, Campinas, São Paulo, Papirus, 1988; Marisa C. Vorraber Costa, *Trabalho Docente e*

*Profissionalismo*. Porto Alegre, Sulinas, 1995 novamente a obra de Wanderley Codo; Alexandrina Maria Augusta da Silva Meleiro, O stress do professor in Marilda Lipp *O Stress do Professor*, Campinas São Paulo Papirus 2002. p.11-28. Ao referir-se a *saúde do professor* utiliza a obra de Wanderley Codo; José Manuel Esteves; Marilda Lipp em duas obras, *O stress do professor*, Campinas São Paulo, Papirus, 2002 e Marilda Lipp, *Pesquisa sobre o stress no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco*, Campinas, São Paulo, Papirus, 1996.

Ao entrar na análise do material utiliza L. M. Rocha Educação e Saúde: coletivização das ações e gestão participativa in Iria Maria Maciel Psicologia e Educação: novos caminhos para a formação-Rio de Janeiro, *Ciência Moderna*, 2001 p. 213-219. Virgínio Sá A não participação dos pais na escola in Ilma Passos Alencastro Veiga& Marilia Fonseca. *As dimensões do projeto político pedagógico* Campinas São Paulo, Papirus, 2001 p.69-104 Cristophe Dejours. *A banalização da injustiça social*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001; Silvio Gallo. *Deleuse e a Educação*, Belo Horizonte (não cita a editora) 2003. série Pensadores& Educação, 3.

No último capítulo, o quinto, inicia usando o Glossário de Ecologia, Publicação ACIESP nº 103, São Paulo, 1977, p.104 para definir a palavra "estratégia que será utilizada como enfrentamento do professor em inverter o sofrimento do trabalho em criatividade"; Cristophe Dejours. *A banalização da injustiça social*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001; Maria Elisabeth B. de Barros, Modos de Gestão-produção da subjetividade in *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, vol, 14.2 Niterói, 2003, p. 1-18.

### **Resultados da pesquisa**

O mestrando concluiu que os professores não ficam estáticos frente às adversidades, ao contrário, estão criando formas para enfrentar as dificuldades. Neste movimento buscam um equilíbrio em relação a docência. Para o autor este é um atributo potencializador da *saúde* como capacidade de mobilização afetiva, cognitiva e motora para da conta das pressões do cotidiano.

Os professores constroem estratégias de enfrentamento e afastamento às adversidades, buscando sentido, satisfação, e prazer na profissão. Quando se afastam tornam a profissão menos desgastante. Quando a organização do trabalho, se colocada de forma rígida atrapalha a criatividade do professor, mas possibilita que criem uma gestão paralela. Quando a organização do trabalho pedagógico permite ao professor emprestar sua subjetividade a atividade realizada tem-se maior possibilidade de adaptação de suas aspirações. A organização deve superar a fragmentação curricular e considerar o professor com agente da educação e não mero executor de tarefas. A educação como processo dinâmico possibilita que o trabalho pedagógico seja motivador da saúde. As instituições escolares refletem ainda a fragmentação dos saberes o que é incompatível com a sociedade contemporânea. A participação é a maior dificuldade enfrentada pela escola hoje tanto de pais nas reuniões, de professores nas decisões internas e externas junto a Secretaria Municipal de Educação. Ao consolidar estratégias de afastamento das atividades, estará comprometendo o processo educativo e ao utilizar as estratégias de enfrentamento estará tornando o ato de ensinar em fonte de prazer. A dissertação buscou ratificar que todo o esforço não foi apontar a doença do professor, mas a saúde.

SANTOS, Neide Sant-Anna Moura dos. **Quando os dados oficiais revelam condições de trabalho: análise dos agravos à saúde de professores das escolas públicas do Município de São Paulo.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da USP. São Paulo, 2004.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA DA PENHA COSTA VASCONCELLOS

INSTITUIÇÃO: FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ÁREA DE ATUAÇÃO: SUPERVISORA ESCOLAR

LINHA DE PESQUISA: SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E SAÚDE PÚBLICA

PALAVRAS-CHAVE: SAÚDE OCUPACIONAL, RISCO OCUPACIONAL, PROFESSORES, ESCOLA PÚBLICA

AUTORA DA RESENHA: ALICE BEATRIZ DA SILVA GORDO LANG

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

A relação trabalho e saúde do professor constitui o tema principal do trabalho.

Parte da premissa de que a saúde não é um estado, mas um objetivo que se tenta defender e conquistar, sendo de responsabilidade de todos e de cada um e não apenas de uma instituição, dos médicos ou do Estado. O fenômeno saúde-doença não deve ser estudado apenas como um fenômeno individual e biológico, mas inserido no contexto econômico, político e organizacional do trabalho docente.

Observa que o professorado é a categoria mais atingida no quesito saúde e que, devido a doenças, professores são readaptados deixando a sala de aula e assumindo outras funções.

Visa analisar as percepções dos profissionais que atuam na área da educação sobre as próprias condições de trabalho e detectar fatores que podem causar agravos à saúde desses profissionais. Acredita que o conhecimento de situações vivenciadas no cotidiano docente poderá trazer elementos para a compreensão da relação saúde e trabalho.

A autora é Supervisora Escolar junto à Secretaria da Educação e vem observando o grande número de professores readaptados e a tendência à insatisfação no magistério do Município de São Paulo. A ênfase da pesquisa está colocada nos professores readaptados. (professores readaptados ou com restrições de funções são professores acometidos por enfermidades, portadores de laudo médico, definitivo ou temporário, que os impossibilita de retornar às atividades normais de sala de aula. Permanecem nas Unidades Escolares, mas com restrições de funções).

### **Objeto de análise**

Questões relativas ao trabalho na escola são avaliadas por professores em exercício e professores readaptados, cujas condições de trabalho, percepções e opiniões são comparadas. Trabalha com professores do Ensino Básico, e desenvolveu a pesquisa junto a professores que pertencem à região que compreende as Coordenadorias de Educação da Lapa, Pirituba e Perus, bairros paulistanos, selecionando escolas que concentram maior número de readaptados em seus quadros.

## Metodologia utilizada

A autora afirma: "A metodologia do estudo, sem dúvida, a parte mais difícil de ser formulada, concerne à definição do que constitui o material da pesquisa" (p. 66). Cabe notar que metodologia não se reduz ao material da pesquisa, mas inclui a definição da questão a ser estudada, a coleta e análise dos dados, tendo em vista a perspectiva teórica adotada.

A pesquisa teve caráter exploratório e envolveu 31 professores em exercício e 11 readaptados, sendo 6 homens e 36 mulheres.

A coleta de dados foi feita através de questionários com perguntas abertas e fechadas, observando que os pesquisados poderiam não se identificar, se o desejassem. Para justificar o tipo de coleta, recorre a uma posição de Bourdieu que, contudo, não se refere no texto referido a questionários escritos, mas a entrevistas (p.75).

Sobre o questionário aplicado (anexo 5), valem algumas considerações. Inicia com uma pequena explicação sobre a finalidade da pesquisa e com a identificação do informante, sendo o nome opcional. Seguem-se questões referentes ao trabalho.

O questionário compreende 26 questões, sendo as seis primeiras referentes à situação objetiva do entrevistado no trabalho, enquanto as demais são questões de opinião - são 7 perguntas fechadas e as demais fechadas e abertas.

Há várias questões para as quais foi pedida a opinião do professor, referindo algumas vezes à situação pessoal e saúde, e em outras solicitando uma opinião geral. Contudo, as questões de opinião, como estão formuladas, direcionam as respostas.

A comparação é feita entre professores em exercício e professores readaptados. Não há cruzamento de outras variáveis. A idade do professor teria certamente influência em várias das questões consideradas, dado que os readaptados estão em faixa etária mais elevada.

Constrói tabelas com os dados obtidos e calcula porcentagens. Para verificar a relação entre variáveis qualitativas, utiliza o teste do Qui quadrado. Observo contudo que o resultado obtido é meramente descritivo, pois não foi observado o pressuposto de utilização de amostra aleatória, nem o da necessidade de, em caselas com frequência inferior a 5, recorrer ao processo estatístico de correção, procedimentos previstos para o teste de Qui quadrado. (Ver Blalock, H. M. *Estatística Social*. Mexico. Fondo de Cultura Económica, 1996; pp 246-249). Para a pequena quantidade de entrevistados (42), caberia, a meu ver, apenas uma descrição. Contudo, a autora reconhece que os resultados não poderão se estender para todo o universo de docentes, dada a ausência de representatividade estatística.

As hipóteses de pesquisa não estão claramente formuladas. Todavia, podem ser apreendidas pelo questionário elaborado, cujas questões indicam as seguintes direções:

- autonomia no trabalho; ambiente de trabalho (calmo, moderado, estressante); número excessivo de alunos; trabalho repetitivo; trabalho cansativo; situações de violência na escola; imagem errônea da opinião pública sobre o professor; cooptação de professores pela administração; falta de tempo para a reflexão e conseqüente aprimoramento; baixa realização no trabalho levando a sentimento de impotência; fatores organizacionais do ambiente de trabalho; remuneração; satisfação no desempenho das funções. Seguem-se questões sobre situação de trabalho e aumento das atribuições (citando a opinião de um autor e inquirindo sobre a

concordância do respondente). Pergunta diretamente sobre situações desgastantes causadoras de mau estar e ainda, sobre satisfação/insatisfação e motivos que levaram à readaptação.

### **Referencial teórico**

A autora expõe as preocupações do trabalho recorrendo a diversos autores e destacando numerosos e diferentes problemas: o significado de educar; os vínculos afetivos com os alunos; a transformação da educação em mercadoria; a desvalorização do magistério; a perda de autonomia do professor; a feminização da profissão; o fracasso escolar; a massificação do sistema escolar; a exigência de um novo perfil do profissional; doenças típicas do professor motivadas pela fadiga e insatisfação; a Síndrome de *Burnout* ("conjunto de conseqüências negativas que afetam o professor a partir de ações coligadas aos efeitos das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência" p.62) . Para cada tópico, apoia-se em um autor. Contudo, não situa os autores utilizados, nem quanto à origem nem quanto à posição teórica e época de produção.

Algumas destas referências são: OLIVEIRA (2000), DEJOURS (1997), ADORNO (1991), CODO (1999), listadas a seguir em detalhes:

ADORNO, T. H. M. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1991.

CODO, W. Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999.

DEJOURS, C. O fator humano. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

OLIVEIRA, D. C. Práticas sociais em saúde: uma releitura à luz da teoria das representações sociais. In MOREIRA, A. S. P., OLIVEIRA, D. C. (orgs.) – Estudos interdisciplinares da representação social. Goiânia: AB Editora, 2000.

Traça um quadro do sistema de ensino municipal e destaca problemas referidos por autores diversos: o sucesso do trabalho docente condicionado ao conhecimento e à capacitação; o fracasso representado pela evasão e repetência; o direito à saúde; as fontes de estresse e insatisfação no trabalho; as condições básicas para o bem-estar; perda do prestígio social; discrepância entre o esforço despendido e os benefícios auferidos como causa de mal-estar, etc.

Através dos autores pesquisados, buscou compreender a relação entre o indivíduo e a sociedade, percebendo que o sofrimento e a própria constituição psíquica são determinados socialmente. .

### **Resultados da pesquisa**

A desvalorização social aliada a condições adversas do trabalho docente levam ao desânimo e ao desinteresse, terminando por afetar a saúde. O professor é levado à solicitação de licenças e ao processo de readaptação.

Conclui mostrando que os mais numerosos não são os que têm sua saúde afetada pelas condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência, mas aqueles que recorrem a mecanismos que lhes permitem romper a pressão à qual se encontram submetidos

Propôs verificar se existe discrepância entre os achados e os problemas identificados na literatura (p.69). Não faz essa discussão, mas recorre aos autores para compreensão dos resultados obtidos. Apresenta um conjunto de sugestões, tendo em vista a adequação das condições de trabalho às

novas exigências do ensino e à revalorização da imagem social da profissão docente. São elas:

- definição de diretrizes e linhas pedagógicas mais constantes a serem implementadas nas escolas do município;
- mudanças nas formas de reconhecimento e valorização dos professores e de seu trabalho;
- mudanças nos processos de formação continuada que implementem a melhoria do trabalho docente;
- mudanças que implementem a autonomia no trabalho exercido pelos professores, com aumento da participação individual e coletiva em processos decisórios;
- mudanças que aumentem os níveis de suporte social;
- mudanças que implementem um nível de demandas no trabalho, adequado às características psico-fisiológicas humanas;
- mudanças nas condições do ambiente físico de trabalho.

SANTOS, Silmar Leila dos. **As faltas de professores e a organização de escolas na Rede Municipal de São Paulo.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo. São Paulo, 2006.

ORIENTADOR: PROFA. DRA. ALDA JUNQUEIRA MARIN

FORMAÇÃO DO AUTOR: LICENCIADA EM ESTUDOS SOCIAIS COM HABILITAÇÃO EM HISTÓRIA PELA "SANTANA"/SP. PROFESSORA DO ENSINO BÁSICO

PALAVRAS-CHAVE: ENSINO FUNDAMENTAL – FALTAS DE PROFESSORES – ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

LINHA DA PESQUISA: DIREITO (LEGISLAÇÃO TRABALHISTA)/ ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

AUTORA DA RESENHA: MARIA LÚCIA BÜHER MACHADO

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

Ao estabelecer como universo de pesquisa cinco escolas de ensino fundamental do Município de São Paulo, a autora circula entre duas questões centrais ao longo do trabalho: A partir do entendimento de que a falta é um direito garantido ao professor público/servidor, expresso no Estatuto do Magistério e no Estatuto do Funcionário Público, ela busca investigar como os professores fazem uso desse direito. No outro extremo, SANTOS investiga de que forma a Escola se organiza para atender os alunos diante da ausência do professor. Dessa forma, a pesquisa gira em torno da análise de como direitos de professores (faltas/Estatutos) e direitos dos alunos (aulas – qualidade/LDBEN) são garantidos concomitantemente.

Perguntas centrais formuladas pela autora:

“O fato de os professores se ausentarem das escolas aponta para uma situação organizativa da escola que passou a ser problematizada na pesquisa: se por um lado é garantida, ou ao menos concedida, a possibilidade de os professores faltarem, como a administração escolar tem cuidado da (re)organização das escolas para poder atender aos alunos que também têm direitos às aulas, eixo central da vida escolar? Esse, portanto, foi o foco do estudo.” (p.13)

### **Objeto de análise**

Embora a pesquisa centralize-se na ação de professores no que se refere a usufruir um direito que lhe cabe, as palavras-chaves utilizadas pela autora, evidenciam o interesse principal da investigação – organização escolar – o que por conseguinte, revela como principal objeto de análise a Escola.

### **Metodologia utilizada**

Segundo a autora, o levantamento bibliográfico feito para a pesquisa indicou a inexistência de estudos sobre a temática proposta. Tal verificação a fez definir sua pesquisa como estudo exploratório, conforme conceito de SELTZ et al (1965), tendo como propósitos: obter a familiaridade com um fenômeno (faltas) e determinar a frequência com que ela ocorre e sua relação com a organização das escolas. (p.13;42).

### *Delimitação da pesquisa*

Localização - Diante de um número total de 458 Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs) da cidade de São Paulo, a autora optou

inicialmente por analisar cinco escolas, conforme a divisão geográfica da cidade (norte/sul/leste/oeste/central); porém, como não conseguiu obter autorização junto a todos os diretores procurados, ao final foram analisadas cinco escolas do ensino fundamental, que atendiam séries iniciais (EFI) e 5ª a 8ª séries (EF II), distribuídas da seguinte forma: duas localizadas na região noroeste, uma na região norte, uma no leste e uma no oeste.

Critérios – Escolas onde os professores recebessem adicional de difícil acesso (entre 30 e 50%) pago aos que trabalham em regiões mais distantes do centro da cidade. Segundo a autora, esse pagamento tem também como objetivo amenizar o grande número de faltas ao trabalho nessas escolas, que geralmente apresentam problemas de infra-estrutura e violência urbana.

### *Documentos analisados*

Formulários/ Comunicação Interna de faltas – A pesquisadora buscou os dados referentes às faltas em cada Escola, a partir do formulário, denominado de Comunicação Interna de Faltas. Através desse formulário individual, nominal, os funcionários municipais solicitam, no primeiro dia de retorno ao serviço, abono ou justificção das faltas para sua chefia imediata. O servidor deverá descrever o motivo de sua falta, onde o diretor dará o seu parecer, determinando se a mesma será abonada, justificada ou injustificada. No mesmo documento há espaço para informações sobre licenças médicas usufruídas. A pesquisadora realizou análise desses documentos nas 5 escolas, nos meses de novembro e dezembro de 2004 (351 formulários) e 2005 (349 formulários). Esses números correspondem, segundo a autora, ao total de docentes atuantes nas escolas durante o biênio analisado.

Questionários – “O intuito desse questionário era o de delinear o perfil dos docentes sobre suas atividades profissionais, expressando um pouco do dia-a-dia que vivenciam”(p.52). Foram distribuídos 300 questionários entre novembro e dezembro de 2005, retornando 143 questionários preenchidos. Formulada com 10 questões objetivas e uma aberta<sup>12</sup> esse instrumento foi a principal fonte utilizada para informações sobre a organização da escola frente à ausência dos professores.

Observações – A autora indica que em 2005 realizou algumas visitas às escolas, com intuito de fazer observações sobre a organização das mesmas, mas não há mais detalhes sobre essas observações ao longo da dissertação.

### **Referencial Teórico**

A autora apresenta em seu texto um embasamento teórico, com definições claras sobre as perspectivas a serem seguidas. Entre elas, as discussões acerca de profissão e semiprofissão, assim como a questão da proletarização do professor.

Indica as reflexões de Enguita (ENGUITA, Mariano. A ambigüidade da Docência: entre o Profissionalismo e a Proletarização. *Teoria & Educação*. Porto Alegre, 1991, n.4, p.41-60/1991) sobre a posição intermediária do professor, entre proletário e profissional, e a classificação dos docentes como semiprofissionais. Ela destaca os argumentos do autor, de que o ofício

---

<sup>12</sup> A questão versava sobre a satisfação ou insatisfação com a administração municipal; porém, segundo a pesquisadora, as respostas não foram exploradas na dissertação devido a proposta mais exploratória da pesquisa, podendo tais dados ser utilizados em estudos posteriores.

do professor não apresenta as cinco características que cercam um profissional: competência, vocação, licença, independência e auto-regulação. Com base no mesmo autor, apresenta as reflexões sobre proletarização, esta entendida como um processo longo, que envolve a perda de autonomia por parte do professor, marcada pelo aumento do número de escolas e dos processos de hierarquização, no que se refere à administração do ensino, aos pacotes curriculares e as avaliações aos quais os docentes são submetidos.

Lawn e Ozga (1991) também são referências da autora, em relação ao processo de proletarização e a implantação de administração das escolas, bem como os apontamentos dos autores sobre a necessidade de investigações sobre as relações de trabalho no interior do sistema escolar para entender esse processo.

Para discutir a Escola, a autora buscará respaldo em Canário (CANÁRIO, Rui. *O que é escola? Um olhar sociológico*. Porto: Porto Editora, 2005). Ao se ater à organização, com base no autor, ela destaca o aparente caráter naturalizado desse processo, fazendo com que a dimensão organizacional se torne invisível, evitando-se assim críticas e mudanças: "Essa pesquisa busca focalizar a escola com a perspectiva de enfrentar essa naturalização". (p.16).

Para evidenciar a importância das aulas no espaço escolar, a autora apresenta o argumento de Cândido (CÂNDIDO, Antonio. A estrutura da escola. In: Pereira, L. FORACCHI, M. *Educação e Sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1956, p.107-128), de que essa é a *espinha dorsal da sua organização*, e para que isso ocorra é necessário um grupo social, formado por professores e alunos, inseridos numa estrutura administrativa, com uma dinâmica interna, mantida por um sistema de normas e valores.

Sobre burocracia, relacionadas à organização escolar, as principais fundamentações são embasadas em Weber (WEBER, Max. *Que es la Burocracia?* Trad. Rufino Arar. Buenos Aires: La Pleyade, 1977.), em especial nos apontamentos feitos a partir de MOTTA (1982). Destaca-se aí a organização realizada pelo Estado Burocrático na sociedade moderna, e os principais traços da burocracia: a autoridade burocrática, a organização monocrática de hierarquia de cargos, a existência de documentos escritos como base de cargos e repartições, funcionários com preparação técnica, fixação de jornada de trabalho e normas administrativas. Destaca ainda o conceito de racionalidade como atributo fundamental da burocratização pública ou privada.

Sobre organização escolar fundamenta-se em Nóvoa (NÓVOA, Antonio. Para uma análise das Instituições escolares. In: NÓVOA, A. (coord.). *As Organizações Escolares em análise*. Nova Enciclopédia, 1995).

e Hutmacher (HUTMACHER, Walo. A escola em todos os seus estados: das políticas de sistemas às estratégias de estabelecimento. In: NÓVOA, A. (coord.). *As Organizações Escolares em análise*. Nova Enciclopédia, 1995). Do primeiro autor destaca o conceito de cultura organizacional da escola, que abrange várias dimensões, onde se tomam importantes decisões educativas, curriculares e pedagógicas. Do segundo autor destaca o entendimento da escola como organização burocrática, mas com espaço para autonomia, logo, interação com as normas externas e com peculiaridades internas.

## **Resultados de pesquisa**

### *As Escolas*

Conforme indicações gerais da pesquisadora, as escolas estão localizadas na periferia da cidade, marcadas principalmente por problemas de infraestrutura, sendo que três delas operam em 4 turnos, o que de imediato caracteriza a precariedade e a dinâmica exigida nesses espaços. Com um mínimo de 36 turmas atendidas e um máximo de 57, com variações entre 40 e 96 docentes atuando em cada Escola, os dados revelam que não há uma relação direta entre tamanho de escolas, número de docentes e número de faltas. (Verificar tabela em anexo)

### *Professores*

No biênio analisado, a maioria dos professores pertence ao quadro de funcionários públicos efetivos da Prefeitura Municipal de São Paulo, o que significa que são em sua maioria concursados. Os números de 2004 revelam 295 efetivos no total de 351 profissionais, desses, 191 eram titulares e 104 adjuntos. Para 2005, entre os 349 professores, 310 são efetivos, sendo 206 titulares e 104 adjuntos.<sup>13</sup> A diferença principal entre titulares é que estes possuem vaga fixa na Escola onde atuam, ao contrário dos adjuntos, que mesmo efetivos, não possuem lotação fixa, mas ocupam as vagas descartadas pelos titulares. Nessa escala, a pior situação é a dos professores contratados, que possuem uma instabilidade muito maior, o que reflete nas condições de trabalho do grupo. Ao constatar que houve um aumento de Professores Titulares na Escola II no ano de 2005, a autora faz uma análise que resume como funciona essa dinâmica na vida funcional dos professores:

“Esse fato torna perceptível o funcionamento da escala hierárquica contida no plano de carreira implantado no magistério público municipal paulistano. O aumento de professores titulares acarretou a diminuição do número de professores adjuntos de ensino fundamental II efetivos e, seguindo-se a escala, os professores adjuntos, que se vincularam à escola II em 2005, ocuparam as funções de professores substitutos (...) ocasionando assim o desligamento de dois professores adjuntos contratados, que eram dois em 2004, extintos dos registros em 2005, numa espécie de dança das cadeiras. (p.64/65).”

### *O trabalho com os questionários*

Ao tomar por base os 143 questionários devolvidos pelos professores no ano de 2005, sendo que destes, 142 tratavam-se de profissionais efetivos, a pesquisadora aponta as análises que seguem:

### **Sobre a jornada de Trabalho**

- Os dados descritos revelam a intensa jornada de trabalho aos quais os professores são submetidos. Entre os 143 professores, 36 trabalham entre 26 e 39 horas aulas-semanais, 31 entre 39 e

---

<sup>13</sup> Embora não seja destacado pela autora, observamos que o maior número desses professores atuava no Ensino Fundamental II (5ª a 8ª), aproximadamente 57% dos considerados estáveis.

51 horas semanais e 16 trabalham acima de 64 horas-aula semanais.

- Ao analisar especificamente o número de aulas com alunos, desconsiderando as horas complementares (horas remuneradas destinadas a planejamentos, reuniões, etc), os números indicam que 63 professores trabalham entre 20 e 25 horas-aula semanais diretamente com alunos, e 61 professores trabalham entre 45 e 60 horas-aula semanais diretamente com alunos. Neste último caso, a média de horas em sala de aula, totalizaria 240 horas-aula mês.
- Dos 143 professores, 82 declararam acúmulo de cargos (termo utilizado pela pesquisadora para definir a atuação do professor em mais de um cargo), sejam 2 cargos na Prefeitura (29), ou na Prefeitura Municipal e no Estado(50), ou ainda na Rede Pública e na Rede Privada (3).

Ao abordar a temática das faltas, a autora inseriu no questionário a seguinte questão: *Qual dos direitos ou concessões garantidas aos funcionários da Prefeitura, você já utilizou?* Solicitava-se ainda a indicação do motivo que levou o professor a se ausentar. Entre os 143 professores, 100 % solicitou abono de faltas, 41,9 % solicitou justificativa e 9% declarou constar em seus prontuários faltas injustificadas.

Os principais motivos indicados pelos professores para suas faltas foram: Idas ao médico ou por problemas de saúde (72 professores), e Questões particulares (38 professores). Na listagem constam ainda 5 indicações, cujo motivo foi estresse/esgotamento físico e mental, não entendemos o que leva esse apontamento não estar inserido no item problemas de saúde. Há ainda 6 professores que mencionaram ter faltado para viajar ou descansar.

O dado interessante levantado pela pesquisadora, é a relação entre as faltas dos professores concentradas principalmente entre os que cumprem a Jornada Especial Integral (JEI), o que significa, no mínimo, 40 horas-aula semanais de trabalho. Dos 72 que relacionaram suas faltas com problemas de saúde ou idas ao médico, 56 cumprem essa jornada; de 38 que alegaram questões particulares, 29 estão inseridos na JEI. A proporcionalidade se repete para as outras justificativas apresentadas (questões familiares, cursos ou faculdades, viagens e cansaço).

Licenças médicas – Entre os 143 professores, 99 indicaram que já fizeram uso desse direito. Desse total, 60 utilizaram para tratamento pessoal, 13 para tratamentos familiares, e 17 para ambos os casos. Embora no questionário haja espaço para indicação dos motivos, estes não são apontados pela pesquisadora, o que impossibilita, por exemplo, verificar quantos desses casos se incluem na utilização da licença gestante.

## **O trabalho com os formulários**

### *A legislação*

A partir do Estatuto dos Funcionários Públicos do Município de São Paulo, a autora indica o que essa legislação, ao qual os professores são submetidos, estabelece em relação às faltas. Três são as concessões legais, com as quais a pesquisadora estará trabalhando nos formulários analisados:

- Faltas abonadas – Poderão ser de no máximo 10 por ano, não excedendo 2 ao mês. Podem ser abonadas por moléstia ou por outro motivo justificado, a critério da autoridade competente. Não

há descontos de vencimentos, e o dia de trabalho é considerado para todos os efeitos legais.

- Faltas justificadas – 6 ao ano. O servidor perde o vencimento do dia, e o mesmo não é computado para tempo de serviço.
- Faltas injustificadas – podem abranger até 60 dias ao ano de ausências interpoladas . Além dos dias não serem considerados para contagem de tempo de serviço, estes são deduzidos como pontos negativos para efeito de promoção na carreira.

Especificamente sobre as questões de saúde:

Além das demais licenças usualmente concedidas por lei (sem vencimentos, tratamento de saúde, gestante, etc.), a autora indica a autorização que os servidores municipais têm para se ausentar, com fins de comparecer ao Hospital do Servidor Público Municipal. Nesse caso, o servidor deve se dirigir, no mesmo dia, ao local de trabalho para assinatura do ponto e comprovante de comparecimento ao Hospital. Em caso de utilização de serviços de saúde da rede privada, um mínimo de 50% da carga horária diária deverá ser cumprido, para que o dia de trabalho seja considerado integral. Uma importante alteração sobre essa questão ocorreu em 2005, quando o prefeito José Serra, revogou o decreto de 2002, do governo Marta Suplicy, onde era garantido ao servidor o direito de licença médica de até 7 dias, expedida pela rede privada, sem necessidade de passar pela perícia médica Municipal. O novo decreto determinou que esta não pode ultrapassar três dias, podendo usufruir até duas dessas licenças em 365 dias.

Ao propor analisar como, de fato, os professores fazem uso dessas prescrições legais em relação a se ausentar do espaço escolar, a autora faz uma reflexão fundamental para a pesquisa. Ainda que considere a falta ao trabalho um direito, considerando o capítulo do Estatuto no qual a temática está inserida, ela defende a utilização do termo *concessão*, baseada no seguinte argumento. “(...) o fato de, no interior de uma escola, ser da competência do diretor aceitar ou não a solicitação de abono e faltas de seus funcionários e até mesmo da justificção delas gera, aparentemente, uma descaracterização quanto ao direito bradado pelos professores”(p.74). Para a pesquisadora, isso caracteriza uma concessão, e não um direito, além do que, expressa a manutenção da escala hierárquica do sistema público.

#### *Os dados dos formulários – Comunicação Interna de Faltas*

Tendo por base o total das 5 escolas, 351 professores em 2004 e 349 em 2005, temos :

- Faltas abonadas – 2475 faltas (2004) / 2422 faltas (2005)<sup>14</sup>
- Faltas justificadas – 361 faltas (2004) / 364 (2005)
- Faltas Injustificadas – 264 (2004) / 333 (2005)\* Não houve registro desse tipo de faltas nas escolas II e IV.
- Faltas de Licenças Médicas – 266 (2004) / 84 (2005)- A autora não esclarece que faltas são essas, se as oriundas de atestados médicos que não necessitaram passar por perícia, ou se abrange inclusive as que passaram por esse serviço. Somente chama a

---

<sup>14</sup> A autora indica o número de 2387 faltas, mas ao fazermos a somatória da tabela (p.75) o total encontrado é de 2422 faltas abonadas para o ano de 2005.

atenção para a redução de 210 faltas registradas na Escola I em 2004 para 10 em 2005; menciona a alteração do decreto municipal/Serra emitido em 2005, o que pode ter influenciado nesses números. É significativa ainda a ausência do registro de licenças médicas nas escolas II e IV.

Um outro ponto se refere aos meses em que ocorre o maior número de faltas. De um modo geral, ao observarmos os gráficos (não há indicação de %) pode-se inferir que há um crescente aumento do número de faltas ao longo da metade do 1º semestre e início do segundo, sem oscilações significativas, porém com maior concentração em março, abril, junho, agosto e setembro, e com declínio acentuado, em especial nos meses de janeiro, julho e dezembro, devido ao período de férias e recesso escolar. Podemos relacionar essas informações com dados trazidos por outras pesquisas, em que indicam as licenças médicas também concentradas nos "entremesios semestrais", o que, supostamente, pode evidenciar o desgaste dos profissionais em determinadas épocas do ano.

Um outro aspecto importante levantado, é de que o menor número de professores em uma Escola não significa necessariamente menor número de faltas. A base é a média anual de faltas da Escola I, que com o menor número de professores (40 em 2004) obteve o maior índice de faltas (14,75%), em contraposição com a Escola III, que com o total de 95 professores, teve uma média de 8,67% faltas por docente.

Essa média é obtida pela autora, dividindo o número de docentes pelo número de faltas ocorridas na Escola durante o ano; embora o dado seja elucidativo, acreditamos que sua simplificação deva ser ponderada; ao considerarmos que um único professor possa ter tido um número significativo de faltas, esse profissional irá acentuar o índice geral da Escola, o que na prática, é diferente de muitos professores faltando todos os dias. Por exemplo, em 2005 um único professor da Escola III teve 100 faltas (Tabela 12/p.87).

Esse aspecto pode ser evidenciado em um exemplo apontado pela própria pesquisadora, ao indicar as datas em que se registrou o maior número de faltas nas Escolas. No dia 05/04/2005, 33 professores faltaram na Escola I, o que significou a ausência de 64,7 % dos docentes da Instituição. Esses dados servem de respaldo para a autora perguntar sobre as estratégias utilizadas nas Escolas para, diante dessas ausências, garantir as aulas aos alunos.

### *A organização das Escolas*

Ao considerar que cada professor cumpre, em média, 5 horas-aula diárias, a pesquisadora indica que em 2004 deixaram de ser ministradas 16835 horas-aula, e em 2005, 16015 horas-aula. Como as escolas se organizam para administrar tal situação?

As respostas dos questionários coletados indicaram que as principais estratégias utilizadas nas Escolas para suprir a ausência dos professores são: utilização dos professores adjuntos como eventuais (n=84), Distribuição dos alunos sem aula entre as salas da mesma série (n=71) e adiantamento de aulas com dispensa de alunos mais cedo (n=59).

Após indicar essas estratégias, a autora aponta os problemas que cada uma delas trás. A substituição por professores eventuais nem sempre ocorre, tendo em vista que poucas vezes esses profissionais estão disponíveis na Instituição, considerando que na maioria das vezes já estão cobrindo outras

formas de afastamento. Quando há disponibilidade desse profissional, nem sempre corresponde à mesma disciplina do professor ausente.

Quanto à distribuição dos alunos nas salas, mais aplicada nas séries iniciais, acarreta outro problema, a superlotação em classes que já têm um grande número de alunos. Sobre o adiantamento de aulas, que ocorre no Ens. Fund. II (5ª/8ª), o objetivo principal é manter os alunos ocupados; o professor presente ministra aulas ao mesmo tempo em classes diferentes e a aula da disciplina em que o professor faltou não é repostada.

Entre os principais problemas detectados no cotidiano escolar, a partir de uma lista estabelecida pela pesquisadora, com base nos problemas relacionados ao professor e as faltas, os docentes assinalaram preponderantemente os seguintes aspectos: número alto de alunos por sala (114 respostas), Sobrecarga de trabalho (98 respostas.) e as faltas dos professores (56 respostas.). Em relação a esses aspectos, a autora limita-se a apontar os dados, sem nenhuma análise aprofundada.

### *Considerações*

Nas considerações, Santos faz referência a uma pesquisa realizada pelo MEC/INEP em 2005, que revelam as percepções de pais sobre a rede pública de ensino, onde estes atribuem aos professores a responsabilidade pela qualidade do ensino, além de ver a categoria como um "segmento dotado de proteções e regalias pouco comum aos profissionais do mercado privado, entre eles os privilégios que permitem aos professores não comparecerem às aulas".(p.100).

Sobre a atuação da Secretaria da Educação, há indicação de duas circulares expedidas em 2005, sendo que a primeira determina o envio diário de dados sobre as faltas dos professores, e a segunda, orienta ser prioridade absoluta a regência de classe, mesmo que seja necessário ampliar a carga horária de professores interessados. Na análise da autora, essas soluções emergenciais somente amenizam o problema, mas não o resolve, pois a solução apresentada é sobrecarregar professores que já tem um grande número de aulas.

Com base nas respostas dos professores, a autora relaciona o número de faltas às péssimas condições de trabalho vivenciadas pelo grupo, e à intensa jornada de trabalho. Chama a atenção para a indicação de questões particulares como justificativa para falta, podendo ser esta *estratégia de sobrevivência mediante tantas adversidades profissionais*(p.104). Supõe ainda que, as concessões do Estado em relação ao assunto seriam uma espécie de compensação às condições de trabalho oferecidas.

Sobre a relação professores/direção, destaca a ausência na Escola IV de faltas injustificadas, o que pode revelar acordo entre as duas partes para uma melhor organização da Escola. Em relação à organização das Escolas, conclui que, mesmo com estratégias para suprir as faltas dos professores, há prejuízo para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

SOARES, Cybelle Doederlein. **Estilo de vida de professores de educação física das escolas da rede pública e particular de ensino do município de Rio do Sul**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2003.

GESTÃO AMBIENTAL

ORIENTADOR: PROF. DR. SIDNEY FERREIRA FARIAS

FORMAÇÃO DA AUTORA: NÃO INFORMA

PALAVRAS-CHAVE: ESTILO DE VIDA, ATIVIDADE FÍSICA, PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LINHA DA PESQUISA: EPIDEMIOLOGIA

AUTORA DA RESENHA: DILMA FABRI MARÃO

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

Investigar o estilo de vida dos professores de educação física da rede pública e particular de ensino do município de Rio do Sul (SC)

A investigação delineada neste estudo propõe os seguintes objetivos específicos: caracterizar o perfil dos professores de educação física quanto ao: sexo, idade, estado civil, quantidade de dependentes e filhos, grau de instrução, situação na escola, carga horária de trabalho, tempo de serviço, locais de trabalho, quantidade de dias/semana e horas/dia de trabalho e nível socioeconômico; analisar a presença de fatores de risco (fumo, álcool, estresse, qualidade de sono e percepção do estado de saúde) nos professores de educação física; identificar a percepção do professor de educação física sobre sua participação em atividades físicas; verificar a concepção de lazer desses professores no município de Rio do Sul; e caracterizar os hábitos alimentares desses professores.

Por meio desses objetivos, a autora pretende responder os seguintes questionamentos: como se caracteriza o perfil dos professores de educação física das escolas públicas e particulares de Rio do Sul? É preocupante a presença de fatores de risco no dia a dia desses professores? Qual a concepção de lazer desses profissionais? Como se caracterizam seus hábitos alimentares?

### **Objeto de análise**

O objeto de análise desta pesquisa são os professores de educação física das redes pública e privada de ensino do município de Rio do Sul (SC).

### **Metodologia utilizada**

A pesquisa em questão trata-se de um estudo de caso; a coleta dos dados foi realizada por meio de questionário e a amostra considera todos os professores de educação física da rede pública e privada de ensino de Rio do Sul, que somam 44 profissionais, dos quais 38 responderam ao questionário.

### **Referencial teórico**

A revisão bibliográfica proposta pela autora aborda os seguintes temas, dos quais falaremos mais especificamente em seguida: problemas sócio-econômicos do Brasil, as condições de vida no município de Rio do Sul,

professor de educação física e o ambiente escolar, estilo de vida: saúde e qualidade de vida, e os componentes do estilo de vida.

Com o tema "problemas sócio-econômicos do Brasil", a autora pretende contextualizar a população do município estudado, justificado pela compreensão de que uma análise sobre saúde deve levar em consideração, entre outros aspectos, questões amplas, tais como políticas econômicas, agrícolas, de educação e saúde.

Nesse sentido, traz dados do IBGE que informam o percentual da população em estado de pobreza, fazendo uma comparação entre as regiões do país e situando o estado de Santa Catarina nesse contexto. Cita ainda algumas variáveis nas quais pode-se notar que houve alguma melhoria, como diminuição da taxa de mortalidade infantil, diminuição do crescimento explosivo da população e aumento do número de crianças na escola, entre outros.

Em seguida fala das "condições de vida no município de Rio do Sul", diferenciando-a dos grandes centros urbanos e ressaltando seus aspectos de "cidade pequena, tranqüila e limpa". Fala da sua tradição de colonização alemã e italiana e descreve a estrutura do município em termos de educação, saúde, segurança pública e lazer.

No tema "o professor de educação física e o ambiente escolar", fala da escola enquanto espaço privilegiado para a prática das atividades físicas e da importância do professor de educação física em relação às questões ligadas à saúde, com importante função na promoção de estilos de vida saudáveis. Traz dados de outras pesquisas realizadas sobre o tema apontando para as dificuldades enfrentadas por esses profissionais no cotidiano de seu trabalho, e aponta também para a desvalorização da profissão docente, de forma geral.

A partir da bibliografia estudada, a autora identifica nas questões relativas à organização do trabalho docente diversos fatores que contribuem para essa desvalorização e que podem causar estresse nos professores: mudanças políticas e sociais, questões trabalhistas e salariais, aumento das atividades burocráticas e a organização social do trabalho decorrente das novas características empresariais e políticas assumidas pela escola, acúmulo de atividades, introdução de novos recursos tecnológicos, número excessivo de alunos por sala de aula, problemas de violência que atingem o ambiente escolar, entre outros.

Destaca ainda, no tópico "estilo de vida: saúde e qualidade de vida", qual a conceituação utilizada na definição do que se entende por qualidade de vida, trazendo a contribuição de alguns autores. Informa que quando se discute qualidade de vida, parece haver um consenso de que a qualidade de vida está diretamente ligada à saúde de todo indivíduo, indo mais além, apontando para o fato de que as pesquisas sobre o tema têm mostrado que o estilo de vida pode determinar a saúde do indivíduo.

Por fim, traz no tópico "estilo de vida" a conceituação dos elementos que considera para sua análise: estresse, sono, atividade física, alimentação, tabagismo, álcool e lazer.

### **Resultados da pesquisa**

A autora traz os resultados da pesquisa organizados exatamente de forma a responder às questões inicialmente levantadas, de acordo com os objetivos específicos delineados e analisadas de acordo com os resultados da pesquisa, a partir da tabulação dos dados dos questionários.

Em relação ao perfil dos professores de educação física das escolas pesquisadas, constatou-se que a maior parte destes indivíduos (57,8%) situa-se entre 35 e 44 anos; a maioria é casada (81,6%), o que segundo a autora, revela uma condição positiva em relação ao bem-estar dos sujeitos, a medida que pessoas separadas tendem a ter mais problemas de saúde mental e depressão.

No que diz respeito ao grau de instrução, todos os sujeitos da pesquisa possuíam ensino superior na área de educação física; tal fato é também positivo, pois segundo a análise da autora pressupõe-se que o sujeito com ensino superior tenha mais acesso às informações sobre saúde e qualidade de vida. Acrescenta que a maioria (68,4%) possui pós-graduação lato-sensu.

Sobre o vínculo empregatício desses profissionais, constatou-se que a maior parte são efetivos, 63,2%, já os efetivos e contratados somam 26,3% e os contratados 10,5%; tais porcentagens caracterizam a predominância da estabilidade no emprego, sinônimo de garantia e segurança.

Do total dos pesquisados, 47,4% tem carga horária semanal de 40 horas/aula, 21,1% trabalham 60 horas/aula, 10,5% trabalham 20 horas/aula, 10,5% trabalham 50 horas/aula e apenas um indivíduo, 2,6%, trabalha 70 horas/aula por semana. A autora relaciona o número elevado de horas trabalhadas com o baixo salário recebido pela categoria.

Por fim, classificando os pesquisados de acordo com os critérios da Classificação Econômica do Brasil, segundo a autora, a maioria da população analisada faz parte do nível socioeconômico de médio para alto, estando 50% no nível B1, 26,3% no nível B2, 15,8% no nível A2 e apenas 5,3% no nível C. Não houve sujeitos pertencentes aos níveis socioeconômicos A1, D e E.

Em seguida, são apresentados os resultados relativos à presença de fatores de risco; segundo a análise que considera o resultado dos questionários, não é preocupante, evidenciando neste aspecto dados positivos para um estilo de vida saudável, destacando-se as mulheres com os melhores resultados. Dentre os professores apenas um era fumante, 50% deles bebiam moderadamente, menos que cinco doses por semana, sendo que as mulheres bebiam menos que os homens.

Foram poucos os professores classificados como excessivamente estressados (7,9%), enquanto a maioria se encontra entre os que se sentem às vezes ou raramente estressados (73,6%). Em relação ao sono, a análise informa que a maioria dormia bem, sendo evidenciado que as mulheres dormiam melhor que os homens e os indivíduos que dormiam bem praticavam atividades físicas. A percepção do estado de saúde foi de bom a excelente, sendo os melhores resultados apresentados pelas mulheres. A maioria não possuía diagnosticada (72,2%) e os que tinham referiram-se ao aparelho digestivo, doenças vasculares e respiratórias.

A outra perspectiva de análise da autora diz respeito à percepção do professor de educação física sobre sua participação em atividades físicas; nesse sentido, evidenciou-se que a maioria dos professores (71,1%) realiza atividades físicas regulares e se consideravam mais ativos que outras pessoas da mesma idade. Os principais fatores que dificultavam a prática de atividades físicas foram a falta de tempo, falta de vontade, falta de recurso e localidade.

Segundo a autora, pode-se dizer que comparando com outros grupos os com os quais foram realizados estudos semelhantes, os professores de

educação física praticam mais atividades físicas no ambiente de trabalho e no lazer, podendo significar que o conhecimento adquirido sobre a atividade física, qualidade de vida e saúde, bem como o dia a dia desses professores contribui e influencia no seu modo de vida.

Sobre a conceituação que fazem sobre lazer, os professores disseram que entendem lazer como uma atividade que proporciona prazer, distração, divertimento, ludicidade e está associada à felicidade. Como atividades de lazer citaram caminhada, voleibol, ciclismo, ressaltando ainda que preferem praticar em grupos, clubes ou academias. Frequentam os ambiente natural e as festas típicas da região para o lazer, porém com pouca frequência. Finalizando, a autora diz que apesar da carga horária de trabalho na instituição escolar, os professores alegaram haver tempo para o lazer.

Finalizando a análise dos resultados da pesquisa, tratando do tópico "hábitos alimentares", diz que a maior parte dos professores apresentou valores normais (desejáveis) de IMC, no entanto 47,4% desejavam diminuir o peso, enquanto outros 47,4% estavam satisfeitos. Constatou-se ainda que apenas 39,5% tomavam café da manhã completo diariamente, incluindo frutas, pão, leite e café; a mesma porcentagem (39,5%) fazia três refeições completas e a maioria fazia cinco lanches por dia. Segundo a autora, apesar da prática de atividades físicas, muitos professores estavam acima do peso, evidenciando uma lacuna no quesito hábitos alimentares, verificando baixo consumo de frutas e verduras.

**SUZIN, Rosemeire. A saúde geral dos professores municipais de Caxias do Sul e suas relações com as atividades laborais.**

Dissertação de Mestrado. Mestrado Profissionalizante em Engenharia de Produção (PPGEP). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

ORIENTADOR: PROF. DR. FERNANDO GONÇALVES AMARAL

CO-ORIENTADORA: PROFA. DRA. ELISABETH IBARRA SILVEIRA

FORMAÇÃO DO AUTOR: GRADUADA EM EDUCAÇÃO FÍSICA (1989) E FISIOTERAPIA (1997).

ATUALMENTE É AGENTE ADMINISTRATIVO DA PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL; ENTRE 1989 E 1998 FOI PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA MESMA REDE MUNICIPAL.

PALAVRAS-CHAVE: PROFESSOR; SAÚDE FÍSICA E MENTAL; ESTRESSE; QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO

LINHA DA PESQUISA: ERGONOMIA

AUTORA DA RESENHA: MARIA LÚCIA BÜHER MACHADO

**Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

As reflexões da autora partem da relação entre as condições de trabalho do professor e seu reflexo no mal estar docente. Propõe uma investigação sobre os fatores de riscos laborais que facilitam o desenvolvimento de estresse ocupacional para essa categoria. A partir dessas primeiras considerações estabelece como objetivo geral "avaliar o nível de saúde geral (física e mental) dos professores municipais de Caxias do Sul, no desenvolvimento de suas atividades laborais, considerando a influência dos fatores psicossociais e organizacionais do trabalho destes servidores" (p.14). Há ainda o compromisso, de que a pesquisa aponte medidas para a melhoria das condições de trabalho do grupo investigado, tendo em vista que o estudo servirá como referência para o Serviço de Saúde do Trabalhador a ser implantado pela Prefeitura do Município.

Dois argumentos iniciais indicam a perspectiva tomada pela autora, o primeiro ressaltando a forma como as organizações privilegiam o trabalho e não o trabalhador, tornando estes cada vez mais doentes; o segundo relaciona-se a argumentos indicados em outros trabalhos resenhados (RUIZ, 2001), onde se destaca a importância da profissão "professor", considerando que estes formam cidadãos, e que, a suposta má qualidade desse trabalho irá refletir diretamente no aluno.

**Objeto de análise**

Saúde do Professor, a partir das suas condições de trabalho.

Universo de pesquisa: Especificamente professoras da Rede Municipal de Caxias do Sul, atuantes no ensino fundamental, na zona urbana e que trabalham diretamente com alunos, denominados pela Secretaria da Educação como *professoras giz na mão*. A amostra compreendeu 125 professoras, atuantes em 53 escolas da zona urbana pertencentes as quatro regiões da cidade, escolhidas aleatoriamente a partir de um total de 62 escolas. O número de pesquisadas variou entre 1 e 5 professoras de cada escola. Sobre a área de atuação, 65 professoras (52 %) trabalham de pré à 4ª série, 53 (42,4%) de 5ª a 8ª, e 7 docentes (5,6%) atuam nos dois níveis.

## Metodologia utilizada

Estudo de caso, a partir de técnicas padronizadas de coleta de dados. As ferramentas utilizadas para a investigação foram questionários que procuravam investigar o estado de saúde dos professores, os fatores psicossociais e organizacionais que incidem nesse quadro.

### *Os instrumentos de coleta de dados*

Questionário de saúde geral (QSG) de Goldberg (GOLDBERG, D. P. *The detection of psychiatric illness by questionnaire: a technique for the identification and assessment of non-psychotic psychiatric illness*. London:Oxford University Press, 1972)- adaptado para a realidade brasileira a partir de Pasquali et al. (PASQUALI, L. et al. *Questionário de Saúde Geral de Goldberg (QSG): adaptação brasileira*. Casa do Psicólogo. São Paulo, 1996).

A principal finalidade de Goldberg era criar um instrumento para avaliar a saúde mental das pessoas, tendo em vista que os conceitos encontrados para saúde e doença, na época tinham como definição a ausência de enfermidades, caracterizando assim somente os problemas graves, ficando obscuras as oscilações e influências dos valores da sociedade para a saúde mental dos indivíduos, em graus menores. Segundo a pesquisadora, a vantagem do instrumento é que permite avaliar a severidade dos distúrbios psiquiátricos não psicóticos, além de identificar casos potenciais desses distúrbios na população geral.

No Brasil esse instrumento foi aplicado por Pasquali, cujo resultado consta em publicação de 1996. Com base na formulação de Goldberg, e na adaptação de Pasquali, a pesquisadora contemplou os seguintes indicadores no QGS: estresse, desejo de morte, capacidade de desempenho, distúrbios do sono, distúrbios psicossomáticos e saúde geral.

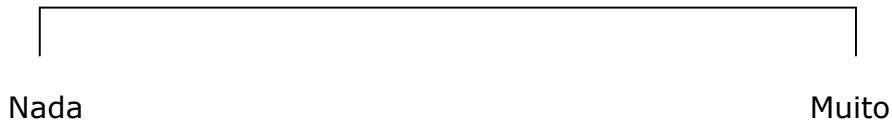
O questionário compreende 60 questões objetivas, envolvendo sintomas psiquiátricos não psicóticos, dividido em itens que investigam sintomas ou comportamentos "normais". Por exemplo, um dos itens sobre sintomas pergunta: *Tem se sentido cansado (fatigado) e irritado?* As alternativas são: *não, absolutamente; não mais do que de costume; um pouco mais do que de costume; muito mais do que de costume*. Sobre comportamentos: *Tem perdido a confiança em você mesmo?* As alternativas apresentadas são as mesmas citadas anteriormente e na mesma ordem.

Ao preencher o questionário, tendo como referência seu estado atual, o pesquisado deverá assinalar somente uma das 4 alternativas. A mensuração dos dados é feita da seguinte forma: Quando o item é formulado como sintoma, a escala (Likert) apresenta o seguinte sentido: 1 = "Menos do que de costume" a 4 = "Muito mais do que de costume", com graus intermediários; porém, se o item expressa o sintoma através de comportamento normal, a escala é invertida, ficando 1 = "Muito mais do que de costume" a 4 = "Menos do que de costume".

Questionário Geral (QG) – Instrumento composto por 96 questões, contemplando os seguintes aspectos: características pessoais (idade, grau de instrução, religião, lazer, etc), estado geral de saúde (cirurgias, uso de antidepressivos, enfermidades crônicas, etc); características profissionais (jornada de trabalho, tempo de atuação, etc); características biomecânicas (partes do corpo com mais dor); características psico-organizacionais (relação com chefia, colegas, SMED, pais, alunos, pressões no trabalho); características humanas (satisfação no trabalho, impotências,

sintomas de estresse durante a realização do trabalho), e por fim duas questões abertas (95 e 96), onde as professoras deveriam citar situações agradáveis e desagradáveis no trabalho. Entre as questões, 55 delas foram estruturadas para resposta da seguinte forma:

Ex.: Sua chefia é autoritária?



O pesquisado foi orientado para fazer um corte na linha, de acordo com o que mais se aproximasse da sua opinião.

A autora indica que os dados levantados através da aplicação dos dois questionários, foram tratados estatisticamente por meio do *Software Statistical Package for The Social Sciences*, versão 10.0 (SPSS). Não há nenhuma informação maior sobre esse programa.

Os questionários foram aplicados na própria Escola, no mês de julho de 2003, após reunião com as diretoras, explicando a finalidade da pesquisa. Quem aplicou os instrumentos foi uma estudante de psicologia em fase de conclusão de curso, orientada por um profissional da área.

### **Referencial Teórico**

Inicialmente a autora indica as especificidades inerentes ao servidor público, destacando o modo como reformas do Estado e mudanças de gestão atingem a categoria como um todo; aponta ainda a forma como um perfil negativo do servidor foi sendo delineado ao longo do tempo, onde se ressalta sua suposta aversão ao trabalho, imagem que emerge principalmente na década de 90, como uma das estratégias para reforçar a ineficiência do Estado, diante das políticas instauradas no período (SORATTO, L.H. *Servidor público: mito do trabalhador que não quer trabalhar*. Brasília, 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade de Brasília-Instituto de Psicologia, 2000).

Ao abordar o *ato de educar*, sua principal referência é Codo (CODO, W. *Educação: carinho e trabalho*. Rio de JANEIRO: Vozes, 1999), destacando dois argumentos: os apontamentos sobre a relação afetiva como pré-requisito para o exercício dessa profissão e a ausência de fragmentação nesse trabalho, tendo em vista que, mesmo tendo que cumprir um programa, o professor controla seu processo produtivo em sala de aula.

A base para discutir as relações entre condições de trabalho e saúde do professor, está fortemente ancorada em bibliografia sobre pesquisas espanholas, em especial a publicação de Cordeiro Castro et al (CORDEIRO CASTRO, J. A. et al. *Prevalência Del síndrome de Burnout em los maestros: resultados de uma investigación preliminar*. Universidade de Cádiz, maio, 2003), acerca da síndrome de *burnout*. Destaca-se, a partir dos autores, as constantes reuniões em que os professores são envolvidos, o acentuado grau de planejamento burocrático, reforço escolar, substituição de colegas de trabalho diante das ausências, além das exigências de formação continuada, senso crítico, que seja atuante na comunidade, democrático, amoroso e criativo, sempre a serviço da escola e do aluno que educa. Nesse contexto, as várias pesquisas que evidenciam a síndrome de *burnout* junto

ao grupo docente, acabam por informar que “o exercício da docência é mais que um fator de risco para a saúde dos professores, é ausência de bem-estar físico, psíquico e social”.(p.25). O fato de o ensino exigir um grande contato com pessoas intensifica os níveis significativos da síndrome.

Além dos autores mencionados, o conceito de Freudenberg e Richelson também é referendado (entendendo *burnout* como uma resposta emocional a situações de estresse crônico, afeitos a profissionais que apresentam grande expectativa em relação ao seu desenvolvimento profissional e dedicação à profissão).

Em Calleja (CALLEJJA, M. G. *Bajas laborales y riesgos psicosociales en la enseñanza*. Valladolid: Jornada de salud laboral, noviembre, 2003), destaca-se o argumento de que a opinião generalizada entre os professores sobre o exercício docente e a alteração na saúde psíquica, é decorrente das várias publicações sobre a questão, da intenção sindical em criar um quadro de doenças laborais, além de poder ser esse um recurso para justificar a importância dessa atividade, frente às críticas da sociedade. O mesmo autor destaca os problemas gerados pelo absenteísmo, como a necessária substituição do professor, dificuldades no planejamento do trabalho, além do prejuízo causado ao sistema público e aos alunos.

É também espanhol um dos referenciais mais utilizados para discutir estresse ocupacional (JÁEN, C. C; DOMENICHELLI, R. N. *Factores psicosociales en la prevención de riesgos laborales: el estrés ocupacional*. Unión General de Trabajadores del País Valenciano, ES, junio, 2003), sendo este entendido como “uma resposta geral adaptativa do organismo diante das diferentes demandas do meio, quando estas são percebidas como excessivas e ameaçadoras para o bem estar e integridade do indivíduo” (p.27). O que produz o estresse é o desajuste entre o que a demanda exige e os recursos que as pessoas têm para enfrentar a situação apresentada, atrelada a valorização que o indivíduo atribui a essas exigências

O enfrentamento dos elementos estressores poderá se dar a partir de estratégias individuais, grupais ou organizacionais. Nesse último aspecto, os programas de prevenção têm por objetivo reduzir o absenteísmo e rotatividade, aumentar a produtividade e o cumprimento dos objetivos da Instituição. Podemos identificar nesse último argumento, uma relação com parte dos objetivos da pesquisadora, a saber, fornecer elementos para a implantação do Serviço de Saúde do Trabalhador no Município.

Nos aspectos de saúde ocupacional/ saúde e trabalho, a autora destaca a necessária abrangência do conceito de saúde, não somente como ausência de doenças, mas sim o completo bem-estar físico, mental e social. Com base em Mendes; Dias (MENDES, R.; COSTA DIAS, E. Saúde do Trabalhador. In: ROUQUAYROL, M.Z. (org.). *Epidemiologia e Saúde*. Rio de Janeiro: Medsi, 1993), propõe o olhar epidemiológico sobre a saúde dos trabalhadores, procurando identificar como a saúde-doença se distribui entre o grupo, enquanto coletividade, categoria ou classe social.

Em Dejours (DEJOURS, C. *A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia*. São Paulo: Odore, 1992; \_\_\_\_\_. et al. *Psicodinâmica do Trabalho*. STOCCO, M. I. (coord.). Centro de Estudos e pesquisas do trabalho. São PAULO: Editora Atlas, 1994) está a compreensão da amplitude estabelecida nas relações de trabalho e os impactos da sua organização na saúde do trabalhador, destacando que não é o trabalho nocivo e perigoso, mas sim a forma como

ocorre essa organização. Dessa forma, quando as determinações são concebidas de forma distanciada dos trabalhadores, há um choque entre as aspirações e desejos do profissional, reduzindo o significado do trabalho para o indivíduo, fator que acaba por gerar um acentuado sofrimento psíquico. A pesquisadora aponta ainda a distinção entre condições e organização de trabalho, de acordo com a conceituação de Dejours, no entanto não referencia o autor, mas sim Cohn; Marsiglia (COHN,A.;MARSIGLIA, R. G. Processo e organização do Trabalho. In: BUSSCHIMELLI, T.(Coord.).*Isto é Trabalho de Gente*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993).

Para discutir qualidade de vida no trabalho frente à competitividade e aos novos modelos de gestão organizacional, e a necessária compreensão do significado que o trabalho tem socialmente para as pessoas, o referencial é Limongi França;Rodrigues (LIMONGI FRANÇA, A.; RODRIGUEZ, A. L. *Stress e Trabalho: uma abordagem psicossomática*. São Paulo: Atlas, 1999).

Ao abordar questões alusivas a gênero, a autora evidencia, a partir de Senna e Freitas (SENNA, D. M.; FREITAS, C. U. A mulher em particular. In: BUSSCHIMELLI, T.(Coord.).*Isto é Trabalho de Gente*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993), a dualidade do papel social feminino na esfera da produção e da reprodução. Decorrentes da dupla, ou tripla jornada de trabalho, atrelada à responsabilidade pelo trabalho doméstico, emergem diferentes perfis de saúde entre as trabalhadoras. Em Fernandez (FERNANDÉZ, A. *A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem*.Porto Alegre:Artmed, 1994), os argumentos destacados são o da carga depreciativa do trabalho docente, quando este é relacionado como uma tarefa inerente à natureza feminina, a de cuidar e educar crianças.

## **Resultados de Pesquisa**

### *O contexto da pesquisa*

A Secretaria Municipal de Educação de Caxias do Sul atendia na época da pesquisa 32.400 alunos, distribuídos em 88 escolas e 18 creches, contando com 2661 servidores, representando 57,58% do quadro de servidores do Município. Em relação aos afastamentos por tratamento de saúde, a referida secretaria é a que apresenta o maior índice.

A organização das escolas apresenta duas estruturas diferenciadas: seriada ou em ciclos de formação, este último sendo implantado a partir de 1998. A escolas tem autonomia para sugerir o calendário letivo, desde que obedecido os 200 dias letivos com alunos e 12 dias para atividades com o corpo docente.

O professor poderá ter uma matrícula (20 horas) ou duas matrículas (40 horas), podendo haver horas extras para os dois casos.Ao considerar somente os professores que trabalham diretamente com alunos, há 1343 concursados para 20 horas, e 324 para 40 horas.A hora extra deveria ser destinada a suprir licenças de outros profissionais, porém, parte delas destina-se a preencher uma vaga real, tendo em vista que o número de servidores nomeados é insuficiente para atender a demanda das escolas.

### *Os dados a partir do Questionário Geral*

- Faixa etária: Entre 27 e 68 anos, com uma média de 42,8 anos.

- Estado civil: 67,2 % casadas.
- Nível de formação : 43% com curso superior
- Fumantes : 16,8% (21 casos)
- Hábitos de lazer: 63,2% informam dispor de lazer regular, enquanto 32,8% mencionam raramente ter atividade de lazer. Destacam-se entre esses hábitos ver televisão e leituras.
- Fonte de renda: 79,2% indicam o salário como única fonte de renda; 24,8% são as principais responsáveis pela renda familiar e 75,2 % dividem a responsabilidade com outros membros da família. Desse último grupo, ao considerar o total da renda familiar, a média concentra-se em 9,6 salários (piso salarial = R\$240,00).
- Atividades físicas : 57,6 % do grupo não praticam esporte e 42,4% praticam de uma a mais vezes por semana.
- Trabalho doméstico: 83,2 % realizam freqüentemente; 54,4% são as únicas responsáveis pelas atividades domésticas, 15,2 % as dividem (com quem?), e 30,4% raramente dividem.
- Características de saúde geral: 81 casos possuem algum tipo de doença crônica (64,8%). Sobre uso de antidepressivos, 28 % registraram fazer uso desse medicamento, e 17,6% utilizam remédios para dormir. 46 entrevistadas (36,8%) buscam a psicoterapia. Quanto à reposição hormonal, 17,6% utilizam hormônios, não há indicação de que faixa etária faz uso desse recurso.
- Acidentes de trabalho- somente 15 casos registram algum tipo de acidente de trabalho, destes, 12 foram do tipo traumato-ortopédicos. No mesmo item a autora menciona casos de agressão, sendo registrados 39 casos (31,2%), sendo estas classificadas em física, moral e física/moral. Entre os 39 casos, 27 (21,6%) evidenciaram ter sofrido algum tipo de agressão moral.
- Jornada de trabalho: Entre todo o grupo, 90,4 % atua somente na Rede Municipal. Entre as 125 pesquisadas, 71 (56,8%) possuem uma matrícula no município (20 horas), contra 54 casos (43,2%) com duas matrículas (40 horas). As entrevistadas registraram que 32 % realizam hora extra, variando de 15 a 80 horas/mês. Na há indicação de qual grupo (de 20 ou 40 horas) mais realiza hora extra. No entanto, evidencia-se que 109 docentes (87,2%), trabalham no período diurno, e 12 % no noturno e diurno.
- Desgastes físicos: 86,40% das professoras registraram que ficam mais tempo em pé, durante o trabalho. A maioria (46,4%) respondeu que sente mais cansaço na parte da tarde, seguida de 28% no período noturno. Sobre as tarefas físicas que causam mais dor e desconforto, 59,2% registrou as atividades motoras de ensino, em especial escrever no quadro. A partir de uma figura do corpo humano, foi solicitado que marcassem três locais em que sentiam mais dor/desconforto. A partir de um agrupamento, a pesquisadora indicou que 60 % das dores concentram-se na coluna cervical, e 56% nos membros superiores (braços e ombros). Os índices destacam ainda a coluna lombar (37%) e a cabeça (28%). Para garganta/voz foram registrados 12% de indicações.

O Questionário Geral, a partir das 55 questões mencionadas na metodologia, cujas alternativas eram assinaladas em uma linha contínua, evidenciou, os principais fatores positivos levantados pelas professoras: *sentir prazer em realizar o seu trabalho*, *gostar da profissão*. Entre os fatores negativos foram destacados a exigência de concentração/ atenção, a realização de tarefas em casa, e o fato do ambiente escolar favorecer o adoecimento do professor.

A partir das questões abertas – listar situações agradáveis no trabalho - a ampla lista levantada pela pesquisadora (não há indicativos percentuais), evidencia que questões relacionadas à valorização do profissional são expressas como aspectos agradáveis em todas as esferas de atuação das professoras: com alunos, colegas, direção, pais. Algumas frases que evidenciam essa afirmativa: *valorização e reconhecimento pelos alunos do trabalho realizado, receber elogios por parte dos colegas, quando o trabalho é reconhecido e valorizado pela direção, o carinho e o reconhecimento dos pais*.

Sobre as situações desagradáveis no seu trabalho, as professoras destacaram em relação aos alunos questões como agressividade, excesso de alunos em sala, pobreza das crianças, desinteresse, indisciplina. Quanto aos colegas, os apontamentos foram a fiscalização, irresponsabilidade de alguns em cumprir tarefas, individualismo, cansaço e desânimo de alguns profissionais. Da equipe diretiva e funcionários apontou-se o autoritarismo como interferência na autonomia do professor, reuniões com cobranças e assuntos impertinentes, sem levar em consideração a opinião dos professores, perda de hora livre para atividades burocráticas, ao invés de usá-la para preparar aulas. Sobre pais destacou-se a falta de comprometimento. Com relação à Secretaria de Educação as críticas passaram por questões como a determinação de normas sem discussão com o coletivo, trabalho burocrático, inseguranças das horas extras, discussão de situações imaginárias, esquecendo das situações reais. Quanto ao ambiente físico e pedagógico, as situações indesejadas são as de excesso de alunos em sala, restrito espaço físico e insalubre, falta de espaço para educação física e recreação. Situações desagradáveis quanto à profissão versam sobre acúmulo de trabalho, falta de tempo para estudar mais e preparar aulas, impotência do professor diante de problemas sociais, falta de valorização profissional e financeira, culpabilização constante dos professores.

Os dados a partir do Questionário Geral de Saúde

Entre as 60 questões formuladas (já indicadas na metodologia), cada uma delas poderia contemplar um ou mais fatores, a saber: estresse (13 itens), desejo de morte (8 itens), capacidade de desempenho (17 itens), distúrbios do sono (6 itens), distúrbios psicossomáticos (10 itens) e saúde geral (todos os 60 itens). O escore sintomático é obtido a partir da soma das respostas dadas as questões relacionadas a cada fator, divididos pelo número de itens que este fator contém. Dessa forma, por exemplo, se a soma das respostas dadas às questões referentes a distúrbios psicossomáticos for 100, esse número é dividido por 10 (nº de itens), cuja prevalência será de 10%.

Através desse cálculo, a pesquisadora chegou aos seguintes índices de prevalência de cada um dos fatores: Estresse (3,2%); desejo de morte (13,6%); falta de confiança na capacidade de desempenho (13,6%);

distúrbios do sono (29,6%); distúrbios psicossomáticos (29,6%); saúde geral (16,8%).

Na interpretação desses dados, a autora toma como base o percentil 90, também utilizado por PASQUALI (1996), ao considerar que há 10 % de casos psiquiátricos em uma população normal. Os resultados dos escores variam de 1 a 4 pontos, e os índices iguais ou superiores a 1,89 % são considerados indicadores de presença de distúrbios de saúde mental. Nesse aspecto, o percentil 90 dos fatores analisados junto à categoria pesquisada, revelam (tabela 7, p.87): Estresse (2,62); morte (2,18); desempenho (2,70), sono (3,10), psicossomático (2,93) e Saúde Geral (2,59) . É importante lembrarmos que o instrumento não é elaborado para identificar distúrbios extremados de saúde mental, mas para enfatizar a severidade de ausência de saúde mental, traçando um perfil sintomático do grupo investigado. Embora a pesquisadora somente aponte esses números e não faça nenhuma análise, posteriormente, nas conclusões, ela afirma: "Os dados analisados permitiram concluir que a saúde física e mental destes indivíduos está afetada, ainda que não totalmente comprometida. Isto aponta para a necessidade de buscar alternativas e estratégias que viabilizem o bem-estar dessas pessoas" (p.93).

No entrecruzamento dos dois questionários, a partir da *correlação de Pearson*, as variáveis pesquisadas que expressaram uma maior associação com os seis fatores do QSG foram o uso de antidepressivos, sentimento de dor/desconforto, fadiga mental, dados que, segundo a autora, indicam a necessidade de um maior acompanhamento psicoterapêutico dos profissionais.

Nas conclusões, a autora destaca o fato de muitas enfermidades profissionais geradas pelas condições de trabalho serem mascaradas como doenças comuns, recaindo o ônus sobre o trabalhador. Essa falta de reconhecimento de enfermidades nas instituições de ensino faz com que deixem de ser adotadas medidas preventivas pelos órgãos competentes.

Entre as sugestões de melhorias para a categoria docente, a autora propõe programas de atividades terapêuticas individuais e coletivas, com finalidades curativas e preventivas; revisão do plano político e pedagógico da SMED, contemplando a satisfação do professor; revisão da carga horária, com tempo adequado para planejamento, perspectivas de uma melhor remuneração, programas comunitários que resgatem o valor do professor para a sociedade. Ao final, a pesquisadora evidencia a necessidade de novas investigações, para conhecer as causas "que fazem da docência uma profissão de risco".

TOLOSA, Dora Elisa Rodrigues. **Estudo da organização do trabalho, sentimentos, valorização e expectativa profissional de professores de 1 e 2 graus da cidade de Jundiaí.** Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

ORIENTADOR: PROF. DR. MANILDO FÁVERO

FORMAÇÃO DA AUTORA: INFORMA SER DOCENTE, MAS NÃO PRECISA A ÁREA E NEM A FORMAÇÃO

PALAVRAS-CHAVE: MEDICINA DO TRABALHO, SAÚDE MENTAL, PSICOLOGIA SOCIAL

LINHA DA PESQUISA: PSICODINÂMICA DO TRABALHO, SAÚDE OCUPACIONAL, MEDICINA DO TRABALHO E PSICOLOGIA

AUTORA DA RESENHA: DILMA FABRI MARÃO

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

O objetivo da pesquisa é analisar a organização do trabalho, sentimentos, valorização e expectativa profissional em professores de 1º e 2º grau de escolas públicas e particulares de Jundiaí/SP.

Conhecer a relação entre a organização do trabalho e a existência ou não de sofrimento mental em professores de 1º e 2º graus. A autora coloca a relevância de considerar a categoria profissional dos professores sob o ponto de vista da relação saúde mental e organização do trabalho e levanta as seguintes hipóteses: a importância do professor como agente modificador da sociedade brasileira atual e, conseqüentemente, promotor da melhoria da saúde mental dessa própria sociedade; apesar dessa importância, os professores vêm sofrendo, nestes últimos anos, uma enorme desvalorização profissional; teoricamente, o professor é um profissional com baixíssimo risco de exposição a agentes físicos, químicos e biológicos, portanto, é de se esperar que a organização do trabalho atue como principal agente agressor à sua saúde; e o desafio de se executar uma pesquisa que envolve a diversidade da "profissão professor", já que as tarefas executadas por um professor são complexas, ilimitadas, subjetivas e imprecisas.

### **Objeto de análise**

O objeto de análise desta pesquisa foram os professores de 1º e 2º grau de escolas públicas e particulares de Jundiaí

### **Metodologia utilizada**

A pesquisa foi feita por meio de um estudo de caso dos professores da rede pública e particular de ensino da cidade de Jundiaí. Como método de pesquisa foram utilizados questionários e entrevistas; primeiramente foi selecionada uma escola particular e uma escola pública da cidade de Jundiaí, onde foram realizadas entrevistas individuais, com roteiro pré-estabelecido, buscando compreender a organização do trabalho na instituição (18 entrevistas com professores da escola particular e 10 com professores da escola pública).

Na segunda etapa da pesquisa foram distribuídos os questionários que foram aplicados em três escolas particulares da cidade e para os 5.000 professores de escolas da rede pública da 1º e 2º Delegacias de Ensino e

Região. O retorno dos questionários das escolas particulares foi muito baixo e, apesar de tabulados e analisados, esses dados não foram considerados na elaboração do resultado da pesquisa. Já em relação aos questionários aplicados na rede pública, dos 5.000 entregues, 1.719 foram devolvidos preenchidos, e assim considerados para a análise.

### **Referencial teórico**

Primeiramente a autora aponta para as transformações dos estudos da organização do trabalho no decorrer do tempo; no início do século XX cita o taylorismo e fordismo, posteriormente, aponta para o desenvolvimento de estudos e práticas de conteúdo psicológico que surgiram para contemplar os interesses econômicos das empresas. Dentro desse contexto, os estudos sobre transtornos mentais surgiram como forma de descobrir causas individuais associadas a fatores externos ao trabalho, ou seja, hereditários, experiências infantis e familiares.

Foi apenas após a segunda guerra que surgiram estudos que procuraram identificar causas coletivas relacionadas à própria situação de trabalho, que seriam capazes de conduzir a quadros patológicos.

Segundo a autora, como mais recentemente as empresas passaram a necessitar de mão-de-obra "pensante", a introdução de modernos processos produtivos passou a exigir do trabalhador capacitação técnica, agilidade nas decisões, participação intelectual nas transformações produtivas e tecnológicas da linha de produção. Assim, nas próprias empresas, o setor de RH passou a valorizar essa participação mental e a reconhecer a dinâmica saúde mental/trabalho; mas ainda privilegiando as necessidades econômicas das empresas.

Nesse sentido, a autora privilegia a discussão sobre a psicodinâmica do trabalho, trazendo a conceituação elaborada por Dejours, que analisa o sofrimento mental a partir da percepção dos próprios trabalhadores; estuda a ligação entre este sofrimento e a organização do trabalho, definida pelo autor como sendo as relações de hierarquia, linha de mando, poder e conteúdo da tarefa, examinando também, as dinâmicas pelas quais constroem sistemas coletivos de defesa.

A escola dejouriana analisa os fenômenos subjetivos utilizando o referencial psicanalítico; com base na psicanálise, o trabalho passa a interagir em processos psíquicos que podem levar a um sofrimento mental, que pode gerar doenças no trabalhador individualmente ou em grupos de trabalhadores coletivamente, ou ainda, a soluções criativas que superem esse conflito.

Em seguida, a autora aborda a questão da terminologia "sofrimento mental" que é utilizada no lugar de "doença mental", trazendo a contribuição de outras pesquisas que defendem essa forma de conceituação.

Outro conceito discutido pela autora, e que será posteriormente mobilizado para sua análise, é o de estresse relacionado à profissão docente, que vem sendo utilizado em diversas pesquisas como sendo um conjunto de reações que um organismo desenvolve ao ser submetido a uma situação que exija esforços para adaptação. Outra definição citada por Kyriacou e Sutcliffe (KYRIACOU, C. & SUTCLIFFE, J. *A model of teacher stress*. *Educat. Stud.* 4 (1): 1-6, 1978) como sendo estresse em professores, uma síndrome de respostas de sentimentos negativos, tais como a raiva e a depressão geralmente acompanhadas de mudanças fisiológicas e bioquímicas potencialmente patológicas.

A autora aponta também alguns outros estudos que se utilizaram dessa conceituação na análise de professores, avaliando que em seus resultados notaram sintomas de estresse e exaustão emocional, independente do instrumento metodológico utilizado. Tais estudos mencionados referem-se a pesquisas internacionais de países como EUA (diversas cidades), Finlândia e Inglaterra.

Cita ainda estudo realizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), estudo que privilegia evidenciar a carga de trabalho desses profissionais, levando em consideração as horas/aula, as horas gastas com o preparo das aulas e o tempo gasto com as tarefas administrativas. No que se refere ao "stress profissional", tal estudo destaca que o esgotamento físico e mental afeta cada vez mais professores; além disso, as conseqüências negativas desse estresse não se limitam aos educadores mais afetados, mas ao conjunto dos educadores, provocando apatia, irritabilidade e cansaço.

Outro aspecto importante considerado pela autora no tocante aos estudos que envolvem condições de trabalho e estado de saúde dos professores diz respeito às metodologias utilizadas para sua avaliação. Aponta nesse sentido, alguns trabalhos desenvolvidos e que utilizam diferentes metodologias, que foram também considerados, em termos comparativos, para a análise dos resultados obtidos nesta pesquisa.

Por último, a autora chama a atenção para a questão da multidisciplinariedade e do método qualitativo considerados para este tipo de estudo; as diferentes disciplinas procuram construir, por intermédio do método qualitativo, instrumentos que avaliem condições de saúde dos envolvidos na pesquisa. Sinaliza que esta multidisciplinariedade tem sido uma constante, envolvendo profissionais com conhecimentos de psicologia, psicopatologia, psicossomática, psicanálise, medicina do trabalho, sociologia, ergonomia, entre outros.

### **Resultados da pesquisa**

A autora traz a análise dos dados coletados em duas etapas distintas; primeiro trata das entrevistas em profundidade e individuais, realizadas com professores de uma escola particular e uma escola pública da cidade de Jundiaí, possibilitando uma comparação entre as duas instituições. Posteriormente, traz os resultados tabulados dos questionários aplicados aos professores da 1º e 2º Delegacias de Ensino e Região de Jundiaí, que informam apenas o contexto do ensino público.

A discussão sobre os resultados das entrevistas descreve primeiramente a organização e o funcionamento da escola pública (conselho da escola, APM, conselho de classe, planejamento, coordenadores de área) e a organização e funcionamento da escola privada (equipe técnica administrativa, coordenadores de área, coordenadores de disciplinas, coordenadores de classe, regente de classe, serviço de orientação educacional, grupo de apoio). Além de realizar, de forma comparativa, a análise de outros elementos, como o salário por exemplo, menor no caso da escola pública (R\$1,28 hora/aula) e maior na instituição privada pesquisada (R\$5,25).

Em seguida, apresenta o resultado da análise das entrevistas a partir de uma subdivisão nos seguintes temas: carga horária, trajetória profissional, relacionamento entre os professores na escola pública, relacionamento entre os professores na escola particular, saúde e sofrimento na escola pública, saúde e sofrimento na escola particular, aluno da particular

comparado como da escola pública, valorização da profissão, defesas construídas, lazer e projeto de vida.

Quanto à escolha da carga horária, a autora observa haver sofrimento por parte dos professores das duas instituições, os da particular têm maior dificuldade para escolher livremente seu horário, mas o salário da pública é muito baixo, o que causa desânimo; assim, por motivos diferenciados, para a saúde dos professores, a escolha da carga horária em ambas as escolas é inadequada.

Sobre o relacionamento dos professores em ambas as instituições, a pesquisa também aponta diferenças; na escola pública a pesquisa aponta para o pouco contato existente entre esses profissionais, já na escola privada o relacionamento entre professores é difícil e conflituoso, diagnosticado por meio dos relatos que, freqüentemente, informaram o sofrimento causado por tais relações, analisado pela autora segundo o conceito de Dejours.

Na escola pública, os professores demonstraram nas entrevistas muito desânimo em relação à profissão, relatando a falta de valorização por parte da sociedade em geral, a falta de envolvimento dos pais dos alunos, os baixos salários, a ausência de perspectivas profissionais e a própria atuação do Estado. Todas essas questões causam sofrimento para esses profissionais.

No contexto da escola particular, mesmo que por motivos diferenciados, todos os entrevistados relataram serem portadores de algum tipo de doença psicossomática, referindo-se também ao fato de que os sintomas das doenças pioravam ao final do semestre, devido à sobrecarga de trabalho. Um dos fatores que mais contribui para esse estado na escola particular é o constante medo da demissão, fator considerado como forte gerador de ansiedade. Além disso, o relacionamento dos alunos e dos pais, que segundo a autora, passa a exigir que a escola eduque seus filhos e cuide deles como verdadeira "babá", também contribui enquanto fator causador de sofrimento.

A autora conclui que a organização do trabalho na escola particular causa à saúde dos professores maior ansiedade, pois os níveis de exigência são maiores. Para compensar, os salários são melhores, há reconhecimento e crescimento profissional, mas ainda ao observadas várias expressões de sofrimento.

Em relação às defesas construídas por esses profissionais, a pesquisa informou que alguns professores usam o distanciamento afetivo como uma forma de se defender do sofrimento, outros utilizam o lazer, e há ainda aqueles que executam uma atividade, que ainda que labora, sejam prazerosas, como exemplo foram dados a música e a decoração.

Passando à análise dos dados coletados via questionário, a autora informa que os sentimentos expressos nos questionários são semelhantes aos relatados nas entrevistas individuais. Destacamos a seguir, algumas das principais conclusões elaboradas pela autora a partir dos questionários.

A terminologia "cansado" foi citada por mais de 64% dos professores após a jornada de trabalho, enquanto o sentimento "sinto-me bem" apareceu somente em 9,07% das respostas, o que indica, conforme a interpretação com base em Dejours, sofrimento. Dos professores que responderam ao questionário, 61,72% referiram o fato de não se sentirem valorizados, o que vêm confirmar a baixa auto-estima e o desânimo detectados nas

entrevistas individuais realizadas com os professores da escola pública estudada.

As respostas sobre "projeto de vida e tempo de trabalho como professor" revelaram que aqueles no início da carreira (de zero a sete anos) são os que mais desejam investir na profissão. São também os que mais se sentem valorizados, e os que mais referiram sentir-se bem após a jornada de trabalho. Já os professores com 22 anos ou mais de profissão, além de relatarem os sentimentos de exaustão após a jornada de trabalho, são os que desejam aposentar-se, muitos apresentando baixa motivação para continuarem lecionando.

VIEIRA, Juçara Dutra. **Identidade expropriada: retrato do educador brasileiro**. Brasília: CNTE – 2ª edição, 2004.

ORIENTADOR: NÃO HÁ

FORMAÇÃO DO AUTOR: PROFESSORA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL.  
PRESIDENTE DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO

AUTORA DA RESENHA: MARIA LÚCIA BÜHER MACHADO

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

Na apresentação do texto, a autora menciona dois trabalhos de investigação realizados anteriormente pela Confederação Nacional dos Trabalhadores, o primeiro, voltado para a saúde mental dos professores e sua relação com as condições de trabalho, e um segundo – intitulado “Retrato de Escola 2”, divulgado em 2002, onde foram pesquisados temas relacionados à infraestrutura, violência, gestão democrática, a situação dos trabalhadores em educação, e o reflexo sobre o desempenho do aluno. A publicação resenhada, é resultado de outra consulta, também realizada em 2002, denominada “Retrato da Escola 3”, de acordo com a autora, “centrada, especificamente na situação dos educadores inclui, além da saúde, novos elementos, buscando uma maior compreensão da identidade do profissional que atua nas escolas básicas do país” (p.7), busca assim investigar as condições de acesso à cultura, ao lazer, além das intersecções entre a situação laboral com a vida familiar e social.

Universo da pesquisa – Questionários aplicados a 4.656 *pessoas*, que trabalham na rede pública estadual (71%), na rede municipal (11%), em ambas as redes (11%), com um menor número de informantes de escolas particulares (1%). Talvez, a utilização do termo “pessoas” se deve a uma informação que só aparece no meio do livro, a de que a entrevista não foi feita somente com professores; estes representam 75% do grupo, seguidos de 19% de funcionários e 4,3 %de especialistas (orientadores e supervisores). Supomos que os dados apresentados no decorrer da publicação, ao considerarmos o título da obra, refiram-se especificamente aos professores.

Os informantes atuam nos seguintes Estados: Tocantins, Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Paraná, Alagoas, Mato Grosso, Piauí, Minas Gerais, Goiás e Rio Grande do Sul (não há indicação do critério utilizado para investigar especificamente os dez Estados). O material foi tabulado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE), a partir de três áreas: dados pessoais, funcionais e aspectos relacionados ao trabalho, lazer e saúde. A autora indica que, segundo o DIEESE “as respostas obtidas se constituem em um conjunto de indicações sobre a categoria, que permite conhecer um universo de situações e opiniões que ocorrem entre os trabalhadores em educação” (p. 8).

**Objeto de análise:** Professores/as

## **Resultados de pesquisa**

### *Sexo e faixa etária*

A pesquisa confirma o predomínio de mulheres na docência, com uma média de 83% dos entrevistados; a variação fica entre 74,1% no Mato Grosso e 89,7 % em Alagoas. O maior número de professoras na educação infantil e a gradativa redução desse índice nas séries finais é ratificada pela pesquisa. Em uma das poucas citações bibliográficas feitas pela autora, referencia SAFFIOTI e suas reflexões sobre os condicionantes históricos que levaram a mulher a ocupar os postos de saúde e educação, na relação feminina naturalizada com crianças e maternidade. Aponta o peso do ilusório tempo parcial desse tipo de atividade, o que também serviria de atrativo para as professoras.

A faixa etária concentra-se entre 25 e 59 anos (91,5%), com maior predominância na faixa dos 40 a 59 anos (53,1%). A superioridade numérica do grupo entre 25 e 39 anos ocorre somente nos Estados do Paraná (50,9%), e Mato Grosso (48,1%). Todavia, é pertinente destacarmos o índice de professores atuantes com 60 anos ou mais (2,1%).

Reflexões sobre o atual contexto do mercado de trabalho, e as dificuldades em conseguir um emprego com mais de 40 anos, são apontadas como uma hipótese da autora para a permanência de muitos na profissão. Destaca ainda o número de professores aposentados, que diante das dificuldades financeiras, retornam a função docente a partir de novo concurso público.

### *Média salarial e jornada de trabalho*

A média salarial indicada fica entre R\$500,00 e R\$700,00 - segundo a autora, associada a uma jornada predominante de 40 horas semanais. Podemos observar que entre os dez Estados, quatro deles realmente tem uma maior concentração nessa faixa (TO/ES/RN/RS), outros quatro (AL,PR,MT,MG) têm um maior percentual de vencimentos entre R\$750,00 e R\$1000,00, e dois (PI,GO) tem um maior número de professores que recebem entre R\$200,00 e R\$300,00, ressaltando que são dados levantados em 2002.

A média de jornada de trabalho dos entrevistados é de 48,8% com uma carga horária de 40 horas semanais, e 19,9% com 30 horas. Em relação ao tempo gasto com trabalhos profissionais em casa, a média é de 8 horas semanais, o que colabora para o desgaste com a saúde do profissional, inclusive o psíquico, em relação a tempo para a família, para o lazer, para si.

Dados internacionais levantados pela UNESCO/OCDE indicam que, apesar do Brasil ser a 15ª economia mundial (2003), paga menos aos professores que o Chile, a Argentina e o Uruguai, se nos restringirmos somente ao Cone Sul.

Posteriormente, na segunda parte da publicação, a autora retoma a discussão, e ressalta como o rebaixamento dos salários está vinculado ao aumento de matrículas, principalmente no ensino obrigatório, o que ocorreu tanto pela contenção de reajustes quanto pelo aumento de alunos em sala de aula. Aponta ainda a estratégia utilizada pelos governos, em que vantagens temporárias são agregadas ao pagamento, o que não incidirá em

valores para aposentadoria, além de poder ser cortadas em qualquer momento

#### *Estado civil e trabalho doméstico*

Em relação ao Estado Civil, 61,9 % são casados, seguidos de 23,5% solteiros; sobre dependentes, a pesquisa evidenciou que 74,2% do grupo investigado tem filhos. VIEIRA destaca que esse perfil sugere a necessidade da organização da vida familiar, o que inclui cuidar da casa e de filhos, sendo uma das alternativas contratar serviços domésticos. Sobre esse tópico, somente 22% afirmaram ter alguém contratado, enquanto 35,7% executam essa tarefa sozinha, e 16,2% dividem os encargos com o companheiro. Como as respostas supostamente foram emitidas por professoras e professores, fica difícil ponderar, por exemplo, se o índice que informa sobre a divisão de tarefas com o companheiro abrangem ambos os sexos, ou é restrito as professoras, informação que faz uma significativa diferença nas discussões acerca de gênero.

Em torno dessas questões, um aspecto bastante pertinente é levantado pela autora: diante da extensa jornada de trabalho e do desgaste ao qual os professores são submetidos, muitos acabam tendo dificuldades em acompanhar o desempenho escolar dos próprios filhos, pois chegam em casa com sua capacidade emocional exaurida.

#### *Casa própria e Crédito*

Os questionários apontaram que 68,4 % dos entrevistados possuem casa própria, índice que varia entre 63,4% no Paraná até 78,8% no Mato Grosso. Um entrelaçamento de dados com a faixa etária, onde a maioria dos professores tem mais de 40 anos, permite, segundo VIEIRA, traçar uma hipótese de que a aquisição desse bem ocorreu há mais tempo. Outro aspecto que, em nossa opinião, deve ser considerado para esse raciocínio, é o número de profissionais casados, o que também, teoricamente, facilitaria essa aquisição, principalmente se a profissão do/a companheiro/a for mais bem remunerada. Sobre o local da moradia, 23,7 % reside no centro, e 52,7% nas suas imediações. Ao pensarmos em condições de trabalho (embora esse não seja o objeto central do livro), acreditamos que o que deve ser considerado é a proximidade com a Escola onde trabalha.

Dados sobre crédito, indicam que 61 % mantém somente uma conta bancária, sobre possuir cheque especial, os percentuais variam entre 12,4% no Piauí e 51,8% no Rio Grande do Sul. O acesso ao cartão de crédito é pequeno, variando entre 15,3% no Piauí e 30% no Mato Grosso. Conforme argumenta a autora, esses dados são relevantes, pois traduz a possibilidade de acesso a bens materiais, condição reduzida para assalariados. Ao cruzarmos os dados com o nível salarial, poderemos verificar que é exatamente no Piauí, onde encontramos os menores índices de acesso ao crédito, coincide com um a maioria que recebe entre R\$200,00 e R\$300,00.

#### *Saúde*

Inicialmente a autora indica a importância da pesquisa realizada pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho da UNB em 1999 sobre saúde mental dos trabalhadores em educação, especificamente sobre a Síndrome de *Burnout*, que resultou na publicação do livro *Educação, Carinho e Trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador que pode levar à falência da educação*.

A partir desses primeiros elementos, a pesquisa de 2002 contemplou três aspectos: incidência de doenças, licenças médicas e ocorrência de cirurgias. No primeiro caso foi registrada uma média de 30,4% (não há nenhuma especificação sobre tipos de doenças); as licenças médicas tiveram um percentual de 22,6%; nas cirurgias encontramos o maior índice- 43,7% dos entrevistados já foram operados.

A autora chama a atenção para o fato de que esses números podem englobar cirurgias corretivas ou estéticas, mas não há especificação se essa é uma hipótese ou se havia a indicação do fato nos questionários. A princípio - se tomarmos o conjunto do texto, onde há uma tendência de reforço à idéia sobre a proletarização do professor- a afirmativa de que docentes tenham investido nesse tipo de intervenção cirúrgica nos parece contraditória.

Os principais argumentos de Vieira sobre a questão saúde reforçam o que as pesquisas, em especial sobre afastamentos e licenças evidenciam - a necessidade urgente do reconhecimento oficial de determinadas doenças como ocupacionais, entre elas a síndrome de *burnout*, e o estresse, este último reconhecido pela OIT. Nesses aspectos, ressalta-se a importância da incorporação dessa temática na pauta de negociação entre trabalhadores e governos, bem como a implantação de políticas de saúde para o funcionalismo em geral. A autora lembra que o desgaste físico e psíquico é o principal argumento para o tratamento diferenciado em relação à aposentadoria do professor.

Sobre os afastamentos, destaca-se o caráter triplamente negativo dos mesmos: o trabalhador acaba muitas vezes perdendo a possibilidade de ascensão de carreira, diante de prêmios e promoções atrelados à assiduidade, fator que, algumas vezes, faz com que ele passe por cima da doença para não ser prejudicado; o aluno que tem sua aprendizagem lesada diante de uma substituição precária ou inadequada, e a administração da Escola, que geralmente precisa improvisar para suprir as ausências dos profissionais.

### *Lazer*

Com o objetivo de verificar como o professor usufrui o tempo livre, foram elaboradas questões voltadas para os seguintes pontos:

- Frequência com que vai ao cinema e ao teatro -5,9 % afirmou ir uma ou mais vezes por mês, 13% de vez em quando e 18,4 % quase nunca. De acordo com a autora, como não havia a alternativa nunca, o índice de 62,60% (não responderam) foi considerado como relativo aos que nunca freqüentaram. Nessa lógica, os que mais freqüentam (uma ou mais vezes) são os paranaenses (15,6%), enquanto 85,5% dos professores de Tocantins nunca freqüentaram.
- O principal hábito de lazer é assistir televisão, 36 % o faz todos os dias, 18,1% de vez em quando e 5% quase nunca; 40,50 % não respondeu. Nesse ponto, a acessibilidade a essa forma de lazer deve ser considerada, em especial para os grupos de baixo poder aquisitivo.
- Em relação à leitura, 41,6 % lêem um ou mais livros por mês, 33,9% de vez em quando, e 6,7 % não costuma ler livros. A autora destaca que o livro é uma ferramenta de trabalho do professor, questão que deve ser considerada nos índices, afinal, é diferente uma leitura por prazer ou com a finalidade de trabalho.

### *Religiosidade*

Ao investigar o item religiosidade, verificou-se que 71,3 % declararam ter e praticar alguma religião; 21 % tem, mas não praticam. A média de católicos atinge 55,6%; em contrapartida a declaração de umbandistas ou adeptos do candomblé não atinge 1 %, nesse caso é necessário considerar a carga de preconceitos que essa esfera sofre, o que faz com que muitos não assumam ser adeptos de ritos afros. A justificativa para apontar dados relacionados à religião, é de que, embora esta não tenha relação com a vida profissional dos profissionais da educação, influenciam no estilo de vida e na visão de mundo do professor. A autora ressalta ainda o peso da Igreja sobre valores voltados para a moralidade, em especial às mulheres; como também o fato de que, apesar da educação brasileira ser laica, as referências religiosas, inclusive a partir de símbolos (crucifixos, imagens), estão presentes na maioria das instituições.

### *Formação*

A pesquisa indica que 90 % estão habilitados para a função; 38,7 % tem curso superior, e 27,6% especialização. Por outro lado, somente 1% é mestre, além de parte do grupo possuir somente o fundamental incompleto, variável entre "zero" em Tocantins e 8,2% em Minas Gerais, perfazendo uma média de 4,1%, ou seja, cerca de 190 professores em todo o universo investigado; estes, de acordo com a autora, atuam predominantemente nas redes municipais.

Sobre esse tópico Vieira destaca os contextos históricos em que houve a expansão dos cursos superiores no Brasil, desde a década de 70, de acordo com o projeto desenvolvimentista do governo militar, o "Acordo MEC/USAID", posteriormente os debates que emergiram sobre a nova LDB na Constituinte de 1988, e a nova expansão da década de 90, com contínuas concessões para rede privada. Com base nessa trajetória, a autora argumenta que temos formações diferenciadas entre os profissionais, uns com uma formação básica mais sólida, e os recém-formados, pertencentes a uma geração de reforma de ensino, que "acumulam perdas intelectuais: tais perdas acontecem pelo empobrecimento cultural da população e pela falta de compensações a serem oferecidas pela escola para suprir deficiências" (p.41). Esse quadro exige uma formação permanente tanto para quem sai da universidade com uma formação frágil, quanto para os que tiveram a oportunidade de fazer um excelente curso.

Ao abordar as características do aluno com o qual os professores trabalham, a autora recai no discurso da fragilidade da escola pública diante das "novas" exigências de um aluno com maior acesso à informação: "é para essas crianças que a escola pública continua exercitando uma lógica cartesiana, um saber compartimentado". Após esse argumento, pensando em acesso à informação e atualização condizente com o ritmo dos alunos, a autora aponta que a pesquisa registrou um reduzido número de professores que possuem computador (32%); em contrapartida, 48.3 % afirmaram não possuir o equipamento, principalmente os profissionais do Piauí (69,8%). A maioria (24,6%) que faz uso do equipamento, seja em casa ou no trabalho, o utiliza com fins profissionais, fator que ratifica a necessidade de políticas de financiamento para facilitar a aquisição desse bem pelos professores.

Posteriormente ela volta ao argumento da fragilidade da escola, que não explora o dinamismo dos discentes, isso devido à dependência de políticas

dos gestores públicos, e à complexidade da realidade social apresentada. Em nossa análise, mesmo com esses argumentos, essa perspectiva em uma publicação da CNTE deveria ser mais problematizada, primeiro por que invisibiliza ações de muitos professores na direção contrária a essa lógica cartesiana, ainda que ela exista; segundo pelo fato de traçar-se assim uma linha tênue em direção a culpabilização do professor por essa suposta ineficiência sobre o modo de ensinar.

Ainda sobre formação, a autora destaca que para a CNTE, carreira, jornada, salário e formação são indissociáveis, e devem ser a base do profissionalismo dos educadores, o que acaba por ser também um direito da sociedade, pois assim terá a oferta de um serviço público de qualidade.

Apresenta então a proposta do Piso Salarial Profissional Nacional e da construção de carreira para todos os trabalhadores da educação. Para reforçar a preocupação dos professores com formação, indica os resultados de pesquisa feita pelo MEC em maio de 2003, onde 87,6 % dos profissionais demonstraram interesse em participar de formação continuada custeada pelo poder público, e, em relação a políticas públicas, numa escala de 1 a 10, a importância de programas com educação continuada teve uma pontuação de 9,3, seguida da exigência de qualidade nos cursos de formação (9,1). Em outro ponto, a autora assinala as incoerências entre discurso e prática frente aos projetos de formação continuada, como, por exemplo, a dificuldade de freqüentar cursos diante da impossibilidade de liberação de ponto pelos gestores educacionais.

Ouros aspectos destacados nesse capítulo fazem referência ao processo de terceirização de funções, principalmente nos serviços de infra-estrutura e manutenção das Escolas públicas; em menor proporção isso também acontece para a função de professor, em especial na Educação Profissional, que a partir do Decreto 2208/1997 estabeleceu nova diretriz para essa modalidade, reduzindo o número de vagas para professores públicos.

### *"Tensionados pelo meio social"*

Na última parte da publicação, que recebe o subtítulo indicado, VIEIRA faz uma abordagem mais direcionada para as lutas políticas e a organização da categoria como classe. Após apresentar um breve histórico das greves que emergem no final dos anos 70 e em especial nos anos 80, argumenta que, nos últimos tempos, não obstante tenha ocorrido um avanço da consciência política e de classe, houve uma perda do apoio de setores sociais para a luta dos educadores.

Nesses aspectos, os dados indicam que 55,6% dos entrevistados são sindicalizados e 13,6 % consideram-se militantes sindicais. Sobre a participação em movimentos sociais, 61% declarou não ter nenhum vínculo, distante de 11% que afirmaram participar de algum movimento. Entre os informantes, 56 % declararam não ter partido político, 10 % são filiados e 15 % são militantes, dados um pouco confusos, ao considerarmos que os últimos teoricamente estão inseridos no quadro dos filiados. A autora chama a atenção para o fato de que, apesar do aumento de trabalhadores em educação nos parlamentos municipais, estaduais e federais, a representação ainda é desproporcional ao tamanho da base.

Em um quadro sobre as reivindicações e greve dos sindicatos filiados a CNTE durante 2003, nos Estados investigados, evidencia-se a preocupação com o plano de carreira, reposição salarial e a reforma da previdência,

pontos que, de um modo geral, são consonantes com os eixos propostos pela CNTE no mesmo ano.

Ao abordar a questão da legislação, a autora evidencia os atos do governo FHC, que, a partir da desregulamentação constitucional, promoveu acentuadas perdas para a classe trabalhadora, em especial através das reformas da Previdência. Há referência aos vetos desse governo ao Plano Nacional da Educação, em especial no que se referia a financiamento, entre eles a proposta que instituía 7% do PIB como piso para os investimentos na área educacional por 10 anos; o veto foi justificado pela impossibilidade de Estados e Municípios cumprirem a determinação, e pela Lei de Responsabilidade Fiscal.

Aponta a Emenda 14, que desobrigou a União de aplicar 50% dos seus recursos no ensino fundamental, e, a partir dela, a criação do FUNDEF. Sobre esse fundo são feitas críticas quanto ao enfraquecimento da educação básica, tendo em vista a concentração de verbas para o ensino fundamental, além do processo de municipalização, que sobrecarrega municípios e desonera a União. Isso acaba por refletir na situação dos trabalhadores em educação, que, apesar da obrigatoriedade da aplicação de 60 % dos recursos para o pagamento de professores, os governos municipais fazem uso de estratégias que não garantem melhorias reais na carreira desses profissionais, como, por exemplo, a criação de 14º e 15º salários.

Indica ainda a desproporção das verbas destinadas ao pagamento de funcionários dos três poderes: O poder Executivo que abrange 93,5% dos servidores tem 83% das verbas da União destinadas a folha de pagamento, enquanto o Judiciário fica com 12,26% dessas verbas, com um percentual de 5,63% de servidores.

Ao analisar os aumentos reais dos salários de educadores entre 1995 e 2003, constatam-se perdas em comparação ao índice de inflação (163,12% -FGV). Ao pegarmos a licenciatura plena , 20 horas, por exemplo, a variação dos reajustes gira em torno de 18,4% na Bahia e 116,2% no Amazonas. É preciso considerar que em abril de 2003, o salário mínimo foi reajustado para R\$240,00 – exatamente o valor considerado como salário-base em julho 2003, pelos dois Estados mencionados.

#### *Alternativa e projetos*

Ao final desses argumentos, a autora aponta algumas alternativas para sanar os problemas que delinea ao longo da publicação. Destaca pontos como carreira, jornada na mesma escola, piso salarial nacional, tempo para formação individual e coletiva. Manifesta a posição contrária da CNTE ao Exame Nacional Certificação de Professores para obtenção de Bolsa Federal do Incentivo à Formação Continuada. Essa proposta representaria uma dupla punição para os que, trabalham em condições adversas, e que conseqüentemente teriam que concorrer em situações desiguais com os colegas. Logo, o estímulo financeiro não serviria para elevar essas condições, mas premiar os mais aptos.

Dessa forma, destaca-se a proposta da CNTE, de uma avaliação dos profissionais que supere os limites de uma prova, mas promova de fato o aperfeiçoamento do trabalho do funcionário ou professor. Isso demanda tempo, mas pode reverter, segundo a autora , em melhorias no processo de ensino aprendizagem. Essa forma de avaliação reafirma a necessária

articulação entre carreira, salário, formação e avaliação de desempenho profissional.

A autora menciona o Projeto de Lei nº 1592/2203, de autoria do Deputado Federal Carlos Augusto Abicali (PT-MT), em tramitação no Congresso, voltado para a carreira do educador, numa perspectiva de que esse é também um direito da sociedade. Ao nos atermos às propostas do Projeto voltadas para as condições de trabalho do professor, destacamos: Piso Salarial Profissional Nacional; jornada de trabalho preferencialmente em tempo integral, de no máximo 40 horas semanais, com tempo destinado para formação continuada e trabalho coletivo, com pelo menos 30% dessa carga destinada à preparação do ensino; incentivo à dedicação exclusiva; gestão democrática; regulamentação entre as esferas de administração para a remoção e aproveitamento dos profissionais, quando da mudança de residência e da existência de vagas nas redes de destino.

Ao final, VIEIRA propõe a retomada da discussão para derrubada dos vetos feitos no governo FHC ao Plano Nacional de Educação, como um resgate da luta que mobilizou e articulou propostas de muitos setores sociais. Destaca a importância dos mecanismos de gestão democrática, como a eleição de dirigentes e dos Conselhos Escolares, incluindo todos os segmentos da comunidade no projeto educacional, processo que colaboraria na qualificação das condições de aprendizagem, envolvimento da comunidade no debate, construção de novas identidades sociais, formação de lideranças, valorização de capacidade de formulação de propostas para os desafios do cotidiano escolar, para conquista crescente da autonomia, além da democratização da instituição escolar.

WAGNER<sup>15</sup>, Dione Pereira. **Síndrome de *burnout*: um estudo junto aos educadores (professores e educadores assistentes) em escolas de educação infantil.** Trabalho de Conclusão de Curso de Mestrado Profissionalizante em Engenharia. Porto Alegre: Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

ORIENTADOR: LIA BUARQUE DE MACEDO GUIMARÃES

FORMAÇÃO DA AUTORA: EDUCAÇÃO FÍSICA E ENGENHARIA DA PRODUÇÃO – ÊNFASE EM ERGONOMIA

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO INFANTIL, EDUCADORES, SÍNDROME DE BURNOUT

LINHA DA PESQUISA: PSICOLOGIA (SÍNDROME DE BOURNOUT), SAÚDE OCUPACIONAL, MEDICINA DO TRABALHO E PEDAGOGIA

AUTORA DA RESENHA: DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

Neste trabalho a autora aponta para seu objetivo de buscar dados que possam esclarecer o estresse no trabalho dos educadores e os fatores desencadeantes. Para tanto, inicia seu texto fazendo uma ampla revisão bibliográfica, com o intuito de conceituar estresse e Síndrome de Burnout. Discorre sobre a definição de estresse num sentido biológico, que se deu na década de 30 denominado naquele momento de Síndrome Geral de Adaptação por Hans Selye, médico endocrinologista. De acordo com esta definição, estresse é "o estado manifestado por uma síndrome específica constituída por todas as alterações não específicas produzidas num sistema biológico" (citando Selye, p. 17), ou seja, uma reação defensiva fisiológica do organismo, que surge como resposta a qualquer estímulo aversivo.

A autora problematiza a necessidade de que a definição do estresse se dê de forma dinâmica pois o mesmo se pauta pelo equilíbrio entre as demandas externas (estressores) que se impõem sobre a pessoa e a capacidade desse indivíduo para lidar com essas demandas em um determinado momento.

O estresse portanto consiste de três fases: fase de alarme, em que o organismo se mobiliza para confrontar a ameaça e é caracterizada por manifestações agudas; fase de resistência, onde há reação contínua se a exposição do estressor permanecer e fase de esgotamento ou fase de exaustão - estágio mais severo do estresse – quando o organismo fracassa na superação da ameaça e esgota seus recursos fisiológicos nessa tentativa. A partir daí então, reaparecem os sintomas da etapa de alarme, com conseqüente deterioração do organismo. Com base nos estudos de Selye, foi possível determinar que cada pessoa reage de forma peculiar aos estressores a que é exposta.

Outros autores apontam para o fato de que, além de conhecer as fases do estresse, é necessário que se conheça a origem do mesmo. Diferentes trabalhos têm apontado para a existência de estressores externos (situações em que vivemos no cotidiano) e estressores internos (características pessoais, valores, crenças e formas de interpretar determinadas situações). Com base nestes estudos é possível afirmar que

---

<sup>15</sup> Mestre em Engenharia de Produção, com ênfase em Ergonomia, pela Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, graduada em Educação Física pelo Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista. Atualmente é docente deste mesmo Instituto.

não é a situação nem a resposta da pessoa que definem o estresse, mas a percepção do indivíduo sobre a situação e que esta percepção está diretamente relacionada com sentimentos e emoções. Sendo assim estudos têm apontado que o estresse por si só não é o suficiente para desencadear uma enfermidade orgânica ou provocar uma disfunção na vida da pessoa, mas a forma como nos relacionamos com ele e o enfrentamos. Segundo Lazarus e Folkman, citados pela autora, o enfrentamento é algo aprendido, são ações deliberadas que permitem ao indivíduo tolerar, diminuir, confrontar, aceitar ou ignorar a ameaça. Para estes autores, existem dois tipos de estratégias de enfrentamento: focadas na emoção (evitar, minimizar, distanciar-se, fazer comparações positivas e atribuir valores positivos a acontecimentos negativos) que são utilizadas quando o agente estressor não pode ser modificado e existe a necessidade de interação com o mesmo; e focadas no problema que resultam na tentativa de modificação do estressor por meio de mudanças externas.

O estresse ocupacional também pode ser visto como consequência de relações complexas entre condições de trabalho, condições externas ao trabalho e características do trabalhador.

A autora destaca que na literatura apresenta-se que o estresse nem sempre é prejudicial, mas que a prolongação do mesmo é uma das causas do esgotamento que pode levar ao *burnout*. Sendo assim, é possível afirmar que "o estresse tem caráter geralmente transitório, agudo e não necessariamente relacionado a experiências negativas ou ao trabalho."(p. 21)

A partir de diferentes autores, busca então a conceituação da Síndrome de *burnout*, cujos primeiros estudos foram produzidos pelo psiquiatra Herbert Freudenberger, no ano de 1974. No entanto, segundo Wagner, o primeiro artigo sobre *burnout* data de 1969 e foi escrito por Bradley. A origem do termo está na denominação dada para as pessoas que abusavam de drogas com frequência e que significava "...que a pessoa não ligava mais para nada, apenas para as drogas, como consequência de um longo processo de desmotivação". (p. 22)

Nos anos 70, a psicóloga social Cristina Maslach, que estudava as respostas emocionais de profissionais de serviços humanos, escolheu o mesmo termo – *burnout* – para descrever o processo de exaustão gradual, perda de responsabilidade e desinteresse pelo qual passavam os defensores públicos pesquisados por ela.

Na primeira fase das pesquisas sobre a Síndrome, houve forte influência das perspectivas psicológicas-clínicas e sociais. Nesta fase, a maioria dos estudos era de natureza descritiva e qualitativa, utilizando-se de técnicas como entrevistas, estudos de caso e observações.

Ao longo destes anos é possível portanto verificar que esta síndrome tem sido estudada a partir de quatro perspectivas: a) concepção clínica; b) concepção social-psicológica; c) perspectiva organizacional; d) perspectiva social-histórica.

Wagner destaca que no Brasil, a primeira publicação sobre *burnout* data de 1987 e foi feita por França. Descreve ainda que as leis de auxílio ao trabalhador atuais já contemplam a síndrome, o que pode ser visto, por exemplo, no Decreto n. 3048/99 de 6 de maio de 1996, anexo II.

Como afirma a autora, não é possível precisar a partir de quando o *burnout* passa a existir, mas que foi a partir do trabalho de Freudenberger que este sentimento passou a ser nomeado.

Não há também uma única definição da síndrome, mas existe um certo consenso de que *burnout* seria definido como “uma resposta à tensão emocional crônica decorrente do trabalho que implica em relações diretas com pessoas. É o resultado final de um processo na qual indivíduos motivados e comprometidos perdem o entusiasmo, encontram-se emocionalmente esgotados” (p. 24)

A síndrome tem sido definida como multidimensional e formada por três dimensões: exaustão emocional (fator central da síndrome, sentimento de esgotamento físico e emocional onde o indivíduo sente que está sendo exigido mais do que pode dar e pode manifestar-se fisicamente, psicologicamente ou em uma combinação de ambos), despersonalização (distanciamento entre o trabalhador e usuário, o profissional assume atitudes de frieza e cinismo, ocorre quando “o vínculo afetivo foi substituído pelo racional”. Para alguns autores este pode ser o elemento chave da Síndrome de burnout) e realização profissional reduzida (sentimento de inadequação e incompetência profissional).

Os fatores que compõem os antecedentes do *burnout* são as características do trabalho (tipo de ocupação, tempo de serviço, tempo na instituição, trabalho por turno); características organizacionais (ambiente físico, normas institucionais, clima social que impera no trabalho); características pessoais (idade, sexo, personalidade, aspectos cognitivos, etc) e características sociais (cultura, prestígio social que envolve a profissão, salário, etc.)

Dentre diferentes profissionais estudados os que têm sido apontados como os mais suscetíveis à síndrome são os de saúde, educação, policiais e agentes penitenciários. Segundo Wagner, a severidade da síndrome entre os profissionais da educação tem sido considerada como preocupante. Alerta para o fato de que esta condição se difere ainda segundo o tipo de escola, localização, nível de ensino em que os docentes atuam, bem como a idade dos alunos e o contexto social em que está inserida a escola.

Outro aspecto importante deste trabalho de Wagner é o foco nos profissionais da Educação Infantil. A autora destaca, a partir de diferentes autores, a especificidade da Educação Infantil onde o peso do componente das relações interpessoais é muito forte. Problematisa de que forma neste nível de ensino - que tem como condição básica para a efetivação do processo ensino-aprendizagem a relação de afeto - a impossibilidade da concretização de tal vínculo pode gerar tensão e desgaste levando o educador ao *burnout*. Aponta para a pequena atenção que tem sido dirigida a estes profissionais que quando são referidos em trabalhos sobre condições de saúde e trabalho docente, apenas figuram como aqueles que apresentam o maior índice de cansaço emocional, sem se discutir as suas possíveis causas. Além disso, segundo Vasques-Menezes, citados por Wagner, a tensão gerada por esse esforço de vincular-se versus desvincular-se provoca um desgaste no profissional.

Pesquisas têm apontado para que as variáveis que afetam professores do ensino fundamental e médio são diferentes das que afetam professores do ensino superior. Segundo alguns estudos, a dimensão “exaustão emocional” é o fator central da síndrome encontrada em professores da educação básica, situação distinta daquela encontrada entre docentes universitários.

Segundo o estudo de Birne, é possível também afirmar que variáveis demográficas tais como sexo, idade, estado civil e nível de instrução do professor, interferem no desenvolvimento da síndrome.

No Brasil, o estudo de Codo e colaboradores, publicado em 1999, mostrou que 48,4% da categoria docente, apresenta problemas relacionados ao burnout. Em estudo de 1997, Moura, ao trabalhar com professores do Rio Grande do Sul de escolas da rede particular e que atuavam em diferentes níveis de ensino, demonstrou haver indícios de que os professores da pré-escola estavam mais cansados emocionalmente do que os professores dos demais estratos da amostra estudada. Trabalho de 2003, realizado por Benevides-Pereira e Volpato com professores da rede municipal de Maringá (PR), apresentou resultados de um maior nível de esgotamento emocional em 55,3% da amostra. "...O resultado da investigação mostrou que o *burnout* está levando os professores a abandonarem seus postos de trabalho, perdendo, assim, todo o investimento dedicado à profissão e à carreira." (p. 38)

Os professores têm sido os profissionais mais estudados em relação a Síndrome de *burnout*. No entanto, dentre eles, são os da Educação Infantil aqueles sobre os quais ainda pouco se conhece na relação com as temáticas até aqui apresentadas.

### **Objeto de análise**

A autora se propõe a investigar, junto aos educadores - professores e educadores assistentes - que atuam em instituições de Educação Infantil na cidade de Porto Alegre (RS), os níveis de *burnout* em cada uma de suas três dimensões e sua associação com determinadas variáveis sociodemográficas, profissionais e com fatores estressores percebidos no exercício profissional. Tendo em vista identificar a representação que este educador faz do seu grau de estresse e os fatores reconhecidos como estressores no trabalho destes sujeitos.

Para tanto a autora apresenta no seu texto uma breve discussão acerca da estrutura atual deste nível de ensino e as características peculiares do mesmo. Chama a atenção para o fato de que é, principalmente neste nível de educação da criança, que os processos de educar e cuidar se mostram complementares e indissociáveis. Discute portanto a necessidade de uma qualificação específica para este profissional de quem será cobrada a construção de vínculo afetivo, emocional e intelectual como fundamentos do processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil.

### **Metodologia utilizada**

A autora realizou um estudo de caso com educadores (professores e educadores assistentes) que trabalham na Educação Infantil no município de Porto Alegre (RS). Fizeram parte desta pesquisa os profissionais de duas escolas de rede privada, duas de rede pública e uma escola comunitária. Totalizando uma amostra de 46 profissionais. Nesta amostragem foram também incluídos profissionais de cargo administrativo, como diretor, vice-diretor e coordenador pedagógico.

A autora fez uma caracterização das escolas a partir de entrevista com membros da direção e coordenação pedagógica das mesmas.

Utilizou-se de quatro instrumentos para coleta de dados: questionário de dados sociodemográficos adaptado de Fensterseifer e do Protocolo para Investigação de Condições de Trabalho da Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação (CNTE) e Laboratório de Psicologia de Trabalho - Universidade de Brasília (LabPT-Unb); protocolo de fatores de estresse;

inventário de *burnout* de Maslach e Jackson e entrevistas para complementar a análise quantitativa.

O questionário está composto de uma primeira parte com nove questões de identificação e caracterização do sujeito e duas de marcar sim ou não, identificando assuntos referentes ao trabalho. Num outro momento aparecem 16 questões, sendo dez de marcar sim ou não e outras seis abertas solicitando informações sobre a rotina do trabalho. Uma destas questões solicitava que o sujeito avaliasse o quanto se sentia estressado com o trabalho.

O Protocolo de Fatores de Estresse é um instrumento que solicita ao sujeito entrevistado que ordene, por grau de importância, uma lista de fatores contributivos para o seu estresse no trabalho. Já a Escala de *Burnout* utilizada neste trabalho, envolve três dimensões: exaustão emocional, realização profissional e despersonalização com um total de 22 questões. Considera-se em *burnout* uma pessoa que revele altas pontuações em EE e DE, associadas a baixos valores em RP.

As entrevistas foram abertas e gravadas com o consentimento do entrevistado. Propunha-se a seguinte questão: "fale sobre seu trabalho" e serviam para complementar e ampliar o entendimento do estudo quantitativo. Já a entrevista com a direção e/ou coordenação pedagógica das escolas teve por objetivo levantar dados pertinentes à organização e caracterização das mesmas. A participação nas entrevistas foi voluntária. Participaram dois profissionais de uma das escolas da rede privada, dois da rede municipal e quatro da escola comunitária.

Todas as escolas receberam uma cópia do projeto desta pesquisa para aprovação e autorização da realização da mesma. Os questionários foram deixados nas escolas e após uma reunião com a direção de esclarecimento e orientação quanto ao preenchimento dos mesmos, foram entregues aos professores e devolvidos num prazo de duas semanas. Apenas na escola comunitária, a pesquisadora esteve com os sujeitos enquanto respondiam o questionário.

### **Referencial Teórico**

A autora utilizou bibliografia da área de psicologia, saúde mental e educação.

### **Resultados da pesquisa**

Na amostra houve a predominância de educadores do gênero feminino: 97,9%. O que representa a característica deste nível de ensino. As faixas etárias variaram de 20 a 60 anos, sendo que a idade que prevaleceu é a que se localiza na faixa entre 30 e 40 anos (34,8%). Em relação ao salário, foi possível constatar que as escolas públicas oferecem o maior salário em comparação com as escolas privadas. A escola comunitária é a que paga o menor salário por uma carga horária de trabalho maior que as outras escolas. Quanto ao nível de escolarização dos profissionais, houve a predominância de educadores graduados com especialização (30,4%). 82,6% dos sujeitos da pesquisa declararam possuir tempo disponível para o lazer e apenas 39,1% praticam alguma atividade física regular. "Por meio das entrevistas e observações realizadas nas escolas, constata-se que os educadores deste nível de ensino fazem parte de um grupo de trabalhadores que são submetidos continuamente a tarefas que exigem esforço físico e mental além de não possuírem, em suas salas, mobiliário

adequado, ou seja, a mesa e a cadeira do educador é igual dimensionalmente às das crianças, o que pressupõe um acréscimo de exigência física nas suas tarefas diárias..."(p. 63)

A maioria dos profissionais que compunham a amostra, pertenciam a escola pública (63,%), destes 50% era composta por professor e 50% por educador assistente e trabalhavam (53,3%) 40 horas semanais. 30,4% trabalha com grupos que variam de 11 a 42 alunos, considerando-se que alguns dos sujeitos trabalham nos dois turnos na mesma escola com diferentes turmas.

Quanto aos fatores de estresse, é possível constatar que 32,6% dos sujeitos da amostra apresentam níveis moderados para a dimensão de exaustão emocional e 39% apresentam níveis altos da mesma dimensão. Segundo Wagner, este resultado é considerado pela literatura como preocupante e sugere a existência de um processo de desenvolvimento da síndrome de *burnout*. (p. 67).

Das variáveis sociodemográficas estudadas, apenas a disponibilidade de tempo de lazer apresentou associação significativa com a dimensão, ou seja, os educadores que indicam ter disponibilidade de tempo para o lazer apresentam níveis menores de *burnout* na dimensão exaustão emocional, o que encontra respaldo na literatura.

Quanto as variáveis ocupacionais, somente a variável "número de alunos" apresentou associação significativa com a dimensão exaustão emocional. Muitos outros estudos têm, segundo a autora, relacionado o número de alunos por turmas como um fator relevante para o aparecimento da síndrome. Educadores que trabalham com maior número de alunos apresentam nível de exaustão emocional mais elevado do que aqueles que têm uma turma menor.

Para a dimensão despersonalização 43,5% dos sujeitos da amostra apresentou nível baixo e 37% nível moderado para a dimensão. Pode-se concluir portanto, que o resultado aponta para baixa frequência de referência de endurecimento e distanciamento emocional nas relações interpessoais. No entanto, níveis moderados e altos merecem atenção. "Ao verificar estatisticamente a influência das variáveis sociodemográficas e ocupacionais sobre esta dimensão, encontrou-se associação significativa apenas para as variáveis sociodemográficas, nível de escolaridade e tempo disponível de lazer..." (p. 71) Os educadores da amostra que não possuem nível superior apresentam nível mais alto de despersonalização, ao contrário, aqueles que dispõem de tempo para lazer, apresentam níveis menores da mesma dimensão.

Para a avaliação da dimensão, reduzida realização profissional, encontrou-se na maioria dos profissionais, 78%, níveis baixos para esta dimensão. Há na literatura, e foi possível encontrar também nos depoimentos, elementos para verificarmos uma satisfação dos professores com o seu trabalho. "De acordo com Codo (1999), este resultado pode estar relacionado com o compromisso do educador em cumprir com as expectativas do outro, alunos, colegas e pais, e apesar do seu cansaço físico e emocional mantém seu alto envolvimento com o trabalho."(p. 74)

A autora conclui que no seu estudo que não foi possível constatar associação entre as variáveis demográficas e ocupacionais com os níveis de *burnout* identificados em cada uma das três dimensões, o que contraria a literatura.

Quanto a representação do nível de estresse como trabalho desenvolvido, 60,9% considera como baixo o seu nível de estresse o que pode estar associado, segundo autores citados por Wagner, a existência de uma representação subjetiva do professor em acreditar no que faz e que proporcionar aprendizagem é algo importante e sério. No entanto, 30,4% consideraram moderado seu nível de estresse e 4,3% o representam como alto.

Os quatro fatores de estresse que se destacaram foram: o relacionamento com familiares dos alunos, relacionamento com os alunos, frustração e demanda mental. Estes dados vão de encontro ao que vem sendo apresentado em diferentes trabalhos, que apontam as exigências em demasia ou a falta de suporte dos pais para o desenvolvimento do trabalho como os fatores que contribuem para o estresse entre professores. No entanto, neste trabalho, ao verificar se este fator estressor contribui para o desenvolvimento da síndrome entre os sujeitos da amostra, não se encontrou associações positivas.

Concluindo, a autora destaca que os sujeitos da amostra consideram baixo o seu nível de estresse, e no contexto de seu trabalho, sentem-se gratificados e satisfeitos. "...O que preocupa estes profissionais, são as condições de qualidade de vida de seus alunos dentro e fora da escola e a necessidade de uma política de intervenção junto aos familiares para o entendimento da função da escola de educação infantil". (p. 85)

Os resultados encontrados também contrariam algumas das expectativas iniciais da pesquisa: o fato, por exemplo, de que o tipo de escola – pública ou privada - pudesse causar impacto sobre os níveis das dimensões da síndrome. E isso não se confirmou.

"Destaca-se, também, que, apesar do nível alto de Exaustão Emocional, estes educadores encontram-se envolvidos com o seu trabalho e atribuem à ele um significado especial de importância e realização conforme identificado na representação do seu nível de estresse, apontando os alunos como sua principal fonte de satisfação..."(p. 87)

ZACCHI, Marlucy Silveira de Souza. **Professores (as): trabalho, vida e saúde**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. CÉLIA REGINA VENDRAMINI

FORMAÇÃO DO AUTOR: NÃO FOI POSSÍVEL LOCALIZAR O CURRÍCULO NA PLATAFORMA LATTES

PALAVRAS-CHAVE: TRABALHO DOCENTE, SAÚDE DE PROFESSORES.

LINHA DA PESQUISA (SUGERIDAS PELA AUTORA DA RESENHA): SAÚDE, TRABALHO DOCENTE, SOCIEDADE CAPITALISTA, ADOECIMENTO PSÍQUICO, SOFRIMENTO NO TRABALHO, DEPRESSÃO.

AUTORA DA RESENHA: MARINA PETRILLI SEGNINI

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

O objetivo deste trabalho é "analisar a relação entre o trabalho e a saúde dos professores da Rede Pública Municipal de Palhoça, a partir do estudo da natureza do trabalho em educação, suas especificidades e suas implicações para a saúde do professor; das condições em que se realiza o trabalho docente no interior de uma sociedade inserida no modo capitalista de produção; da frequência com que ocorrem as licenças para tratamento de saúde entre os professores estudados conforme o nível de ensino que atuam e sua situação funcional (se efetivos ou substitutos), considerando a categoria gênero; das doenças pelas quais os professores se afastam de sala de aula". (Zacchi, 2004, p.13-14)<sup>16</sup>

A autora na atual condição de supervisora escolar na Rede Municipal de Palhoça observou que o trabalho docente, tanto no âmbito regional, nacional e internacional<sup>17</sup> possui especificidades que interferem, sobretudo, na saúde e qualidade de vida dos professores (as) do ensino público.

As especificidades do trabalho do professor no ensino público são: salários baixos, condições precárias de trabalho, cansaço físico pela longa jornada e dupla jornada para as professoras (trabalho em casa e trabalho doméstico), a falta de tempo para si e a angústia gerada pelas exigências sociais da atividade.

A hipótese central é "que o trabalho docente – devido à forma como ele se apresenta no interior da sociedade capitalista- traz implicações para a saúde de muitos professores, temos como objetivo primordial dessa pesquisa analisar a relação entre o trabalho de professores (as) e sua saúde, tendo como campo de pesquisa a Rede Municipal de Palhoça." (idem, p.17).

### **Objeto de Análise**

A autora entrevistou quatro (4) professoras da rede de ensino público do Município de Palhoça que pertence à região da Grande Florianópolis no estado de Santa Catarina no Brasil. A rede municipal de educação de Palhoça, no ano de 2003, possuía quarenta e nove (49) escolas para

---

<sup>16</sup> ZACCHI, M.S.S. *Professores (as): trabalho, vida e saúde*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

<sup>17</sup> A autora cita os estudos de Stobaus, Mosqueira e Teixeira (2002) onde afirmam que a preocupação sobre o trabalho docente não é privilégio dos países de terceiro mundo. Em países onde as condições de trabalho são melhores, atualmente esta se discutindo problemas relacionados ao mal-estar docente, Stress do professor e burnout.

atendimento da população; oito mil quatrocentos e um (8401) alunos e seiscentos (600) professores.

As professoras entrevistadas foram escolhidas respeitando os seguintes critérios: reincidência de doenças e os números de afastamentos ocorridos que as levaram a se afastar de suas atividades em sala de aula. A autora salienta que nem todas as convidadas aceitaram o convite, desta forma, recorreram àqueles que se voluntariaram para a pesquisa.

As professoras entrevistadas são: três das séries iniciais do Ensino Fundamental e uma da Educação Infantil. Das quatro entrevistadas, apenas uma continua em sala de aula, as demais exercem as seguintes funções: duas como auxiliar de direção e uma readaptada<sup>18</sup> na secretaria da escola.

### **Metodologia utilizada**

As abordagens metodológicas utilizadas foram “os dados obtidos sobre os professores do Município de Palhoça que se afastaram para tratamento de saúde, no período compreendido entre 2000/2002 – anos referentes à nossa pesquisa – juntamente com os depoimentos dos sujeitos em questão e os conhecimentos produzidos acerca do tema.” (idem, p. 19).

Desta maneira, segundo a autora, foi realizado um estudo de caso analisando a relação entre o trabalho docente e a saúde dos profissionais de educação. Para tanto foi realizada uma combinação entre métodos da abordagem qualitativa (entrevistas semi-estruturadas) e da quantitativa (dados coletados na Secretaria da Educação e no Departamento de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Palhoça) adotando os seguintes procedimentos metodológicos:

1. Levantamento do número de professores em exercício na Rede Municipal de Ensino de Palhoça junto a Secretaria da Educação.
2. Identificação e levantamento do número de professores pertencentes ao quadro da Rede Municipal de Palhoça que estão afastados para tratamento de saúde, conforme dados obtidos junto à Secretaria da Educação e a o Departamento de Recursos Humanos daquela prefeitura.
3. Realização de um estudo exploratório, utilizando depoimentos de professores e professoras acerca do trabalho docente.
4. Levantamento dos códigos das doenças – pelas quais os professores se afastam para tratamento de saúde – que são registrados nos laudos médicos anexados às fichas funcionais de professores e professoras da Rede arquivadas no Departamento de Recursos Humanos da Prefeitura de Palhoça.
5. Pesquisa no livro CID (Código Internacional das Doenças) para identificar as doenças pelas quais os professores e professoras se afastam para tratamento de saúde.

---

<sup>18</sup> A readaptação, segundo o Estatuto do Magistério, “se dá quando ocorre modificação do estado de saúde do profissional da educação a ponto de impedir o bom desempenho das atribuições de seu cargo, recomendando-se o desempenho de outras atividades compatíveis com a sua condição funcional. (...) O Estatuto deixa claro que a readaptação não implica mudança de cargo e que, se persistir, a alteração no estado de saúde do profissional de educação ao fim da prorrogação, pode ser recomendada a permanência definitiva nas novas atribuições que o readaptado desempenha. (...) No disposto sobre a readaptação, podemos observar que o trabalhador é tratado como mercadoria, à medida que a readaptação justifica a readaptação quando o estado de saúde do trabalhador prejudicar o bom desempenho de suas funções. Ainda recomenda que o profissional desempenhe outras atividade que sejam compatíveis com sua condição funcional e não com seu estado de saúde” (Zacchi, 2004, p.91).

6. Realização de entrevistas semi-estruturadas com professores que se afastaram para tratamento de saúde, durante o período compreendido entre 2000/2002.
7. Levantamento do número de trabalhadores da educação sindicalizados, junto ao Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Municipal de Palhoça (SITRAMPA).
8. Pesquisa documental do Estatuto, Plano de Cargos e Salários do Magistério Público Municipal de Palhoça.

### Referencial teórico

A autora delimita claramente ao leitor a escolha teórica que embasa a pesquisa apresentada.

O referencial teórico que norteia a pesquisa é a obra de Karl Marx (1818 a 1883) que analisou as relações sociais de trabalho engendradas no contexto capitalista de produção da vida material no séc. XIX. As obras de Marx utilizadas pela autora são:

Marx, K. Engels F. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Ched Editorial, 1980.

Marx, K. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. São Paulo: Martinclaret, 2002. 198p.

\_\_\_\_\_. *O capital: Crítica da Economia Política*. Livro 1: O processo de produção do capital. São Paulo: Editora Bertrand Brasil S.A., 1994, v.1, 579p.

\_\_\_\_\_. *O capital: Crítica da Economia Política*. Livro 1: O processo de produção do capital. São Paulo: Editora Bertrand Brasil S.A., 1994, v.2, p. 583-933.

\_\_\_\_\_. *Capítulo VI Inédito de O Capital: resultados do Processo de Produção imediata*. São Paulo: Moraes, 1985. 169p.

A autora pressupõe que o professor por desempenhar um trabalho no contexto capitalista é um trabalhador assalariado caracterizado pela exploração e alienação. "No manifesto Comunista (1980, p.24) Marx e Engels evidenciam que a condição de existência do capital é o trabalho assalariado. O trabalhador, na sociedade capitalista, vende sua força de trabalho ao capitalista, em troca de dinheiro. Sua força de trabalho transforma-se, portanto, numa mercadoria que ele vende para viver. (...) O professor é (...) trabalhador assalariado". (idem, p.52).

Ao analisar o sofrimento no trabalho destes profissionais a autora se utiliza da obra de Dejours ( DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. 4º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. 158p). Dejours é médico e psicanalista fundador da teoria da psicodinâmica do trabalho na França nos anos 1970.

Em relação ao trabalho docente utiliza os seguintes autores:

Codo W (Org). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999. 432p. Codo foi o primeiro organizador de uma pesquisa sobre a atividade docente em 27 estados brasileiros acerca da saúde mental e trabalho do professor no País.

Esteve JM. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Bauru: EDUSC, 1999. 351p.

\_\_\_\_\_. Mudanças sociais e função docente. In: Nóvoa A (Org). *Profissão Professor*. 2º ed. Portugal: Porto Editora, 1995. p.93-124.

Esteve é da Universidade de Málaga da Espanha e desenvolveu seus estudos sobre o mal-estar docente; doença social causada pela falta de apoio da sociedade ao professor provocando o desencantamento com o trabalho realizado.

Cortesão L. *Ser professor: um ofício em extinção?* São Paulo: Cortez, 2002. 128p.

Luiza Cortesão é da Universidade do Porto em Portugal aborda o mal-estar docente analisando a sobrevivência do trabalho do professor no séc.XX e se baseia na pedagogia da autonomia de Paulo Freire.

Hypolito ALM. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. Campinas: Papyrus, 1997. 120p

Hypolito é da Universidade Federal de Pelotas/UFPel que realiza estudos no sentido de compreender a atividade docente de uma perspectiva histórica, sua situação de classe, o processo de feminização do magistério e a natureza do trabalho docente.

Nóvoa A. O passado e o presente dos professores. (13-34) In: Nóvoa A (Org). *Profissão Professor*. 2º ed. Portugal: Porto Editora, 1995. p. 13-34.

Nóvoa e sua equipe da Universidade de Lisboa em Portugal trazem estudos que abordam o processo histórico de profissionalização dos professores a partir do séc. XVII até o séc. XX. O trabalho deste autor também enfatiza aspectos do mal-estar docente frente às mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas e sobre a criação no trabalho docente.

Arroyo, M.G. *Mestre, educador, trabalhador: organização do trabalho e profissionalização*. Belo Horizonte: FAE, 1985.

Arroyo da Universidade Federal de Minas Gerais contribui com suas análises sobre a organização do trabalho docente e a profissionalização.

Fidalgo, F.S. Trabalho e carreira docente: contribuições teórico-metodológicas. *Trabalho e Educação*. Belo Horizonte, No.0, p.94-109, jul./dez.1996.

Fidalgo é professor da Universidade Federal de Minas Gerais traz contribuições para a pesquisa realizada por meio de seus estudos sobre o trabalho e a carreira docente.

Lipp, M.E.N. (Org). *O stress do professor*. Campinas: Papyrus, 2002. 136p.

Lipp é da PUC de Campinas organizou, junto com uma equipe, um estudo sobre o estresse do professor no contexto atual.

Nacarato, A.M.; Varani A.; De Carvalho V. O cotidiano do trabalho docente: palco, bastidores e trabalho invisível... abrindo as cortinas. In: Geraldi CMO, Fiorentini D, Pereira EM de A. *Cartografias do Trabalho Docente: professor (a) pesquisador (a)*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.73-104.

Este grupo de pesquisadores realizou estudos sobre as relações interpessoais no trabalho baseada nas transformações ocorridas na sociedade em relação a estrutura e dinâmica familiar e relações de convivência e poder.

A fim de contextualizar os aspectos do mundo do trabalho no contexto atual a autora também utiliza as obras de Ricardo Antunes professor livre-docente da Unicamp em sociologia do trabalho:

Antunes R. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 7<sup>o</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2000. 200p.

\_\_\_\_\_. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 5<sup>o</sup> ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999. 258p.

### **Resultados da pesquisa**

Os resultados, segundo a autora confirmam a hipótese de pesquisa: o trabalho docente na sociedade capitalista submete a vida dessas trabalhadoras, trazendo implicações para sua saúde, desencadeando estresse, depressões, fobias, neurastenias e tantas outras doenças que afastam parte significativa de professoras das salas de aula. A autora salienta que o fato de o número de professoras em depressão pode ter sua origem na dupla jornada vivenciada por essas mulheres, mas, também não descarta o grande número de mulheres na profissão.

A autora enfoca os seguintes resultados de pesquisa: os baixos salários obrigam professores e professoras a ampliar sua jornada de trabalho ao máximo para adquirir complementação da renda. As condições de trabalho são péssimas: falta de recursos e ferramentas de trabalho. As incidências de afastamentos por razões de saúde são mais freqüentes em professoras e, mais especificamente, do ensino fundamental. Professores efetivos se afastam mais que os temporários em função de possuírem este direito; os temporários não possuem essa possibilidade e, segundo a autora, temem o desemprego. As licenças para tratamento de saúde ocorrem com maior freqüência do que as readaptações. As licenças ocorrem com maior freqüência no segundo semestre do ano letivo. As doenças de ordem psicológica são as mais freqüentes e a depressão é a doença de maior incidência, responsável por 50% dos afastamentos.

Desta maneira a autora conclui que "a sociedade capitalista da forma que se organiza no contexto atual é alienante, embrutecedor e expropriador" (idem, p.122). O professor (a) do ensino público vem trabalhando em condições precárias e submetido a cumprir imposições do trabalho e da sociedade que fatalmente os levam a um sofrimento no trabalho de tal ordem que eles adoecem psiquicamente. A autora analisa a idealização do trabalho docente como uma manifestação de defesa frente a essas condições de trabalho. Embora não deixe de contextualizar historicamente que a escola se origina da Igreja Católica e, portanto, a relação professor-sacerdócio pode ser um resquício histórico.

ZAGURY, Tânia<sup>19</sup>. **O Professor refém: para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil.** 4ª. ed. RJ: Record, 2006. ISBN 85-01-07465-9

FORMAÇÃO DA AUTORA: FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO; AVALIAÇÃO EDUCACIONAL; PROFESSORES E ALUNOS

LINHAS DE PESQUISA: PEDAGOGIA

AUTORA DA RESENHA: DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

A autora parte da problemática do fracasso escolar no Brasil, tendo como parâmetros principalmente o baixo desempenho dos alunos apontado pelos resultados do Pisa (*Programme for International Student Assessment*) de 2003 e do Exame de Qualificação de 2006 (exame ao qual são submetidos os concluintes do Ensino Médio e serve como primeira etapa do exame vestibular da UERJ) no Rio de Janeiro.

Coloca-se então a indagação acerca de quem é a culpa destes resultados.

Para Zagury, diferentes trabalhos têm se debruçado sobre esta temática. Em muitos deles há a centralização nas questões relativas a metodologia, excesso de conteúdos, forma de avaliar, condições de vida da população, desmotivação docente e discente... No entanto, segundo ela, faltam pesquisas que de fato contribuam para se sustentar a argumentação apresentada por estes trabalhos. Para ela, muitos deles estão pautados por opiniões pessoais e impressões (p. 12)

Neste sentido, ela irá defender a necessidade de se tornar a educação em uma ciência. Diz a autora: "Façamos da educação uma ciência. Um trabalho que permaneça acima e além dos interesses pessoais, políticos ou partidários. Em que não se manipulem dados, não se escamoteiem objetivos, nem se admita tergiversações" (p. 15). De se agir de modo científico em educação e não por "ensaio e erro" (p. 24).

Pautada por esta preocupação é que ela se propõe um trabalho investigativo a partir do "olhar do professor", dando voz àquele que está no trabalho cotidiano da sala de aula. Para ela, muitos dos fracassos das últimas propostas de mudanças no sistema educacional se pautam pela não avaliação do que está posto, por não se ouvir o docente que está atuando antes de se colocar em prática novos projetos que afetam o trabalho e às vezes a própria vida, de cada um deles. Segundo ela, poucas vezes se avalia um projeto antes de decretar seu fim, e, mesmo quando isso ocorre, poucas vezes são levadas em consideração estas avaliações para a construção de novos projetos. O que os professores expressam quando ouvidos, raramente se torna um fator decisivo para embasar ações e decisões pedagógicas.

Para Zagury, muitas vezes é o professor que tem sido responsabilizado por este baixo desempenho de alunos tanto da rede pública quanto da rede privada. No entanto, afirma ela, é possível que haja professores incompetentes, mas não em sua totalidade (quase 2 milhões). "...*Não, certamente a culpa não pode ser deles! Não em bloco...*" (p. 18).

---

<sup>19</sup> Tânia Zagury se apresenta no livro como filósofa, pesquisadora e mestre em Educação. Foi docente e supervisora educacional da rede municipal do Rio de Janeiro e atualmente leciona na XXXX . Esse é seu 13º livro publicado.

Para ela, o problema deve estar no sistema, no entanto, não fica claro no texto o que a autora denomina como sistema. De certo modo, responsabiliza também as mudanças no pensamento pedagógico como elementos importantes no agravamento do quadro educacional brasileiro. Afirma, por exemplo, que "...quando as escolas se regiam pelo Modelo Tradicional, o manejo de classe era, sem dúvida, mais fácil..."(p. 25). A partir desta perspectiva, tece uma crítica ao discurso preponderante nos dias atuais de que seja a relação afetiva entre professor e aluno o que determine a qualidade do resultado educacional. "Ser amigo dos alunos passou a significar antes de tudo ser compreensivo e aceitar as diferenças individuais como algo definido – e definitivo..." (p. 46). Sendo assim, qualquer intervenção em termos de controle de disciplina ou avaliação, diz a autora, é entendido como ameaça à 'boa relação'. O professor agora substituído por educador ou facilitador passa a ser visto como "especialista em relações humanas".

Se por um lado, afirma a autora, foi um avanço acabar com o autoritarismo na escola (será que acabou?), por outro proporcionou uma distorção no que seja "boa relação professor/aluno", abriu caminho para o desrespeito e até para agressões físicas a professores. A relação professor-aluno é importante mas não pode, segundo a autora, ser o fator central da escola: "...A relação pedagógica tem que se embasar numa hierarquia, em que deve estar bem definido para o aluno que o professor é a autoridade" (p. 70). Professor não é psicólogo, professor é aquele que ensina.

Outra temática trabalhada na mesma perspectiva é a da avaliação. Ela critica os "modernos conceitos da área de avaliação" que, segundo ela, apontam para uma fragilidade do aluno uma vez que a reprovação passa a ser vista como algo que poderá gerar traumas, destruir a auto-estima dos sujeitos. Para ela, esse discurso é resultado de um "imenso laivo psicologizante" que tem dominado o discurso educacional. Alerta para o fato do homem não ser apenas psique, mas também um ser social, um sujeito constituído de capacidade de auto-superação. "...Trazem consigo, desde o nascimento, mecanismos inatos de reequilibração face a dificuldades, assim como um equipamento cognitivo particular que determinará a forma peculiar e individual de reagir diante do sucesso ou do fracasso" (p. 51). "Antes de Freud, afirma ela, ninguém era 'destruído' por uma nota zero ou por uma reprovação..."(p. 53). O enfoque que se infiltrou na educação parece querer fazer crer que de uma hora para outra o homem perdeu todo seu potencial de luta e de reação às dificuldades e frustrações. (p. 55)

Para a autora três fatores técnicos têm contribuído para a queda da qualidade de ensino: a) má compreensão e distorção das novas linhas pedagógicas aplicadas (por falta de treinamento docente adequado – é este mesmo o termo usado por ela); b) falta experimentação prévia em projetos-pilotos (a autora defende que qualquer projeto inovador deveria primeiro ser implementado em algumas realidades para depois ser expandido para toda a rede educacional) e c) raro acompanhamento de resultados.

Nesse contexto de mudanças nas orientações pedagógicas é que a autora constrói sua idéia do professor como refém. Refém da má qualidade do ensino que recebeu; dos baixos salários que lhe obriga a aumentar sua carga de trabalho e das mudanças constantes nas metodologias e novas formas de avaliar. Ele ainda é refém da falta de tempo, das pressões internas que sofre do sistema (o que é esse sistema?), da própria

consciência que lhe revela sua impotência, dos alunos que hoje lhe enfrentam e desafiam abertamente, da família dos alunos que perdeu a autoridade dos filhos e a joga para a escola e da sociedade que surpreende professores e gestores com medidas cautelares, mandatos de segurança e processos diante das situações as mais banais possíveis. (Como por exemplo, um episódio relatado no texto sobre uma mãe que planejou a comemoração do aniversário do seu filho na escola e, ao ser impedida pela direção, entrou com processo judiciário contra a instituição).

### **Objeto de análise**

Seu trabalho está centrado no professor e na forma como as atuais mudanças no campo pedagógico o tem atingido. Ela declara que o objetivo de seu trabalho é o de colher dados concretos sobre o pensamento do professor brasileiro que atua em sala de aula, espaço que ela denomina de "frente de batalha".

### **Metodologia utilizada**

A partir dos dados da Sinopse Estatística da Educação Brasileira, do Censo Escolar publicados em 2001 sobre o total de professores no país, foi definido, partindo de critérios estatísticos, um "recorte representativo", um grupo de professores para que respondessem a um questionário elaborado pela autora. Dessa forma foram selecionados 787 professores do Ensino Fundamental e 213 do Ensino Médio em 42 cidades dos 22 Estados brasileiros.

Foram feitas 1172 entrevistas (sic) a partir de questionário de 24 questões fechadas. Ela afirma que este questionário foi elaborado e teve sua aplicação validada pelos critérios da pesquisa científica em Ciências Humanas.

### **Referencial teórico**

Ao longo do texto, ela não faz referência a autores que a fundamentam. A bibliografia apresentada ao final do trabalho é pequena, composta por 45 títulos sendo 8 de sua própria autoria e 7 documentos oficiais do MEC. No mais são obras referentes, na sua maioria, a trabalhos no campo da Pedagogia/Educação que tratam basicamente das concepções pedagógicas a partir das obras de Piaget, Vigotski, Maria Montessori... Alguns outros ligados a perspectiva da psicologia educacional e motivacional.

### **Resultados da pesquisa**

A autora apresenta um brevíssimo perfil dos professores entrevistados (duas páginas). Afirma que o depoimento foi coletado de forma espontânea, sem explicar quantos pesquisadores estiveram envolvidos e nem mesmo como foi a situação de coleta dos mesmos. Do total de entrevistados (1172), 93% eram mulheres e 7% homens. Estavam na faixa etária dos 31 a 40 anos (44%) e tinham (62%) uma experiência profissional superior a 10 anos. Há contradições nos dados: em um momento, por exemplo, diz que 50% dos professores tinham nível superior e em outro fala em 63%. Do total do "recorte representativo", como ela mesma afirma em diferentes momentos, 83% atuava de 1ª a 4ª série, 16% de 5ª a 8ª e 12% no Ensino Médio. Não foram ouvidos professores da Educação Infantil.

A partir das onze temáticas presentes no questionário, ela passa a tecer seus comentários.

1) Progressão Continuada: a partir de respostas obtidas, entre as opções oferecidas pela "pesquisa", 95% dos professores se mostraram contrários à Progressão Continuada, entendida por ela como um Sistema de Ciclo. Segundo Zagury, "Não é por motivos fúteis que tantos docentes são desfavoráveis ao Sistema de Ciclo, tão elogiado por parte dos especialistas. Para realmente melhorar a qualidade do ensino, deveria ter sido implantado em conjunto com outras medidas, que permitissem sua execução de fato e a contento. A adesão, nesse caso, seria inversamente proporcional à imensa rejeição revelada pela pesquisa" (p. 82). Tudo isso é assim mesmo afirmado, sem trazer dados das respostas dos docentes, que justifiquem suas afirmações.

2) Três Maiores Dificuldades Em Sala De Aula: para 43% dos professores de todos os níveis e regiões, são elas: manter a disciplina em sala, motivar os alunos, fazer a avaliação dos alunos. Logo em seguida é apontada a dificuldade em manter-se atualizado. Estão entre as três dificuldades menos apontadas pelos docentes: "trabalhar com classes cheias", o desrespeito/falta de limites dos alunos e dominar o conteúdo de sua disciplina. Para a autora, há uma íntima relação entre a desmotivação e a indisciplina. Aponta que estas sempre foram encaradas como tarefas dos professores, mas que atualmente, fugiram ao controle deles que agora pedem "socorro". A autora não amplia o diagnóstico sobre a temática e resume sua "análise" a seguinte frase: "Alunos desmotivados e/ou indisciplinados acabam resultando num só problema, que deve ter outras causas. Não podemos atribuir apenas ao professor a tarefa de superá-lo..." (p. 85)

Nesta questão havia a possibilidade de, a partir de uma questão aberta, o professor apontar as principais causas das dificuldades mais destacadas.

- a) manter a disciplina: alunos sem limites, rebeldes, agressivos, que faltam com o respeito; falta de educação familiar, liberdade familiar, falta de educação. Para a autora, estas respostas vêm constatar o que ela tem pesquisado nas últimas décadas, ou seja, que "a família abriu mão de seu papel essencial de geradora da ética e de primeira agência socializadora das novas gerações"(p. 89) O que se deve, segundo ela, às mudanças nas relações familiares, principalmente após os anos 70, quando de uma repulsa ao autoritarismo, teríamos chegado a um modelo de extrema liberdade e prazer pessoal, levando os indivíduos a se esquecerem da empatia, da generosidade e dos direitos dos outros.
- b) desmotivação: falta de interesse/motivação dos alunos/alunos dispersos; a motivação fora da sala de aula é maior, falta de compromisso/interesse/apoio da família. Para a autora, estas respostas apontam para as conseqüências de uma sociedade consumista, para o efeito perverso da mídia que manipula crianças e jovens e que leva a um enfoque hedonista (definido por ela como relativo a Filosofia que considera o prazer individual e imediato o único bem possível, princípio e fim da vida. Definição que está em nota de rodapé da p. 55) e individualista. "A sociedade de consumo, portanto, conspira fortemente para que os jovens desconsiderem o saber como um valor importante..."(p. 94). Além disso, "se a família não atua ou não sabe como atuar para colocar a escola como

prioridade (voltamos ao problema dos limites e da autoridade), ou ainda se se deixou seduzir pelos valores da sociedade de consumo, os alunos fatalmente considerarão que o compromisso com a aprendizagem não é essencial” (p. 95). Sendo assim, conclui a autora, “... somente recursos e métodos, no entanto, serão sempre insuficientes para motivar (e disciplinar) os alunos, caso a sociedade e especialmente a família não voltarem a valorizar a educação, o ensino e a figura do professor” (p. 96)

- c) Avaliação: é quantitativa e não qualitativa/deveria valorizar mais a inteligência do aluno/é muito “número”/não é ampla; é difícil avaliar com justiça/tem medo de ser injusto/ processo de avaliação é muito complexo/amplo/de grande responsabilidade. Para a autora, essas respostas demonstram a consciência do professor acerca de sua responsabilidade e da dificuldade de avaliar segundo as modernas teorias educacionais (no entanto ela não deixa claro o que está chamando de modernas teorias educacionais). Em quarto lugar, os professores atribuem ao excesso de alunos por classe as suas dificuldades com a avaliação. Para eles esse é um fator que impede a realização da avaliação segundo o que têm sido cobrados pelas modernas teorias pedagógicas, o que gera frustração nos alunos e neles próprios.
- d) Manter-se atualizado: por falta de tempo, falta de recursos ou não responderam
- e) Escolha da metodologia adequada para cada unidade ou aula: despreparo dos professores, falta de tempo, turmas heterogêneas
- f) Deficiência na formação ou treinamento: dificuldade financeira para custear cursos e livros; falta de tempo/excesso de trabalho; acomodação/desmotivação dos professores. “O professor reconhece que está desatualizado pedagogicamente, defasado em termos de conteúdo, e que as mudanças cada vez mais velozes e diversificadas do mundo tornam a atualização permanente uma necessidade fundamental e inequívoca”(p. 105)

3) Percepção Do Professor Em Relação Às Suas Propostas (sic): foram avaliadas as percepções dos docentes em relação aos outros professores, aos diretores e à equipe técnico-pedagógica. Aponta haver uma interação maior entre os docentes de 1ª a 4ª séries. Diz que 4% disseram nunca serem ouvidos pelos colegas e equipe técnica e 19% raramente ouvidos. No entanto, 68% disseram muitas vezes serem ouvidos e 14% que sempre são ouvidos. Diante destes dados, ela destaca que ser ouvido não garante necessariamente que suas sugestões, opiniões e posições são levadas em consideração.

4) O Professor Diante Dos Temas Transversais: a autora afirma que grande parte das deficiências do ensino é atribuída à má formação dos professores o que contribui para aumentar a descrença da sociedade e da família em relação à instituição escolar. Entretanto ela aponta para um paradoxo atual, ou seja, se por um lado há na sociedade uma crescente desconfiança em relação à escola, há, por outro lado, a crença de que é através do ensino que se poderá resolver grande parte dos problemas atuais. Frente ao fracasso escolar que os dados têm apontado, a autora alerta sobre o equívoco em se formular, o que ela denomina de novos objetivos para a escola, como por exemplo, o que propõem os temas transversais dos documentos curriculares. Para ela, ampliar os objetivos de um “professor

moderno” é importante sem se perder de vista a razão primeira de a escola existir: dar condições para ao concluir o Ensino Médio, que o jovem tenha condições de se inserir com dignidade na sociedade, ou seja, esteja apto a concorrer a um emprego, se mantenha social, financeira e afetivamente. No entanto, alerta Zagury, novas tarefas e objetivos acrescentados ao trabalho docente por autoridades educacionais, inalterando o contexto, leva quase inevitavelmente ao fracasso. Apesar de todas estas considerações, a autora diz que os professores se mostram motivados e se dizem preparados para trabalhar com os temas transversais da cidadania e ética, no entanto, se dizem mais motivados, mas pouco preparados para o trabalho com a temática do meio ambiente. No que diz respeito aos temas transversais “Prevenção ao Uso de Drogas” e “Educação Sexual”, a autora diz que se reduz significativamente tanto a motivação quanto o nível de preparação que julgam necessários a este trabalho, segundo as respostas dos professores. No caso específico da temática das drogas, a autora aponta para um sentimento de vulnerabilidade que provavelmente atinge o professor, o medo da represália. Para a autora ainda, o que é possível se ler das respostas dadas pelos professores é que eles se colocam dispostos a trabalharem os temas transversais, mas ao mesmo tempo solicitam as condições e os saberes, suporte, infra-estrutura, condições para fazerem bem.

5) O Professor Diante De Alguns Pressupostos Pedagógicos: para a autora há uma imposição de um discurso pedagógico moderno que impossibilita os professores de se contraporem ao que vai sendo apresentado como inquestionável (no que se refere por exemplo ao fim das provas, às críticas às sanções...). Nas respostas encontradas pela autora, a despeito deste discurso, 85% dos professores encaram a reprovação como um instrumento do qual se pode lançar mão caso necessário. Ao mesmo tempo, ela demonstra como os professores têm uma postura consciente em relação a esta temática: 99% considera falsa a afirmação de que um prova bem difícil possa contribuir na disciplina dos alunos. A maioria dos professores, segundo ela, concorda com a afirmação de que o professor eficiente é aquele que instrumentaliza o aluno, permitindo-lhe dominar o mecanismo do aprender, tornando-o independente para continuar a aprender.

6) Hábitos, Habilidades E Atitudes Do Professor: praticamente todos declararam saber utilizar internet, computador... Menos da metade afirmou ler um livro de literatura por mês e 52% apenas, afirmaram ler um jornal todos os dias.

7) Conhecimento Dos Docentes Sobre Alguns Teóricos Da Área Educacional: maior parte dos professores declararam conhecer autores que reiteradamente têm estado presente nas atuais políticas e propostas educacionais. No entanto, pouco conheciam de suas obras e conceitos-chaves. Para ela, o nível de conhecimento dos professores sobre as teorias pedagógicas mais atuais está muito aquém do mínimo desejável para melhorar a qualidade técnica do ensino. Segundo Zagury, esta situação não significa a culpabilização do professor, mas de um dado importante para se compreender onde se deve buscar as razões para o fracasso que temos tido na prática, ou seja, “espera-se que os professores operacionalizem teorias que a maioria praticamente desconhece ou sobre as quais têm rudimentos teóricos”(p. 169). Então ela propõe: é preciso levantar o que e o quanto eles sabem sobre conteúdo e metodologia.

8) Linhas Pedagógicas Predominantes Na Escola: ao levantar a linha pedagógica que os professores declararam ser seguida pelas escolas em que atuam, a autora constata que 61% atuam a partir desta linha e 32% disseram só fazê-lo sob pressão. Nesse aspecto ela defende um espaço para os docentes estudarem, um centro de estudos, um fórum de debate remunerado nas escolas.

9) Planejamento Pedagógico: para a autora, ao se abandonar um planejamento prescritivo para um outro com maior autonomia da escola, se contribuiu para acentuar os problemas educacionais. Segundo ela, sua prática de supervisora da rede municipal do RJ, demonstrou que os professores não se encontravam preparados para tal mudança. Segundo os dados que coletou na sua pesquisa, 40% dos professores disseram que as escolas fazem planejamento geral e apenas 27% dos professores planejam suas atividades diárias com suas turmas. Nesse último aspecto, a autora entende que é a falta de tempo, o excesso de trabalho o que torna o planejamento uma prática quase inexistente no trabalho docente. Para ela, "por exemplo: antes o professor utilizava apenas o Plano Geral que o MEC enviava e o Plano de Aula, e a escola alcançava muito bem seus objetivos – quem acabava o antigo primário, podem crer, sabia ler de verdade. Hoje, as novas teorias preconizam tantos outros tipos de planejamento (...) mais a qualidade está cada vez pior; não seria interessante nos perguntarmos quem é que está de fato correto?"(p. 187)

10) Técnicas De Ensino e Recursos Audiovisuais Mais Utilizados: na sua maioria os professores declararam fazer uso de murais e cartazes (tanto na rede pública quanto privada), seguido de um aumento na utilização de jornais e filmes.

11) Avaliação Da Aprendizagem: aponta para a necessidade de se conhecer a realidade do trabalho do professor ao se defender a avaliação qualitativa. Para ela, a teoria que estimula a utilização de instrumentos e formatos variados no processo de verificação da aprendizagem foi assimilada e tem sido utilizada pela maioria dos professores (p. 218). 36% disseram saber trabalhar bem com a avaliação qualitativa e fazerem uso dela sempre por considerá-la a melhor forma de avaliar, no entanto, 51% declaram usá-la "do jeito que sabem porque acham positivo". Para a autora, isso demonstra uma questão central no seu trabalho: "Há por parte dos professores, vontade de mudar, de trabalhar bem. No entanto, precisam da contrapartida do Estado, dos gestores e do apoio da sociedade" (p. 222)

ZENARI, Márcia Simões. **Voz de educadoras de creche: análise dos efeitos de um programa de intervenção fonoaudiológica.** Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

ORIENTADOR: PROFA. DRA. MARIA DO ROSÁRIO DIAS DE OLIVEIRA LATORRE

FORMAÇÃO DO AUTOR: GRADUADA EM FONOAUDIOLOGIA PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (1994), MESTRE E DOUTORA EM SAÚDE PÚBLICA PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA. TEM ESPECIALIZAÇÃO EM VOZ (CFFA/CEV) E EM PROMOÇÃO DA SAÚDE (FSP USP). ATUA NO DEPARTAMENTO DE FISIOTERAPIA, FONOAUDIOLOGIA E TERAPIA OCUPACIONAL DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PRINCIPALMENTE NAS ÁREAS DE VOZ, PROMOÇÃO DA SAÚDE E NO ACOLHIMENTO DOS PACIENTES QUE PROCURAM A CLÍNICA DE FONOAUDIOLOGIA DESTE DEPARTAMENTO (INFORMAÇÕES ENCONTRADAS NA PLATAFORMA LATTES).

PALAVRAS-CHAVE: VOZ, DISTÚRBIOS DA VOZ, EPIDEMIOLOGIA, SAÚDE OCUPACIONAL, CRECHES.

LINHA DA PESQUISA: FONOAUDIOLOGIA, SAÚDE, SAÚDE COLETIVA<sup>20</sup>

AUTORA DA RESENHA: MARINA PETRILLI SEGNINI<sup>21</sup>

### **Tema, subtemas, problemas de investigação e hipóteses de pesquisa**

Objetivo geral deste trabalho foi desenvolver um programa de intervenção fonoaudiológica junto a educadoras de creche voltado a saúde vocal.

Os objetivos específicos desta pesquisa, segundo a autora, são:

1. Descrever a opinião das educadoras do grupo experimental em relação ao que consideram voz ideal do educador, compromissos de mudança, cuidados com a voz, hábitos positivos e mudanças efetivas.
2. Verificar as mudanças nos parâmetros trabalhados no programa de intervenção e sua magnitude.
3. Verificar os fatores associados à presença de alteração de voz antes e após o programa de intervenção.
4. Analisar, junto ao grupo experimental, a evolução dos escores dos comportamentos relacionados ao uso da voz.

A autora faz uma revisão bibliográfica informando a relevância da pesquisa proposta, utilizando principalmente os seguintes referencias bibliográficas:

Cara CM, Ciochi PM, Leite APD, Miranda KFG, Duprat A, Busch R. Mitos sobre saúde vocal utilizados por profissionais e não profissionais da voz. In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2005; Santos, BR. São Paulo: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2005. p.569

Dragone MLS. Ocorrência de disfonia em professores: fatores relacionados à voz profissional (monografia de conclusão do Curso de Especialização em Voz) São Paulo: Centro de Estudos da Voz;1996.

---

<sup>20</sup> Informações obtidas na Plataforma Lattes

<sup>21</sup> Psicóloga formada pela PUC-SP em 2001, Aperfeiçoamento em Psicanálise pelo Sedes Sapientiae em São Paulo e Mestre em Psicodinâmica do Trabalho no CNAM/Paris em 2006.

Ferreira LP, Giannini SPP, Figueira S, Silva EE, Karmann DF, Souza TMT. Condições de produção vocal de professores da prefeitura do município de São Paulo. *Distúrbios da Comunicação*. 2003; 14 (2): 275-307.

Ferreira LP, Oliveira SMRP, organizadoras. *Voz profissional: produção científica da fonoaudiologia brasileira*. São Paulo: Roca; 2004.

Ferreira LP. *Assessoria fonoaudiológica aos profissionais da voz*. In: Ferreira LP, Lopes DMB, Limongi SCO, organizadoras. *Tratado de fonoaudiologia*. São Paulo:Roca; 2004.

Fuess VLR, Lorenz MC. Disfonia em professores do ensino municipal: prevalência e fatores de risco. *Revista Brasileira Otorrinolaringol*. 2003; 69 (6): 807-812.

Hammond TH, Zhou R, Hammond EH, Pawlak A, Gray SD. The intermediate layer: a morphologic study of the elastin and hyaluronic acid constituents of normal human vocal folds. *J Voice*. 1997; 11 (1): 599-666.

Koufmann JA, Isaacson G. The spectrum of vocal dysfunction. *Otolaryngol Clin North Am*. 1991; 24 (5): 985-8.

Leite APD, Ciochi PE, Miranda KFG, Cara CM, Duprat A, Busch R. Comparação entre hábitos de saúde vocal de profissionais e não profissionais da voz. In: *Anais do XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia*; 2005; Santos, BR. São Paulo: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2005. p. 578.

Mattiske JA, Oates JM, Greenwood KM. Vocal problems among teachers: a review of prevalence, causes, prevention and treatment. *J Voice*. 1998; 12: 489-499.

Oliveira IB. *Desempenho vocal do professor: avaliação multidimensional (tese de doutorado)*. Campinas: PUCAMP; 1999.

Pinto AMM, Furck MAE. Projeto saúde vocal do professor. In: Ferreira LP, organizadora. *Trabalhando a voz: vários enfoques em Fonoaudiologia*. São Paulo: Summus Editorial; 1988. p. 11-27.

Roy N, Merrill RM, Thibault S, Parsa RA, Gray SD, Smith EM. Prevalence of voice disorders in teachers and the general population. *J Speech Lang Hear Res*. 2004; 47: 281-93.

Russel A, Oats J, Greenwood KM. Prevalence of voice problems in teachers. *J Voice*. 1998; 12: 467-479.

Salas SWA, Centeno HJ, Landa CE, Amaya CJM, Benites GMR. Prevalencia de disfonia en profesores del distrito de Pampas, Tayacaja, Huancavelica. *Rev Med Hered*. 2004; 15 (3): 125-130.

Santos NSM. Quando os dados oficiais revelam condições de trabalho: análise dos agravos à saúde de professores das escolas públicas do

Município de São Paulo (dissertação de mestrado). São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP; 2004.

Schwarz K, Cielo CA. A voz e as condições de trabalho de professores de cidades pequenas do Rio Grande do Sul. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2005; 10 (2): 83-90.

Simões M, Latorre MRDO. Alteração vocal em professores: uma revisão. *J Bras Fonoaudiol*. 2002; 3 (11): 127-34.

Sliwinska-Kowalska M, Niebudek-Bogusz E, Fiszer M, Los-Spychalska T, Kotylo P, Sznurowska-Przygocka B, Modrzewska M. The prevalence and risk factors for occupational voice disorders in teachers. *Folia Phoniatr Logop*. 2006; 58 (2): 85-101.

Smith E, Lamke J, Taylor M, Kirchner HL, Hoffman H. Frequency of voice problems among teachers and other occupations. *J Voice*. 1998; 12 (4): 480-8.

Souza MT. A construção de políticas públicas pelos cidadãos: o caso do distúrbio da voz relacionado ao trabalho. In: *Anais do XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia*; 2005; Santos, BR. São Paulo: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2005. p. 277.

Souza TMT, Manzoni CRCT, Cunha PF, Clemente F. "A voz é meu instrumento": campanha de sensibilização vocal para educadores do município de São Paulo. In: *Anais do XII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia e II Congresso Sulbrasileiro de Fonoaudiologia*; 2004; Foz de Iguaçu, BR. São Paulo: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2004. p. 278.

Vilkman E. Voice problems at work: a challenge for occupational safety and health arrangements. *Folia Phoniatr Logop*. 2000; 52: 120-5.

Williams NR. Occupational groups at risk of voice disorders: a review of the literature. *Occup Med*. 2003; 53: 456-60.

O objetivo desta revisão bibliográfica é contextualizar que a fonoaudiologia quando se trata da saúde do trabalhador possui, principalmente, dois focos: questões relativas às perdas auditivas induzidas por ruído e a preocupação com a ocorrência das alterações vocais em profissionais que têm a voz como principal instrumento de trabalho, como é o caso dos professores.

Os professores, assim como outros profissionais que utilizam a voz como instrumento de trabalho (cantores e atores, por exemplo), podem adquirir prejuízos de ordem pessoal, social e econômica frente à presença de alterações vocais.

Historicamente o indivíduo é responsabilizado pela manutenção da sua saúde vocal, o reconhecimento do distúrbio da voz como um problema ocupacional ainda é polêmico, porém, esta abordagem vem sendo desenvolvida em âmbito nacional e internacional.

E dentre dessas pesquisas a atividade docente vem recebendo destaque no que concerne aos distúrbios vocais. No entanto, conforme afirma a autora, as conclusões obtidas, geralmente, são de caráter empírico não analisando

a natureza multifatorial (ambiente, idade, sexo, condições de trabalho, aspectos relacionais, remuneração, satisfação no trabalho, sofrimento no trabalho) das alterações vocais.

E dentre esses estudos os profissionais de educação infantil e os educadores de creche se configuram como um grupo pouco estudado. Segundo a autora 80% dos profissionais de educação infantil possuem alteração vocal referenciada encontrada nas seguintes pesquisas:

Sala E, Laine A, Simberg S, Pentti J, Sunpaa J. The prevalence of voice disorders among day care center teachers compared with nurses: a questionnaire and clinical study. *J Voice*. 2001; 15 (3): 413-23.

Simões M, Latorre MRDO, Bitar ML. Uso profissional da voz por educadores de creche- achados preliminares. *Ver Soc Bras Fonoaudiol*. 2000; 7: 28-35.

Portanto a autora buscou nessa pesquisa desenvolver e avaliar os efeitos de um programa de intervenção para o desenvolvimento do uso adequado da voz.

A autora pressupôs que este programa de intervenção junto aos professores de creche possibilitaria a avaliação de mudanças no ambiente físico de trabalho, no comportamento vocal no trabalho, nos hábitos relacionados ao uso da voz, nos sinais e sintomas vocais, nos aspectos clínicos da voz, na qualidade de vida relacionada à voz e nas condições de trabalho. A autora levantou a hipótese que as mudanças mais significativas ocorreriam quanto aos hábitos relacionados ao uso da voz e comportamento vocal. Algumas características do ambiente físico e alguns sintomas também poderiam melhorar. Os aspectos que dependessem de ações coletivas e da participação de outros atores sociais pouco mudariam, pois dependeriam de ações em outros níveis de intervenção, segundo a autora.

### **Objeto de Análise**

Esta pesquisa foi realizada junto aos professores de quatro creches nas quais é desenvolvido o Programa Creche do Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Promoção da Saúde do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (Programa Creche). Este programa existe desde 1985 e desenvolve programas de fonoaudiologia junto aos alunos e docentes da instituição. Duas creches são conveniadas com a Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP) e duas são supervisionadas pela Coordenadoria de Assistência Social da Universidade de São Paulo (Coseas/USP). As quatro creches se localizam na zona oeste da cidade de São Paulo, situadas na Cidade Universitária de São Paulo (USP) ou nas proximidades. Estas creches atendem crianças de zero a seis anos de idade.

A pesquisa foi desenvolvida com dois grupos: um controle e um experimental. Os critérios que organizaram a constituição foram: ser do sexo feminino, pois há praticamente apenas mulheres atuando em creches e não estarem realizando nenhum tipo de tratamento fonoaudiológico, pois, seria um fator de modificações nos parâmetros utilizados na pesquisa. Foram convidadas oitenta e três (83) professoras, no entanto devido a uma série de fatores (falta de interesse, licença médica, licença maternidade, não preenchimento dos questionários e saída da creche) amostra final

totalizou cinquenta e oito (58) professoras, o que representa 70% do grupo total de convidados a participar da pesquisa.

### **Metodologia utilizada**

Este estudo pretendia-se experimental. Foram realizados dois grupos: um grupo experimental com vinte e seis (26) professoras e um grupo controle com trinta e duas (32) professoras. A autora buscou colocar em ambos os grupos professoras de creches vinculadas a Prefeitura Municipal de São Paulo e coordenadas pela USP, na tentativa de obter grupos de natureza semelhantes.

A pesquisa foi planejada em quatro etapas:

#### *1. Avaliação Inicial*

Esta etapa foi realizada com as educadoras de ambos os grupos: experimental e controle.

Avaliação inicial foi registrada em forma de filme e áudio. Utilizou-se o software GRAM em um laptop como instrumento de captação da voz. O software GRAM foi escolhido como instrumento de investigação, segundo a autora, devido ao seu baixo custo e permitir boa visualização espectrográfica da acústica da voz. O áudio e filme foram fundamentais para avaliar a forma do som e a articulação da fala. A atividade consistia em falar algumas palavras e/ou frases propostas num roteiro construído pela autora baseado nas pesquisas de Ferreira e col, 1998 e Behlau e col, 2001.

E foram aplicados os seguintes questionários:

Questionário Geral elaborado por Ferreira, 1999 e adaptado por Simões, 2001 e adaptado para esta pesquisa pela autora. O objetivo deste instrumento é avaliar aspectos sócio-demográficos, características vocais, estilo de vida, histórico de doenças, característica do trabalho e aspectos físicos do local de trabalho da amostra.

Questionário de Mensuração de Qualidade de Vida (QVV) adaptado para o Brasil por Behlau M, em 2001 e validado por Gasparini GGO. Validação do questionário de avaliação de qualidade de vida em voz (QVV) (dissertação de mestrado). São Paulo: UNIFESP/EPM; 2005 no Brasil.

Objetivo é analisar o quanto um desvio vocal pode interferir na qualidade de vida do sujeito.

Questionário de Caracterização das Condições de Trabalho-reduzido foi elaborado por Karasek, 1998 em inglês e traduzido por Fischer, 2005 no Brasil. Questionário utilizado para avaliar as questões vinculadas a demanda e controle do trabalho.

#### *2. Desenvolvimento do programa de intervenção*

Realizaram-se cinco encontros mensais de fevereiro a junho de 2005 com o grupo experimental. Esses encontros tiveram explicações sobre a voz e o sistema vocal realizado pela autora e exercícios vocais propostos pela autora e realizado pelas professoras do grupo. Esses conteúdos foram selecionados de programas desenvolvidos por Grillo, 2001; Aoki, 2002; Simões, 2001.

### *3. Avaliação final*

Nesta etapa participaram os grupos: experimental e controle. Foram realizados os mesmos procedimentos da Avaliação Inicial para avaliação individual final. E acréscimo de um método de análise da qualidade vocal a partir da escala GRBAS proposta por Hirano (Hirano M. *Clinical examination of voice*. New York; Springer-Verlag;1981. p. 81-84). A autora relata que nesta etapa da pesquisa houve a participação de uma juíza para auxiliar na avaliação vocal do grupo.

### *4. Análise dos resultados e devolutiva para todas as creches participantes.*

Foram realizadas, primeiramente análises comparativas entre os grupos – controle e experimental – em relação aos seguintes aspectos: sócio-demográficos, caracterização do trabalho, ambiente físico de trabalho, uso da voz no trabalho, hábitos relacionados ao uso da voz no trabalho, sinais e sintomas vocais, parâmetros da avaliação da voz e da fala, parâmetros do questionário QVV, caracterização das condições do trabalho. Esta comparação foi feita por meio do teste do qui-quadrado (comparação das variáveis qualitativas) e teste *t* de Student (diferença de médias).

A autora também realizou a descrição da opinião por escrito das professoras ao longo da intervenção, análise das mudanças após a intervenção (teste de Sinais, teste de Mc Nemar e teste de Wilcoxon), análise da associação entre a presença de alteração vocal e os fatores associados, análise dos escores dos comportamentos relacionados ao uso da voz. Segundo a autora, em todas as análises foi utilizado o nível de significância de 5% e foram utilizados os seguintes softwares para as análises estatísticas: Epi, MedCalc, SPSS.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e aprovada em 29/07/2003.

## **Referencial Teórico**

Este estudo utiliza-se de testes e questionários qualitativos e quantitativos num grupo pré-determinado pela autora. Desta maneira pode-se afirmar que o referencial teórico utilizado na pesquisa são os autores desses métodos investigativos, descritos no item Metodologia desta Resenha.

Assim como a revisão bibliográfica realizada pela autora descrita no item Problemática desta Resenha.

## **Resultados da Pesquisa**

Como resultado de pesquisa a autora apresenta as observações realizadas durante a intervenção fonoaudiológica em relação às mudanças frente ao comportamento vocal das professoras participantes da pesquisa.

As observações mais significativas, segundo a autora, foram:

1. As professoras tenderam definir a voz ideal do educador como clara, resistente e flexível, agradável e tranqüila. O principal compromisso das professoras foi aumentar o consumo de água.
2. No grupo experimental foi observado aumento no consumo de água, melhora na coordenação da respiração e acústica da sala mais favorável. No grupo controle observou-se piora no *loudness*, aumento do pigarro e do uso da voz com a cabeça abaixada. Além disso as educadoras deste grupo apresentaram maior insegurança no trabalho, menos autonomia de decisão e menos apoio do supervisor.

3. Observou-se, também, que as professoras, antes da intervenção, associavam os fatores escolaridade e auto-percepção associados à presença de alteração da voz. Após a intervenção apenas a variável auto-percepção se manteve.
4. Não foi observado diferenças estatisticamente significativa nos escores mensais dos comportamentos relacionados a voz. Porém a autora pôde notar que houve diminuição: no uso da voz fora das atividades profissionais, do tom muito grave ou muito agudo, de ingestão de alimentos em horários próximos de dormir e diminuição da ocorrência de tosse.

A autora concluiu que este tipo de programa deve continuar a ser desenvolvido entre o grupo dos professores, pela alta ocorrência de alteração vocal em professores.